



**AVENTURA EM BAGDA
AGATHA CHRISTIE**

O CAPITÃO CROSBIE saiu do banco com o ar de quem tinha cobrado um cheque e descoberto que havia um pouquinho mais em sua conta do que pensara.

O Capitão Crosbie freqüentemente parecia contente consigo mesmo. Era essa espécie de homem. De aparência era baixo e atarracado, com um rosto extremamente vermelho e um bigode militar de escovinha. Empertigava-se um pouco ao andar. Suas roupas eram talvez um pouco berrantes demais e ele gostava de uma boa história. Era popular entre outros homens. Um homem alegre, lugar-comum mas gentil, solteiro. Nada notável a seu respeito. Há montes de Crosbies no Leste.

A rua na qual o Capitão Crosbie saiu era chamada Rua dos Bancos, pela excelente razão de que a maioria dos bancos da cidade estava localizada nela. Dentro do banco estava fresco e escuro e bastante bolorento. O ruído predominante era de grandes quantidades de máquinas de escrever crepitando ao fundo.

Fora na Rua dos Bancos havia sol e poeira redemoinhante e os ruídos eram terríficos e variados. Havia o persistente barulho de buzinas de automóvel, os gritos dos vendedores de diversas espécies de mercadorias. Havia disputas acirradas entre pequenos grupos de pessoas que pareciam a ponto de matar-se uns aos outros, mas na realidade eram amigos íntimos; homens, meninos e meninas estavam vendendo toda a sorte de árvores, doces, laranjas e bananas, toalhas de banho, pentes, lâminas de barbear e outras mercadorias sortidas, carregados rapidamente pelas ruas em travessas. Havia também um ruído perpétuo e perenemente renovado de pigarros ao serem limpos e cusparadas e sôbre tudo isso o tênue lamento melancólico de homens conduzindo asnos e cavalos pela torrente de carros e pedestres, gritando: "Balek-Balek!"

Eram onze horas da manhã na Cidade de Bagdá.

O Capitão Crosbie parou um menino que passava correndo rapidamente com um molho de jornais debaixo do braço e comprou um. Dobrou a esquina da Rua dos Bancos e chegou a Rashid Street, que é a rua principal de Bagdá, que a percorre por cerca de seis quilômetros, paralela ao Rio Tigre.

O Capitão Crosbie olhou as manchetes do jornal, caminhou uns duzentos metros e em seguida dobrou para uma âleazinha que dava para um grande khan, ou pátio. Do outro lado do mesmo, empurrou uma porta abrindo-a e encontrou-se num escritório.

Um empregado iraquiano bem arrumado deixou a sua máquina de escrever e veio ao seu encontro sorrindo as boasvindas.

Bom dia, Capitão Crosbie. Em que lhe posso ser útil? O Sr. Dakin está na sua sala? ótimo, vou passar.

Passou por uma porta, subiu uma escada de degraus bem inclinados e seguiu por uma passagem bastante suja. Bateu na porta ao fundo e uma voz disse: "Entre!"

Era uma sala extremamente alta e vazia. Havia uma estufa a óleo com pires com água colocado em cima, um assento longo almofadado e uma pequenina mesa de café na sua frente e uma escrivaninha esmolambada. A luz elétrica estava acesa e a luz do dia cuidadosamente excluída. Atrás da escrivaninha esmolambada estava sentado um homem também esmolambado de rosto cansado e indeciso - o rosto de alguém que não tinha progredido no mundo, sabe disso e deixou de preocupar-se com isso.

Os dois homens, o alegre e autoconfiante Crosbie e o melancólico e fatigado Dakin, olharam um para o outro.

Dakin falou- Olá, Crosbie. Acaba de chegar de Kirkuk?

O outro assentiu com a cabeça. Fechou a porta cuidadosamente atrás de si. Era uma porta de aspecto esmolambado, mal pintada, mas tinha uma qualidade inesperada; ajustava-se bem, sem frestas e sem espaço por baixo.

Era, na realidade, à prova de som.

Com o fechar da porta as personalidades de ambos os homens mudaram apenas perceptivelmente. O Capitão Crosbie tornou-se menos agressivo e determinado. Os ombros do Sr. Dakin ficaram menos caídos e seus modos ficaram menos hesitantes. Se alguém tivesse estado na sala ouvindo, poderia ter ficado surpreso ao constatar que Dakin era o homem com autoridade.

- Alguma novidade? - perguntou Crosbie.

- Sim. - Dakin suspirou. Diante dele havia um papel que tinha estado a descodificar. Rabiscou mais duas letras e disse:

- Terá lugar em Bagdá.

Em seguida riscou um fósforo, tocou fogo no papel e observou-o queimar. Quando tinha sido reduzido a cinzas, soprou suavemente. As cinzas ergueram-se e se dispersaram.

- Sim - comentou. - Decidiram que seria Bagdá. Dia vinte do mês que vem. Temos que "guardar o maior segredo".

- Estiveram comentando isso no Suq... durante quatro dias - disse Crosbie secamente.

O homem alto sorriu seu sorriso cansado.

- Segredo máximo! Não há segredos máximos no Oriente, não é mesmo, Crosbie?

- Não senhor. Se quiser a minha opinião, não há segredos máximos em lugar algum. Durante a guerra notei freqüentemente que um barbeiro de Londres sabia mais do que o Alto Comando.

- Não tem muita importância neste caso. Se o encontro deve realizar-se em Bagdá, em breve terá que ser tornado público. E depois a farra... a nossa farrinha particular... começa.

- Acha que vai começar? - perguntou Crosbie ceticamente.

- O Grande Ditador acha (assim desrespeitosamente se referia Crosbie ao chefe de uma grande potência européia) e pretende realmente vir?

- Acho que desta vez sim, Crosbie - disse Dakin pensativamente.

- Acho que sim. E se o encontro se realizar... se se realizar sem qualquer embaraço... bem, pode ser a salvação de tudo. Se apenas se pudesse chegar a qualquer espécie de entendimento... - e interrompeu-se.

Crosbie ainda parecia ligeiramente cético.

- Existe... desculpe-me, senhor... existe a possibilidade de um entendimento de qualquer espécie?

- No sentido que você quer dizer, Crosbie, provavelmente não! Se fosse apenas o encontro de dois homens que representam ideologias completamente diferentes, provavelmente a coisa toda terminaria como de costume... em suspeita e má compreensão aumentadas. Mas há um terceiro elemento. Se aquela história fantástica de Carmichael é verdadeira...

Interrompeu-se de novo.

- Mas certamente, senhor, não pode ser verdadeira. É fantástica demais!

O outro ficou em silêncio por alguns momentos. Estava vendo, bem vividamente, um rosto sério, preocupado, escutando uma voz calma, indiferente, dizendo coisas fantásticas e inacreditáveis. Estava dizendo a si mesmo, como então o tinha feito:

- Ou o meu melhor homem, o mais digno de confiança, ficou louco, ou então essa coisa é verdadeira...

Disse, na mesma voz tênue e melancólica:

- Carmichael acreditava nisso. Tudo que ele fora capaz de descobrir confirmava-lhe sua hipótese. Ele queria ir lá para descobrir mais, trazer provas... Se foi acertado eu tê-lo deixado ir, eu não sei. Se ele não voltar é apenas a minha história do que ele me contou, que por sua vez é a história do que alguém contou a ele. Isso é bastante? Eu não penso assim. É, como você diz, uma história tão fantástica... Mas se o homem mesmo estiver aqui em Bagdá, no dia vinte, para contar a sua história, a história de uma testemunha ocular, e apresentar provas...

- Provas? - perguntou Crosbie asperamente.

O outro anuiu.

- Sim, ele tem provas.

- Como é que sabe?.

- A fórmula combinada. A mensagem veio por intermedio de Salah Hassan - citou cuidadosamente: - Um camelo branco com uma carga de aveia está vindo por sobre o Passo.

Fez uma pausa e continuou:

- De modo que Carmichael, conseguiu o que veio procurar, mas não consegue escapar sem suspeita. Estão na sua pista. Qualquer que seja o caminho que ele tomar, será vigiado e, o que é muito mais perigoso, estarão à espera dele... aqui. Primeiro na fronteira. E se ele conseguir passar pela fronteira, haverá um cordão estendido em volta das embaixadas e dos consulados. Olhe para isso.

Mexeu em alguns papéis sobre a sua escrivaninha e começou a ler:

- Um inglês viajando em seu carro da Pérsia para o Iraque morto a tiros, supostamente por bandidos. Um mercador curdo viajando colinas abaixo emboscado e morto. Outro curdo, Abdul Hassan, suspeito de ser um contrabandista de cigarros, morto a tiros pela polícia. Corpo de um homem, posteriormente identificado como um motorista de caminhão armemo, encontrado na estrada de Rowanduz. Todos eles, preste atenção, de aproximadamente a mesma descrição. Altura, peso, cabelo, corpo, corresponde a uma descrição de Carmichael. Não estão se arriscando em nada. Estão dispostos a pegá-lo. Uma vez que ele estiver no Iraque o perigo é ainda maior. Um jardineiro na Embaixada, um empregado do Consulado, um funcionário no Aeroporto, na Alfândega, na estação da Estrada de Ferro... todos os hotéis vigiados... Um cordão bem apertado.

Crosbie levantou as sobrancelhas.

Acha que é tão espalhado assim?

Não tenho a menor dúvida. Mesmo no nosso espetáculo têm havido vazamentos. Como posso ter certeza de que as medidas que estamos adotando para trazer Carmichael seguramente para

Bagdá não são conhecidas já do outro lado? É um dos movimentos elementares do jogo, como sabe, ter alguém na folha de pagamento do campo oposto.

- Há alguém de quem suspeita?

Lentamente Dakin meneou a cabeça.

Crosbie suspirou.

- Enquanto isso - perguntou - nós continuamos?

- Sim.

- E com referência a Crofton Lee?

- Concordou em vir para Bagdá.

- Todo mundo está vindo para Bagdá - disse Crosbie. Mesmo o Grande Ditador, de acordo com o que diz, senhor. Mas se algo acontecesse ao Presidente - enquanto ele estiver aqui - o foguete irá subir, com um estrondo.

- Nada deve acontecer - afirmou Dakin. - Essa é a nossa parte. Providenciar para que nada aconteça.

Quando Crosbie tinha-se retirado, Dakin dobrou-se sobre a sua mesa. Estava murmurando:

- Eles vieram para Bagdá...

Traçou um círculo no mata-borrão e escreveu embaixo Bagdá. - Em seguida fez pontinhos em volta, esboçou um camelo, um avião, um navio, um pequeno trem de chaminé bafejante, todos convergindo sobre o círculo. Em seguida no canto da folha desenhou uma teia de aranha. No meio da teia escreveu um nome: Ana Scheele. Por baixo colocou um grande ponto de interrogação.

Em seguida pegou seu chapéu e saiu do escritório. Ao passar por Rashid Street um homem perguntou a outro quem era ele.

- Aquele? Oh, é Dakin. De uma das companhias de petróleo. Bom sujeito, mas não chega a lugar nenhum. Letárgico demais. Dizem que bebe. Nunca chegará a ser nada. É preciso ter energia para chegar a ser alguma coisa nesta parte do mundo.

- Está com os relatórios sobre a propriedade Krugenhof, Srta. Scheele?

- Sim, Sr. Morganthal.

A Srta. Scheele, fria e eficiente, colocou os papéis à frente do seu empregador.

Este grunhiu enquanto lia.

- Satisfatório, acho eu.

- Eu certamente penso assim, Sr. Morganthal.

- Schwartz está aqui?

- Está esperando na ante-sala.

- Mande-o entrar agora.

A Srta. Scheele apertou uma campainha - uma das seis que havia.

- Ainda precisa de mim, Sr. Morganthal?

- Não, acho que não Srta. Scheele.

Ana Scheele esgueirou-se silenciosamente para fora da sala.

Era uma loura platinada, mas não uma loura glamorosa. Seu cabelo pálido alourado estava repuxado liso da sua testa para formar um rolo ordenado em seu pescoço. Seus olhos azul-pálido, inteligentes, olhavam o mundo por detrás de lentes fortes. O rosto tinha feições límpidas e miúdas, mas era bastante inexpressivo. Tinha subido na carreira não pelos seus encantos, mas por simples eficiência. Era capaz de decorar qualquer coisa, não importa quão complicada, e reproduzir nomes, datas e horas sem consultar apontamentos. Era capaz de organizar a equipe de um grande escritório de tal forma que tudo funcionava como uma máquina bem azeitada. Era a discrição em pessoa e sua energia, embora controlada e disciplinada, nunca esmorecia.

Otto Morganthal, chefe da firma nova-lorquina de Morganthal, Brow & Shipperke, banqueiros internacionais, estava bem consciente do fato de que devia a sua Scheele mais do que simples dinheiro poderia pagar. Confiava plenamente nela. Sua memória, sua experiência, seu julgamento e sua cabeça fria e equilibrada eram impagáveis. Ele lhe pagava um alto salário e o teria aumentado se ela o tivesse pedido.

Ela conhecia não somente os detalhes do seu negócio, mas os detalhes de sua vida particular também. Quando ele a tinha consultado no assunto da segunda Sra. Morganthal, ela tinha aconselhado o divórcio e sugerido a importância exata dos alimentos. Não expressara nem simpatia nem curiosidade. Não era, diria ele, essa espécie de mulher. Ele não pensava que ela tivesse quaisquer sentimentos e nunca lhe ocorreu pensar o que ela pensava a respeito. Na realidade teria ficado espantado se lhe contassem que ela abrigava quaisquer pensamentos - a não ser, claro, pensamentos ligados a Morganthal, Brown & Shipperke e aos problemas de Otto Morganthal.

Assim foi com surpresa completa que ele a ouviu dizer ao sair do escritório:

- Eu gostaria de ter umas férias de três semanas fora de Nova York, se for possível, Sr. Morgenthal. A partir da próxima terça-feira.

Olhando para ela, falou, embaraçado:

- Seria embaraçoso, muito embaraçoso.

- Não acho que seria difícil demais, Sr. Morgenthal. A Srta. Wygate é perfeitamente competente para tratar das coisas. Vou deixar-lhe minhas anotações e instruções completas. O Sr. Cornwall pode se ocupar da Fusão Ascher.

Ainda embaraçado, ele perguntou:

- Não está doente, ou algo assim?

Não podia imaginar a Srta. Scheele estando doente. Mesmo os germes respeitavam Ana Scheele e ficavam fora do seu caminho.

- Oh, não, Sr. Morgenthal. Eu quero ir a Londres para ver minha irmã.

Sua irmã?

Ele não sabia que ela tivesse uma irmã. Nunca concebeu a Srta. Scheele como tendo qualquer família ou parentes. Nunca mencionou tê-los. E aqui estava ela, casualmente se referindo a Londres. No outono passado tinha estado em Londres com ele, mas nunca havia mencionado ter uma irmã lá.

Com um sentimento de ofensa declarou:

- Nunca soube que tivesse uma irmã na Inglaterra.

A Srta. Scheele sorriu muito suavemente:

- Oh, sim, Sr. Morgenthal. É casada com um inglês, ligado ao Museu Britânico. Ela terá que se submeter a uma operação muito séria. Quer que eu esteja com ela. Eu gostaria de ir.

Em outras palavras, viu o Sr. Morgenthal, tinha resolvido ir.

Resmungou:

- Muito bem, muito bem... Volte logo que puder. Nunca vi o mercado tão variável. Todo esse maldito comunismo. A guerra pode estourar a qualquer momento. Às vezes penso que é a única solução. Todo o país está crivado com isso... crivado com isso. E agora o Presidente decidiu ir a essa Conferência em Bagdá. É uma encenação na minha opinião. Estão querendo pegá-lo. Bagdá! De todos os lugares o mais esquisito!

- Oh, tenho a certeza de que será bem guardado disse a Srta. Scheele apaziguadamente.

- Apanharam o Xá da Pérsia o ano passado, não foi? Pegaram Bernadotte na Palestina. É loucura... isso é o que é... loucura.

- Mas então - acrescentou o Sr. Morgenthal pesadamente - o mundo todo está louco. inerentes do emprego dos próprios talentos particulares no momento errado.

VICTORIA era, como a maioria de nós, uma moça com qualidades tanto quanto defeitos. Do lado do crédito era generosa, de coração quente e corajosa. A sua inclinação natural para a aventura pode ser considerada ou como meritória ou o contrário nesta idade moderna que avalia muito alto o valor de segurança. Seu defeito principal era mentir tanto nos momentos oportunos quanto nos inoportunos. A fascinação superior da ficção ao fato sempre tinha sido irresistível para VICTORIA. Tinha mentido com fluência, facilidade e fervor artísticos. Se VICTORIA chegasse atrasada a um encontro (o que freqüentemente era o caso), para ela não era o bastante murmurar uma desculpa do seu relógio ter parado (o que realmente acontecia com bastante freqüência) ou de um ônibus inexplicavelmente atrasado. Para VICTORIA pareceria preferível fornecer a desculpa esfarrapada de que tinha sido impedida por um elefante fugido, deitado atravessado na estrada principal do ônibus, ou por um excitante reide relâmpago da polícia, na qual ela mesma tinha tomado parte para ajudar a polícia. Para VICTORIA um mundo agradável seria aquele no qual tigres estavam de atalaia no Strand e bandidos perigosos infestavam Tooting.

Uma moça magra, com uma figura agradável e pernas de primeira classe, as feições de VICTORIA poderiam ser descritas na realidade como comuns. Eram miúdas e límpidas. Mas havia

algo estimulante nela, pois a "carinha de borracha", como um dos seus admiradores a tinha apelidado, podia destorcer aquela

expressão imóvel para um arremedo espantoso de praticamente qualquer pessoa.

Foi este seu talento mencionado por último que a levava à sua presente entalada. Empregada como datilógrafa pelo Sr. Greenholtz de Greenholtz, Simmon & Lederbetter, da Rua Graysholme, de Londres, W.C., VICTORIA tinha matado o tempo de uma manhã paulificante entretendo três outras datilógrafas e o moço de recados com uma performance vívida da Sra. Greenholtz ao fazer uma visita ao escritório do seu marido. Segura no conhecimento de que o Sr. Greenholtz tinha saído para visitar seus clientes, VICTORIA tinha deixado arrebatar-se.

- Porque nós não podemos ter aquele banquinho Knole, paiée? - perguntava ela em voz alta e lamurienta. A Sra. Dievatakis ela tem um em cetim azul elétrico.

Você diz que o dinheiro está curto? Mas quando você sai com aquela loura para jantar e dançar - Ali! pensa que eu não sei - e se você sai com aquela pequena, então vou ter um banquinho todo em cor de ameixa, de almofadas de ouro. E quando você diz que é um jantar de negócios, você é um trouxa perfeito - sim - e volta com batom na camisa. Então, vou ter o banquinho Knole e vou encomendar uma capa de pele -muito bonita - toda com arminho, mas não realmente arminho e eu vou consegui-la muito barato e vai ser um bom negócio.

A falha súbita do seu auditório - a princípio arrebatado, mas agora subitamente voltado ao trabalho com concordância espontânea, fez VICTORIA interromper e voltar-se para onde o Sr. Greenholtz estava de pé no umbral da porta, observando-a.

VICTORIA, incapaz de pensar em algo reievante para dizer, simplesmente exclamou:

- Oh!

O Sr. Greenholtz grunhiu.

Tirando seu casaco, o Sr. Greenholtz encaminhou-se para seu escritório particular e fechou a porta com estrondo. Quase que imediatamente a campainha soou, dois curtos e um longo. Era um chamado para VICTORIA.

- É para você, Johnezinha - comentou uma colega desnecessariamente, de olhos brilhantes pelo prazer causado pela desgraça dos outros. As outras datilógrafas colaboravam neste sentimento, ejaculando:

- É a sua vez, Jones.

- Para a berlinda, Joezinha.

O mensageiro, uma criança desagradável, contentou-se puxando o indicador diante do pescoço e proferindo um som sinistro.

VICTORIA levantou seu caderno de apontamentos e lápis e foi para o escritório do Sr. Greenholtz, com tanta segurança quanto conseguia reunir.

- Está me chamando, Sr. Greenholtz? - murmurou, fixando um olhar límpido nele.

O Sr. Greenholtz estava amarfanhando três notas de uma libra e procurando em seus bolsos moedas do Tesouro.

- Ora, aí está você - observou ele. - Para mim chega de sua parte, minha jovem. Vê alguma razão especial pela qual não lhe deva pagar uma semana de salário em lugar de aviso prévio e mandá-la embora agora mesmo?

VICTORIA (uma órfã) tinha acabado de abrir a boca para explicar como a aflição de uma mãe, neste momento sofrendo uma operação séria a tinha desmoralizado tanto que tinha ficado de cabeça completamente aérea e como o seu salário minguido era tudo que a mãe acima citada tinha para sustentar-se, quando, lançando um olhar de soslaio para a face desagradável do Sr. Greenholtz, fechou a boca e mudou de pensamento.

- Não poderia estar mais de acordo com o senhor disse ela aberta e agradavelmente.

- Penso que está absolutamente certo, se sabe o que quero dizer.

O Sr. Greenholtz parecia ligeiramente espantado. Não estava acostumado a ter suas despedidas tratadas com esse espírito aprovador e congratulatório. Para esconder um ligeiro mal-estar, remexeu a pilha de moedas à sua frente na escrivaninha. Em seguida mais uma vez procurou pelos seus bolsos.

- Faltam nove pence - murmurou soturnamente.

- Não tem importância - disse VICTORIA gentilmente. Vá ao cinema ou compre umas balas.

- Parece que não tenho nem selos.

- Não importa. Eu nunca escrevo cartas.

- Poderia mandar pelo correio - disse o Sr. Greenholtz, mas sem muita convicção.

- Não se incomode. Que tal uma referência? - perguntou VICTORIA.

A cólera do Sr. Greenholtz voltou.

- Por que diabo deveria eu lhe dar uma referência? perguntou ele furiosamente.

- É costumeiro - retrucou VICTORIA.

O Sr. Greenholtz puxou de um pedaço de papel e rabiscou algumas linhas. Empurrou o papel em sua direção.

- Está bom assim?

A Srta. Jones esteve comigo por dois meses como estenodatilógrafa. Sua taquigrafia é inexata e não sabe ortografia. Está saindo devido à perda de tempo durante o expediente.

VICTORIA fez uma careta.

- Dificilmente uma recomendação - observou.

- Não pretendia que fosse - observou o Sr. Greenholtz.

- Aho - disse VICTORIA - que poderia pelo menos dizer que sou honesta, sóbria e respeitável. Eu sou, como sabe. E talvez pudesse acrescentar que sou discreta.

- Discreta? - latiu o Sr. Greenholtz.

VICTORIA encontrou seu olhar com uma expressão inocente.

- Discreta - repetiu gentilmente.

Lembrando-se de diversas cartas que foram ditadas a VICTORIA e datilografadas por ela, o Sr. Greenholtz decidiu que a prudência era a parte melhor do rancor.

Agarrou o papel de volta, rasgou-o e começou uma folha nova.

A Srta. Jones esteve comigo por dois meses como estenodatilógrafa. Está nos deixando por estar sendo diminuído o pessoal de escritório.

- Que tal isso?

- Podia ser melhor - disse VICTORIA - mas servirá.

Foi assim com o salário de uma semana (menos nove pence) na bolsa que VICTORIA estava sentada num banco nos Jardins Fitz James, que são uma plantação triangular de arbustos extremamente tristes, ao lado de uma igreja e dominada por um armazém alto.

Era hábito de VICTORIA, em qualquer dia em que não estivesse realmente chovendo, comprar um queijo e um sanduíche de alface e tomate numa lanchonete e comer esse lanche simples nesta paisagem pseudo-rural.

Agora, ao mastigar meditativamente, estava dizendo a si mesma, não pela primeira vez, que havia um tempo e um lugar para cada coisa - e que o escritório não era certamente o lugar para imitações da mulher do patrão. No futuro teria que dominar a sua exuberância natural que a levou a iluminar o desempenho de uma tarefa paulificante. Enquanto isso, ela estava livre de Greenholtz, Siminon & Lederbetter e a perspectiva de conseguir um emprego em outro lugar enchia-a de antecipação agradável. VICTORIA estava sempre deliciada quando estava em vias de assumir um novo emprego. Nunca se sabia, sentia ela, o que poderia acontecer.

Tinha acabado de distribuir o último farelo de pão entre três pardais atentos, que imediatamente começaram a brigar com fúria entre si pelo pão, quando se apercebeu de um jovem que estava sentado na outra ponta do banco. VICTORIA o tinha notado já vagamente, mas com a sua mente cheia de boas resoluções para o futuro, não o observara atentamente até agora. Do que via (pelo rabo do olho) gostava muito. Era um jovem de boa aparência, querubicamente bonito, mas com um queixo firme e olhos extremamente azuis que tinham estado, ela gostava de imaginar, a examiná-la com admiração encoberta por algum tempo.

VICTORIA não tinha inibições a respeito de fazer amigos com jovens estranhos e lugares públicos. Considerava a si mesma um excelente juiz de caracteres e bem capaz de controlar quaisquer manifestações de ousadia por parte de homens desacompanhados.

Começou a sorrir francamente a ele e o jovem reagiu como um marionete quando se puxa a corda.

- Olá - disse o jovem. - Bonito lugar este. Sempre vem para cá?

- Quase todos os dias.

- É bem a minha sorte que nunca vim para cá antes. Foi esse o seu almôço que estava comendo?

- Sim.

- Acho que você não come bastante. Eu morreria de fome se comesse apenas dois sanduíches. Que tal vir comigo e comer uma lingüiça no SPO na estrada de Tottenham Court?

- Não obrigada. Eu estou bem. Não poderia comer mais nada agora.

Ela quase que esperava que ele dissesse: "Outro dia, então", mas ele não o fez. Simplesmente suspirou e em seguida falou:

- Meu nome é Edward, qual é o seu?

- VICTORIA.

- Por que é que seus pais a quiseram chamar por um nome de estação de estrada de ferro?

- VICTORIA não é somente uma estação de estrada de ferro indicou a Srta. Jones. - Também há a Rainha VICTORIA.

- MMM... hum, sim. Qual é o seu outro nome?

- Jones.

- VICTORIA Jones - disse Edward, experimentando o nome na língua. Meneou a cabeça.

- Não combinam.

- Você tem muita razão - disse VICTORIA com sentimento. - Se eu fosse Jenny seria bem bonito... Jenny Jones. Mas VICTORIA requer algo com mais classe. VICTORIA Sackville-West, por exemplo. Essa é a espécie de coisa de que a gente precisa. Algo para fazer rolar pela boca.

- Você poderia acrescentar algo ao Jones - sugeriu Edward com interesse simpaticante.

- Bedford Jones.

- Carisbrooke Jones.

- Sta. Clair Jones.

- Lonsdale Jones.

Êste jogo agradável foi interrompido pelo olhar de Edward ao seu relógio e sua exclamação horrorizada.

- Tenho que correr de volta ao meu maldito patrão.. hem, e você?
- Estou sem emprego. Fui despedida hoje pela manhã.
- Oh, quero dizer, sinto muito - disse Edward com real preocupação.
- Não desperdice a sua simpatia, porque não estou nem UM pouquinho triste. Por um lado, vou conseguir outro emprego com facilidade e, depois, tudo isso foi deveras engraçado.

Da E, atrasando a volta de Edward ao dever ainda mais, ela lhe fez uma reprodução espirituosa da cena de de manhã, rerepresentando a sua personificação da Sra. Greenholtz para imenso divertimento de Edward.

- Você é realmente maravilhosa, VICTORIA - disse ele. Você devia estar no palco.
VICTORIA aceitou este tributo com um sorriso agradecido e comentou que Edward devia ir andando se não quisesse receber ele mesmo o bilhete azul.

- Sim, e eu não conseguiria um outro emprego com a mesma facilidade que você. Deve ser maravilhoso ser uma boa estenodatilógrafa - disse Edward com inveja na voz,

- Bem, na realidade não sou boa estenodatilógrafa - admitiu VICTORIA francamente - mas tenho sorte de que as piores estenodatilógrafas hoje em dia podem conseguir um emprego de qualquer espécie - pelo menos um educacional ou de caridade - estes não podem pagar muito, de modo que conseguem pessoal como eu. Prefiro a espécie de emprego intelectual. Esses nomes e lugares e tópicos científicos de qualquer forma são tão assustadores, mesmo quando não souber escrevê-los corretamente, na realidade isso não lhe fará vergonha nenhuma, porque ninguém seria capaz. Qual é o seu emprego? Presumo que você saiu de uma das armas da RAF??

- Bom palpíte. –

- Piloto de caça?

Acertou de novo. São muito amáveis em nos conseguir emprego e tudo mais, mas, veja você, o problema é que somos especialmente inteligentes. Quero dizer que não era preciso ser muito inteligente na RAF. Eles me colocaram num escritório com um monte de arquivos e números e algo em que pensar, e eu simplesmente entreguei os pontos. Toda a coisa, de qualquer forma, parecia compeltamente sem propósito. Mas é isso. Acho que deprime um pouco saber que você não serve absolutamente para nada.

VICTORIA anuiu solidária.

Edward continuou amargamente:

- Sem contato. Completamente fora do mapa. Estava tudo certo durante a guerra... era possível a gente agüentar as pontas... eu por exemplo ganhei a DFC (cruz por serviços relevantes em vôo, nota do tradutor)... mas agora, bem posso considerar-me muito bem fora do mapa.

Mas devia haver...

VICTORIA interrompeu-se. Sentia-se completamente incapaz de colocar em palavras a sua convicção de que as qualidades que trouxeram uma DFC a seu proprietário de algum modo deveriam ter seu lugar designado no mundo de .

- Isso quase que me arrasou - disse Edward. - Não ser bom em nada, quero dizer. Bem... melhor eu ir andando... quero dizer... você se importaria... não seria muita presunção... se eu apenas pudesse...

Quando VICTORIA abriu olhos surpresos, um Edward balbuciante e de faces repentinamente coradas tirou uma pequena câmera.

- Eu gostaria muito de ter um retrato seu. Você sabe, vou para Bagdá amanhã.

- A Bagdá? - exclamou VICTORIA com vivo desapontamento.

- Sim. Quero dizer, gostaria que não fosse... agora. Antes, pela manhã, eu estava bastante animado com isso; foi a razão pela qual na realidade aceitei esse emprego... para sair do país.

- Que espécie de trabalho é?

- Horrroso. Cultura, poesia, toda essa espécie de coisas. Um tal de Dr. Ratlibone é meu chefe. Uma porção de títulos depois do none, olha a gente comoventemente por um pince-nez. Ele é terrivelmente entusiasmado por instrução e espalha-a perto e longe. Abre livrarias em lugares remotos. está começando uma em Bagdá. Faz traduzir as obras de Shakespeare e Milton para o árabe e curdo, e persa e aririênio e tem todas elas à mão. Bobagem, acho eu, porque temos o Conselho Britânico fazendo a mesma coisa em todos os lugares. No entanto, aí está. A mim me da um emprego, de modo que eu não devia reclamar.

- Que é que você faz na realidade? - perguntou VICTORIA.

Bem, no fim de contas tudo se resume em ser o puxasaco pessoal do velhote e capachildo. Comprar os bilhetes, fazer as reservas, preencher os formulários de passaporte, conferir a embalagem de todos aqueles pequenos manuais horrendos de poesia, correr para cá, para lá e para todo lugar. Então, quando chegarmos lá devo fraternizar - uma espécie de movimento glorificado de juventude - todas as nações juntas para uma campanha unida pela instrução - o tom de Edward se tornou mais e mais melancólico. - Francamente, é bem aterrador, não é?

VICTORIA foi incapaz de administrar qualquer confôrto.

- De modo que você vê - disse Edward. - Se você não se importar demais... uma de lado e uma olhando de frente para mim... oh, assim está maravilhoso...

A câmara deu dois cliques e VICTORIA demonstrou aquela complacência ronronante demonstrada por mulheres jovens que sabem que causaram uma impressão num membro atraente do sexo oposto.

- Mas é bastante chato realmente ter que ir embora, justamente quando a encontrei - disse Edward. - Eu tenho uma meia idéia de mandar tudo às favas... mas acho que não poderia agora, no último momento, não depois de todos aqueles formulários tenebrosos e vistos e tudo. Não seria um bom desempenho, não é?

- Pode sair melhor do que você pensa - disse VICTORIA consoladoramente.

- N-não - replicou Edward em dúvida. - A coisa mais gozada é - acrescentou - que tenho um pressentimento de que há algo podre nisso tudo.

- Podre?

- Sim. Vigarice. Não me pergunte por quê. Não tenho motivo algum. É uma espécie de palpite que a gente tem às vezes. Uma vez tive isso a respeito do meu óleo de bombordo. Comecei a fuçar a maldita coisa e não é que havia uma arruela encravada na bomba da cremalheira?

Os termos técnicos nos quais isso foi ministrado tornava tudo bastante ininteligível para VICTORIA, mas conseguiu captar a idéia geral.

Acha que ele virou vigarista... Rathbone?

Não vejo como ele possa ser. Quero dizer, é assustadoramente respeitável e estudado e é sócio de todas essas sociedades; e é uma espécie de chapa de arcebispos e diretores de colégios. Não é apenas um palpite. Bem, o tempo mostrará. Até logo. Eu gostaria que você viesse também.

- Eu também - disse VICTORIA.

- Que é que você vai fazer?

- ir para a Agência St. Guildric na Rua Gower e procurar outro emprego - disse VICTORIA sombriamente.

- Adeus, VICTORIA. Partir, say mourir un peu - acrescentou Edward com um sotaque muito britânico; - aquêles rapazes franceses sabem do que se trata. Nossos colegas ingleses apenas vão se lamentando sobre a partida que é uma doce dorzinha... asnáticos.

- Adeus, Edward. Boa sorte.

- Não creio que voce pensará em mim novamente.

- Sim, pensarei.

- Você é completamente diferente de qualquer moça que vi antes... eu apenas gostaria. - O relógio -deu a badalada do quarto de hora e Edward disse:

- Diabo, tenho que ir voando...

Retirando-se rapidamente, foi engolido pelo grande bucho de Londres. VICTORIA, ficando para trás em seu lugar absorta em meditação, estava consciente de duas correntes distintas de pensamentos.

Uma tratava do tema de Romeu e Julieta. Ela e Edward, sentia ela, estavam de algum modo na posição daquele casal infeliz, embora talvez Romeu e Julieta tivessem expressado seus sentimentos em linguagem um pouco de classe mais elevada. Mas a situação, pensava VICTORIA, era a mesma. Encontro, atração instantânea - frustração - dois corações que se queriam separados à força. A lembrança de uma rima, há muito tempo freqüentemente recitada pela sua babá velha lhe veio à mente.

Jumbo said to Alice "I love you". Alice said to Jumbo, "I dont believe you do, If you really loved me, as you say you do, You wouldnt go to America and leave me in the Zoo."

Substitua Bagdá no lugar de América e a coisa está aí! VICTORIA finalmente levantou-se, escovando farelo do colo e andou decididamente para fora dos Jardins Fitz James na direção da Rua Gower. VICTORIA tinha chegado a duas decisões: a primeira era que (como Julieta) ela amava esse jovem e estava decidida a tê-lo.

A segunda decisão à qual VICTORIA tinha chegado era que, como Edward em breve estaria em Bagdá, a única coisa para ela fazer seria ir a Bagdá também. O que agora estava ocupando a sua mente era como isso poderia ser feito. Que isso pudesse ser feito de um modo ou de outro, VICTORIA não duvidava. Era uma moça de otimismo e força de caráter.

Parting is such sweet sorrow (Partir é uma dorzinha tão doce), como sentimento, a atraía tão pouco quanto a Edward.

- De algum modo - VICTORIA estava dizendo para si mesma - tenho que ir a Bagdá!

O HOTEL SAVoy deu as boas-vindas a Ana Scheele com todo o empenho devido a um cliente antigo e valioso - perguntaram pela saúde do Sr. Morganthal - e lhe asseguraram que, se a suite não estivesse ao seu gosto, ela somente teria de dizê-lo - pois Ana Scheele representava dólares.

A Srta. Scheele tomou banho, vestiu-se, fez um chamado telefônico para um número em Kensington e em seguida desceu pelo elevador. Passou pela porta giratória e pediu um táxi. Este chegou e ela o encaminhou a Certier em Bond Street.

Quando o táxi saiu da entrada do Savoy para o Strand, um pequeno homem moreno, que tinha estado a admirar a vitrina de uma loja, subitamente olhou seu relógio e fez sinal a um táxi que estava passando convenientemente e que tinha estado singularmente cego aos acenos de uma mulher agitada, cheia de embrulhos uns momentos antes.

O táxi seguiu pelo Strand, não perdendo o primeiro táxi de vista. Quando ambos foram detidos pelas luzes de tráfego circundando a Praça Trafalgar, o homem do segundo táxi olhou pela janela da esquerda e fez um pequeno gesto com a mão. Um carro particular que tinha estado parado na travessa ao lado do Arco do Almirante, acionou seu motor e entrou na torrente de tráfego atrás do segundo táxi.

O tráfego tinha começado novamente a se movimentar. O táxi de Ana Scheele seguiu a torrente de tráfego que ia para a esquerda para o Par Mall, o táxi no qual estava o pequeno homem moreno dobrou à direita, continuando em volta da Praça Trafalgar. O carro particular, um Standard cinza, agora estava bem perto, atrás do táxi de Ana Scheele. Continha dois passageiros um jovem louro, de olhar bastante vácuo no volante e uma mulher jovem, elegantemente vestida a seu lado. O Standard seguiu o táxi de Ana Scheele por Piccadilly e Bond Street acima. Aqui por um momento, parou junto ao meio-fio e a mulher jovem saiu.

Gritou alegre e convencionalmente:

- Muito obrigada.

O carro seguiu viagem. A mulher continuava olhando de vez em quando para uma vitrina. Um engarrafamento parou o tráfego. A mulher jovem passou tanto pelo Standard quanto pelo táxi de Ana Scheele. Chegou a Certier e entrou.

Ana Scheele pagou o seu táxi e entrou na joalheria. Gastou algum tempo olhando para diversas jóias. Finalmente escolheu um anel de safira e brilhante. Pagou por ele com um cheque sobre um banco de Londres. À vista do nome escrito nêle, um pouco mais de urbanidade extra veio aos modos do assistente.

- Prazer em vê-la novamente em Londres, Srta. Scheele. O Sr. Morganthal veio?

- Não.

- Eu estava curioso. Temos uma linda safira-estrela aqui... eu sei que ele se interessa por safiras-estrelas. Gostaria de vê-la?

A Srta. Scheele expressou seu desejo de vê-la, admirou devidamente e prometeu mencioná-la ao Sr. Morganthal.

Saiu novamente para Bond Street e a mulher jovem que tinha estado olhando cliques de orelha, expressou-se incapaz de decidir e também saiu.

O carro Standard cinza, tendo virado na Rua Grafton e descido pelo Piccadilly, estava justamente subindo novamente pela Bond Street. A mulher jovem não mostrou sinais de reconhecimento.

Ana Scheele tinha entrado para a Arcada. Entrou na loja de um florista. Encomendou três dúzias de rosas de cabos compridos, uma concha cheia de grandes e doces violetas púrpuras, uma dúzia de brotos de lírios brancos e uma jarra cheia de mimosas. Deu um endereço para a entrega.

- São doze libras e dezoito xelins, madame.

Ana Scheele pagou e saiu. A jovem mulher que tinha acabado de entrar perguntou pelo preço de um maço de primaveras, mas não as comprou.

Ana Scheele cruzou Bond Street, foi pela Rua Burlington e dobrou para Savile Row. Ali entrou no estabelecimento de um dêsses alfaiates que, enquanto trabalham exclusivamente para homens, ocasionalmente condescendem em cortar um tailleur para certos membros favorecidos do sexo feminino.

O Sr. Bolford recebeu a Srta. Scheele com os cumprimentos concedidos a um cliente apreciado e foram tomados em consideração os tecidos para um costume.

- Felizmente posso dar-lhe nossa qualidade de exportação. Quando vai voltar a Nova York,, Srta. Scheele?

- No dia vinte e três.

- Dará bastante tempo. Pelo Cliper, suponho?

- Sim.

- E como estão as coisas na América? Aqui estão bastante tristes... bastante tristes na verdade.

O Sr. Bolford meneou a cabeça como um médico descrevendo um paciente.

- O coração não está nas coisas, se é que me entende. E não aparece ninguém que tenha prazer num bom trabalho. Sabe quem é que vai cortar o seu costume, Srta. Scheele? O Sr. Lantwick -

tem setenta e dois anos de idade e ele é o único em quem posso realmente confiar para os nossos melhores fregueses. Todos os outros...

As mãos gorduchas do Sr. Bolford os varriam embora.

- Qualidade - disse ele. - É o que fez esta terra célebre. Qualidade! Nada barato, nada gritante. Quando tentamos produção em massa não somos bons nisso, e isso é um fato. Esta é a especialidade do seu país, Srta. Scheele. O que nos temos que defender, e eu o digo de novo, é qualidade. Levar tempo e incômodo para as coisas e produzir um artigo que ninguém no mundo pode superar. Agora, que dia vamos marcar para a primeira prova. Daqui a uma semana? Às hm? Muito obrigado.

Abrindo seu caminho pela claridade arcaica em volta de peças de tecido, Ana Scheele chegou novamente à luz do dia.

Parou um táxi e voltou ao Savoy. Um táxi que estava estacionado do lado oposto da rua e continha um homenzinho moreno foi pelo mesmo caminho, mas não dobrou para o Savoy. Seguiu para o lado do dique e ali apanhou uma mulher baixa e gorda que tinha recentemente saído da entrada de serviço do Savoy.

- E a respeito de Luísa? Vasculhou o quarto dela?

- Sim. Nada.

Ana Scheele almoçou no restaurante do hotel. Uma mesa tinha sido reservada para ela ao lado da janela. O maitre dh)lei tinha perguntado afetosamente pela saúde de Otto Morgenthal.

Depois do almoço Ana Scheele tomou sua chave e subiu para a suite. A cama tinha sido feita, toalhas frescas estavam no banheiro e tudo estava em excelente forma. Dirigiu-se para as duas malas leves de avião que constituíam a sua bagagem, uma estava aberta e a outra fechada, Passou o olhar pelo conteúdo da que estava aberta; em seguida, tirando as chaves da bolsa, abriu a outra. Tudo estava em ordem, dobrado, como ela dobrava as coisas, nada tinha sido aparentemente tocado ou perturbado. Uma pasta de couro encontrava-se em cima. Uma pequena câmera Leica e dois rolos de filme estavam num canto. Os filmes estavam ainda colados sem terem sido abertos. Passou uma unha sobre a dobra e puxou-a. Em seguida sorriu gentilmente. O cabelo touro isolado que tinha estado ali, não mais estava. Destramente polvilhou um pouco de pó-de-arroz sobre o couro luzidio da pasta e soprou. A pasta permaneceu clara e lustrosa. Não havia impressões digitais. Mas esta manhã, depois de ter passado um pouco de brilhantina sôbre a coberta suave de seus cabelos louros, tinha manuseado a pasta. Devia haver impressões digitais sobre ela, as suas próprias.

Sorriu novamente.

- Bom trabalho - disse para si mesma. - Mas não bastante bom...

Destramente fez a mala pequena de pernoite e dirigiu-se para baixo. Um táxi foi chamado e ela novamente mandou o motorista tocar para os Jardins Elmsleig nº □ .

Os Jardins Elmsleigh eram uma espécie de praça Kensington, bastante encardido. Ana pagou o táxi e correu escadas acima para a porta que estava descascando.

Apertou a campainha. Depois de alguns minutos uma mulher idosa abriu a porta com um rosto suspeito, que imediatamente se transformou num brilho de boas-vindas.

- A Srta. Elsie ficará tão contente em vê-la! Ela está no estúdio dos fundos. É somente o pensamento de sua vinda que a tem conservado disposta.

Ana foi rapidamente pelo longo corredor escuro e abriu a porta na outra extremidade. Era um quarto pequeno e esfarrapado com grandes poltronas de couro desgastadas. A mulher sentada em uma delas pulou.

- Ana querida.

- Elsie.

Ambas beijaram-se afetosamente.

- Está tudo arranjado - disse Elsie. - Eu irei hoje à noite. Espero...

- Anime-se - interrompeu Ana; - tudo estará perfeitamente bem.

O homenzinho moreno de capa de chuva entrou num telefone público na estação de Kensington de High Street e discou um numero.

- Companhia de Gramofones Valhalla?

- Sim.

- Aqui é Sanders.

- Sanders do Rio? Que rio?

- Rio Tigre. Relatório sobre A.S.. Chegou esta manhã de Nova York. Foi para Certier. Comprou anel de safira e brilhante custando cento e vinte libras. Foi ao florista, Jane Kent - doze libras e dezoito xelins de flores para serem entregues a uma casa de saúde na Praça Porfiand. Encomendou um casaco e saia no Bolford & Acory. Nenhuma dessas firmas que se saiba tem contatos suspeitos, mas no futuro serão objeto de atenção especial. Quarto de A.S. no Savoy revistado. Não foi achado nada de suspeito. Pasta na mala contendo papéis relacionados com a fusão de ações com Wolfensteins. Tudo legítimo. Câmera e dois rolos de filmes aparentemente

virgens. Possibilidade de os filmes serem cópias fotostáticas, substituídos por outros filmes, mas filmes originais relacionados como sendo filmes virgens honestamente não expostos. A. S. levou uma malinha de pernoite e foi visitar irmã em Jardins Elmsleigh . Irmã internando-se na casa de saúde da Praça Portland para uma operação interna. Isso confirmado pela casa de saúde e também pelo livro de apontamentos do cirurgião. A visita de A. S. parece perfeitamente legítima. Não demonstrou qualquer desassossêgo ou consciência de ter sido seguida. Compreendo que vai passar esta noite na casa de saúde. Conservou seu quarto no Savoy. Passagem de regresso para Nova York, pelo Cliper, reservada para o dia vinte e três.

O homem que se chamava Sanders do Rio fez uma pausa e acrescentou um pós-escrito, por assim dizer, por sua conta:

- E se quiser saber o que penso disso, é tudo pestana de minhoca! Jogando dinheiro fora, é só o que ela está fazendo. Doze libras e dezoito para flores! Vê se te agrada!

A possibilidade de fracassar no seu intento não ter ocorrido nem por um momento a VICTORIA, fala bem a favor da leveza do seu temperamento. Versos sobre navios que passam dentro da noite não eram para ela. Era certamente desafortunado se tinha - bem - francamente - caído por um jovem atraente, que este jovem teria que resultar justamente em vias de partir para um lugar distante cerca de cinco mil quilômetros. Ele tão facilmente poderia ter ido para Aberdeen ou Bruxelas ou mesmo Birmingham.

Mas tinha que ser Bagdá, pensou VICTORIA, era bem a espécie de sorte que tinha! Não obstante, por difícil que fosse, ela tencionava ir para Bagdá de um modo ou de outro. VICTORIA caminhava decididamente ao longo da estrada de Tottenham Court, remoendo caminhos e meios. Bagdá. Que estava acontecendo em Bagdá? De acordo com Edward: "Cultura". Poderia ela, de alguma forma interpretar cultura? UNESCO? A UNESCO estava sempre mandando gente para aqui, acólá e para todos os lugares, às vezes aos lugares mais deleitosos. Mas essas eram geralmente, refletia VICTORIA, jovens mulheres superiores, com graus universitários, que tinham entrado para a Máfia muito mais cedo.

VICTORIA, resolvendo que as primeiras coisas vinham em primeiro lugar, finalmente dirigiu seus passos para uma agência de viagens e ali fez as suas indagações. Não havia dificuldade, ao que parecia, em viajar para Bagdá. Podia-se ir pelo ar, por alto mar até Basrah, por trem para Marselha e por navio para Beirute e através do deserto por carro. Podia-se ir via Egito.

Podia-se ir todo o caminho por trem, se estivesse disposto a assim fazer, mas os vistos presentemente estavam difíceis e incertos e estavam sujeitos a terem expirado na realidade até a hora de recebê-los. Bagdá se encontrava na área de influência da libra esterlina e dinheiro por isso não apresentava dificuldades. Isto é, na aceitação da palavra do funcionário. Tudo ficava, pois, reduzido a que não havia dificuldades em ir para Bagdá, desde que se tivesse entre sessenta e cem libras em dinheiro.

Como VICTORIA tinha neste momento três libras e dez (menos nove pence), uns doze xelins extras e cinco libras na Caixa Econômica do Correio, o caminho simples e direto estava fora de cogitação.

Ela fez perguntas inquiridoras sobre um emprego como recepcionista de bordo ou comissária aérea, mas estes, ela descobriu, eram postos altamente cobiçados para os quais havia uma lista de espera.

VICTORIA em seguida visitou a Agência St. Guildric, onde a Srta. Spenser, sentada à sua eficiente escrivaninha, a saudou como uma daquelas que estavam destinadas a passar pelo seu escritório com frequência razoável.

- Nossa, Srta. Jones, não está sem emprego outra vez. Eu realmente esperei que este último...

- Completamente impossível - disse VICTORIA firmemente. - Eu realmente não poderia tentar contar-lhe o que tive que agüentar.

Um rubor prazeroso subiu às faces pálidas da Srta. Spenser.

- Não - começou ela. - Eu espero que não... Ele me parecia realmente essa espécie de homem; mas naturalmente é um pouco grosso... eu realmente espero.

- Está tudo muito bem - disse VICTORIA. Conseguiu produzir um pálido sorriso corajoso. - Sei tomar conta de mim mesma.

- Naturalmente, mas é desagradável.

- Sim - anuiu VICTORIA. - É desagradável. No entanto... - de novo sorriu corajosamente.

A Srta. Spenser consultou seus livros.

- A Assistência de São Leonardo para Mães Solteiras procura uma datilógrafa - informou a Srta. Spenser. - Naturalmente, eles não pagam muito.

- Existe alguma possibilidade - perguntou VICTORIA abruptamente - de um emprego em Bagdá?

- Em Bagdá? - perguntou a Srta. Spenser com vívido espanto.

VICTORIA percebeu que poderia ter dito da mesma forma em Kamchatka ou no Polo Sul.

- Eu gostaria muito de ir para Bagdá - disse VICTORIA.

- Eu acho difícil... acha que quer dizer como secretária?

- De qualquer jeito - respondeu VICTORIA. - Como enfermeira, ou cozinheira, ou tomando conta de um lunático. Do jeito que puder.

A Srta. Spenser meneou a cabeça.

- Temo que não possa oferecer muita esperança. Ontem uma senhora esteve aqui com duas menininhas oferecendo uma passagem para a Austrália.

VICTORIA varreu a Austrália com a mão e levantou-se.

- Se souber de alguma coisa. Só a passagem de ida. É tudo de que preciso - enfrentou a curiosidade nos olhos da outra moça explicando: - Tenho parentes... lá. E soube que há uma porção de empregos bem pagos. Mas, naturalmente, é preciso chegar lá primeiro.

- Sim - repetiu VICTORIA para si mesma, ao sair do escritório de St. Guildric. - É preciso chegar lá.

Era um aborrecimento adicional para VICTORIA que, como de costume, quando a atenção da gente fica focalizada subitamente sobre um determinado nome ou assunto, tudo parece ter conspirado de repente para forçar o pensamento de Bagdá à atenção.

Um breve parágrafo no jornal da noite que ela comprou dizia que o Sr. Pouncefoot Jones, o afamado arqueólogo, começara as escavações da antiga cidade de Murik, situada a cento e oitenta quilômetros de Bagdá. Um anúncio mencionava linhas de navegação para Basrah (e de lá para Bagdá, Mosul etc.). No jornal que forrava a sua gaveta das meias, umas linhas impressas sobre estudantes em Bagdá saltaram aos seus olhos. O Ladrão de Bagdá estava em cartaz no cinema local e na vitrina da livraria altamente intelectual, a qual sempre olhava, estava exposta proeminentemente uma Nova Biografia de Harun All Rashid, Califa de Bagdá.

O mundo todo, parecia-lhe, estava subitamente se tornando consciente de Bagdá. E até aquela tarde, aproximadamente à hm, para todos os fins e propósitos, ela nunca tinha ouvido falar de Bagdá e certamente nunca tinha pensado a respeito.

As perspectivas para chegar lá eram insatisfatórias, mas VICTORIA não tinha a menor idéia de desistir. Tinha uma imaginação fértil e o ponto de vista otimista de que, se você quer fazer uma coisa, sempre há uma maneira de fazê-la.

Gastou a tarde fazendo uma lista de abordagens possíveis. Constava do seguinte:

Publicar anúncio?

Tentar Ministério do Exterior?

Tentar a Legação do Iraque?

que tal firmas de encontros?

Idem, firmas de exportação?

Conselho Britânico?

Escritório de Informações Selfridge?

Escritório de Conselho aos Cidadãos?

Nada disso, era forçada a admitir, parecia muito promissor. Acrescentou à lista:

De uma forma ou de outra, conseguir cem libras?

Os esforços mentais intensos de concentração que VICTORIA tinha exercido a noite e possivelmente a satisfação subconsciente de não mais ter que estar pontualmente às nove no escritório, fizeram com que VICTORIA dormisse demais.

Acordou às dez e quinze e imediatamente saltou da cama, e começou a vestir-se. Estava justamente passando uma penteadela final pelo cabelo escuro rebelde, quando o telefone tocou.

VICTORIA apanhou o fone. Uma Srta. Spenser positivamente agitada estava o outro lado.

- Tão contente de tê-la alcançado. Realmente a coincidência mais extraordinária.

- Sim? - gritou VICTORIA.

- Como digo, uma coincidência realmente extraordinária. Uma tal Sra. Hamilton Clipp, viajando para Bagdá, dentro de três dias, quebrou o braço e precisa de alguém para ajudá-la na viagem; telefonei-lhe imediatamente. Naturalmente não sei se não consultou também outras agências...

- Já estou a caminho - respondeu VICTORIA. - Onde é que ela está?

- No Savoy.

- E qual é o nome estúpido? Tripp?

- Clipp, querida. Como um clip de papel, mas com dois PP... Não sei por que, mas ela é americana - terminou a Srta. Spenser, como se isso explicasse tudo.

- Sra. Clipp, no Savoy.

- Sr. e Sra. Hamilton Clipp. Realmente foi o marido quem telefonou.

- Você é um anjo - declarou VICTORIA. - Até logo.

Apressadamente escovou seu costume marrom e desejou que fosse menos esmolambado, repenteou seu cabelo para fazê-lo parecer menos exuberante e mais de acordo com o papel do

anjo oficiante e viajante experimentada. Em seguida tirou da bolsa a recomendação do Sr. Greenholtz e meneou a cabeça sobre ela.

- Temos que fazer melhor que isso.

VICTORIA saltou de um ônibus em Green Park e entrou no Hotel Ritz. Um breve olhar sobre o ombro de uma mulher lendo no ônibus resultara compensador. Entrando na sala de estar, VICTORIA escreveu para si mesma algumas linhas de elogio generoso de Lady Cynthia Bradbury, que tinha sido anunciada como tendo acabado de sair da Inglaterra para a África Oriental... "excelente na doença", escreveu VICTORIA "e muito capaz em todos os sentidos..." Saindo do Ritz cruzou a rua e caminhou um curto pedaço Albemarle Street acima, até que veio para o Hotel Balderton, renomado como o refúgio do clero mais alto e de velhas herdeiras do interior.

Numa letra menos ousada e fazendo esses gregos pequenos e bonitos, ela escreveu uma recomendação do Bispo de Llangow.

Assim equipada, VICTORIA pegou um ônibus n.º e seguiu para o Savoy.

Na recepção perguntou pela Sra. Hamilton Clipp e deu seu nome como vindo da Agência St. Guildric. O empregado estava já puxando o telefone para si quando parou, olhou em frente e disse:

- Olhe, ali está o Sr. Hamilton Clipp.

O Sr. Hamilton Clipp era um americano imensamente comprido e muito magro, de cabelos grisalhos, de aspecto bondoso e fala lenta e deliberada.

VICTORIA deu-lhe seu nome e mencionou a agência.

- Ora, então, Srta. Jones, é melhor subir e ver a Sra. Clipp. Ela ainda está no nosso apartamento. Acho que está entrevistando alguma outra jovem, mas pode ser que já tenha saído.

Um frio pânico agarrou o coração de VICTORIA.

Será que deveria estar tão próximo e ao mesmo tempo tão longe?

Foram de elevador subindo ao terceiro andar.

Quando estavam indo pelo corredor de tapetes grossos, uma jovem saiu de uma porta do extremo oposto e veio em sua direção. VICTORIA teve uma espécie de alucinação de que era ela mesma que estava se aproximando. Possivelmente, pensava ela, porque o tailleur feito sob medida era tão exatamente aquilo que ela gostaria de estar vestindo ela mesma. E me assentaria bem. Sou bem do tamanho dela. Como gostaria de arrancá-lo dela, pensou VICTORIA com uma reversão à selvageria feminina primitiva.

A jovem passou por eles. Um pequeno chapéu de veludo, colocado de um lado da cabeça, parcialmente escondia o rosto, mas o Sr. Hamilton Clipp voltou-se para olhar atrás dela com um ar de surpresa.

- Ora, sim senhor - disse para si mesmo. - Quem teria pensado? Ana Scheele.

Acrescentou de maneira explanatória.

- Desculpe-me Srta. Jones. Fiquei surpreso ao reconhecer uma jovem senhora que encontrei em Nova York há apenas uma semana. Secretária de um dos nossos grandes banqueiros internacionais.

Parou ao chegar a uma porta do corredor. A chave estava pendurada na fechadura e com uma breve batida o Sr. Hamilton Clipp abriu a porta e ficou de lado para que VICTORIA o precedesse para dentro do quarto.

A Sra. Hamilton Clipp estava sentada numa cadeira de espaldar alto perto da janela e pulou levantando-se quando eles entraram. Era uma mulherzinha baixa, parecia com um passarinho de olhar penetrante. Seu braço direito estava num molde de gesso.

Seu marido apresentou VICTORIA.

- Veja, tem sido tudo tão infeliz - exclamou a Sra. Clipp, sem respiração. - Aí estávamos nos com um itinerário cheio e apreciando Londres e todos os nossos planos feitos e minha passagem reservada. Estou indo fazer uma visita à minha filha casada no Iraque, Srta. Jones. Faz quase dois anos que não a vejo. E então que acontece, levo um tombo... na realidade foi na Abadia de Westminster, descendo uns degraus de pedra... e aí estava eu. Levaram-me para o hospital às carreiras e colocaram tudo no lugar e considerando todas as coisas não me sinto por demais desconfortável... mas aí está. Eu estou um tanto desamparada e como vou conseguir viajar não sei. E George aí, está completamente abafado com negócios e simplesmente não pode sair daqui por mais de umas três semanas pelos menos. Ele sugeriu que eu levasse uma enfermeira comigo... mas, no final de contas, uma vez que eu esteja lá, não vou precisar de uma enfermeira à minha volta. Sadie pode fazer tudo que for preciso - e isso significa pagar a ela a passagem de volta também, de modo que pensei que iria consultar as agências para ver se encontrava alguém disposta a vir junto apenas pela passagem de ida.

- Não sou exatamente uma enfermeira - disse VICTORIA, conseguindo causar a impressão de que isso era praticamente o que era. - Mas tive um bocadinho de experiência de enfermagem - apresentou o primeiro testemunho. - Estive com Lady Cynthia Bradbury por mais de um ano. E

se quiser algum trabalho de correspondência ou de secretária, fui secretária do meu tio por alguns meses. Meu tio - declarou VICTORIA modestamente - é o Bispo de Llangow.

- Então seu tio é Bispo. Ora, que interessante.

Ambos os Hamilton Clipp estavam, ao que VICTORIA pensava, decididamente impressionados. E também deveriam ter ficado depois de todo o trabalho que tinha tido!

A Sra. Hamilton Clipp estendeu ambos os testemunhos ao seu marido.

- Parece realmente tão maravilhoso - disse ela reverentemente. - Bem providencial. É uma resposta à prece.

- Vai assumir algum cargo lá? Ou indo encontrar um parente? - perguntou a Sra. Hamilton Clipp.

Na pressa de fabricar testemunhos VICTORIA tinha esquecido completamente que teria que prestar contas de suas razões para viajar para Bagdá. Apanhada desprevenida, tinha que improvisar rapidamente. O parágrafo que tinha lido na véspera lhe veio à mente.

- Vou encontrar meu tio lá. Dr. Pauncefoot Jones explicou.

- Realmente? O arqueólogo?

- Sim - por um momento VICTORIA cismou que talvez estivesse se munindo de tios famosos em demasia. - Estou terrivelmente interessada em seu trabalho, mas naturalmente não tenho qualificações especiais, de modo que estava fora de cogitação a expedição pagar a minha passagem para lá. Não estão providos de fundos demasiados. Mas se posso ir por conta própria, posso me juntar a eles e me tornar útil.

- Deve ser trabalho muito interessante - interpôs o Sr. Hamilton Clipp - e a Mesopotâmia é certamente um grande campo para a arqueologia.

- Temo - disse VICTORIA, voltando-se para a Sra. Clipp que o meu tio, o Bispo, esteja na Escócia neste momento. Mas posso dar-lhe o número do telefone da secretária dele. Ela no momento está em Londres. Público : uma das extensões do Palácio Fulham. Ela estará lá a qualquer hora (o olhar de VICTORIA escorregou para o relógio sôbre o rebordo da lareira) depois das hm se quiser telefonar-lhe e perguntar-lhe sobre mim.

O que era exatamente o que era, pensou VICTORIA.

- Ora, tenho certeza - começou a Sra. Clipp, mas seu marido interrompeu.

- O tempo é muito curto, sabe. O avião sai de-apos de amanhã. Agora, tem um passaporte Srta. Jones?

- Sim - VICTORIA sentiu-se agradecida que, devido a uma pequena viagem de férias para a França no ano anterior, seu passaporte estava em dia. - Acrescentou:

- Trouxe-o comigo, caso fosse necessário.

- Isso é que eu chamo de eficiência - disse o Sr. Clipp aprovadamente. Se qualquer outra candidata tivesse estado em consideração, obviamente não estava mais. VICTORIA, com as suas boas recomendações e seus tios e seu passaporte à mão, tinha vitoriosamente conquistado os louros.

- Vai precisar dos vistos necessários - disse o Sr. Clipp, tomando o passaporte. Vou até o nosso amigo, Sr. Surgeon, no American Express e ele vai tratar de tudo. Talvez seja melhor passar aqui hoje à tarde, para poder assinar o que for preciso.

VICTORIA concordou em fazer isso.

Quando a porta do apartamento se fechou por trás dela, ela escutou a Sra. Hamilton dizer ao Sr. Hamilton Clipp:

- Uma menina tão boa e direitinha. Nós realmente estamos de sorte.

VICTORIA teve o decoro de enrubescer.

Voltou ao seu apartamento e ficou grudada no telefone, preparada a assumir o sotaque graciosamente refinado da secretária de um bispo, para o caso de a Sra. Clipp querer a confirmação da sua capacidade. Mas a Sra. Clipp obviamente tinha ficado tão impressionada pela sua personalidade tão honesta e direta que não iria se incomodar com esses detalhes técnicos. No final de contas o contrato era apenas por alguns dias como companhia de viagem.

No devido tempo, papéis foram preenchidos e assinados, os vistos necessários foram obtidos e VICTORIA recebeu o pedido de passar a última noite no Savoy, de modo a estar à mão para ajudar a Sra. Clipp a levantar às horas da manhã seguinte para estar no terminal das linhas aéreas do Aeroporto de Heathrow.

O BARCO TINHA saído do pântano dois dias antes, patinava suavemente ao longo do Shatt el. Arab. A correnteza era rápida e o velho que o estava manejando tinha que fazer muito pouco. Seus olhos estavam semicerrados. Quase sussurrando cantava muito suavemente uma cantiga árabe, triste e interminável:

Asri bi lel ya yamali

Hadhi alek ya ibn alj

Desta forma, em inúmeras outras ocasiões Abdul Suleiman dos Árabes do Pântano tinha descido o rio a Basrah. Havia outro homem no barco, uma figura vista freqüentemente hoje em

dia, com uma mistura patética de Leste e Oeste em sua vestimenta. Sobre a camisa comprida de algodão listrado, usava uma túnica cáqui descartada, velha, manchada e rasgada. Um lenço vermelho desbotado de malha estava enfiado no casaco esfarrapado. Sua cabeça ostentava de novo a dignidade do costume árabe, a keffiyá inevitável de branco e preto, segura e presa pelo agal de seda negra. Seus olhos, fora de foco num olhar amplo, perscrutavam turvamente as margens do rio. Agora ele também começava a zumbir na mesma clave e no mesmo tom. Era uma figura como milhares de outras figuras na paisagem da Mesopotâmia. Nada havia para mostrar que era um inglês e que levava consigo um segredo que homens influentes em quase cada país do mundo estavam empenhados a interceptar e destruir, juntamente com o homem que o carregava.

Sua mente retrocedeu nebulosamente sobre as últimas semanas. A emboscada na montanha. O frio de neve vindo por sobre o Passo. A caravana de camelos. Os quatro dias gastos em andar a pé sobre o deserto vazio em companhia de dois homens que levavam um cinema portátil. Os dias na barraca preta e a viagem com a tribo Aneizeli, seus velhos amigos. Tudo difícil, tudo permeado de perigo - escorregando cada vez de novo pelo cordão estendido para olhar por êle e para interceptá-lo.

"Henry Carmichael. Agente britânico. Idade cerca de trinta anos. Cabelos castanhos, olhos escuros, metro e de altura. Fala árabe, curdo, persa, arinênio, hindustani, turco e muitos dialetos de montanhese. Amigo das tribos. Perigoso."

Carmichael. tinha nascido em Kashgar, onde seu pai era funcionário do Governo. Sua língua de criança tinha balbuciado diversos dialetos e gírias - suas babás, e mais tarde seus carregadores, tinham sido nativos de muitas raças diferentes. Em quase todos os lugares selvagens do Oriente Médio tinha amigos.

Somente nas cidades grandes e pequenas é que contatos lhe faltavam. Agora, aproximando-se de Basrah, ele soube que o momento crítico da sua missão tinha vindo. Mais cedo ou mais tarde tinha que reentrar na zona civilizada. Embora Bagdá fosse seu destino final, ele tinha julgado prudente não se aproximar diretamente. Em cada cidade do Iraque facilidades estavam a sua espera, cuidadosamente discutidas e arranjadas com muitos meses de antecedência. Tinha sido deixado a seu próprio juízo onde devia, por assim dizer, fazer a sua aterragem. Não tinha mandado notícias aos seus superiores, nem mesmo pelos canais indiretos, pelos quais poderia tê-lo feito. Assim era mais seguro. O plano fácil, o avião esperando no lugar de encontro combinado, tinha falhado, como ele havia suspeitado que falharia. Aquele encontro tinha sido conhecido dos seus inimigos. Vazamento! Sempre aquele mortífero, incompreensível vazamento.

E foi assim que suas apreensões de perigo ficaram aumentadas. Aqui em Basrah, à vista da segurança, sentiu-se instintivamente certo de que o perigo seria maior do que durante os azares loucos da sua viagem. E falhar na última estirada isso nem era bom pensar.

Puxando seus remos ritmicamente, o velho árabe murmurou sem voltar a cabeça:

- O momento se aproxima meu filho. Alá te favoreça.

- Não demore na cidade, meu pai. Volte aos pântanos. Não gostaria que nada de ruim lhe acontecesse.

- Isso é como Alá dispõe. Está em suas mãos.

- In Shà Allah - repetiu o outro.

Por um momento ansiava intensamente ser um homem de sangue oriental não ocidental. Não se preocupar com as chances de sucesso ou fracasso, não calcular sempre de novo as probabilidades, repetidamente perguntando a si mesmo se tinha pensado sabiamente e com previsão. Atirar a responsabilidade sobre o Todo-Piedoso, o Onisciente. - In Shà Allah, vencerei!

Mesmo pronunciando essas palavras ele sentiu a calma e o fatalismo do país sobrepujando-o e agradecia isso. Agora, dentro de alguns momentos, tinha que sair do abrigo do barco, andar pelas ruas da cidade, arriscar-se ao gume de olhares afiados. Somente poderia ter sucesso sentindo-se tanto quanto parecendo um árabe.

O barco entrou suavemente na via aquática que se encontrava em ângulo reto para com o rio. Ali toda espécie de veículos do rio estava amarrada e outros barcos estavam vindo na frente deles e por trás. Era uma cena adorável, quase veneziana; os barcos com suas proas altas esculpidas e as cores levemente esmaecidas de suas pinturas. Havia centenas deles amarrados perto uns dos outros.

O velho perguntou baixinho:

- É chegado o momento. Foram feitos preparativos para você?

- Sim. Realmente, meus planos estão feitos. É chegada a hora de eu partir.

-- Que Deus torne seu caminho reto e que aumente os anos de sua vida.

Carmichael juntou suas saias listradas em sua volta e subiu pelos degraus de pedra escorregadios para o ancoradouro em cima.

Em toda a sua volta estavam as costumeiras figuras de beira de cais. Meninos pequenos, vendedores de laranja, agachados ao lado de suas travessas de mercadoria. Quadrados pegajosos de bolos e doces, travessas de cordões de sapato e pentes baratos e pedaços de elástico. Transeuntes contempladores, cuspidos roucamente de tempos a tempos, andando com contas estalando em seus dedos. Do outro lado da rua, onde estavam as lojas e os bancos, elendis ocupados estavam caminhando energicamente em ternos europeus de uma tonalidade levemente púrpura. Havia também europeus ingleses e estrangeiros. E em lugar algum foi demonstrado interesse ou curiosidade porque um dos cinquenta ou mais árabes tinha acabado de subir ao ancoradouro saindo de um barco.

Carmichael caminhava muito quieto, seus olhos absorvendo a cena com exatamente o toque infantil e vendo certo desprazer em seus arredores. De vez em quando limpava o pigarro e cuspiam, não violentamente demais, apenas para não destoar do quadro. Duas vezes soprou o nariz com os dedos.

E assim o estranho que veio para a cidade, alcançou a ponte na cabeceira do canal, caminhou por sobre ela e dobrou para o Suq.

Ali tudo era barulho e movimento. Homens enérgicos de tribos iam passando, empurrando outros para fora do seu caminho - burricos carregados abriam seu caminho, com seus tropeiros gritando roucamente. Balek-Balek... Crianças brigavam e guinchavam e corriam atrás dos europeus chamando esperançosos: Bakhsheesh, madame. Bakhsheesh. Meskinmeskin...

Aqui os produtos de Leste e Oeste estavam igualmente à venda, lado a lado. Panelas de alumínio, xícaras, pires e chaleiras, artigos de cobre batido, prataria de Amara, relógios baratos, canecas de esmalte, bordados e tapetes de padrões alegres da Pérsia. Arcas chapeadas de cobre do Kuwait, casacos e calças de segunda mão e suéteres de lã para crianças. Edredons feitos a mão, locais, lâmpadas de vidro pintado, pilhas de moringas e potes de barro. Toda a mercadoria barata da civilização junto com os produtos nativos.

Tudo como normal e costumeiro. Depois de sua longa estada nos espaços mais selvagens, a azáfama e a confusão pareciam estranhas a Carmichael, mas estava tudo como devia estar, ele não pôde detectar nenhuma nota dissonante, nenhum sinal de interesse pela sua presença. E no entanto, com o instinto de alguém que tinha conhecido por muitos anos o que significa ser um homem caçado, ele sentiu um desassossego crescente, - um vago senso de ameaça. Não conseguiu encontrar nada fora do lugar. Ninguém tinha olhado para ele. Ninguém, ele tinha quase certeza, o estava seguindo ou tendo-o sob observação. No entanto, ele tinha aquela certeza indefinível de perigo.

Foi para uma curva estreita e escura, novamente para a direita, em seguida para a esquerda. Ali entre as barracas pequenas, veio para a abertura do Khan e entrou pela porteira para o pátio. Diversas lojas se encontravam em toda a sua volta. Carmichael foi para uma onde estavam pendurados ferwahs, os casacos de pele de carneiro do Norte. Ficou ali apalpando-os experimentalmente. O proprietário da loja estava oferecendo café a um freguês, um homem alto, de barba, de presença fina, que usava verde em volta do seu ferwah, mostrando ser um hadji, que tinha estado em Meca.

Carmichael estava ali apalpando o ferwah.

- Besh Hadha? - perguntou ele.

- Sete dinares.

- Demais.

O hadji perguntou:

amanhã?

- Vai entregar os tapetes no meu Khan?

- Sem falta - respondeu o comerciante. - Vai partir

- Ao amanhecer para Kerbela.

- É a minha cidade, Kerbela - disse Carmichael. - Já faz quinze anos desde que vi o túmulo do Hussein.

- É uma cidade sagrada - disse o hadji.

O comerciante disse por sobre o ombro a Carmichael:

- Há ferwahs mais baratos lá dentro.

- Um ferwah branco do Norte, é do que eu preciso.

- Tenho um assim na sala afastada.

• mercador indicou a porta embutida na parede interna.

• ritual tinha ido de acordo com um padrão - uma conversa tal como pode ser ouvida qualquer dia em qualquer Suq - mas a seqüência foi exata - as palavras-chaves estavam todas ali - Kerbela, ferwah branco.

Somente quando Carmichael passou para atravessar a sala e entrar na parte interna, levantou seu olhar para o rosto do mercador e soube instantaneamente que o rosto não era aquele que ele tinha esperado ver. Embora tivesse visto esse homem particular apenas uma vez antes, a sua memória aguçada não estava em falta. Havia uma semelhança, uma semelhança muito íntima, mas não era o mesmo homem.

Parou. Disse num tom de surpresa leve:

- Onde, então, está Salah Hassan?

- Era meu irmão. Morreu há três dias. Seus negócios estão em minhas mãos.

Sim, este provavelmente era um irmão. A semelhança era muito íntima. E era possível que o irmão também estivesse empregado pelo departamento. Certamente as reações tinham sido corretas. No entanto foi com uma percepção aumentada que Carmichael passou para o aposento interno sombrio. Ali de novo havia mercadoria empilhada sobre prateleiras, cafeteiras e pilões de açúcar de bronze e cobre, prataria persa velha, montes de bordados, abas dobradas, bandejas esmaltadas de Damasco e jogos para café.

Um ferwah branco estava cuidadosamente dobrado sobre uma pequena mesa de café. Carmichael foi até ele e levantou-o. Por baixo dela estava um conjunto de roupas européias, um terno de trivial usado, ligeiramente espalhafatoso. A carteira com dinheiro e credenciais já se encontravam no bolso do peito. Um árabe desconhecido tinha entrado na loja: o Sr. Walter Williams, de Cross & Co., Importadores e Agentes de Despachos, surgiria e teria que cumprir certos compromissos feitos para ele com antecedência. Havia naturalmente um verdadeiro Sr. Williams - era tudo tão cuidadoso assim - um homem com um passado de negócios aberto e respeitável. Tudo de acordo com o plano. Com um suspiro de alívio Carmichael começou a desabotoar seu dólmã militar esfarrapado. Estava tudo em ordem.

Se um revólver tivesse sido escolhido como arma, a missão de Carmichael teria terminado então ali. Mas há vantagens numa faca - notavelmente a ausência de ruído.

Na prateleira em frente a Carmichael estava uma grande cafeteira de cobre e essa cafeteira tinha sido recentemente polida a pedido de um turista americano que viria apanhá-la. O brilho da faca estava refletido naquela superfície arredondada - um quadro completo, destorcido mas aparente, estava refletido ali. O homem, esgueirando-se pelas cortinas atrás de Carmichael, a longa faca curva, que tinha acabado de tirar por debaixo de suas vestes. Num momento aquela faca estaria enterrada nas costas de Carmichael.

Como um relâmpago Carmichael voltou-se. Com um mergulho para as pernas do outro, levou-o ao chão. A faca voou pelo quarto. Carmichael desembarçou-se rapidamente e correu para a outra sala, onde teve um vislumbre do rosto malevolente espantado do mercador e a plácida surpresa do hadji gordo. Em seguida estava do lado de fora, através do Khan, novamente no Suq apinhado, indo primeiro para um lugar, voltando em seguida para outro, caminhando novamente agora, não demonstrando pressa num país onde a pressa pareceria incomum.

E, andando assim, quase sem destino, parando para examinar uma peça de fazenda, sentir a tessitura, seu cérebro estava trabalhando com atividade furiosa. A maquinaria tinha quebrado! Mais uma vez ele estava por sua conta, em país alheio.

E êle estava desagradavelmente consciente do significado do que tinha acabado de acontecer.

Não eram apenas os inimigos no seu rastro que ele tinha que temer. Nem eram os inimigos guardando as aproximações para a civilização. Havia inimigos a temer dentro do sistema. Pois as palavras de senha tinham sido conhecidas, as reações tinham vindas pronta e corretamente. O ataque tinha sido calculado para exatamente o momento em que ele estaria embalado numa ilusão- de segurança. Não era de surpreender, talvez, que houvesse traição por dentro. Devia ter sido sempre meta do inimigo introduzir um ou mais dos seus homens para dentro do sistema. Ou talvez, comprar o homem de que eles precisavam. Comprar um homem era mais fácil do que se possa pensar

podia-se comprar com outras coisas que não dinheiro.

Bem, não importa como tenha acontecido, aí estava fugindo, de volta para seus próprios recursos. Sem dinheiro, sem a ajuda de uma nova personalidade e sua aparência conhecida. Talvez que neste mesmo momento estivesse sendo mansamente seguido.

Não voltou sua cabeça. De que adiantaria? Aqueles que o seguiam não eram novatos no jogo.

Calmamente, sem destino, continuava a passear. Por trás de sua maneira despreocupada, estava revendo várias possibilidades. Saiu finalmente do Suq e atravessou a pequena ponte sobre o canal. Continuou a andar até que viu a grande tabuleta com o brasão pintado sobre o portal e a legenda: Consulado Britânico.

Olhou a rua para cima e para baixo. Ninguém parecia prestar a mínima atenção a ele. Nada, ao que parecia, era mais fácil do que simplesmente entrar no Consulado Britânico.

Pensou, um momento, numa ratoeira, uma ratoeira aberta com seu pedaço de queijo provocador. Isso também era simples e fácil para o camundongo.

Bem, o risco tinha que ser tomado. Não via o que mais podia fazer.

Entrou pelo portal adentro.

RICHARD BAKER estava sentado no escritório externo do Consulado Britânico, esperando até que o Cônsul estivesse livre. Tinha descido à terra do Indian Queen esta manhã e desembarcado a sua bagagem pela alfândega. Consistia quase que completamente de livros. Pijamas e camisas estavam espalhados entre eles, quase como uma lembrança de última hora.

O Indian Queen tinha chegado no horário e Richard, que tinha dado uma margem de dois dias, já que barcos de carga pequenos, tais como o Indian Queen freqüentemente eram atrasados, tinha agora dois dias à sua disposição, antes de prosseguir, via Bagdá, para seu destino final, Tell Aswad, na localização da antiga cidade de Murik.

Seus planos já estavam feitos a respeito do que fazer com esses dois dias. O fato de uma certa elevação reputada conter antiguidades num lugar perto da praia em Kuwait já há muito tinha aguçado a sua curiosidade. Essa era uma oportunidade mandada do céu para investigar a mesma.

Dirigiu-se para o Hotel do Aeroporto e perguntou acerca dos métodos para ir a Kuwait. Um avião saía às dez horas da manhã seguinte, disseram-lhe, e ele poderia voltar no dia seguinte. Tudo assim estava barra limpa. Havia, naturalmente, as formalidades inevitáveis, visto de saída e visto para Kuwait - Para esses ele teria de encaminhar-se ao Consulado Britânico. Richard tinha encontrado o Cônsul-Geral de Basrah, Sr. Clayton, alguns anos antes, na Pérsia. Seria agradável, pensou Richard, vê-lo de novo.

O Consulado tinha diversas entradas. Um portão principal para carros. Outro portãozinho saindo do jardim à estrada que ia ao longo do Shatt el Arab. A entrada de negócios do Consulado estava na rua principal. Richard entrou, deu seu cartão para o homem de serviço, recebeu a informação de que o Cônsul estava ocupado no momento, mas em breve estaria livre e foi levado para uma pequena sala de espera a esquerda da passagem que ia diretamente da entrada para o jardim além.

Já havia diversas pessoas na sala de espera. Richard quase não olhou para elas. Ele, de qualquer forma, raramente estava interessado em membros da raça humana. Um fragmento de cerâmica antiga para ele era sempre mais excitante do que um simples ser humano nascido em algum lugar do século vinte.

Deixou que seus pensamentos se detivessem agradávelemente sobre alguns aspectos dos caracteres Mari e os movimentos das tribos benjaminitas em A.C.

Seria difícil dizer exatamente o que o despertou a um senso vívido do presente e dos seus companheiros seres humanos. Era a princípio um desassossego, uma sensação de tensão. Veio a ele, pensou, ao passo que não podia ter certeza, pelo seu nariz. Nada que se pudesse diagnosticar em termos concretos - mas estava ali, inconfundivelmente, levando-o de volta para os dias da última guerra. Uma ocasião em particular, quando ele e dois outros tinham saltado de pára-quadras de um avião e tinham esperado nas horas frias antes do crepúsculo para fazerem seu serviço. Um momento em que o moral estava baixo, em que todos os azares da empresa eram claramente percebidos, um momento de temor em que a gente poderia ver não ser adequada, um encolher da carne. A mesma coisa acre, intangível, estava no ar.

O cheiro do medo...

Por alguns momentos isso teve registro apenas do subconsciente. Metade de sua mente ainda se esforçava para focalizar-se antes de Cristo, mas o empuxo do presente era forte demais.

Alguém nesta sala estava com medo mortal...

Ele olhou em volta. Um árabe numa túnica #cáqui esfarrapada, seus dedos indolentemente escorregando sobre as contas de âmbar que segurava nas mãos. Um inglês gorducho com um bigode cinzento - o tipo do viajante comercial - que estava rabiscando números num pequeno caderninho de notas, e parecendo absorto e importante. Um jovem de aspecto cansado, de compleição muito escura, que estava recostado numa atitude respeitosa, sua face plácida e desinteressada. Um homem que parecia um empregado iraquiano. Um persa de idade, em roupas esvoaçantes de neve. Todos pareciam bastante preocupados.

O estalo das contas de âmbar caiu num ritmo definido. Parecia familiar de uma forma estranha. Richard forçou-se a prestar atenção. Tinha estado quase adormecido. Curto-longo-longo-curto-longo era Morse, definitivamente sinalização Morse. Ele estava familiarizado com Morse: parte do seu trabalho na guerra tinha que ver com sinalização. Podia lê-lo com bastante facilidade. OWL. F.L.O.R.E.A.T.E.T.O.N.A. Que diabo? Sim, era isso. Estava sendo repetido Floreat Etona. Batido, (ou melhor, estalado). por um árabe andrajoso. olá, que era isso? "Owl. Eton. Owl."

Seu próprio apelido em Eton - para onde tinha sido mandado com um par de óculos especialmente grande e sólido.

Olhou através da sala para o árabe, notando cada detalhe de sua aparência - a roupa listrada - a velha túnica caquí -o lenço vermelho esfarrapado, tricotado a mão, cheio de pontos falhados.

Uma figura como se viam centenas na beira do cais. Os olhos encontraram os dêle vagamente, sem sinal de reconhecimento. Mas as contas continuaram a estalar.

Faquir aqui. Preste atenção. Encrenca.

Faquir? Faquir? Claro! Faquir Carmichael. Um menino que tinha nascido ou que tinha morado em alguma parte estranha do mundo - Turquestão- Afeganistão?

Richard tirou seu cachimbo. Deu uma baforada exploradora, olhou para dentro do forninho e em seguida bateu-o num cinzeiro perto: Mensagem recebida.

Depois disso, as coisas aconteceram muito rapidamente. Mais tarde Richard teve dificuldade em separá-las.

O árabe da jaqueta militar esfarrapada levantou-se e encaminhou-se para a porta. Tropeçou quando passou por Richard, sua mão saiu das vestes e agarrou-se a Richard para levantar-se. Em seguida se endireitou, pediu desculpas e foi em direção à porta.

Foi tão surpreendente e aconteceu com tanta rapidez que pareceu a Richard uma cena de cinema antes que algo da vida real. O viajante comercial gordo deixou cair seu caderninho de notas e puxou alguma coisa no bolso do seu casaco. Por causa

da sua gordura e o aperto do casaco levou um ou dois segundos para tirá-lo e neste segundo ou dois Richard entrou em ação. Ao tirar o revólver, Richard o arrebatou da mão dele. Disparou e uma bala enterrou-se no assoalho.

O árabe passou pela porta e tinha voltado para o lado do escritório do Cônsul, mas estacou subitamente e, voltando-se, correu rapidamente para o outro lado, para a porta pela qual tinha entrado e para fora, para a rua movimentada.

O kavass correu para o lado de Richard, onde ele estava segurando o braço do homem gordo. Dos outros ocupantes da sala, o empregado iraquiano estava dançando excitadamente sobre seus pés, o homem escuro e magro estava olhando e o persa idoso olhava para o espaço completamente imperturbável.

Richard disse:

Que diabo está fazendo, acenando com um revólver assim?

Houve uma pausa de apenas um momento e em seguida o homem gordo disse com uma voz lamurienta de cockney.

- Sinto meu velho. Acidente absolutamente. Apenas desajeitado.

- Mentira. Estava querendo atirar naquele árabe que acabou de correr para fora.

- Não, não, meu velho. Não ia atirar nele. Apenas assustá-lo. Reconheci-o subitamente como um sujeito que me enganou a respeito de umas antiguidades. Apenas um pouco de divertimento. Richard Baker era alma fastidiosa que não gostava de publicidade de qualquer espécie. Seus instintos eram a favor de aceitar a explicação pelo seu valor de face. No fim de contas, que poderia ele provar? E o velho Faquir Carmichael agradeceria a ele fazer do caso tanto espalhafato? Presumivelmente, se ele estivesse em algum negócio secreto de capa e espada, ele não o faria.

Richard relaxou a garra no braço do outro. O sujeito estava suando, conforme notou.

O kavass estava falando excitadamente. Estava muito errado, dizia ele, trazer armas de fogo para dentro do Consulado Britânico. Não era permitido. O Cônsul ficaria bastante zangado.

N. do T.: Sotaque londrino.

- Peço desculpas - disse o homem gordo. - Pequeno acidente. Foi só.

Atirou algum dinheiro para a mão do kavass, que o empurrou de volta indignadamente.

- Melhor eu sair - disse o homem gordo. - Não vou esperar para ver o Cônsul.

Estendeu um cartão subitamente a Richard:

- Esse sou eu e estou no Hotel do Aeroporto e se houver alguma encrenca... mas na realidade, foi puro acidente. Apenas uma piada, se é que sabe o que quero dizer.

Relutantemente, Richard o viu sair da sala com um cambalear indeciso, e voltar-se para a rua.

Ele esperava que tivesse agido certo, mas era uma coisa difícil saber o que fazer quando se estava no escuro tanto quanto ele estava.

- O Sr. Clayton, ele está a disposição agora - disse o kavass.

Richard seguiu o homem pelo corredor. O círculo aberto de luz do sol da outra ponta se tornou maior. A sala do Cônsul estava a direita na ponta extrema da passagem.

O Sr. Clayton estava sentado atrás de uma escrivaninha. Era um homem calmo, de cabelos grisalhos com um rosto pensativo.

- Não sei se lembra de mim - disse Richard. - Conheci-o no Teerã há dois anos.

- Naturalmente. Estava com o Dr. Pouncefoot Jones, não é verdade? Está se reunindo a ele novamente este ano?

- Sim, estou a caminho de lá agora, mas tenho alguns dias de sobra e gostaria muito de ir a Kuwait. Não há dificuldade, presumo?

- Oli, não, há um avião amanhã de manhã. É apenas uma hora e meia. Vou telegrafar a Archie Gaunt... é o Residente ali. Ele poderá abrigá-lo e nós podemos hospedá-lo aqui esta noite.

Richard protestou levemente.

- Realmente... eu não quero incomodar o senhor nem à Sra. Clayton. Posso ir para o hotel.

O Hotel do Aeroporto está muito cheio. Ficaremos encantados em tê-lo aqui. Sei que minha mulher gostaria de vê-lo de novo. No momento... deixe-me ver... temos Crosbie, Da Companhia de Petróleo, e um jovem rapaz do Dr. Rathbone, a

que está aqui para desembarcar algumas caixas de livros na alfândega. Venha para cima e veja Rosa...

Levantou-se e acompanhou Richard pela porta para o jardim ensolarado. Um lance de escada levava às acomodações domésticas do Consulado.

Gerald Clayton empurrou abrindo a porta no alto dos degraus e fez seu hóspede entrar para um longo corredor escuro com tapetes atraentes no chão e peças escolhidas de mobília de ambos os lados. Era agradável vir para a penumbra fria depois do esplendor de fora.

Clayton chamou:

- Rosa, Rosa - e a Sra. Clayton, de quem Richard se lembrava como de uma personalidade vivaz com abundante vitalidade, saiu de um quarto no fim do corredor.

- Você se lembra de Richard Baker, querida? Ele veio ver-nos com o Dr. Pauncefoot Jones no Teerã.

- Naturalmente - respondeu a Sra. Clayton, apertando-lhe a mão.

- Nós fomos juntos para os bazares e você comprou uns tapetes adoráveis.

Era a delícia da Sra. Clayton, quando ela mesma não estava comprando coisas, de insistir com seus amigos e conhecidos para que procurassem pechinchas nos suqs locais. Ela sempre tinha um excelente senso de valores e era excelente pechincheira.

- Uma das melhores compras que já fiz - disse Richard.

E completamente pelos seus bons ofícios.

- Baker quer voar para Kuwait amanhã - disse Gerald Clayton.

- Eu lhe disse que podemos acomodá-lo aqui por esta noite.

- Mas se é algum incômodo... - começou Richard.

- Claro que não é incômodo - interpôs a Sra. Clayton.

Não poderá ficar com o melhor quarto de reserva, porque este o Capitão Crosbie já tem, mas podemos acomodá-lo com bastante conforto. Não quer comprar algum baú lindo de Kuwait, não é? Porque há uns adoráveis no Suq justamente agora. Gerald não me deixou comprar outro para aqui, embora tivesse sido bastante útil para guardar lençóis extras.

Você já tem três, querida - interpôs Clayton suavemente.

- Agora, se me permitir, Baker, tenho que voltar ao escritório. Parece ter havido uma confusão na sala exterior. Parece que alguém disparou um revólver.

- Um dos xeques locais, presumo - disse a Sra. Clayton. Eles são tão excitáveis e gostam tanto de armas de fogo.

- Pelo contrário - disse Richard. - Foi um inglês. Sua intenção parecia dar um tirinho num árabe - suavemente acrescentou. - Empurrei o braço dele para cima.

- Então você estava metido nisso tudo - comentou Clayton. - Eu não sabia. Pescou um cartão do seu bolso. - Robert liall. Fábrica Aquiles, Enfield parece ser o nome dele. Não sei a respeito de que queria falar comigo. Não estava bêbado, estava?

- Ele disse que era uma brincadeira - disse Richard secamente - e que a arma disparou por acidente.

Clayton levantou as sobrancelhas.

- Viajantes comerciais não usam, costumeiramente, armas carregadas em seus bolsos.

Clayton, pensou Richard, não era nenhum bobo.

- Talvez eu o deveria ter impedido de escapar.

- É difícil saber o que se deveria ter feito quando essas coisas acontecem. O homem no qual ele atirou não ficou ferido?

- Não.

- Então provavelmente é melhor deixar as coisas como estão.

- Ó! que será que estava por detrás disso?

- Sim, sim... que terá sido?

Clayton parecia um pouco desconfortável.

- Bem, tenho que voltar - disse e apressou-se para sair.

A Sra. Clayton levou Richard para a sala de visitas, uma grande sala interna, com almofadas e cortinas verdes e ofereceu-lhe a escolha entre café e cerveja. Escolheu cerveja que veio deliciosamente gelada.

Ela perguntou por que estava indo para Kuwait e ele lhe disse.

Perguntou-lhe por que não tinha casado ainda e Richard replicou que achava que não era da espécie casadoura, ao qual a Sra. Clayton respondeu asperamente:

- Bobagem. Arqueólogos - disse ela - dão excelentes maridos... e haveria alguma mulher jovem indo para as escavações nesta temporada?

- Uma ou duas - respondeu Richard - e naturalmente a Sra. Pauncefoot Jones.

A Sra. Clayton perguntou esperançosa se havia moças bonitas entre as que estavam indo lá e Richard confessou que não sabia, porque ainda não as conhecera. Eram bastante inexperientes disse ele.

Por alguma razão isso fez a Sra. Clayton rir.

Em seguida entrou um homem baixo, atarracado, de maneiras abruptas e foi apresentado como o Capitão Crosbie. O Sr. Baker, disse a Sra. Clayton, era um arqueólogo e escava as coisas mais selvagemmente interessantes, de milhares de anos de idade. O Capitão Crosbie disse que nunca tinha sido capaz de compreender como os arqueólogos eram capazes de dizer tão definidamente que idade tinham essas coisas. Sempre pensara que eram refinados mentirosos, ha, ha, disse o Capitão Crosbie. Richard olhou-o de modo extremamente cansado. Não, disse o Capitão Crosbie, mas como é que um arqueólogo sabia que idade tinha uma coisa? Richard disse que isso levaria muito tempo para explicar e a Sra. Clayton rapidamente o afastou dali para mostrar-lhe o quarto onde ficaria.

- Ele é muito bom - disse a Sra. Clayton - mas não bem, bem, sabe. Não tem o menor verniz de cultura.

Richard achou o quarto extremamente confortável e a sua apreciação da Sra. Clayton como hospedeira subiu ainda mais.

Tateando no bolso do seu casaco, tirou um pedaço de papel dobrado e sujo. Olhou-o com surpresa, pois bem sabia que não se encontrava ali antes, pela manhã.

Lembrou-se então de como o árabe o tinha agarrado quando tropeçara. Um homem de dedos ligeiros poderia tê-lo enfiado em seu bolso sem que se apercebesse disso.

Alisou o papel. Estava sujo e parecia ter sido dobrado e redobrado diversas vezes.

Em seis linhas de escrita um tanto amontoada o Major John Wilberforce recomendava um certo Ahmed Mohammed como um trabalhador industrioso e dócil, capaz de dirigir um caminhão, estritamente honesto. - Era, de fato, o tipo costumeiro de papel ou recomendação dada no Leste. Estava datada de há dezoito meses, o que também não é fora do comum, pois esses papéis são guardados zelosamente pelos seus proprietários.

Franzindo o sobrecenho para si mesmo, Richard repassou os acontecimentos da manhã de maneira precisa e ordenada.

O Faquir Carmichael estava agora bem seguro, tinha estado com medo mortal. Era um homem caçado e tinha-searremessado para dentro do Consulado. Por quê? Para encontrar segurança? Mas em lugar disso tinha encontrado uma ameaça mais instantânea. O inimigo, ou um representante do inimigo tinha estado à sua espera. Este sujeito, viajante comercial, deve ter tido ordens bem definidas, para estar disposto a arriscar-se a atirar em Carmichael no Consulado, na presença de testemunhas. Deve, por isso, ter sido muito urgente. E Carmichael tinha apelado ao seu velho companheiro de escola por auxílio e conseguido passar este documento aparentemente inocente à sua posse. Devia, por isso, ser muito importante e, se os inimigos de Carmichael dessem com ele e achassem que não mais possuía o documento, sem dúvida juntariam dois e dois e procurariam qualquer pessoa ou pessoas à qual Carmichael possivelmente poderia tê-lo passado.

O que então Richard Baker devia fazer com ele?

Ele poderia passá-lo para Clayton como o representante de Sua Majestade Britânica.

Ou ele poderia ficar com a sua posse até uma hora em que Carmichael o reclamasse?

Depois de alguns minutos de reflexão optou pela última hipótese.

Mas antes disso tomou algumas precauções.

Arrancando uma meia folha de uma carta velha, sentou-se para compor uma carta de referência para um motorista de caminhão em termos idênticos, mas usando expressões diversas -se essa mensagem fosse em código, isso daria conta dele - embora naturalmente era possível que houvesse uma mensagem escrita ali com qualquer espécie de tinta invisível.

Em seguida lambusou a sua própria composição com poeira de seus sapatos - esfregou em suas mãos, dobrou e redobrou até que dava uma aparência razoável de idade e sujeira.

Em seguida amassou-a e enfiou-a, em seu bolso. Ficou olhando por algum tempo para o original enquanto pensava e rejeitava várias possibilidades.

Finalmente, com um ligeiro sorriso dobrou-a e redobrou-a até que tivesse um pequeno objeto oblongo. Em seguida tomando um pedaço de plasticina (sem a qual nunca viajara) da sua mala, em primeiro lugar embrulhou seu pacote em plástico impermeável do seu saco de esponja, em

seguida encerrou-o em plasticina. Isso feito ele enrolou e alisou a plasticina até obter uma superfície lisa. Nesta colocou a impressão de um selo cilíndrico que tinha consigo.

Estudou o resultado com feroz apreciação.

Mostrava um desenho lindamente esculpido do Deus Sol Shamash, tarinado com a Espada da Justiça.

- Esperemos que isso seja um bom homem - disse para si mesmo.

Nesta noite, quando procurou no bolso do casaco que tinha usado pela manhã, o rolo de papel tinha sumido.

AVIDA, PENSOU VICTORIA, a vida enfim! Sentada em seu lugar no Terminal Aéreo, o momento mágico era chegado em que eram pronunciadas as palavras: "Passageiros para o Cairo, Bagdá e Teerã, tomem seus lugares no ônibus, por favor."

Nomes mágicos, palavras mágicas. Despidas de encanto para a Sra. Hamilton Clipp que, até onde VICTORIA pôde perceber, tinha passado grande parte de sua vida pulando de barcos para aviões e de aviões para trens, com breves intervalos intercalados em hotéis caros. Mas para VICTORIA elas eram uma mudança maravilhosa das frases freqüentemente repetidas: "Tome nota disso, por favor, Srta. Jones." "Esta carta está cheia de erros. Terá que batê-la de novo, Srta. Jones." "A chaleira está fervendo, bolas, faça o chá, sim." "Sei onde pode conseguir uma permanente maravilhosa." Acontecimentos paulificantes do trivial diário! E agora: Cairo, Bagdá, Teerã -todo o romance do Oriente glorioso (e Edward no fim de tudo isso).

VICTORIA voltou a terra para escutar a sua empregadora, que já tinha diagnosticado como faladora sem parar, concluindo uma série de observações dizendo: e nada realmente limpo, se você entende o que quero dizer. Eu sempre tomo muito cuidado com o que como. A sujeira das ruas e dos bazares você não acreditaria. E os trapos anti-higiênicos que o povo usa. E algumas das toaletes ora, não se poderia chamá-las de toaletes!

VICTORIA escutava atenciosamente esses comentários deprimentes, mas seu próprio sentimento de encanto permaneceu sem diminuição. Sujeira e germes nada significavam em sua vida

jovem. Chegaram a Heathrow e ela ajudou a Sra. Clipp a saltar do ônibus. Já estava encarregada dos passaportes, bilhetes, dinheiro etc.

- Arre! É certamente um conforto tê-la comigo, Srta. Jones. Eu simplesmente não sei o que teria feito se tivesse de viajar sozinha.

Viajando pelo ar, pensou VICTORIA, era bem como ser levada a uma excursão da escola. Professoras vivazes, gentis mas firmes, estavam à mão para pastoreá-la em cada volta. Comissarias de bordo, em uniformes alinhados, com a autoridade de governantas de jardim de infância, tratando de crianças retardadas mentais, explicavam gentilmente exatamente o que você deveria fazer. VICTORIA quase que esperava que comesçassem seus comentários com: "Agora, crianças..."

Jovens cavalheiros de aspecto cansado atrás de escrivatinhas estendiam mãos fatigadas para verificarem passaportes, para perguntarem intimamente sobre dinheiro e joias. Conseguiram incutir um sentimento de culpa nos questionados. VICTORIA, sugestionável por natureza, sentiu uma vontade súbita de descrever o seu mirrado broche como uma tiara de brilhantes de dez mil libras de valor, apenas para ver a expressão no rosto do jovem entediado. Pensamentos de Edward a reprimiram.

Passadas as várias barreiras, sentaram-se para esperar mais uma vez numa ampla sala que dava para o aeródromo diretamente. Do lado de fora, o ruído de um avião com os motores esquentando dava, o fundo apropriado. A Sra. Hamilton Clipp agora estava alegremente ocupada em fazer um comentário corrido sobre os seus companheiros viajantes.

- Aquelas duas criancinhas não são engraçadinhas demais para palavras? Mas que maçada viajar sozinha com um par de crianças. Acho que são inglêsas. Esse é um costume bem cortado que a mãe está vestindo. Mas ela parece um tanto cansada. Aquele homem é simpático... parece bem latino, eu diria. Que xadrez berrante que aquele homem está vestindo... eu diria gosto muito estragado. Negócios acho. Aquele homem ali é holandês. Estava bem na nossa frente nos controles. Aquela família acolá é ou persa ou turca, eu diria. Não parece haver americanos. Acho que em sua maioria viajam pela Pan American. Eu diria que aqueles três homens conversando são do petróleo, você não acha? Eu adoro olhar para as pessoas e especular a respeito delas. O Sr. Clipp me diz que tenho uma verdadeira queda pela natureza humana. Para mim parece apenas natural tomar um interesse nas suas criaturas companheiras. Você não diria que aquele casaco de arminho custa cada centavo de três mil dólares?

A Sra. Clipp suspirava. Tendo devidamente avaliado seus companheiros viajantes, ela tornava-se inquieta.

- Gostaria de saber o que estamos esperando assim. Aquele avião esquentou os motores já por quatro vezes. Estamos todos aqui. Por que é que elas não andam com as coisas? Certamente não estão seguindo o horário.

- A senhora gostaria de uma xícara de chá, Sra. Clipp? Estou vendo que há um bufete no fundo da sala.

- Ora, não, obrigada, Srta. Jones. Tomei café antes de partir e o meu estômago se sente um tanto perturbado agora para tomar qualquer outra coisa mais. Por que estamos esperando gostaria de saber?

Sua pergunta parecia ser respondida, quase antes que as palavras tinham saído de seus lábios.

A porta que levava do corredor para fora do departamento de alfândega e de passaportes abriu-se com ruído e um homem alto atravessou com o efeito de uma lufata de vento. Funcionários da linha aérea o circundavam. Dois grandes sacos selados de lona eram carregados por um funcionário da BOAC.

A Sra. Clipp endireitou-se com alacridade.

- Ele é certamente alguém importante - comentou.

- E sabe disso - pensou VICTORIA.

Houve algo como sensacionalismo calculado a respeito do viajante atrasado. Ele vestia uma espécie de manta de viagem cinza com um largo capuz nas costas. Em sua cabeça estava o que em essência era um largo sombrero, mas de cinza claro. Tinha cabelos encaracolados de cinza prateado, bastante comprido e um lindo bigode cinzento prateado de pontas enroladas para cima. O efeito era de um bandido bonito de palco. VICTORIA que desprezava homens teatrais que posavam, olhou-o com desaprovação.

Os funcionários aéreos estavam, como ela notava corria desprazer, em toda a sua volta.

Sim, Sir Rupert Naturalmente Sir Rupert. - avião sai imediatamente, Sir Rupert.

Com um ruflar de sua capa volumosa, Sir Rupert passou pela porta que levava ao aeródromo. A porta fechou-se por detrás dele com veemência.

- Sir Rupert - murmurou a Sra. Clipp. - Ora, quem seria ele, estou cismando?

VICTORIA meneou a cabeça, embora tivesse uma ligeira sensação de que o rosto e a aparência geral não lhe eram desconhecidos.

- Alguém importante em nosso Governo - sugeriu a Sra. Clipp.

- Não acho - respondeu VICTORIA.

Os poucos membros do Governo que ela já havia visto a tinham impressionado mais como homens ansiosos de pedirem desculpas por estarem vivos. Somente nas plataformas era que pulavam para uma vida pomposa e didática.

- Agora, por favor - disse a babá-aeromoça alinhada.

Tomem seus lugares no avião. Por aqui. Tão depressa quanto puderem.

A sua atitude sugeria que uma porção de crianças brincalhonas e zanzentes tinham feito os adultos pacientes esperar.

Todo mundo passava em fila para o aeródromo.

O grande avião estava esperando, seus motores zumbindo como o ronronar satisfeito de um leão gigante.

VICTORIA e um comissário ajudaram a Sra. Clipp a subir para bordo e instalaram-na em seu assento. VICTORIA sentou-se ao seu lado na passagem. Só depois que a Sra. Clipp estava confortavelmente instalada e VICTORIA ter apertado seu cinto de segurança, a moça teve oportunidade de observar que na frente delas o grande homem estava sentado.

As portas se fecharam. Alguns segundos mais tarde o avião começou a mover-se lentamente sobre o solo.

- Estamos indo de verdade - pensou VICTORIA em êxtase. - Oh, não é assustador? Suponha que nunca saia do solo? Realmente eu não sei como pode!

Durante o que parecia um século, o avião taxiava pelo aeródromo, em seguida guinou lentamente e parou. Os motores aumentaram para um urro feroz. Goma de mascar, açúcar de cevada e algodão foram distribuídos.

Mais e mais ruidoso, mais e mais feroz. Em seguida, mais uma vez, o avião moveu-se para a frente. Aos pouquinhos primeiro, em seguida mais rápido - mais rápido ainda - estavam eles xispando pelo solo.

- Nunca subirá - pensou VICTORIA - vamos morrer...

Mais depressa - mais suave - sem socos - sem pulos estavam livres do solo, para a frente, para cima, uma volta, de novo sobre o estacionamento de carros e a estrada principal, para cima, mais alto - um trenzinho bobo fumegando lá embaixo - casas de bonecas - carros de brinquedo em estradas... ainda mais alto - e subitamente a terra lá embaixo perdia o interesse, não era mais humana ou viva - apenas um grande mapa plano com linhas e círculos e pontos.

Dentro do avião as pessoas desamarravam seus cintos de segurança, acendiam cigarros, abriam revistas. VICTORIA estava -num mundo novo - um mundo de tantos pés de comprimento e apenas uns poucos pés de largura, habitado por vinte a trinta pessoas. Nada mais existia.

Olhou para fora da pequena janelinha de novo. Abaixo dela estavam nuvens, um pavimento fofo de nuvens. O avião estava no sol. Abaixo das nuvens em qualquer lugar estava o mundo que ela havia conhecido até então.

VICTORIA refez-se. A Sra. Hamilton Clipp estava falando. VICTORIA tirou o algodão do ouvido e inclinou-se atentamente para ela.

No assento à sua frente, Sir Rupert levantou-se, jogou seu chapéu de feltro de abas largas para a prateleira, levantou o capuz por sobre a cabeça e relaxou em seu assento.

- Asno pomposo - pensou VICTORIA, irrazoavelmente imbuída de prevenção.

A Sra. Clipp estava acomodada com uma revista aberta à sua frente. Em intervalos cutucava. VICTORIA, quando, tentando virar a página com uma mão, a revista escorregava.

VICTORIA olhou à sua volta. Decidiu que viagens aéreas eram na realidade bem paulificantes. Abriu uma revista e encontrou-se à frente de um anúncio que dizia: "Quer aumentar a sua eficiência como estenodatilógrafa?" - estremeceu, fechou a revista, recostou-se e começou a pensar em Edward.

Aterraram no Aeródromo Castet Benito debaixo de chuva.

VICTORIA agora estava se sentindo ligeiramente mal e estava reunindo todas as suas energias para cumprir as suas obrigações perante a sua empregadora. Foram levados pela chuva apresada para a casa de repouso. O magnífico Sir Rupert, notou VICTORIA, tinha sido esperado por um oficial de uniforme com alças vermelhas e conduzido por um carro de Estado-Maior para alguma residência dos poderosos na Tripolitânia.

Receberam quartos; VICTORIA ajudou a Sra. Clipp com a sua toailete e deixou-a descansando sobre a cama de peignoir até que fosse hora do jantar. VICTORIA retirou-se para seu próprio quarto, deitou-se e fechou os olhos, agradecida de ter sido poupada à visão do assoalho arquejante, que afundava.

Acordou uma hora mais tarde de boa saúde e disposição e foi ajudar a Sra. Clipp. No momento uma aeromoça mais peremptória instruiu-as no sentido de que os carros estavam prontos a levá-las ao jantar.

Depois do jantar a Sra. Clipp entrou em conversa com alguns dos seus companheiros de viagem. O homem do casaco de xadrez gritante parecia ter tomado um interesse em VICTORIA e contou-lhe detalhadamente tudo sobre a fabricação de lápis de grafita.

Mais tarde foram levadas de volta às suas acomodações de dormir e instruídas secamente que deveriam estar prontas para partir às 8h da manhã seguinte.

- Não vimos muita coisa da Tripolitânia, não é? disse VICTORIA extremamente triste. - Viagens aéreas são sempre assim

- Ora, sim. Eu diria que sim. É simplesmente, positivamente sadista a maneira pela qual eles a fazem levantar pela manhã. Depois disso freqüentemente lhe deixam ficar mofando pelo aeródromo por uma ou duas horas. Ora, lembro-me que em Roma nos chamaram às 8h. Café da manhã no restaurante às 9 horas. E em seguida na realidade no aeroporto não saímos antes das 10. No entanto, a grande coisa é que a levam ao seu destino logo, sem delongas pelo caminho. VICTORIA suspirou. Ela bem que teria gostado de um bocado de delongas. Queria era ver o mundo.

- E que acha você, minha cara - continuou a Sra. Clipp excitadamente; - sabe aquele homem de aspecto interessante?

O inglês? Aquele que causou toda aquela comoção? Descobri quem ele é. É Sir Rupert Crofton Lee, o grande viajante. É claro que você já ouviu falar dele.

Sim, VICTORIA lembrava agora. Tinha visto diversas fotografias nos jornais há uns seis meses. Sir Rupert era uma grande autoridade sobre o interior da China. Era uma das poucas pessoas que tinham estado no Tibete e visitado Lhasa. Tinha viajado pelas partes desconhecidas do Curdistão e da Ásia Menor. Seus livros tinham tido ampla vendagem, porque tinham sido escritos audaciosamente e com humor. Se Sir Rupert era apenas notavelmente um auto-anunciador, era por uma boa razão. Não fazia reivindicações que não fossem inteiramente justificadas. A capa com o capuz e o chapéu de abas largas eram, VICTORIA lembrava agora, uma moda deliberada de sua própria escolha,

- Não é emocionante? - perguntava a Sra. Clipp com todo o entusiasmo de um caçador de leões, enquanto VICTORIA ajustava as roupas de cama à sua volta.

VICTORIA concordava em que isso era emocionante, mas dizia

a si mesma que preferia os livros de Sir Rupert à sua personalidade. Ele era, achava ela, o que as crianças chamam de "um faroleiro!"

A partida na manhã seguinte foi feita em boa ordem. O tempo tinha clareado e o sol estava brilhando. VICTORIA ainda se sentia desapontada de ter visto tão pouco da Tripolitânia. No entanto, o avião devia chegar ao Cairo na hora do almoço e a saída para Bagdá não teria lugar antes da manhã seguinte, de modo que ela seria capaz de ver um pouco do Egito à tarde

Estavam voando por sobre o mar, mas nuvens em breve bloquearam a vista da água azul por baixo deles e VICTORIA reclinou-se em seu assento com um bocejo. Na frente dela, Sir Rupert já estava dormindo. O capuz tinha caído para trás de sua cabeça, que estava pendurada para a frente, cabeceando a intervalos. VICTORIA observou com um ligeiro prazer malicioso que havia um pequeno furúnculo começando nas costas do seu pescoço. Porque é que ela deveria ter ficado satisfeita com esse fato era difícil dizer - talvez que isso fizesse o grande homem mais humano e vulnerável. Ele era, afinal de contas, como os outros homens, sujeito aos pequenos aborrecimentos carnis. Pode ser dito que Sir Rupert tinha conservado suas maneiras do olímpo e não tinha tomado conhecimento da existência de seus companheiros de viagem.

- Quem pensa ele que é, gostaria de saber, pensou Vitória consigo mesma. A resposta era óbvia. Ele era Sir Rupert Crofton Lee, uma celebridade, e ela era VICTORIA Jones, uma estenodatilógrafa, indiferente e de nenhuma importância.

Chegando ao Cairo, VICTORIA e a Sra. Hamilton Clipp almoçaram juntas. A última então anunciou que estava indo tirar um cochilo até às seis horas e sugeriu que VICTORIA poderia gostar de ir visitar as pirâmides.

- Fiz arranjos para um carro para você, Srta. Jones, porque sei que, de acordo com os dispositivos do seu Governo, não poderá trocar dinheiro aqui.

VICTORIA, que de qualquer forma não tinha dinheiro para trocar, estava devidamente agradecida e disse isso com alguma efusão.

- Ora, isso não é nada. Você tem sido tão, tão gentil para comigo. E, viajando com dólares, tudo é fácil para nós. A Sra. Kitchin - a senhora com as duas crianças engraçadinhas - também está ansiosa por ir também e eu sugeri que você se juntaria a ela... se é que está de acordo?

- Desde que possa ver o mundo, tudo está bem para mim.

- Ótimo. Então é melhor você ir andando agora mesmo.

A tarde nas pirâmides foi devidamente desfrutada. VICTORIA, embora gostasse razoavelmente de crianças, poderia ter gostado mais sem os rebentos da Sra. Kitchin. Crianças, quando se vai dar um passeio turístico, são aptas a serem algo como um empecilho. A criança mais nova tornou-se tão manhosa que as duas mulheres voltaram de sua expedição mais cedo do que tinham tencionado.

VICTORIA atirou-se sobre a sua cama com um bocejo. Desejava muito que pudesse ficar uma semana no Cairo - talvez subir o Nilo.

- E usaria como dinheiro, minha pequena? - perguntava-se a si mesma desanimada. Já era um milagre que estivesse sendo transportada para Bagdá de graça.

E que, perguntava uma voz fria interior, você vai fazer uma vez que houver chegado a Bagdá com somente algumas libras no bolso?

VICTORIA dispensou esta pergunta. Edward tinha que encontrar um emprego para ela. Ou se isso falhasse, ela mesma encontraria um emprego. Por que preocupar-se?

Seus olhos, ofuscados pela luz do sol, fecharam-se suavemente.

Uma batida à porta, ao que pensava, despertou-a. Respondeu:

- Entre - em seguida, como não houvesse resposta, levantou-se da cama, atravessou até a porta e abriu-a.

Mas a batida não tinha sido na porta dela, mas na porta seguinte corredor abaixo. Outra das inevitáveis comissárias de bordo, de cabelos escuros e alinhada em seu uniforme, estava batendo na porta de Sir Rupert Crofton Lee. Ele a abriu justamente quando VICTORIA estava olhando para fora.

- E que é que há agora?

Parecia aborrecido e sonolento.

- Sinto muito incomodá-lo, Sir Rupert. - gorjeou a aeromoça. - Mas poderia descer até o escritório da BOAC; é a terceira porta aqui na passagem. Apenas um pequeno detalhe a respeito do voo para Bagdá amanhã.

- Oh, muito bem.

VICTORIA retirou-se para o seu quarto. Estava menos sonolenta agora. Olhou para seu relógio. Apenas quatro e meia. Ainda uma hora e meia antes que a Sra. Clipp precisasse dela. Decidiu sair e andar por Heliópolis. Para andar, pelo menos, não precisava de dinheiro.

Empoou o nariz e colocou os sapatos de novo. Pareciam bem cheios de dedos. A visita às pirâmides tinha sido um castigo para os pés.

Saiu do seu quarto e andou ao longo do corredor em direção ao hall principal do hotel. Três portas adiante passou pelo escritório da BOAC. Tinha apenas um cartão anunciando o fato pregado à porta. Justamente quando passava por ela, a porta se abriu e Sir Rupert: saiu. Ele estava andando depressa e passou-a em algumas passadas. Continuou à frente dela, capa esvoaçante e VICTORIA imaginou que ele estava aborrecido a respeito de alguma coisa.

A Sra. Clipp estava com disposição um tanto petulante quando VICTORIA se apresentou para o serviço às horas.

Eu estou preocupada com o excesso da minha bagagem, Srta. Jones. Eu supunha que estava paga o caminho todo, mas parece que está paga somente até o Cairo. Nós continuamos amanhã pela Iraqui Airways. Meu bilhete é um bilhete direto, mas não o excesso de bagagem. Será que você poderia descobrir se é realmente assim? Porque pode ser que eu precise trocar outro Trávellers cheque.

VICTORIA concordou em fazer indagações. Não conseguiu encontrar o escritório da BOAC primeiro e finalmente localizou-o no corredor do outro lado - do outro lado do hall - um escritório bem grande. O outro, supunha, tinha sido um escritório pequeno usado apenas durante as horas da siesta depois do almoço. Os temores da Sra. Clipp a respeito da bagagem de excesso foram constatados serem justificados, o que a aborreceu bastante.

NO QUINTO ANDAR de uma quadra de escritórios na Ety de Londres estão localizados os escritórios da Companhia de Gramofones Valhalla. O homem que estava atrás da escrivaninha naquele escritório estava lendo um livro sobre economia. O telefone tocou e ele levantou o receptor. Disse numa voz calma e sem emoção:

- Companhia de Gramofones Valhalla.

- Aqui Sanders.

- Sanders do Rio? Que rio?

- Rio Tigre. Relatório sobre A.S..

Houve um momento de silêncio. Em seguida a voz calma falou de novo, com uma nota de aço.

- Será que escutei corretamente o que disse?

- Perdemos Ana Scheele.

- Sem nomes. Isso um erro muito sério de sua parte. Como foi que aconteceu?

- Foi para aquela casa de saúde. Eu lhe disse antes. A irmã dela ia ser operada.

- Bem?

- A operação foi realizada. Esperávamos A. S. voltar para o Savoy. Ela tinha conservado a sua suite. Não voltou. Tinha sido vigiada na casa de saúde e nós tínhamos certeza de que ela não havia saído de lá. Presumimos que ela ainda estivesse ali.

- E não está?

- Acabamos de descobrir. Saiu de lá, numa ambulância, no dia seguinte ao da operação.

- Ela deliberadamente os enganou

- Parece. Eu juraria que ela não sabia que estava sendo seguida. Tomamos todas as precauções. Havia três de nós e...

- Esqueça as desculpas. Onde foi que a ambulância a levou?

- Ao Hospital Colégio Universitário.

- Que descobriu do hospital?

- Que uma paciente foi entregue acompanhada por uma enfermeira do hospital. A enfermeira do hospital deve ter sido Ana Scheele. Eles não têm idéia de onde ela poderá ter ido depois que trouxe a paciente.

- E a paciente?

- Não sabe de nada. Estava sob morfina.

- De modo que Ana Scheele saiu do Hospital Colégio Universitário vestida como enfermeira e agora pode estar em qualquer lugar?

- Sim. Se ela voltar para o Savoy...

O outro interrompeu.

- Não vai voltar ao Savoy.

- Devemos verificar em outros hotéis?

- Sim, mas duvido que obtenham algum resultado. É isso que ela esperaria que vocês fizessem.

- Tem outras instruções?

- Verifique nos portos - Dover, Folkestone etc. Verifique nas companhias aéreas. De modo particular verifique todas as reservas para Bagdá por avião para a próxima quinzena.. A passagem não estará reservada em seu próprio nome. Verifique todos os passageiros de idade adequada.

- Sua bagagem ainda está no Savoy. Talvez que ela a mande procurar.

- Não vai fazer nada disso. Você pode ser um trouxa, mas ela não é! A irmã sabe de alguma coisa?

- Estamos em contato com a sua enfermeira especial na casa de saúde. Aparentemente a irmã pensa que A.S. está em Paris tratando de negócios para Morganthal e hospedada no Ritz Hotel. Acredita que A.S. irá voar de volta aos Estados Unidos no dia .

Em outras palavras, A.S. nada lhe contou. Ela não o faria. Verifique aquelas passagens aéreas. É a única esperança

- Ela tem que ir a Bagdá... e pelo ar é a única maneira com que ela pode fazê-lo a tempo e, Sanders... - Sim?

Nada mais de fracassos. Esta é a sua última chance.

O JOVEM SR. SHRIVENHAM da Embaixada Britânica passou o peso de um pé para o outro, olhando para cima enquanto o avião passava por sobre o aeródromo de Bagdá. Uma considerável tempestade de poeira estava redeomoinhando. Palmeiras, árvores, seres humanos, tudo estava amortalhado numa densa cortina marrom. Tinha acontecido bem de repente. Lionel Shrivvenham observou num tom de profundo aborrecimento:

- Disseram que não vão poder descer aqui.

- Ouc irão fazer? - perguntou seu amigo Harold.

- Continuar para Basrah, acho. Ouvi dizer que lá o tempo está bom.

- Você deve se encontrar com alguma espécie de VIP,

O jovem Sr. Shrivvenham grunhiu novamente.

- É a minha sorte. O novo Embaixador foi atrasado na saída. Lansdowne, o Conselheiro, está na Inglaterra. Rice, o Conselheiro Oriental está doente, de cama com influenza gástrica, temperatura perigosamente elevada. Best está no Teerã e aqui estou eu, com toda a coleção dos abacaxis. O movimento acerca desse camarada não para. Não sei por quê. Mesmo os meninos da fofoca estão arrelhados. Ele é um desses viajantes do mundo, sempre de partida para algum lugar, inacessível, nas costas de um camelo. Não sei por que é tão importante assim, mas aparentemente ele é absolutamente o importantão e eu tenho que obedecer ao seu menor desejo. Se for levado para Basrah, provavelmente ficará danado da vida. Não sei que arranjos eu poderia fazer. Trem para lá hoje à noite? Ou arranjar para a RAF levá-lo de avião amanhã?

O Sr. Shrivvenham suspirou novamente, enquanto a sensação de ofensa e responsabilidade se aprofundava. Desde a sua chegada a Bagdá, há três meses, ele tinha estado constantemente com falta de sorte. Um único sabão a mais, ele sentia, finalmente afundaria o que de outra maneira poderia ter sido uma carreira promissora.

O avião passou mais uma vez por sobre as cabeças.

- Evidentemente pensa que não vai conseguir - disse Shrivvenham, em seguida acrescentou excitado:

- Olá, penso que ele está baixando.

Alguns momentos mais tarde e o avião tinha taxiado serenamente para o seu lugar e Shrivvenham estava de prontidão para cumprimentar o VIP.

Seu olhar não profissional notou "uma pequena bem bonita..." antes dele pular para a frente para cumprimentar a

figura semelhante a um bucaneiro da capa esvoaçante .,

Praticamente uma fantasia, pensou consigo mesmo desaprovadamente, enquanto em voz alta dizia:

- Sir Rupert Crofton Lee? Sou Shrivvenham da Embaixada.

Sir Rupert, pensava, era ligeiramente seco de maneiras -talvez compreensível depois do esforço de circular por sobre a cidade na incerteza se a aterragem pudesse ser efetuada ou não.

- Dia feio - continuou Shrivvenham. - Tivemos uma porção desta espécie de tempo este ano. Ah, o senhor já está com as malas. Então, se me quiser seguir, senhor, está tudo arranjado...

Quando saíram do aeródromo no carro, Shrivvenham disse:

- Por um instante pensei que estava sendo levado para algum outro aeroporto. Não parecia que o piloto seria capaz de fazer uma aterragem. Apareceu de repente, esta tempestade de poeira.

Sir Rupert inflava as bochechas de maneira importante, ao comentar:

- Isso teria sido desastroso... bastante desastroso. Se meu programa tivesse sido prejudicado, meu jovem, eu lhe digo que os resultados teriam sido graves e de grande alcance ao extremo.

Um monte de tapete, pensou Shrivvenham. desrespeitosamente. Esses VIPs pensam que seus negócios malucos são aquilo que faz o mundo girar.

Em voz alta disse respeitosamente:

- Acho que sim, senhor.

- Tem alguma idéia de quando o Embaixador vai chegar a Bagdá?

- Não há nada definido, senhor.

- Ficarei triste se não me encontrar com ele. Não o vejo desde... deixa-me ver, sim, Índia, em .

Shrivvenham guardou um silêncio respeitoso.

- Deixe-me ver, Rice está aqui, não é?

- Sim senhor, é o Conselheiro Oriental.

- Sujeito capaz. Sabe uma porção de coisas. Ficarei contente em vê-lo de novo.

Shrivvenham tossiu.

- Na realidade, senhor, Rice está no rol dos doentes. Foi levado ao hospital para observação. Tipo violento de gastroenterite. Algo um pouco pior do que a costureira barriga de Bagdá, aparentemente.

- Que é isso? - Sir Rupert voltou sua cabeça de sopetão - Uma gastroenterite feia... hum. Veio de repente, não foi?

- Anteontem, senhor.

Sir Rupert estava franzindo as sobrancelhas. A grandiloquência de maneiras extremamente afetada abandonou-o. Ele era um homem mais simples - e um tanto mais preocupado.

- Fico a cismar - disse. - Sim, a cismar.

Shrivenham parecia polidamente inquiridor.

- Fico pensando - disse Sir Rupert - se não seria um caso de Verde Scheele...

Embatucado, Shrivenham conservou-se em silêncio.

Estavam justamente aproximando-se da Ponte Feisal. e o carro dobrou à esquerda, em direção à Embaixada Britânica.

Subitamente Sir Rupert inclinou-se para a frente.

- Para um minuto, sim? - comandou rispidamente. Sim, do lado direito. Onde estão todos aqueles potes.

O carro encostou ao meio-fio direito e parou. Era uma pequena loja nativa com pilhas altas de potes de barro cru, brancos e jarras de água.

Um europeu baixo e atarracado, que tinha estado falando com o proprietário, afastou-se em direção à ponte, quando o carro parou. Shrivenham pensou que era Crosbie da &p, que ele tinha encontrado uma ou duas vezes.

Sir Rupert saltou do carro e foi para a pequena cabina. Levantando um dos potes começou uma rápida conversação em árabe com o proprietário. O fluxo da conversa era rápido demais para Shrivenham cujo árabe ainda era lento e laborioso e distintamente limitado em vocabulário.

O proprietário estava sorridente, seus braços abriam-se largamente, gesticulava, explicava com detalhes. Sir Rupert pegava diferentes potes, aparentemente fazendo perguntas a respeito deles. Finalmente selecionou uma jarra de água de boca estreita, jogou algumas moedas ao homem e voltou para o carro.

- Técnica interessante - comentou Sir Rupert. - Vem fazendo-as assim por milhares de anos, da mesma forma como num dos distritos das montanhas da Armênia.

Seu dedo escorregou para dentro da abertura estreita, torcendo e torcendo em volta.

- É coisa muito rudimentar - disse Shrivenham nada impressionado.

Oh! nada de mérito artístico! Mas historicamente interessante. Veja essas indicações de açãs aqui! Conseguem-se muitas indicações históricas de observações das coisas simples de uso diário. Tenho uma coleção delas.

O carro entrou pelos portões da Embaixada Britânica.

Sir Rupert queria ser levado imediatamente para seu quarto. Shrivenham ficou divertido ao notar que, terminada a preleção sobre o pote de barro, Sir Rupert o tinha deixado despreocupadamente no carro. Shrivenham fez questão de levá-lo para cima e colocá-lo, meticulosamente sobre a mesinha de cabeceira de Sir Rupert.

- Seu pote, senhor.

Eh? Oh, obrigado, meu rapaz. deSir Rupert parecia distraído. Shrivenham deixou pois de repetir que o almoço estaria pronto logo após e que bebidas aguardavam a sua escolha.

Quando o jovem deixou o quarto, Sir Rupert foi para a janela e desdobrou o pequeno pedaço de papel que tinha estado enfiado na boca do-pote. Alisou-o. Havia duas linhas escritas nele. Leu-as cuidadosamente, em seguida tocou fogo no papel com um fósforo.

Em seguida chamou um criado.

- Sim senhor! Eu desfazer malas para senhor?

- Ainda não. Eu quero falar com o Sr. Shrivenham... aqui em cima.

Shrivenham apareceu com uma expressão ligeiramente apreensiva.

- Algo que eu possa fazer? Alguma coisa errada?

- Sr. Shrivenham, uma mudança drástica se verificou nos meus planos. Posso contar com a sua discricção, naturalmente?

- Oh, absolutamente, senhor.

- Já faz algum tempo desde que estive em Bagdá pela última vez; na realidade não estive mais aqui desde a guerra. Os hotéis em sua maioria estão do outro lado do rio, não é?

- Sim senhor, em Rashid Street.

- De fundos para o Tigre?

- Sim, o Babylonian Palace é o maior deles. É o hotel mais ou menos oficial.

- Que é que sabe acerca de um hotel chamado o Tio?

- Oh, uma porção de gente vai lá. A comida é realmente boa e é administrado por um tipo terrífico chamado Marcus Tio. É uma verdadeira instituição em Bagdá.

- Eu gostaria que me reservasse um quarto ali, Sr. Shrivvenham.

- Quer dizer... o senhor não vai ficar na Embaixada?

Shrivvenham parecia nervosamente apreensivo. - Mas mas... está tudo arranjado, senhor.

- O que está arranjado pode ser desarranjado... latiu Sir Rupert.

- Oh, certamente, senhor. Eu não queria...

Shrivvenham interrompeu-se. Tinha um pressentimento de que no futuro alguém o culparia.

- Eu tenho que realizar umas negociações um tanto delicadas. Estou sabendo que não podem ser realizadas na Embaixada. Eu quero que me reserve um quarto hoje à noite no Hotel Tio e quero sair da Embaixada de maneira razoavelmente discreta. Isso quer dizer que não quero chegar no Tio num carro da Embaixada. Também quero um lugar reservado no avião que vai para o Cairo depois de amanhã.

Shrivvenham ainda parecia mais aterrado.

- Mas eu compreendi que iria ficar cinco dias...

- Isso já não é mais o caso. É imperativo que eu chegue ao Cairo logo que meu negócio aqui estiver terminado. Não seria seguro para mim permanecer mais tempo.

- Seguro?

Um súbito sorriso transformou a face de Sir Rupert. As Maneiras que Shrivvenham tinha comparado às de um sargento de instrução prussiano foram postas de lado. O charme do homem tornou-se subitamente aparente.

- A segurança não tem geralmente sido uma de minhas preocupações, concordo - disse ele. - Mas neste caso não é apenas a minha própria segurança que tenho que levar em consideração... minha segurança inclui a segurança de uma porção de outras pessoas também. Então faça esses arranjos para mim. Se a passagem aérea for difícil, peça prioridade. Até sair daqui, hoje à noite, ficarei no meu quarto.

Quando a boca de Shrivvenham se abriu em espanto, Sir Rupert. acrescentou:

- Oficialmente estou doente. Ligeiro ataque de malária.

O outro anuiu com a cabeça.

Assim não precisarei de comida - disse Sir Rupert.

Mas certamente não podemos mandá-lo...

Jejum de vinte e quatro horas para mim não é nada. Passei fome mais tempo do que isso em, algumas de minhas viagens. Faça apenas como lhe digo.

Embaixo Shrivvenham foi cumprimentado pelos seus colegas e grunhiu em resposta às perguntas deles.

- Coisa de capa e espada em grande estilo - disse ele

Não posso bem compreender sua grandiloquência. Sir Rupert Crofton Lee. Se é genuíno ou se está representando um papel. Aquela capa esvoaçante e o chapéu de bandido e todo o resto. Um camarada que leu um dos livros dele me contou que, embora seja um bocado autopromotor, ele realmente fez todas aquelas coisas e esteve nesses lugares... mas eu não sei... Gostaria que Thomas Rice estivesse de pé e aqui para tomar conta. Isso me lembra, que é Verde Scheele?

- Verde de Scheele?,- disse seu amigo franzindo a testa. - Algo que ver com papel de parede, não é? Venenoso. É uma espécie de arsênico, acho eu.

- Nossa! - exclamou Shrivvenham, olhando fixamente.

Pensei que fosse uma doença. Algo como uma disenteria amebiana.

- Oh, não, é algo no campo da química. O que esposas usam para dar cabo dos seu maridos ou vice-versa.

Shrivvenham tinha recaído para um silêncio espantado. Certos fatos desagradáveis estavam começando a ficar claros para ele. Crofton Lee sugeriu que Thomas Rice, Conselheiro oriental na Embaixada, estava sofrendo não de gastroenterite, mas de envenenamento por arsênico. Acrescentando a isso Sir Rupert tinha sugerido que a sua própria vida estava em perigo e a sua decisão de não comer comida e bebida preparadas nas cozinhas da Embaixada Britânica abalou a alma decorosa e britânica de Shrivvenham até seu âmago. Ele não era capaz de imaginar o que pensar de tudo isso.

VICTORIA, RESPIRANDO a asfixiante poeira amarela, ficou desfavoravelmente impressionada por Bagdá. Do Aeroporto ao Hotel Tio, seus ouvidos tinham sido assaltados por barulho contínuo e incessante. Buzinas estridentes de automóveis, com persistência enlouquecedora, vozes gritando, apitos soando, em seguida mais estrido ensurdecido e sem propósito de buzinas de automóveis. Acrescido aos ruídos altos e incessantes da rua havia um fino pinga-pinga de som contínuo, que era a Sra. Hamilton Clipp falando.

VICTORIA chegou ao Hotel Tio em condição aturdida.

Uma pequena álea levava da zoadá de Rashid Street em direção ao Tigre. Um pequeno lance de escada para subir e ali, na entrada do hotel, foram cumprimentadas por um jovem bastante corpulento com um sorriso largo que, metaforicamente pelo menos, as acolheu ao coração. Isso,

compreendeu VICTORIA, era Marcus, ou mais corretamente, o Sr. Tio, proprietário do Hotel Tio.

Suas palavras de boas-vindas foram interrompidas por ordens gritadas a vários subalternos com referência ao destino de sua bagagem.

- E aqui a senhora está mais uma vez, Sra. Clipp... mas seu braço... por que é que está nesse negócio esquisito?... (Oh, seus trouxas, não carreguem aquilo com o barbante! Imbecis! Não arrastem aquele casaco)... Mas, minha cara... que dia para chegar... nunca, pensei eu, o avião conseguiria aterrar. Ficou dando voltas e voltas e voltas - Marcus, disse eu para mim mesmo, não é você que vai viajar de aviões. toda essa pressa, que importa?... e a senhora trouxe uma jovem consigo. É sempre bom ver alguma nova jovem em Bagdá.. por que foi que o Sr. Harrison não veio para encontrá-la..

eu o esperava ontem. Ofereceu-lhe uma bebida imediatamente.

Agora, um tanto aturdida, VICTORIA de cabeça levemente atordoada pelo efeito de um uísque duplo autoritariamente impingido a ela por Marcus, estava de pé num quarto alto caiado, que continha uma cama grande de latão, um echinché muito sofisticado do mais novo modelo francês, um velho guarda-roupa VICTORIANO e duas cadeiras de pelúcia vividas. Sua modesta bagagem repousava a seus pés e um homem muito velho, com rosto amarelo e cabelos brancos, sorriu e acenou para ela enquanto colocava toalhas no banheiro e perguntava se queria que esquentasse água para seu banho.

- Quanto tempo isso iria levar?

- Vinte minutos, meia hora. Eu vou e faço agora..

Com um sorriso paternal retirou-se. VICTORIA sentou-se sobre a cama e passou uma mão experimental sobre o cabelo. Sentiu-o encardido de poeira e seu rosto estava sensível e gretado. Olhou-se no espelho. A poeira tinha mudado seu cabelo de preto para um marron avermelhado, estranho. Puxou para o lado um canto da cortina e olhou para uma varanda larga que dava para o rio. Mas nada podia ser visto do Tigre, a não ser uma bruma amarela espessa. Vítima de profunda depressão, VICTORIA dizia para si mesma:

- Que lugar odiento.

Em seguida, levantou-se, atravessou o patamar e bateu à porta da Sra. Clipp. Ministrações prolongadas e ativas seriam exigidas dela antes que pudesse tratar de sua própria limpeza e reabilitação.

mas, minha cara, tem que ter uma

Depois de um banho, almoço e cochilo prolongado, VICTORIA saiu do seu dormitório para a varanda e olhou com aprovação sobre o Tigre. A tempestade de poeira tinha amainado. Em lugar de uma bruma amarela uma pálida luz clara estava aparecendo. Do outro lado do rio havia a silhueta delicada de palmeiras e de casas colocadas irregularmente.

Vozes erguiam-se para VICTORIA do jardim embaixo. Foi para a borda da varanda e espiou para baixo.

A Sra. Clipp, aquela tagarela infatigável e alma amiga, tinha feito conhecimento com uma inglesa - uma dessas inglesas castigadas pelo tempo, de idade indeterminada, que sempre podem ser encontradas em qualquer cidade estrangeira.

e o que eu poderia ter feito sem ela, eu simplesmente não sei, - a Sra. Clipp estava dizendo. - Ela é simplesmente a moça mais dócil que você possa imaginar. E muito bem relacionada. Neta do Bispo de Llangow.

- Bispo de quê?

- Ora, Llangow, creio que era.

- Bobagem, não existe tal pessoa - disse a outra.

VICTORIA franziu a testa. Estava reconhecendo o tipo de inglesa do campo que dificilmente poderia ser enganada pela menção de bispos espúrios.

- Ora, então, talvez eu tenha compreendido mal o nome - disse a Sra. Clipp em dúvida.

- Mas - concluiu - ela certamente é uma moça muito encantadora e competente.

A outra disse:

- Ha! - de maneira indiferente.

VICTORIA resolveu ficar à maior distância possível dessa senhora. Algo lhe dizia que inventar histórias para satisfazer essa espécie de mulher não era tarefa fácil.

VICTORIA voltou para o seu quarto, sentou-se na cama e entregou-se a especulações sobre a sua presente situação.

Ela estava hospedada no Hotel Tio que era, como estava razoavelmente segura, nem um pouco barato. Tinha quatro libras e dezessete xelins em sua posse. Tinha ingerido um almoço lauto pelo qual não tinha pago ainda e pelo qual a Sra. Hamilton Clipp não tinha obrigação nenhuma de pagar. Despesas de viagem até Bagdá foi o que a Sra. Clipp tinha oferecido. O negócio estava completo. VICTORIA tinha chegado a Bagdá. A Sra. Clipp tinha recebido a atenção perita da sobrinha de um bispo, uma ex-enfermeira de hospital e secretária competente. Tudo

isso estava terminado, para a mútua satisfação de ambas as partes. A Sra. Clipp partiria no trem noturno para Kirkuk - e, era tudo. VICTORIA brincava esperançosa com a idéia de que a Sra. Clipp poderia insistir em

fazer-lhe um presente de despedida na forma de moeda corrente, mas abandonou-a como improvável. A Sra. Clipp não poderia ter nenhuma idéia de que VICTORIA se encontrava em extremos financeiros realmente periclitantes.

O que então deveria VICTORIA fazer? A resposta veio imediatamente. Encontrar Edward, naturalmente.

Com um sentimento de aborrecimento ela teve consciência de que não sabia em absoluto nada do sobrenome de Edward. Edward - Bagdá. Bem como a-moça sarracena, refletia VICTORIA, que chegou na Inglaterra, sabendo apenas o nome do seu amado "Gilbert" e "Inglaterra". Uma história romântica - mas certamente inconveniente. Verdade que na Inglaterra ao tempo das Cruzadas ninguém - pensava VICTORIA - tinha qualquer sobrenome. Pelo outro lado a Inglaterra, era maior do que Bagdá. Ainda assim, a Inglaterra era escassamente povoada naquela ocasião...

VICTORIA arrancou seus pensamentos dessas especulações interessantes e voltou aos fatos duros. Tinha que encontrar Edward imediatamente. Edward tinha que encontrar um emprego para ela. Também imediatamente.

Não sabia o sobrenome de Edward, mas ele tinha vindo para Bagdá como secretário de um Dr. Rathbone e, presumivelmente, o Dr. Rathbone era um homem de importância.

VICTORIA empoeou o nariz, alisou o cabelo e partiu escadas abaixo em busca de informações.

O sorridente Marcus, passando pelo hall do seu estabelecimento, saudou-a deliciado.

- Ali, é a Srta. Jones, quer vir comigo e tomar um trago, não quer minha cara? Eu gosto muito de senhoras inglesas. Todas as senhoras inglesas de Bagdá, elas são minhas amigas. Todos estão muito contentes no meu hotel. Vamos, vamos ao bar.

VICTORIA, não de todo avessa a hospitalidade gratuita, consentiu alegremente.

Sentada num banco e bebendo gim, começou a sua procura de informação.

- O senhor conhece algum Dr. Rathbone que acaba de chegar a Bagdá? - perguntou ela.

- Eu conheço todo mundo em Bagdá - disse Marcus Tio alegremente. E todo mundo conhece Marcus. É verdade isso que lhe estou dizendo. Oh! Eu tenho muitos, muitos amigos.

- Acredito que tenha - disse VICTORIA. - O senhor conhece o Dr. Rathbone?

- Na semana passada eu tive o Marechal-do-Ar comandante de todo o Oriente Médio de passagem. Ele diz para mim, "Marcus", seu vilão, eu não vi você desde . Você não ficou nem um pouco mais magro." Oh, êle é um homem muito bom. Gosto muito dele.

- E sobre o Dr. Rathbone. Ele é um homem bom?

- Eu gosto, sabe, de gente que sabe se divertir. Gosto das pessoas serem alegres e jovens e encantadoras... como você. Ele diz para mim assim, aquele Marechal-do-Ar, "Marcus, você gosta demais das mulheres". Mas eu digo pra ele: "Não, o meu mal é eu gostar demais de Marcus..." = Marcus ribombava de riso, interrompendo-se para chamar:

- Jesus... Jesus!

VICTORIA parecia espantada, mas parecia que Jesus era o nome de batismo do homem do bar.

VICTORIA novamente sentiu que o Leste era um lugar esquisito.

Outro gim e laranja, e uísque, - comandou Marcus.

Não creio que eu...

Sim, sim, tomará... são muito, muito fracos.

Sobre o Dr. Rathbone - insistiu VICTORIA.

Essa Sra. Hamilton Clipp... que nome estranho com a qual chegou, ela é americana, não é? Eu também gosto de gente americana, mas gosto mais dos ingleses. Gente americana, eles parecem sempre muito preocupados. Mas algumas vezes, sim, eles são boas praças... O Sr. Summers... você o conhece? Ele bebe tanto quando chega a Bagdá, que vai dormir por três dias e não acorda. É demais isso. Não é bonito.

- Mas naturalmente eu a ajudo. Eu sempre ajudo meus amigos. Você me diz o que quer que seja feito... e imediatamente, será feito. Uma bisteca especial... ou peru cozido muito bom com arroz e passas e ervas... ou pintinhos.

- Não quero pintinhos - disse VICTORIA. - pelo menos não agora - acrescentou prudentemente.

- Eu quero

- Por favor, me ajude - implorou VICTORIA. Marcus pareceu surpreso encontrar esse Dr. Rathbone. Dr. Rathbone, ele acaba de chegar a Bagdá. Com um... com um... secretário.

- Eu não sei - disse Marcus. - Ele não está hospedado no Tio.

A implicação era claramente que alguém que não estava hospedado no Tio não existia para Marcus.

- Mas há outros hotéis - insistiu VICTORIA, - ou talvez ele tenha uma casa?

- Oh, sim, há outros hotéis. Babylonian Palace, Sennacherib, Hotel Zobeida. São bons hotéis, sim, mas não são como o Tio.

- Tenho certeza de que não são - assegurou-lhe VICTORIA. - Mas não sabe se o Dr. Rathbone está hospedado em algum deles? Há uma espécie de sociedade que ele dirige... tem alguma coisa que ver com culturas... e livros.

Marcus tornou-se bastante sério à menção de cultura.

- É do que precisamos - disse ele. - Deve haver muita cultura. Arte e música, é muito bonito, muito bonito realmente. Eu mesmo gosto de sonatas de violino, se não são muito compridas.

Embora completamente de acordo com ele, especialmente quanto ao fim do discurso, VICTORIA apercebeu-se de que não estava chegando mais perto do seu alvo. A conversação com Marcus era, pensava ela, extremamente entretida e Marcus era uma pessoa encantadora em seu entusiasmo infantil pela vida, mas a conversação com ele lembrava-lhe os empenhos de Alice no País das Maravilhas de encontrar um caminho que levasse para a colina. A cada tópico achava-se voltando ao ponto de partida - Marcus!

Recusou outro trago e levantou-se tristemente. Sentiu-se ligeiramente tonta. Os coquetéis tinham sido tudo, menos fracos. Foi do bar para o terraço do lado de fora e ficou no encosto, olhando por sobre o rio, quando alguém falou por detrás dela.

- Desculpe-me mas seria melhor vestir um casaco. Acho que lhe parece como o verão, chegando da Inglaterra, mas fica bastante frio ao por do sol.

Era a inglesa que tinha estado falando com a Sra. Clipp mais cedo. Tinha a voz rouca de alguém que tem o hábito de treinar e chamar cachorros de criação. Usava uma capa de

pele, tinha uma manta sobre os pés e estava bebericando um uísque com soda.

- Oh, obrigada - disse VICTORIA e já estava quase escapando apressadamente quando suas intenções foram frustra- Tenho que apresentar-me. Sou a Sra. Cardew Trench. (A implicação estava clara: uma das Cardew Trenches). -Acredito que chegou com a Sra.... como é o nome dela... Hamilton Clipp.

- Sim - disse VICTORIA, - cheguei.

- Ela me contou que você era a sobrinha do Bispo de Llangow.

VICTORIA ativou-se.

- Foi, é? - perguntou ela com o vestígio correto de ligeiro divertimento.

- Entendi errado, presumo?

VICTORIA sorriu.

- Americanos geralmente estão sujeitos a entenderem errados alguns dos nossos nomes. Soa como Llangow. Meu tio, - disse VICTORIA, improvisando rapidamente, - é o Bispo de Languao.

Languao?

- Sim, no Arquipélago Pacífico. É um bispo colonial, naturalmente.

- Oh, um bispo colonial - disse a Sra. Cardew Trench, com sua voz caindo pelo menos três semitons.

Como VICTORIA tinha antecipado: a Sra. Cardew Trench era magnificamente desapercibida de bispos coloniais.

- Isso explica-o - acrescentou.

VICTORIA pensou com orgulho que isso o explicava muito bem para um mergulho de inspiração momentânea.

- E que é que está fazendo aqui? - perguntou a Sra. Cardew Trench com a benignidade inexorável. que esconde uma disposição de curiosidade natural.

Procurando um jovem com quem falei por alguns momentos num parque público em Londres, dificilmente seria uma resposta que VICTORIA pudesse dar. Falou, lembrando, o parágrafo que tinha lido no jornal e o que tinha contado para a Sra. Clipp.

- Estou me reunindo ao meu tio, Dr. Pauncefoot Jones.

- bem parecido

- Oh, é isso que você é - a Sra. Cardew Trench estava claramente deliciada por ter identificado VICTORIA. - É um homem encantador, embora um pouco distraído... mas acho que isso era de ser esperado. Escutei-o conferenciar o ano Passado em Londres... excelente apresentação... não consegui entender uma palavra a respeito de que era tudo isso.

- Sim, ele passou por Bagdá, faz mais ou menos uma quinzena. Acho que ele mencionou que algumas moças estariam chegando mais tarde na estação.

Apressadamente, tendo estabelecido a sua situação, VICTORIA entrou com uma pergunta.

- Sabe me dizer se o Dr. Rathbone está por aqui? perguntou.

- Acabou de chegar - disse a Sra. Cardew Trench.

Acredito que lhe pediram para fazer uma conferência no instituto na próxima quinta-feira. Sobre relações mundiais e irmandade... ou qualquer coisa assim. Tudo bobagem, se você me

perguntar. Quanto mais você tenta juntar as pessoas, tanto mais ficam suspeitando umas das outras. Toda essa poesia e música e traduzir Shakespeare e Wordsworth em árabe e chinês e hindustam. "Uma primavera à beira do rio" etc.... que adianta isso para gente que nunca viu uma primavera?

- Onde é que ele está hospedado, sabe?

- No Babylonian Palace Hotel, creio. Mas seu quartel-general é perto do museu. O Ramo de Oliveira... nome ridículo. Cheio de jovens mulheres de slack, com pescoços por lavar e óculos.

- Conheço ligeiramente seu secretário - disse VICTORIA.

- Oh sim, qual é seu nome, Edward Coisa... bom rapaz... bom demais para aquele bando de cabeludos; saiu-se bem na guerra, ouvi dizer. No entanto um emprego é um emprego, acredito. Rapaz bem parecido... aquelas jovens mulheres sérias estão bem impressionadas com ele, imagino.

Uma cutilada de ciúme devastador atravessou VICTORIA.

- O Ramo de Oliveira - disse ela. - Onde disse mesmo que era?

- Para cima depois da virada para a segunda ponte. uma das esquinas de Rashid Street... um tanto escondido. Não fica longe do bazar de cobre.

E como está a Sra. Pauncefoot Jones? - continuou a Sra. Cardew Trench. - Virá logo? Escutei dizer que está de saúde abalada?

Mas tendo conseguido as informações que queria, VICTORIA não estava se arriscando mais com invenções. Olhou para seu relógio de pulso e proferiu uma exclamação.

- Nossa! Prometi acordar a Sra. Clipp às seis e meia e ajudá-la a preparar-se para a viagem. Tenho que correr.

A desculpa era bastante legítima se bem que VICTORIA tivesse substituído -seis e meia por sete horas. Correu para cima sentindo-se bastante excitada. Amanhã entraria em contato com Edward no Ramo de Oliveira. Jovens mulheres sérias com pescoços sujos, realmente! Soavam extremamente falhas de atrativos... No entanto, VICTORIA refletia desassossegada que homens são menos críticos de pescoços pardacentos do que mulheres inglesas higiênicas de meia-idade - especialmente se as proprietárias dos ditos pescoços estão olhando com grandes olhos de admiração e adoração ao objeto masculino em questão.

A tarde passou rapidamente. VICTORIA teve uma refeição cedo na sala de jantar com a Sra. Hamilton Clipp, esta última falando três por dois sobre qualquer assunto sob o sol. Instou com VICTORIA para vir e fazer-lhe uma visita mais tarde - e VICTORIA tomou nota do endereço cuidadosamente, porque, afinal de contas, nunca se sabia... Acompanhou a Sra. Clipp para a Estação Norte de Bagdá, viu-a seguramente instalada em seu compartimento e foi apresentada a uma conhecida também viajando para Kirkuk e que ajudaria a Sra. Clipp com a sua toaleta na manhã seguinte.

A máquina proferia gritos altos e melancólicos, como uma alma penada; A Sra. Clipp colocou um grosso envelope na mão de VICTORIA, e disse:

- Apenas uma pequena lembrança, Srta. Jones, de nossa companhia muito agradável, que eu espero que aceite com os meus cumprimentos muito agradecidos.

VICTORIA disse:

- Mas é realmente muita gentileza sua, Sra. Clipp, com voz deliciada.

A máquina soltou mais um grito cruciant de angústia e o trem lentamente começou a sair da estação.

VICTORIA tomou um táxi da estação de volta para o hotel, já que não tinha a menor idéia de como chegar lá de qualquer outro modo e não parecia haver ninguém por perto a quem pudesse perguntar.

Voltando para o Tio, ela correu para cima, para seu quarto e ansiosamente abriu o envelope. Dentro estavam dois pares de meias de nylon.

VICTORIA a qualquer outro momento teria ficado encantada - sendo que meias de nylon geralmente tinham estado além do alcance de sua bolsa. No momento, porém, moeda corrente era o que ela tinha estado esperando. A Sra. Clipp, no entanto, tinha sido delicada demais para pensar em dar-lhe uma nota de cinco dinares. VICTORIA desejava ardentemente que ela não tivesse sido tão delicada assim.

No entanto no dia seguinte haveria Edward. VICTORIA despiu-se, foi para a cama e em cinco minutos estava ferrada no sono sonhando que estava esperando por Edward num aeroporto, mas que ele era impedido a juntar-se a ela por uma moça de óculos que o agarrava firmemente pelo pescoço enquanto o avião começava a afastar-se lentamente..

VICTORIA ACORDOU numa manhã de sol brilhante. Depois de se vestir saiu para o grande terraço à frente da sua janela. Sentado numa cadeira um pouco afastada com suas costas para ela estava sentado um homem com cabelos grisalhos encaracolados crescendo para um pescoço musculoso castanho-avermelhado. Quando o homem voltou a cabeça para o lado, VICTORIA reconheceu, com um sentimento distinto de surpresa, Sir Rupert Crofton Lee. Porque deveria ter

ficado tão surpreendida, ela dificilmente poderia ter dito. Talvez por que ela teria suposto como coisa natural que um VIP assim como Sir Rupert estaria hospedado na Embaixada e não num hotel. Não obstante, ali estava ele, olhando o Tigre com uma espécie de intensidade concentrada. Notou mesmo que ele tinha um par de binóculos pendurados do lado de sua cadeira. Possivelmente, pensou ela, ele estudava pássaros.

Um jovem a quem VICTORIA em certa época tinha achado atraente tinha sido um entusiasta de pássaros e ela o tinha acompanhado em diversas excursões de fim de semana, para ser colocada de pé, como que paralisada, na vegetação molhada e em ventos gélidos, durante o que parecia horas, para

escutar finalmente, em tons de êxtase, para olhar pelo binóculo para algum pássaro insípido num galho remoto que, quanto a sua aparência se comparava desfavoravelmente, até onde VICTORIA podia ver, com um tico-tico ou um pardal comum.

VICTORIA encaminhou-se para baixo, encontrando Marcus Tio no terraço entre os dois edifícios do hotel.

- Estou vendo que o senhor tem Sir Rupert Crofton Lee como hóspede aqui - disse ela.

- Oh, sim - disse Marcus sorrindo. - Ele é um homem bom... um homem muito bom.

- Conhece-o bem ?

- Não, esta é a primeira vez que o vejo. O Sr. Shrivensham, da Embaixada Britânica, o trouxe aqui na noite passada. O Sr. Shrivensham, ele também é homem bom. Eu o conheço muito bem.

Continuando para o café da manhã, VICTORIA ficou a cismar se existia alguém que Marcus não consideraria um homem bom. bom. Ele parecia exercer uma caridade extensiva.

Depois do café, VICTORIA partiu em busca do Ramo de Oliveira.

Como cockney criada em Londres, ela não tinha a menor noção das dificuldades inerentes a encontrar qualquer lugar particular numa cidade assim como Bagdá, até que começou a embarcar na tarefa.

Encontrando Marcus novamente na saída, pediu-lhe para indicar-lhe o caminho para o museu.

- É um museu muito bonito - disse Marcus sorrindo. - Sim. Cheio de coisas interessantes, muito, muito velhas. Não que eu mesmo tenha estado lá. Mas tenho amigos, amigos arqueólogos, que ficam lá sempre que passam por Bagdá, o Sr. Baker, Sr. Richard Baker, conhece-o? E Professor Kalzman? E o Dr. Pauncefoot Jones... e Sr. e Sra. McIntyre... todos eles vêm para o Tio. São meus amigos. E eles me contam sobre o que está no museu. Muito, muito interessante.

- Onde fica e como chego lá?

- Voce vai direto por Rashid Street... sempre em frente... passa pela entrada para a Ponte Feisal e pela Rua dos Bancos. Conhece a Rua dos Bancos?

- Não conheço nada - disse VICTORIA.

- E em seguida há uma outra rua, também indo para uma ponte, e é lá que fica, à direita. Pergunte pelo Sr. Betoun Evans, êle é Conselheiro inglês ali... um homem muito bom. E a mulher dele e muito boa também; ela veio para cá como sargento de transportes durante a guerra. Oh, ela é muito, muito boa.

- Eu na realidade não quero ir para o museu - disse VICTORIA.

Eu... Quero achar um lugar... uma Sociedade... uma espécie de clube chamado Ramo de Oliveira.

- Se quiser azeitonas - disse Marcus, - posso dar-lhe azeitonas lindas, de qualidade muito boa. São guardadas especialmente para mim... para o Hotel Tio. Vai ver, vou mandar-lhe algumas para a sua mesa esta noite.

- É muita gentileza sua - disse VICTORIA e escapou em direção a Rashid Street.

- Para a esquerda - gritou Marcus por detrás dela.

Não para a direita. Mas é um caminho longo para o museu. É melhor pegar um táxi.

- Um táxi saberia onde era o Ramo de Oliveira

- Não. Eles não sabem onde fica coisa alguma. Você diz ao motorista esquerda, direita, pare, em frente... exatamente onde você quer ir.

- Neste caso posso muito bem ir andando - opinou

VICTORIA.

Chegou a Rashid Street e dobrou à esquerda.

Bagdá era completamente diferente da idéia que fazia dela. Uma via principal, apinhada, cheia de gente, carros buzinando violentamente, gente gritando, artigos europeus à venda nas vitrinas das lojas, cuspidelas vigorosas em toda a sua volta com prodigiosos limpadores de pigarras como preliminar. Nenhuma figura misteriosa do Leste, a maioria das pessoas vestindo roupas ocidentais, esfarrapadas ou molambentas, túnicas velhas do Exército ou da Força Aérea, as figuras ocasionais de roupa negra e velada eram quase que inconspícuas; entre os estilos europeus híbridos de vestimenta. Mendigos lamurientos vinham aproximar-se dela - mulheres

com bebês sujos em seus braços. O pavimento sob seus pés era desigual com ocasionais buracos escancarados.

Prosseguiu seu caminho, sentindo-se subitamente estranha e perdida e longe de casa. Aqui não havia encanto de viagem, apenas confusão.

Finalmente chegou à Ponte Feisal, passou por ela e continuou. Apesar de si mesma, ela estava intrigada pela mistura curiosa de coisas nas vitrinas de lojas. Aqui estavam sapatos de bebê e roupinhas de lã, pasta de dentes e cosméticos, lanternas elétricas e xícaras e pires de louça - tudo exibido junto. Lentamente uma espécie de fascinação apoderou-se dela, a fascinação de mercadoria sortida vinda de todo o mundo para satisfazer as necessidades estranhamente sortidas e variadas de uma população mista.

Encontrou o museu mas não o Ramo de Oliveira. Para alguém acostumada a encontrar seu caminho em Londres parecia incrível que não havia ninguém ali a quem pudesse perguntar. Ela não sabia árabe. Aqueles lojistas que lhe falaram em inglês ao passar, apregoando suas mercadorias, apresentaram rostos vazios quando ela perguntava o caminho para o Ramo de Oliveira.

Se alguém pudesse "perguntar a um policial... mas olhando Para os policiais, ativamente agitando os braços, soprando seus apitos, ela se convenceu de que isso não seria solução alguma.

Entrou numa livraria com livros ingleses na vitrina, mas uma menção do Ramo de Oliveira apenas provocou um cortês encolher de ombros e meneio de cabeça. Infelizmente não tinham a menor idéia.

E em seguida, ao caminhar ao longo da rua, um martelar e clamor prodigioso chegou aos seus ouvidos e olhando por uma álea longa e obscura, ela lembrou que a Sra. Cardew Trench tinha dito que o Ramo de Oliveira era perto do Bazar de Cobre. Aqui, finalmente, era o Bazar de Cobre.

VICTORIA mergulhou nele e pelos próximos três quartos de hora esqueceu completamente o Ramo de Oliveira. O Bazar de Cobre a fascinava. As tochas de solda, o metal derretido, todo o negócio do artesanato veio como uma revelação para a pequena cockney, acostumada apenas a produtos acabados empilhados para a venda. Passeava sem destino pelo Suq, passou do Bazar de Cobre, veio para as alegres mantas de cavalo de listras e os edredons de algodão para cama. Aqui a mercadoria européia assumia um ar completamente diferente. Na escuridão fresca, arqueada, tinha a qualidade exótica de algo vindo de ultramar, algo estranho e raro. Peças de algodão barato, estampado, em cores alegres, produziam uma festa para os olhos.

Ocasionalmente com um grito de Balek, Balek, um burro Ou uma mula carregada passava por ela, ou homens carrégando grandes cargas equilibradas em suas costas. Meninos pequenos corriam para ela com travessas penduradas em volta dos seus pescoços.

- Veja, senhora, elástico, bom elástico, elástico inglês. Pente, pente inglês?

As mercadorias eram arremessadas para ela, perto do seu nariz, com instâncias veementes para comprar. VICTORIA andava num sonho contente. Isso era realmente ver o mundo. Em cada volta do vasto mundo arqueado de veredas chegava-se a algo completamente inesperado - uma álea de alfaiates sentados costurando, com lindas ilustrações de roupas de homem européias, uma linha de relógios e joalheria barata. Peças de veludos e brocados ricos bordados de metal, em seguida uma curva por acaso e você estava andando por uma álea de roupas européias de segunda mão, baratas e andrajosos suéteres pequenos pateticamente esmaecidos e desbotados e longos colêtes desgrenhados.

Em seguida aqui e ali havia vislumbres de vastos pátios quietos e abertos para o céu.

Chegou a uma vista de calças de homem, com mercadores dignificados de pernas cruzadas em turbantes sentados no meio dos seus pequenos recessos quadrados.

- Baleck!

Um burrico pesadamente carregado, vindo por detrás fez VICTORIA voltar-se para o lado numa vereda estreita aberta para o céu que se esgueirava entre casas altas. Andando por ela, topou, bem por acaso, com o objeto de sua busca. Por uma abertura olhou para um pequeno pátio quadrado e na parte mais afastada dele uma porta aberta com O RAMO DE OLIVEIRA numa placa enorme e um pássaro de estuque de aspecto impossível segurando um ramo irreconhecível em seu bico.

Alegremente VICTORIA atravessou o pátio e entrou pela porta aberta. Encontrou-se num aposento fracamente iluminado com mesas cobertas de livros e revistas e mais livros arrumados em prateleiras à volta. Parecia um pouco com uma livraria, exceto que havia pequenos grupos de cadeiras arrumadas aqui e ali.

Da escuridão uma moça chegou para perto de VICTORIA e disse em inglês cuidado:

- Em que posso ajudá-la, sim, por favor?

VICTORIA olhou para ela. Usava calças de veludo piquê e uma camisa de flanela laranja e cabelos pretos úmidos, cortados numa espécie de coque deprimido. Até aí pareceria mais de acordo com Bloomsbury, mas seu rosto não era Bloomsbury. Era um rosto melancólico com grandes olhos tristes e um nariz pesado.

- Isto é, é isto... é... o Dr. Rathbone está aqui?

Exasperante ainda não saber o sobrenome de Edward! Mesmo a Sra. Cardew Trench o tinha chamado de Edward Coisa.

- Sim. Dr. Rathbone. O Ramo de Oliveira. Quer juntar-se a nós? Sim? Isso seria muito bom.

- Bem, talvez. Eu... poderia ver o Dr. Rathbone, por favor?

A jovem sorriu de maneira cansada.

- Nós não incomodamos. Eu tenho um formulário. Eu lhe conto tudo sobre tudo. Em seguida você assina seu nome. São dois dinares, por favor.

- Ainda não estou certa de que vou querer aderir disse VICTORIA, alarmada à menção de dois dinares. - Eu gostaria de ver o Dr. Rathbone... ou o seu secretário. Seu secretário será suficiente.

- Eu explico. Eu lhe explico tudo. Somos todos amigos aqui, amigos juntos, amigos para o futuro... lendo livros muito bons educacionais

... recitando poesias uns para os outros.

- O secretário do Dr. Rathbone - disse VICTORIA alto e claramente. - Ele me pediu particularmente que perguntasse por ele.

Uma espécie de amuobstinado insinuou-se no rosto da jovem.

- Hoje não - insistiu ela - eu explico...

- Por que não hoje? Ele não está aqui? O Dr. Rathbone não está aqui?

- Siiiiimm, o Dr. Rathbone está aqui. Está em cima. Nós não incomodamos.

Uma espécie de intolerância anglo-saxônica para com estranhos se apoderou de VICTORIA. Infelizmente, ao invés do Ramo de Oliveira criar sentimentos amistosos internacionais, parecia ter o efeito oposto no que se referia a ela.

- Acabei de chegar da Inglaterra - disse ela e seu sotaque era quase o da própria Sra. Cardew Trench. - E eu tenho uma mensagem muito importante para o Dr. Rathbone, mas tenho que entregar-lhe pessoalmente. Por favor, leve-me a ele imediatamente! Sinto muito perturbá-lo mas tenho que falar com ele. Imediatamente! - acrescentou, para encerrar o assunto.

Diante de uma britânica imperativa que está disposta a conseguir o que quer, as barreiras quase sempre caem. A jovem voltou-se imediatamente e mostrou o caminho para os fundos da sala e escada acima, ao longo de uma galeria que dava para o pátio. Parou diante de uma porta e bateu. Uma voz de homem disse:

- Entre!

A cicerone de VICTORIA abriu a porta e fez um gesto para VICTORIA passar para dentro.

- É uma senhora da Inglaterra para falar-lhe.

VICTORIA entrou.

De trás de uma grande escrivaninha coberta de papéis um homem levantou-se para cumprimentá-la.

Era um homem de aspecto imponente, idoso, de cerca de sessenta anos, com uma testa alta, arqueada e cabelos brancos. Benevolência, bondade e encanto eram as qualidades mais aparentes de sua personalidade. Um produtor de espetáculos o poderia ter designado sem hesitação para o papel do grande filantropo.

Cumprimentou VICTORIA com um sorriso quente e uma mão estendida.

- Então acabou de vir da Inglaterra - disse e e. A primeira visita ao Oriente, hein?

- Sim.

- Gostaria de saber o que pensa de tudo isso... Tem que me contar um dia. Agora, deixe-me ver, será que já a encontrei antes ou não? Eu sou tão míope e você não deu o seu nome.

- Não me conhece - disse VICTORIA, - mas sou amiga de Edward.

- Uma amiga de Edward - disse o Dr. Rathbone. Ora, isso é esplêndido. Edward sabe que está em Bagdá?

- Não - disse VICTORIA.

- Bem, será uma surpresa agradável quando voltar.

- Voltar? - repetiu VICTORIA, sua voz sumindo.

- Sim, Edward está em Basrah no momento. Tive que mandá-lo lá para tratar de alguns engradados de livros que chegaram pra nós. Houve uma demora extremamente vexatória na Alfândega... simplesmente não conseguimos fazê-los passar. O toque pessoal é a única coisa e Edward é bom para essa espécie de coisa. Ele sabe exatamente quando encantar e quando fincar o pé e não descansará enquanto não tiver a coisa resolvida. É persistente. Uma grande qualidade num jovem. Penso muito bem sobre Edward.

Seus olhos cintilaram.

- Mas não suponho que tenha que cantar as loas de Edward a você, minha jovem.

- Quando... quando Edward estará de volta de Basrah? - perguntou VICTORIA fracamente.
- Bem isso... agora, eu não poderia dizer. Não voltará enquanto não tiver terminado o serviço... e não se podem apressar as coisas demais neste país. Diga-me onde está hospedada e eu assegurarei que ele entre em contato com você logo que voltar.
- Eu estava pensando... - VICTORIA falava desesperadamente consciente dos seus embaraços financeiros. - Eu estava pensando se não poderia fazer algum trabalho aqui.
- Ora, isso eu aprecio - disse o Dr. Rathbone confiantemente. - Sim, é claro que pode. Precisamos de todos os trabalhadores, de todo auxílio que possamos conseguir. E especialmente moças inglesas. Nosso trabalho está indo esplendidamente, bem esplendidamente - mas há muito mais para ser feito. No entanto, as pessoas estão interessadas. Eu tenho trinta auxiliares voluntários até agora... trinta... todos afiados como navalhas! Se está realmente falando sério, poderá ser extremamente valiosa.

A palavra voluntário soou desagradavelmente aos ouvidos de VICTORIA.

- Eu na realidade queria um emprego remunerado -disse ela.
- Ora, ora! - o rosto do Dr. Rathbone caiu. - Isso já é mais difícil. Nossa equipe paga é bastante reduzida e para o momento, com o auxílio voluntário, é bastante adequada.
- Não posso me permitir não aceitar um emprego - explicou VICTORIA. - Sou uma esteriodatilógrafa competente acrescentou sem corar.

- Tenho certeza de que é competente, minha querida senhorita; está irradiando competência, se posso dizer assim. Mas conosco é uma outra questão. Mas mesmo se aceitar um emprego em outro lugar espero que nos ajudará no seu tempo livre. A maioria dos nossos trabalhadores tem seus próprios empregos regulares. Tenho certeza de que achará ajudar-nos realmente inspirador. Deve haver um fim para toda a selvageria no mundo, as guerras, os mal-entendidos, as suspeitas, Um campo de encontro comum, é disso que todos nós precisamos. Drama, arte, poesia... as grandes coisas do espírito... não há lugar aí para picuinhas ou ódios.

- N-não - disse VICTORIA em dúvida, lembrando-se de amigos seus que eram atrizes e artistas e cujas vidas pareciam obsecadas pelas ciúmeiras das espécies mais triviais e por ódios de uma virulência particularmente intensa.

- Mandei traduzir o Sonho de uma Noite de Verão para quarenta línguas diferentes - disse o Dr. Rathbone. - Quarenta equipes diferentes de pessoas jovens todos reagindo à mesma peça maravilhosa de literatura. Pessoas jovens, e esse o segredo. Não tenho uso para ninguém mais a não ser jovens. O espírito e a mente uma vez esclerosados, é tarde demais. Não, são os jovens que têm que encontrar-se. Tome aquela moça lá de baixo, Catarina, a que a trouxe cá para cima. É síria de Damasco. Você e ela são provavelmente da mesma idade. Normalmente vocês nunca se encontrariam, não teriam nada em comum. Mas no Ramo de Oliveira você e ela e muitos, muitos outros, russos, judeus, iraquianos, moças turcas, armênias, egípcias, persas, todas se encontram e gostam uns dos outros e lêem os mesmos livros e discutem filmes e música (temos excelentes conferencistas que vêm para cá) todos vocês descobrindo e ficando excitados por encontrarem um ponto de vista diferente... ora, isso é o que o mundo está destinado a ser.

VICTORIA não pode furtar-se a pensar que o Dr. Rathbone estava ligeiramente otimista demais em presumir que todos aqueles elementos divergentes que se estavam encontrando, necessariamente gostariam uns dos outros. Ela e Catarina, por exemplo, não tinham gostado uma da outra no mínimo. E VICTORIA fortemente suspeitava de que, quanto mais vissem uma à outra, tanto mais o seu desagrado cresceria.

Edward é esplêndido - disse o Dr. Rathbone. - Se dá con todo mundo. Melhor talvez com as moças do que com os homens jovens. Os estudantes masculinos aqui estão propensos a serem um pouco difíceis a princípio, suspeitosos, quase hostis. Mas as moças adoram Edward, farão qualquer coisa por ele. Ele e Catarina, se dão especialmente bem.

- Realmente - disse VICTORIA friamente. Seu desagrado de Catarina cresceu ainda mais intensamente.

- Bem - disse o Dr. Rathbone, sorrindo, - venha e ajude-nos se puder.

Era uma despedida. Apertou-lhe a mão cálidamente. VICTORIA saiu da sala e desceu as escadas. Catarina estava em pé próximo à porta, falando com uma moça que tinha acabado de entrar com uma pequena mala em sua mão. Era uma morena de boa aparência e por justamente um momento VICTORIA imaginou que já a tinha visto antes em algum lugar. Mas a moça olhou-a sem qualquer sinal de reconhecimento. As duas jovens tinham estado a conversar avidamente em alguma língua que VICTORIA não conhecia. Pararam quando a viram e permaneceram silenciosas, olhando para ela. Passou por elas para a porta, forçando-se a dizer "Até logo", polidamente, para Catarina, enquanto saía.

Encontrou seu caminho da álea tortuosa para Rashid Street e lentamente de volta para o hotel, de olhos cegos para a multidão em sua volta. Tentou impedir a sua mente a preocupar-se com a sua própria situação (sem tostão em Bagdá), fixando seu pensamento no Dr. Rathbone e a

arrumação geral do Ramo de Oliveira. Edward tinha tido a impressão em Londres que havia algo que "cheirava mal" sobre esse homem. Que cheirava mal? O Dr. Rathbone? Ou o próprio Ramo de Oliveira?

VICTORIA dificilmente podia acreditar que havia algo cheirando mal acerca do Dr. Rathbone. Parecia ser um desses entusiastas mal orientados que insistem em ver o mundo pela sua própria maneira idealista, independente das realidades.

Que teria Edward querido dizer com cheirando mal? Tinha sido muito vago. Talvez que êle próprio não soubesse.

Poderia o Dr. Rathbone ser alguma espécie de vigarista colossal?

VICTORIA recém-vinda do seu encanto acalentador de maneiras, meneou a cabeça. Suas maneiras de fato tinham mudado, se bem que tão ligeiramente, à idéia de lhe pagar um salário. Claramente ele preferia pessoas que trabalhavam por nada.

Mas isso, pensou VICTORIA, era um sinal de senso comum.

O Sr. Greenholtz, por exemplo, teria sentido exatamente o mesmo.

Victoria chegou de volta ao Tio, de pés bastante doloridos, para ser cumprimentada entusiasticamente por Marcus, que estava sentado fora, no gramado sobre o rio, falando com um homem magro bastante mal vestido, de meia-idade.

- Venha tomar um trago conosco, Srta. Jones. Martini... sidecar? Este é o Sr. Dakin. A Srta. Jones, da Inglaterra. Então, minha cara, que vai tomar?

VICTORIA disse que gostaria de um sidecar "e algumas dessas lindas nozes?" sugeriu ela esperançosa, lembrando-se de que nozes eram nutritivas.

- Você gosta de nozes. Jesus! - ele deu a ordem em arabe rápido. O Sr. Dakin disse com voz triste que ele gostaria de ter uma limonada.

- Ah - gritou Marcus, - mas isso é ridículo. Ah! Aqui está a sua Sra. Cardew Trench. Conhece o Sr. Dakin? Que vai tomar?

- Gim e lima - disse a Sra. Cardew Trench, inclinando a cabeça na direção de Dakin de maneira distraída. - Parece que você está com calor - acrescentou para VICTORIA.

- Tenho estado a andar admirando a vista.

Quando as bebidas vieram, VICTORIA comeu um grande prato cheio de nozes de pistacho e também algumas batatas fritas.

Dentro em pouco um homem baixo atarracado subiu os degraus e o hospitaleiro Marcus o cumprimentou por sua vez. Foi apresentado a VICTORIA como o Capitão Crosbie; e pela maneira como seus olhos ligeiramente protuberantes olhavam para ela VICTORIA, compreendeu que ele era suscetível aos encantos femininos.

- Acaba de chegar? - perguntou êle.

- Ontem.

- Pensei tê-la visto por aqui.

- Ela é muito boa e bonita, não é? - disse Marcus alegremente.

- Oh, sim, é bom estarmos com a Srta. VICTORIA.

- Vou dar uma festa em homenagem a ela... uma festa muito bonita.

- Com pintos? - perguntou VICTORIA esperançosa.

- Sim, sim... e foie gras... foie gras de Estrasburgo. * e talvez caviar - e em seguida teremos um prato com Peixe - muito bom - um peixe do Tigre, mas tudo com molho e cogumelos. E em seguida vem um peru recheado de maneira que o fazemos na minha casa: com arroz e passa e condimentos, e tudo cozido assim! Oh, é muito bom... mas vocês têm que comer muito disso... não apenas uma arnostrinha numa colher. Ou se preferirem comerão uma bisteca... uma bisteca realmente grande e tenra... eu tratarei disso. Vamos ter um longo jantar que se prolongará por horas. Vai ser muito bonito. Eu mesmo não como... eu apenas bebo.

- Será encantador - disse VICTORIA com voz sumida. A descrição desses pratos a fazia sentir-se bastante trêmula de fome. Ela pensava se Marcus estava realmente disposto a fazer essa festa e, caso afirmativo, com que pressa possível ela poderia acontecer.

- Pensei que tinha ido -para Basrah? - disse a Sra. Cardew Trench a Crosbie.

- Voltei ontem - respondeu Crosbie.

Olhou para cima ao terraço.

- Quem é o bandido? - perguntou. - Sujeito de fantasia com o chapelão?

- Esse, meu caro, é Sir Rupert Crofton Lee - disse Marcus. - O Sr. Shrivenham o trouxe aqui da Embaixada na noite passada. É um homem muito bom, viajante muito distinguido. Anda de camelo pelo Saara, sobe montanhas. É bastante desconfortável e perigoso, essa espécie de vida. Eu não gostaria dela para mim.

- Oh, é esse o sujeito, não é? - disse Crosbie - li o livro dele.

- Vim com ele no mesmo avião - disse VICTORIA.

É a bebida - disse Marcus. Suspirou fundo. - Eu bebo muito demais. Esta noite vêm minha irmã e o marido dela. Vou beber e beber e beber, até quase de manhã - suspirou novamente; em seguida proferiu seu urro costumeiro: - Jesus! Jesus! Traga a mesma coisa outra vez.

- Para mim não - disse VICTORIA apressadamente e o Sr. Dakin recusou também, terminou a sua limonada e trotou embora suavemente enquanto Crosbie subia para o seu quarto.

Ambos os homens, ou assim lhe parecia, olhavam-na com interesse.

- É espantosamente convencido e satisfeito consigo mesmo disse VICTORIA com desprezo.

Conheci a tia dele em Simla - disse a Sra. Cardew Trench. - A família toda é assim. Inteligentes à beça, mas não podem deixar de se vangloriar disso.

- Ele tem estado sentado lá fora, não fazendo nada a manhã toda - interpôs VICTORIA com ligeira desaprovação.

- É o estômago dele - explicou Marcus. - Hoje não pode comer nada. É triste.

- Eu não posso pensar - disse a Sra. Cardew Trench - porque você é deste tamanho, Marcus, quando você não come nada.

A Sra. Cardew Trench tocou o copo de Dakin com a unha.

- Limonada, como sempre? - disse ela. - Mau sinal. VICTORIA perguntou porque era mau sinal.

- Quando um homem bebe somente quando está sozinho. - Sim, minha cara - interpôs Marcus. - Isso é verdade.

Então, ele realmente bebe? - perguntou VICTORIA.

É porque ele nunca progrediu - disse a Sra. Cardew Trench.

- Apenas consegue manter seu emprego e isso é tudo. - Mas é um homem muito bom - disse o caridoso Marcus.

- Pah - respondeu a Sra. Cardew Trench. - É um Peixe molhado. Fuça e anda por aí... nenhum tutano... nenhum controle da vida. Apenas outro inglês que foi para o Oriente e deteriorou.

Ela precisava conseguir algum dinheiro - ou conseguir um emprego - qualquer emprego, colar selos num escritório, servir num restaurante

... De outra forma a mandariam para

Agradecendo a Marcus pela bebida e recusando uma segunda, VICTORIA subiu para seu quarto, tirou seus sapatos e deitou-se na cama para uns pensamentos sérios. As três libras e pouco às quais seu capital tinha ficado reduzido, já eram devidas, ao que imaginava, a Marcus para acomodação e comida. Devido à sua disposição generosa e se conseguisse sustentar a vida principalmente com líquidos alcoólicos ajudados por nozes, azeitonas e batatinhas fritas, ela poderia resolver o problema puramente alimentar dos próximos poucos dias. Quanto tempo levaria Marcos a presenteá-la com a conta e quanto tempo deixaria passar sem que fosse paga? Não tinha idéia. Ele não era realmente descuidado, pensava ela, em assuntos de negócios. Naturalmente deveria encontrar algum outro lugar mais barato para viver. Mas como poderia ela descobrir aonde ir? Ela devia encontrar um emprego - rapidamente. Mas onde é que a gente se candidatava para empregos? Que espécie de emprêgo? A quem poderia perguntar sobre procurar um? Como era terrivelmente cerceador da liberdade de movimentos estar desembarcada praticamente sem tostão numa cidade estrangeira, onde não se conheciam os macetes. Com apenas um pouco de conhecimento do terreno, VICTORIA se sentia confiante (como sempre) de que poderia tomar conta de si mesma. Quando é que Edward estaria de volta de Basrah? Talvez (horror) Edward tivesse esquecido dela completamente. Por que cargas d'água tinha ela vindo para Bagdá correndo dessa forma asinina? Quem e o que era Edward, no final de contas? Apenas outro jovem com um sorriso cativante e uma maneira atraente de dizer as coisas. E qual - qual era seu sobrenome? Se ela soubesse isso, poderia mandar-lhe um telegrama - não, não servia, nem mesmo sabia onde estava hospedado. Não sabia nada - Isso era o empecilho - era isso que a incomodava.

E não havia ninguém a quem pudesse pedir conselho. Não a Marcus que era bondoso, mas que nunca escutava. Não à Sra. Cardew Trench (que tinha tido suspeitas desde o princípio). Não à Sra. Hamilton Clipp, que tinha desaparecido para Kirkuk. Não ao Dr. Rathbone...

um cônsul e ela seria repatriada para a Inglaterra e nunca mais veria Edward...

Neste ponto, esgotada pela emoção, VICTORIA adormeceu.

Acordou algumas horas mais tarde e decidindo que poderia tanto ser enforcada por um carneiro como por um cordeiro, desceu para o restaurante e batalhou seu caminho valentemente por todo o cardápio, que era bem generoso. Quando tinha terminado, sentiu-se ligeiramente como uma gibóia, mas definitivamente animada.

- Não adianta preocupar-me mais - pensou VICTORIA.

Vou deixar tudo para amanhã. Algo pode aparecer, ou eu poderei pensar em algo, ou Edward pode voltar.

Antes de ir para a cama, passeou até o gramado ao lado do rio. Desde que no sentir dos moradores de Bagdá era inverno ártico, ninguém mais estava ali, exceto um dos garçons que estava debruçado sobre uma amurada, olhando para a água. e saltou com um sentimento de culpa, quando VICTORIA apareceu, apressando-se a voltar ao hotel pela entrada de serviço.

VICTORIA, a quem, vindo da Inglaterra, parecia uma noite de verão comum com um ligeiro aroma no ar, ficou encantada pelo Tigre visto à luz do luar com a margem afastada parecendo misteriosa e oriental com sua moldura de palmeiras.

- Bem, de qualquer forma, cheguei até aqui - disse VICTORIA, animando um bocado; - e eu me ajeitarei de qualquer forma. Qualquer coisa tem que acontecer.

Com este pronunciamento à moda de Micawber, ela subiu, foi para a cama e o garçom saiu de novo, sorrateiramente. e concluiu a sua tarefa de prender uma corda cheia de nós, de modo que ficou pendurada para a margem do rio.

Dentro de pouco outra figura saiu das sombras e juntou-se a ele. O Sr. Dakin disse em tom baixo:

- Tudo em ordem?

- Sim senhor, nada suspeito a relatar.

Tendo completado a tarefa para sua satisfação, o Sr. Dakin voltou para as sombras, trocou o casaco branco de garçom pelo seu próprio, azul listrado indefinido, e perambulou suavemente ao longo do gramado até que ficou destacado contra a beira da água, justamente onde a escada levava à rua embaixo.

- Está ficando bastante frio às noites agora - disse Crosbie, vindo do bar para reunir-se a ele. - Suponho que você não o sente tanto, vindo do Teerã.

Ficaram ali por um momento ou dois, fumando. A não ser que levantassem as vozes, ninguém podia ouvi-los. Crosbie disse mansamente:

- Quem é a pequena?

- Sobrinha aparentemente do arqueólogo Pauncefoot Jones.

Oh, bem... isso deveria estar em ordem. Mas vindo no mesmo avião que Crofton Lee...

Certamente será bom - disse Dakin - não tomar nada como certo."

Os homens fumaram em silêncio por alguns momentos.

Você realmente acha aconselhável mudar a coisa da Embaixada para cá?

- Acho, sim.

- Apesar de toda a coisa estar arranjada até o mínimo detalhe em Basrah... e isso saiu errado.

Oh, eu sei. Mohammed Salah Hassan, aliás, foi envenenado.

Sim, ele seria. Havia qualquer sinal de alguma abordagem ao Consulado?

Suspeito de que possa ter havido um bocado de encrenca ali. Um cara puxou um revólver - pausou e acrescentou: - Richard Baker o agarrou e desarmou-o.

- Richard Baker - disse Dakin pensativamente.

- Conhece-o? Ele é...

- Sim, conheço.

Houve uma pausa e então Dakin disse:

- Improvisação. É no que estou jogando. Se nós temos, como você diz, tudo arrumado, e nossos planos são conhecidos, então é fácil para o outro lado ter-se arrumado também. Eu duvido muito que Carmichael. teria conseguido chegar mesmo perto da Embaixada... e mesmo que tivesse chegado lá - . -

- meneou a cabeça.

Aqui, apenas você, eu e Crofton Lee estamos a par do que está acontecendo.

Eles saberão que Crofton Lee mudou para cá da Embaixada.

- Oh, naturalmente. Isso era inevitável. Mas você não vê, Crosbie, que qualquer que seja o espetáculo que armem contra a nossa improvisação terá que ser improvisado também? Tem que ser pensado apressadamente e arranjado apressadamente. Tem que vir, por assim dizer, do lado de fora. Não importa que alguém tenha se estabelecido no Til seis meses atrás esperando. O Til nunca esteve na cena até agora. Nunca houve qualquer idéia ou sugestão de usar o Tio como lugar de encontro.

Olhou para seu relógio.

- Vou subir e falar com Crofton Lee.

A mão erguida de Dakin não teve necessidade de bater na porta de Sir Rupert. Ela abriu-se silenciosamente para deixá-lo entrar.

O viajante somente tinha uma pequena lâmpada de leitura acesa e tinha colocado sua cadeira a seu lado. Ao sentar-se de novo, empurrou suavemente uma pequena automática na mesinha ao alcance da mão.

Falou:

- Que tal, Dakin? Acha que ele virá?

- Acho que sim, Sir Rupert. - Em seguida disse:

- Nunca chegou a encontrar-se com ele, não foi?

O outro meneou a cabeça.

- Não. Espero encontrá-lo esta noite. Aquele jovem, Dakin, deve ter tutano.

- Oh, sim - disse o Sr. Dakin com a sua voz inexpressiva. - Ele tem tutano.

Parecia um pouco surpreso pelo fato de que isso tinha que ser constatado.

Não quero dizer apenas coragem - disse o outro. Muita coragem na guerra magnificente... quero dizer...

- Imaginação? - sugeriu Dakin.

- Sim. Ter a coragem de acreditar em alguma coisa que não é provável da menor proporção. Arriscar sua vida por achar que uma história ridícula não é de todo ridícula. Isso requer alguma coisa que o jovem moderno geralmente não tem. Espero que ele venha.

- Acho que virá - disse o Sr. Dakin.

Sir Rupert olhou-o insistentemente.

- Você tem tudo arranjado?

- Crosbie está na varanda e eu ficarei vigiando a escada. Quando Carmichael chegar a você, bata na parede e eu entrarei.

Crofton Lee fez que sim com a cabeça.

Dakin saiu mansamente da sala. Dobrou à esquerda, dirigiu-se ao terraço e foi para o canto oposto. Aqui também uma corda cheia de nós caía por sobre a amurada e chegava à terra na sombra de um eucalipto e alguns arbustos de olaia.

O Sr. Dakin voltou passando pela porta de Crofton Lee, para seu próprio quarto além. Seu quarto tinha uma segunda porta, levando para a passagem por detrás dos quartos e abria a alguns metros do alto da escada. Com esta porta discretamente aberta, o Sr. Dakin aprontava-se para a sua vigília.

Foi cerca de quatro horas mais tarde que uma gufa, uma embarcação primitiva do Tigre, veio mansamente, correnteza abaixo, e chegou à margem do baixio enlameado, embaixo do Hotel Tio. Alguns momentos mais tarde uma figura magra subiu pela corda e ficou agachada entre as olaias.

TINHA siDo intenção de VICTORIA ir para a cama, dormir e deixar todos os problemas para a manhã seguinte, mas, tendo dormido já a maior parte da tarde, ela se sentia devastadoramente bem acordada.

Finalmente ligou a luz, terminou uma história da revista que tinha estado lendo no avião, serziu. as suas meias, experimentou as meias novas de nylon, escreveu diversos anúncios diferentes procurando emprego (ela podia perguntar pela manhã onde estes deviam ser publicados), escreveu três ou quatro cartas experimentais à Sra. Hamilton Clipp, cada qual apresentando um conjunto diferente e mais engenhoso de circunstâncias que tinha resultado nela ficando enalhada em Bagdá, esboçou um ou dois telegramas pedindo ajuda ao seu único parente sobrevivente, um cavalheiro muito velho, ranzinza e desagradável no Norte da Inglaterra, que nunca tinha auxiliado ninguém em sua vida, experimentou um novo tipo de penteado e, finalmente, com um súbito bocejo, resolveu que enfim ela estava desesperadamente sonolenta e pronta para a cama e o repouso.

Foi neste momento que, sem qualquer aviso, a porta do seu dormitório se abriu, um homem se esgueirou para dentro, rodou a chave na fechadura atrás dele e lhe disse com urgência:

- Pelo amor de Deus, me esconda em algum lugar... rápido...

As reações de VICTORIA nunca foram lentas. Num piscar de olhos ela tinha notado a respiração laboriosa, a voz sumida, a maneira pela qual o homem segurava um velho lenço vermelho de tricô amassado contra o peito com uma mão desesperadamente agarrada. Mexeu-se imediatamente em reação para a aventura.

O quarto não se prestava a muitos lugares de esconderijos. Havia o armário, um gaveteiro, uma mesa e o pechinché extremamente pretensioso. A cama era grande, quase dupla e memórias de brincadeiras infantis de esconder tornaram as reações de VICTORIA imediatas.

- Depressa - disse ela. Tirou travesseiros e levantou a colcha e fronha. O homem se deitou sobre a cama. VICTORIA puxou fronha e colcha sôbre ele, amontoou os travesseiros por cima e sentou-se na beira da cama.

Quase imediatamente veio uma batida insistente à porta.

VICTORIA chamou: - Quem é? - numa voz levemente alarmada.

- Por favor - disse uma voz masculina de fora. - Abra, por favor, é a polícia.

VICTORIA atravessou o quarto, puxando seu peignoir em sua volta. Ao fazê-lo notou o lenço vermelho tricotado do homem no chão, levantou-o e jogou-o numa gaveta, em seguida girou a chave e abriu um pouco a porta do quarto, olhando para fora com uma expressão de alarme.

Um jovem de cabelos escuros, de terno malva listrado estava do lado de fora e atrás dele estava um homem num uniforme de oficial da polícia.

- Que é que há? - perguntou VICTORIA, deixando um tremor entrar em sua voz.

O jovem sorriu rsonho e falou num inglês bastante passável:

- Sinto tanto, senhorita, em perturbá-la a estas horas -disse ele - mas estamos com um criminoso fugido. Ele correu para dentro deste hotel. Temos que procurar em todos os quartos. É um homem muito perigoso.

- Nossa! - VICTORIA recuou abrindo a porta em par.

Entre, por favor e veja. Que assustador. Olhe no banheiro, por favor. Oh! e no armário... e, será, incomodar-se-la em

olhar por debaixo da cama? Ele pode ter estado aí a noite toda.

A busca foi muito rápida.

- Não, não está aqui.

- Tem certeza de que não está debaixo da cama? Ora, que estúpido de minha parte. Ele não pode estar aqui de modo algum. Eu fechei a porta quando fui para a cama.

- Obrigado, senhorita, e boa noite.

O jovem inclinou-se e retirou-se com seu assistente uniformizado.

VICTORIA, seguindo-o até a porta perguntou: Não é melhor fechar de novo? Para estar segura. Sim, será melhor, certamente. Obrigado.

VICTORIA fechou a porta de novo e ficou ao lado dela por alguns minutos. Escutou os oficiais de polícia baterem da mesma forma a porta do outro lado do corredor, ouviu a porta abrir-se, uma troca de comentários e a voz rouca indignada da Sra. Cardew Trench e em seguida a porta se fechando. Reabriu-se alguns minutos mais tarde e som de passos movimentou-se para mais longe no corredor. A batida seguinte veio de muito mais longe.

VICTORIA voltou-se e caminhou pelo quarto para a cama. Teve uma noção de que provavelmente tinha sido excessivamente boba. Arrastada pelo espírito romântico e pelo som de sua própria língua, impulsivamente tinha dado auxílio a quem era provavelmente um criminoso extremamente perigoso. Uma disposição de estar do lado do caçado contra o caçador às vezes traz conseqüências desagradáveis. Ora, pensou VICTORIA, agora estou metida nisso de qualquer jeito!

De pé ao lado da cama disse brevemente:

- Levante-se.

Não houve movimento e VICTORIA disse asperamente, embora sem levantar a voz.

- Já foram embora. Pode levantar-se agora.

Mesmo assim não houve sinal de movimento debaixo do monte de travesseiros ligeiramente levantado. Impacientemente VICTORIA jogou-os todos para baixo.

O jovem estava deitado exatamente como o tinha deixado. Mas agora seu rosto estava de uma cor cinzenta esquisita e seus olhos estavam fechadosEntão, com uma súbita detenção da respiração, VICTORIA notou algo mais - uma mancha vermelha brilhante filtrandb-se para o lençol.

Oh, não - exclamou VICTORIA, quase como que implorando a alguém. - Oh, não! - Não!

E como que em reconhecimento deste apelo o homem ferido abriu os olhos. Olhou-a, olhou como de muito longe para algum objeto que não estava seguro de estar vendo.

Seus lábios se entreabriram - o som era tão tênue que VICTORIA quase não escutou.

Abaixou-se.

- O quê?

Ouviu desta vez. Com dificuldade, grande dificuldade, o jovem disse duas palavras. Se ela as escutava corretamente ou não, VICTORIA não sabia. Pareciam a ela bastante sem sentido e significado. O que ele dizia era:

- Lucifer... Basrah...

As pálpebras baixavam e tremiam sobre os olhos ansiosos escancarados. Disse mais uma palavra - um nome. Em seguida sua cabeça sacudiu-se um pouco para trás e ele ficou quieto.

VICTORIA ficou bem firme, seu coração batendo violentamente. Estava agora cheia de uma pena intensa e de aborrecimento. Não tinha idéia do que fazer em seguida. Tinha que chamar alguém - fazer vir alguém. Ela estava afi, sózinha, com um homem morto e mais cedo ou mais tarde a polícia iria querer uma explicação.

Enquanto seu cérebro trabalhava rapidamente na situação, um pequeno ruído fez sua cabeça voltar-se. A chave tinha caído da porta do seu dormitório e, enquanto estava olhando para ela, escutou o ruído da fechadura girando. A porta abriu-se e o Sr. Dakin entrou, cuidadosamente, fechando a porta atrás dele.

Caminhou para ela, dizendo mansamente:

- Bom trabalho, querida. Você pensa depressa. Como é que ele está?

Com a voz engasgada VICTORIA disse:

- Penso que está... está morto.

Viu o rosto do outro alterar-se, captou apenas um lampejo de raiva intensa, e então o seu rosto era justamente como o tinha visto no dia anterior - só que agora lhe parecia que a indecisão e flacidez do homem tinham desaparecido, dando lugar para algo muito diferente.

Ele abaixou-se - e gentilmente afrouxou a túnica esfarrapada.

- Esfaqueado, limpo, pelo coração - disse Dakin ao endireitar-se. - Era um rapaz bravo... e esperto.

VICTORIA encontrou a sua voz.

- A polícia esteve aqui. Disseram que era um criminoso. Era um criminoso?

- Não não era um criminoso.

- Eles eram.... eram da polícia?

- Não sei - disse Dakin. - Podem ser. É tudo a mesma coisa.

Em seguida perguntou:

- Ele disse alguma coisa... antes de morrer?

- Sim.

- O que era?

- Ele disse Lucifer... e em seguida Basrah. E depois de Uma pausa ele disse um nome... parecia um nome francês... mas pode ser que eu não tenha entendido direito.

- O que lhe parecia?

- Creio que era Lefarge.

- Lefarge - repetiu Dakin pensativamente.

- Que significa tudo isso? - perguntou VICTORIA e acrescentou com certo desânimo: - E que devo fazer?

- Temos que tirá-la disso até onde pudermos - disse Dakin.

- Quanto a que vem a ser tudo isso, voltarei e lhe direi mais tarde. A primeira coisa a fazer é localizar Marcus. O hotel é dele e Marcus tem muito senso comum, embora a gente não se aperceba disso, às vezes, ao falar com ele. Vou localizá-lo. Não terá ido para a cama. É apenas uma e meia. Ele raramente vai para a cama antes das duas horas. Apenas trate de sua aparência antes que eu o traga para cá. Marcus é muito suscetível à beleza em apuros.

Saiu do quarto. Como que num sonho ela foi para a penteadeira, penteou o cabelo para trás, pintou seu rosto numa palidez que lhe ficava bem e deixou-se cair numa cadeira ao escutar passos que se aproximavam. Dakin entrou sem bater. Por trás dele se avolumava o vulto de Marcus Tio. Desta vez Marcus estava sério. O sorriso costumeiro não estava em sua face.

- Agora, Marcus - disse o Sr. Dakin - voce deve fazer o que puder a respeito disso. Foi um choque terrível para esta pobre moça. O camarada entrou, desmoronou... ela tem um coração muito gentil e escondeu-o da polícia. E agora está morto. Ela não devia tê-lo feito, talvez, mas moças têm o coração mole.

- Naturalmente ela não gostou da polícia - disse Marcus. - Ninguém gosta da polícia. Eu não gosto da polícia, mas eu tenho que estar de bem com eles por causa do meu hotel. Quer que eu os engraxe com dinheiro?

- Queremos apenas ficar livres do corpo em silêncio.

- Isso é muito bonito, minha cara. E eu, também, não quero um cadáver no meu hotel. Mas é, como você diz, não tão fácil de fazer?

- Acho que poderá ser feito - disse Dakin. - Você tem um médico na família, não é?

- Sim, Paul, o marido de minha irmã, é médico. É um rapaz muito bom. Mas eu não o quero metido em encrencas.

- Não vai ficar - disse Dakin. - Escute, Marcus. Nós levamos o corpo do quarto da Srta. Jones para o meu quarto. Isso a tira fora. Em seguida eu uso o seu telefone. Dentro de dez minutos um jovem vem cambaleando para dentro do hotel da rua. Ele está muito bêbado, aperta o lado. Ele quer falar comigo a plenos pulmões. Vai cambaleando para o meu quarto e desfalece. Eu saio, chamo você e peço um médico. Você apresenta seu cunhado. Ele manda vir uma ambulância e vai nela com este meu amigo bêbado. Antes de eles chegarem ao hospital meu amigo morre. Foi esfaqueado na rua antes de entrar no seu hotel.

- Meu cunhado leva o corpo... e o jovem que faz o papel de bêbado ele vai embora silenciosamente, de manhã talvez.

- É essa a idéia.

- E não tem cadáver encontrado em meu hotel? E a Srta.. Jones ela não fica com qualquer preocupação ou aborrecimento. Eu acho, meu caro, que tudo isso é idéia muito boa.

- Ótimo, então se você verificar se a barra está limpa, vou levar o corpo para o meu quarto. Esses seus empregados ficam perambulando pelos corredores a metade da noite. Vá

para o seu quarto e faça um barulho. Mande todos eles correndo para buscar coisas para você. Marcus anuiu e saiu do quarto.

- Você é uma pequena forte - disse Dakin. - Pode ajudar-me a carregá-lo pelo corredor para o meu quarto?

VICTORIA assentiu com a cabeça. Os dois levantaram o corpo mole, carregaram-no pelo corredor deserto (na distância a voz de Marcus podia ser ouvida erguida, em raiva furiosa) e deitaram-no na cama de Dakin.

Dakin disse:

- Tem uma tesoura? Então corte a parte de cima do seu lençol onde ficou manchado. Não acho que a mancha tenha atravessado para o colchão. A túnica chupou a maior parte. Eu estarei com você em aproximadamente uma hora. Ora, espere um minuto, tome um trago deste meu frasco.

VICTORIA obedeceu.

- Boa menina - disse Dakin. - Agora volte para o seu quarto. Apague a luz. Como eu disse, estarei lá em uma hora.

- E vai me dizer o que significa tudo isso?

Ele lançou-lhe um olhar demorado, bastante peculiar, mas não respondeu à sua pergunta.

VICTORIA ESTAVA deitada na cama com a luz apagada, escutando na escuridão. Escutou sons de alteração bêbada em voz alta. Escutou uma voz declarar:

- Senti que tinha que trancá-lo, meu velho. Briga com um cara lá fora.

Escutou o soar de campainhas. Outras vozes. Um bocado de confusão, Em seguida veio um lapso de silêncio relativo - exceto pelo som distante de música árabe num gramofone no quarto de alguém. Quando lhe parecia que horas tinham passado, escutou o suave abrir da sua porta, sentou-se na cama e acendeu a lâmpada de cabeceira.

- Isso mesmo - disse Dakin, aprovadamente.

Trouxe uma cadeira para a beira da cama e sentou-se nela. Ficou sentado ali olhando-a do modo pensativo de um médico fazendo um diagnóstico.

Conte-me a que vem tudo isso - pediu VICTORIA.

- Faça de contas - disse Dakin - que me conte primeiro tudo a seu respeito. Que é que está fazendo aqui? Para que veio para Bagdá?

Quer tenham sido os acontecimentos da noite, quer tenha sido algo na personalidade de Dakin (VICTORIA mais tarde pensou que tinha sido o último) VICTORIA por esta vez lançou mão de um relato inspirado da sua presença em Bagdá. Bastante simples e diretamente contou-lhe tudo. Seu encontro com Edward, sua determinação de ir para Bagdá, o milagre da Sra. Hamilton Clipp e seu próprio deback financeiro.

- Estou vendo - disse Dakin quando ela terminou.

Ficou em silêncio por um momento antes de falar.

- Talvez eu a quisesse deixar fora disso. Não tenho certeza. Mas o caso é que você não pode ser conservada fora

disso. Está metida nisso quer goste quer não. E, já que está metida nisso, poderá muito bem trabalhar para mim.

Tem um emprego para mim? - VICTORIA sentou-se na cama, suas faces brilhantes de antecipação.

- Talvez, mas não da espécie que você está pensando. Este é um trabalho sério, VICTORIA. E é perigoso.

- Oh, isso está muito bem - disse VICTORIA animadamente. Acrescentando duvidosa:

- Não é desonesto, é? Porque embora eu saiba que conto um monte enorme de mentiras., não gostaria de fazer algo realmente que fosse desonesto.

Dakin sorriu um pouco.

- Por estranho que pareça a sua capacidade de pensar rapidamente numa mentira convincente é uma das suas qualificações para o trabalho. Não, não é desonesto. Pelo contrário, você está alistada na causa da lei e da ordem. Vou colocá-la em cena, apenas de um modo geral, mas de maneira que possa compreender completamente o que está fazendo e exatamente quais são os perigos. Você parece ser uma moça sensata e não creio que tenha pensado muito sobre política mundial, o que vem a dar na mesma, porque, como Hamlet sabiamente comentou: "Não há nada nem bom nem mau, mas pensar o faz ficar assim. "

- Sei que todo mundo diz que vai haver outra guerra mais cedo ou mais tarde - disse VICTORIA.

- Exatamente - disse Dakin. - Por que é que todo mundo diz isso, VICTORIA?

Ela franziu a testa.

- Ora, porque a Rússia...
os comunistas... a América
ela parou.

- Você vê - disse Dakin. - Estas não são as suas próprias opiniões ou palavras. São apanhadas dos jornais, da conversa casual e do rádio. Há dois pontos de vista divergentes dominando diferentes partes do mundo; isso é bastante verdade. E são representados superficialmente na mente do público como "Rússia e os comunistas" e "América". Ora a única esperança para o futuro, VICTORIA, está em paz, em produção. em atividades construtoras - - destruidoras. Por isso tudo depende daqueles que defendem esses dois pontos de vista divergentes ou concordarem em divergir e cada qual contentando-se com a sua respectiva esfera de atividade, ou então de encontrarem uma base mútua de concordância ou pelo menos tolerância. Em lugar disso o contrário está acontecendo. Uma cunha está sendo inserida o tempo todo para forçar o afastamento cada vez maior entre esses dois grupos mutuamente suspeitos. Certas coisas levaram uma ou duas pessoas a acreditar que esta atividade vem de uma terceira parte ou grupo trabalhando sob cobertura e por enquanto absolutamente insuspeito pelo mundo em geral. Sempre que há uma possibilidade de um entendimento a ser alcançado, ou qualquer sinal de dispersão de suspeita, algum incidente acontece para arremessar um lado de volta à desconfiança, ou o outro lado em medo histérico definitivo! Essas coisas não são acidentes, VICTORIA, são produzidas deliberadamente para um efeito calculado.

- Mas por que pensa assim e quem é que está fazendo isso?

- Uma das razões pelas quais pensamos assim é por causa de dinheiro. O dinheiro, você vê, está vindo das fontes erradas. Dinheiro, VICTORIA, é sempre a grande pista para o que está acontecendo no mundo. Como um médico toma o seu pulso, para conseguir uma pausa para o seu estado de saúde, assim o dinheiro e o sangue vital que alimenta qualquer grande movimento ou causa. Sem ele o movimento não pode progredir. Ora, aqui há uma quantidade enorme de dinheiro envolvida e, embora muito espertamente camuflado com arte, certamente há algo errado sobre donde o dinheiro vem e para onde vai. Uma grande parte de greves não oficiais, diversas ameaças a governos na Europa que demonstram sinais de reconvalescença, são encenados ou criados por comunistas - zelosos pela sua causa - mas os fundos para essas medidas não vêm de fontes comunistas, e, seguidas à origem, vêm de partes muito estranhas e improváveis. Não é dinheiro capitalista, embora naturalmente passe por mãos capitalistas. Outro ponto, enormes somas de dinheiro parecem estar saindo completamente da circulação. Bem como se você - para torná-los simples - você gastasse seu ordenado cada semana em coisas - braceletes ou mesas ou cadeiras - e essas coisas em seguida desaparecessem ou saíssem da circulação e da vista normal. Em todo o mundo surgiu uma grande demanda por diamantes e outras pedras preciosas. Elas mudam de mãos uma dúzia ou mais de vezes até que finalmente desaparecem e não podem ser encontradas.

- Isso, naturalmente, é apenas um esboço amplo e vago. O resultado é que em algum lugar um terceiro grupo de pessoas, cuja meta por enquanto é ainda obscura, está fomentando briga e desentendimento e estão ocupadas em transações de dinheiro e jóias inteligentemente camufladas para seus próprios fins. Temos razões para acreditar que em todo país há agentes desse grupo, alguns estabelecidos há muitos anos. Alguns em posições muito elevadas e de responsabilidade, outros desempenhando papéis humildes, mas todos trabalhando com um fim desconhecido em vista. Em essência é exatamente como as atividades da Quinta Coluna no começo da última guerra, só que desta vez é numa escala de âmbito mundial.

- Mas quem são essas pessoas? - perguntou VICTORIA.

- Não são, acreditamos nós, de alguma nacionalidade especial. O que elas pretendem, é, temo, o melhoramento do mundo! A ilusão de que, pela força, se pode impor o Milênio sobre a raça humana é uma das ilusões perigosas que existem. Aqueles que estão querendo apenas encher os próprios bolsos pouco mal podem fazer - a mera cobiça vence seus próprios fins. Mas a crença num superextrato de seres humanos - no Super-homem para dominar o resto do mundo decadente -esta, VICTORIA, é a pior de todas as crenças. Pois quando você diz "Não sou como outros homens", você perdeu as duas mais valiosas qualidades que sempre temos procurado atingir: - humildade e irmandade.

Ele tossiu.

- Bem, não devo pregar um sermão. Deixe-me apenas explicar a você o que nós sabemos. Há diversos centros de atividade. Um na Argentina, um no Canadá - certamente um ou mais nos Estados Unidos da América, e eu imaginaria, embora não possamos saber, um na Rússia. E agora chegamos a um fenômeno muito interessante.

- Nos últimos dois anos, vinte e oito jovens cientistas promissores de várias nacionalidades têm silenciosamente desaparecido de seus ambientes. O mesmo tem ocorrido com engenheiros de construção, aviadores, com eletricitas e muitas outras profissões especializadas. Estes desaparecimentos têm isso em comum: relacionam-se todos com jovens, eram todos ambiciosos e todos sem laços estreitos. Além daqueles que sabemos, deve haver muito, muito mais e estamos começando a adivinhar algo sobre o que eles poderão estar conseguindo fazer.

VICTORIA escutava, de sobranceiras repuxadas.

- Poder-se-ia dizer que era impossível para alguém, nestes dias, viver em qualquer país, desconhecido para o resto do mundo. Não quero, naturalmente, dizer atividades subterrâneas; essas podem realizar-se em qualquer lugar. Mas qualquer coisa numa grande escala de produção moderna. E, no entanto, há ainda partes obscuras do mundo, remotas das rotas comerciais, no meio de povos que ainda têm a força para barrar estranhos e que nunca são conhecidos ou visitados, exceto por um viajante solitário e excepcional. Coisas poderiam acontecer ali que nunca penetrariam ao mundo exterior, ou apenas como um rumor tênue e ridículo.

- Não precisarei o lugar. Pode ser alcançado da China... e ninguém sabe o que se passa no interior da China. Pode ser alcançado dos Himalaias, mas a viagem para lá, salvo aos iniciados, é dura e um longo caminho. Maquinaria e pessoal despachado de todas as partes do globo chegam lá depois de terem sido desviados de seu destino ostensivo. Não é preciso entrar em pormenores do mecanismo.

- Mas um homem ficou interessado em seguir uma certa trilha. Era um homem incomum, um homem que tinha amigos e contatos por todo o Oriente. Nasceu em Kashgar e conhecia uma vintena de dialetos e línguas locais. Ele suspeitou e seguiu uma trilha. O que ouviu era tão incrível que, quando voltou à civilização e o relatou, não foi acreditado. Ele admitiu ter tido febre e foi tratado como alguém que tivesse tido um delírio.

- Apenas duas pessoas acreditaram em sua história. Uma fui eu mesmo. Nunca faço objeção para acreditar em coisas impossíveis - tão freqüentemente elas são verdadeiras. A outra... - ele hesitou.

- Sim? - perguntou VICTORIA.

A outra foi Sir Rupert Crofton Lee, um grande viajante e um homem que tinha ele mesmo viajado por essas regiões remotas e que conhecia alguma coisa a respeito de suas possibilidades.

- O resultado de tudo isso foi que Carmichael, é o meu homem, decidiu ir e descobrir por si mesmo. Foi uma viagem desesperada e arriscada, mas ele estava tão bem equipado como qualquer outro para realizá-la. Isso foi há nove meses. Nada mais ouvimos até umas poucas semanas atrás e então vieram notícias. Ele estava vivo e tinha conseguido o que tinha ido buscar. Provas definitivas.

- Mas o outro lado estava em seu rastro. Era vital para eles que ele nunca regressasse com as suas provas. E nós temos tido ampla evidência de como todo o sistema está permeado e infiltrado com seus agentes. Mesmo no meu departamento há vazamentos. E alguns desses vazamentos, os céus nos protejam, estão em nível muito elevado.

- Cada fronteira tem sido vigiada em busca dele. Vidas inocentes foram sacrificadas por engano, pela sua... não dão muito valor à vida humana. Mas de uma forma ou de outra ele conseguiu atravessar sem um arranhão... até esta noite.

Então era isso - quem - quem ele era?

Sim, minha cara. Um homem muito bravo e indomável.

- Mas, e as provas? Será que eles as pegaram?

Um sorriso muito lento apareceu no rosto cansado de Dakin.

- Não acho que tenham conseguido. Não, conhecendo Carmichael, tenho bastante certeza de que não conseguiram. Mas ele morreu sem ter podido nos dizer onde estas provas estão e onde encontrá-las. Penso que provavelmente tentou dizer algo quando estava morrendo que nos deveria dar a pista - repetiu lentamente. - Lucifer - Basrah - Lefarge. Ele tinha estado em Basrah, tentou contato com o Consulado e por pouco escapou de levar bala. É possível que tenha deixado as provas em algum lugar em Basrah. O que eu quero que você faça, VICTORIA, é ir para lá e tentar descobrir.

- Eu?

- Sim. Você não tem experiência. Não sabe o que está procurando. Mas você escutou as últimas palavras de Carmichael e elas podem sugerir algo a você quando chegar lá. Quem sabe, você poderá ter sorte de principiante?

- Eu adorarei ir para Basrah - disse VICTORIA avidamente.

Dakin sorriu.

- Convém-lhe porque o seu jovem está lá, hein? Está tudo muito bem. Boa-camuflagem também. Não há nada como um caso de amor genuíno para camuflagem. Você vai para Basrah, fique de olhos e ouvidos abertos e olhe em sua volta.

Eu não posso lhe dar quaisquer instruções sobre como começar as coisas... na realidade prefiro não fazê-lo. Você parece uma jovem com bastante engenhosidade própria. O que significam as palavras Lucifer e Lefarge... supondo que você escutou corretamente... eu não sei. Estou inclinado a acreditar que]Lefarge deve ser um nome. Fique de olho neste nome.

- Como é que vou para Basrah? - perguntou VICTORIA em forma concreta de negócios. - E que vou usar como dinheiro?

Dakin tirou a sua carteira e entregou-lhe um maço de cédulas.

- Isso é o que você usa como dinheiro. E quanto a como chegar a Basrah, comece a conversar com aquela velha truta, a Sra. Cardew Trench, amanhã de manhã, diga que está ansiosa por visitar Basrah, antes de ir para essa escavação onde você pretende trabalhar. Pergunte-lhe sobre um hotel. Ela vai lhe dizer imediatamente que deverá ficar no Consulado e mandará um telegrama para a Sra. Clayton. Provavelmente encontrará seu Edward lá. Os Claytons conservam a casa aberta -cada qual que passa por lá fica com eles. Além disso não posso lhe dar quaisquer palpites, exceto um: se... hem... qualquer coisa desagradável acontecer, se lhe perguntarem o que sabe e quem a mandou fazer o que está fazendo, não tente ser heróica. Cante tudo logo de uma vez.

- Muito obrigada - disse VICTORIA agradecida. - Sou uma covarde quanto à dor, e se alguém quisesse torturar-me, temo que não seria capaz de agüentar.

- Não vão se incomodar em torturá-la - disse Dakin.

A não ser que entre algum elemento sádico. Tortura é muito antiquada. Uma pequena fisgada com uma agulha e você responde qualquer pergunta com a verdade e nem sabe o que está fazendo. Estamos vivendo numa idade científica. É por isso que não quero que você fique com grandes idéias de segredo. Você não lhes estará contando nada que eles já não saibam.

Eles saberão a meu respeito. Terão que saber depois desta noite. E a respeito de Rupert Crofton Lee.

- E a respeito de Edward? Eu lhes conto?

- Isso tenho que deixar a seu cargo. Teoricamente você deve ficar de bico calado diante de todos sobre o que esta fazendo. Praticamente! - suas sobrancelhas ergueram-se interrogativamente. - Você o coloca em perigo também. Há este aspecto da coisa. No entanto, sei que ele tem uma boa ficha na Força Aérea. Não creio que o perigo o preocupará. Duas cabeças freqüentemente são melhores do que uma. Então ele pensa que algo cheira mal a respeito deste Ramo de Oliveira para o qual está trabalhando? Isso é interessante... muito interessante.

- Por quê?

- Porque nós também achamos - disse Dakin.

Em seguida acrescentou:

- Só mais duas observações de despedida. Primeiro, se não se importa que o diga, não conte muitas mentiras de espécies diferentes. E mais difícil de lembrar e representar. Sei que é um bocado virtuoso, mas conserve a coisa simples, é este o meu conselho.

- Vou lembrar, retrucou VICTORIA com uma humildade que lhe ficava bem. E o outro conselho?

- Apenas fique de orelhas em pé para qualquer menção de uma jovem chamada Ana Scheele.

- Quem é ela?

- Não sabemos muito a respeito dela. Poderíamos saber se tivéssemos mais algumas informações.

-NATURALMENTE você tem que ficar no Consulado

- disse a Sra. Cardew Trench. - Bobagem, minha querida, você não pode ficar no Hotel Aeroporto. Os Claytons ficarão encantados. Eu os conheço há anos. Vamos mandar um telegrama e você pode ir lá pelo trem noturno de hoje. Eles conhecem o Dr Pauncefoot Jones bastante bem.

VICTORIA teve a elegância de corar. O Bispo de Llangow, aliás, o Bispo de Languao era uma coisa; um Dr. Pauncefoot Jones real de carne e osso era bem outra.

Suponho - pensou VICTORIA com um sentimento de culpa - que poderia ser mandada para a prisão por isso... falsa qualidade ou qualquer coisa assim.

Em seguida animou-se refletindo que era apenas quando se procurava obter dinheiro com falsas alegações que os rigores da lei eram postos em movimento. Se isso realmente era ou não assim, VICTORIA não sabia, sendo tão ignorante em leis quanto a maioria das pessoas médias, mas isso tinha um tom animador.

A viagem de trem teve toda a fascinação de uma novidade

na idéia de VICTORIA o trem dificilmente era um expresso -mas ela tinha começado a tornar-se consciente de sua impaciência ocidental.

Um carro do Consulado foi encontrá-la na estação e ela foi levada para lá. O carro foi por grandes portões para dentro de um jardim delicioso e parou na frente de um lance de escadas levando para um terraço que circundava a casa. A Sra. Clayton, uma mulher sorridente, enérgica, vinha pela porta de vaivém de mosquiteiro para saudá-la.

- Estamos tão contentes por vê-la - disse ela. -Basrah é realmente deliciosa nesta época do ano e não deveria deixar o Iraque sem vê-la. Felizmente não há muita gente aqui no momento... às vezes não sabemos como nos virar para acomodar as pessoas, mas não há ninguém aqui agora, exceto o jovem do Dr. Rathbone, que é bem encantador. Acabou de desencontrar com o Sr. Richard Baker, por falar nisso. Ele tinha partido antes de eu receber o telegrama da Sra. Cardew Trench.

VICTORIA não tinha idéia de quem fosse Richard Baker mas parecia afortunado que tivesse partido quando o fez.

- Ele tinha estado em Kuwait por dois dias - continuou a Sra. Clayton. - Agora, esse é um lugar que precisa ver antes que fique estragado. Ouso afirmar que em breve o será. Qualquer lugar fica estragado mais cedo ou mais tarde. Que é que você prefere primeiro - um banho ou café?

- Um banho, por favor - respondeu VICTORIA agradecida.

- Como está a Sra. Cardew Trench? Este é o seu quarto e o banheiro é por aqui. Ela é uma velha amiga sua?

- Oh Não - disse VICTORIA de acordo com a verdade. Eu a conheci há pouco tempo..

- E eu suponho que ela a tenha virado do avesso no primeiro quarto de hora? É uma fofqueira terrível, como penso que já o terá descoberto. Tem uma mania de querer saber tudo sobre todo o mundo. Mas é muito boa companhia e uma jogadora de bridge realmente de primeira. Agora, tem certeza que não quer um café ou qualquer outra coisa primeiro?

Não realmente.

Muito bem... então a verei mais tarde. Tem tudo de que precisa?

A Sra. Clayton zumbiu embora como abelha alegre e VICTORIA tomou um banho e tratou do seu rosto e do seu cabelo com o cuidado meticuloso de mulher jovem que brevemente se encontrará com um jovem que se apoderou de sua fantasia.

Se possível, VICTORIA esperava encontrar Edward sozinho. Ela não pensava que ele faria quaisquer comentários sem tato - felizmente ele a conhecia como Jones e o Pauncefoot adicional não lhe causaria surpresa. A surpresa de todo seria que ela estivesse no Iraque. e por isso VICTORIA esperava que o pudesse encontrar sozinho, nem que fosse por um ou dois escassos segundos.

Com esta meta em vista, quando tinha vestido um costume de verão (a ela o clima de Basrah lembrava um dia de junho em Londres) ela se esgueirou mansamente pela porta do mosqueiro e assumiu sua posição na varanda onde ela poderia interceptar Edward quando ele chegasse de volta de o que quer que fosse que estava fazendo - brigando com os funcionários da Alfândega, presumia.

O primeiro a chegar foi um homem magro, com um rosto pensativo, e, quando ele subiu os degraus, VICTORIA esgueirou-se pela esquina do terraço. Ao fazer isso viu realmente Edward entrando por uma porta do jardim que dava para a curva do rio.

Fiel à tradição de Julieta, VICTORIA debruçou-se sobre o balcão e jogou um beijo prolongado.

Edward (que estava parecendo, ao que VICTORIA pensava, mais atraente do que nunca) voltou sua cabeça abruptamente, olhando à sua volta.

- Psii, aqui em cima - chamou Julieta em voz baixa.

Edward ergueu a cabeça e uma expressão de extremo espanto apareceu em sua face.

- Bom Deus! - exclamou ele. É Charing Cross!

- Quietamente. Espere por mim. Estou descendo.

VICTORIA correu em redor do terraço, escada abaixo e pela esquina da casa até onde Edward tinha ficado obedientemente em pé, a expressão de aturdimento ainda em seu rosto.

- Não posso estar bêbado tão cedo ainda - disse Edward. - É você?

- Sim, é eu - disse VICTORIA alegre e pouco gramaticalmente.

- Mas que está fazendo aqui? Como chegou até aqui? Eu pensei que nunca mais a veria.

- Eu também pensei assim.

- É realmente como um milagre. Como foi que voce chegou até aqui?

- Eu vim voando.

- Claro que você voou. Não poderia ter chegado aqui em tempo de outra forma. Mas quero dizer, que abençoado e maravilhoso acaso a trouxe para Basrah?

- o trem - respondeu VICTORIA.

- Você está fazendo isso de propósito, seu pequeno monstro. Céus, estou contente de vê-la. Mas como foi que você chegou aqui, realmente?

- Vim com uma mulher que tinha partido o braço.... uma Sra. Clipp. Uma americana. Ofereceram-me o emprego no dia seguinte ao de encontrá-lo e você tinha falado de Bagdá e eu estava um pouquinho chateada com Londres; assim pensei, então, por que não ver o mundo?

- Você é realmente muito esportiva, VICTORIA. Onde é que está essa Clipp, aqui?

- Não, foi para junto de uma filha perto de Kirkuk. Foi somente um trabalho de viagem.

- Então o que é que está fazendo agora?

- Ainda estou vendo o mundo - disse VICTORIA. - Mas foram precisos alguns subterfúgios. Isso é porque eu queria falar com você antes que nos encontrássemos em público, quero dizer, eu não quero quaisquer referências falhas de tato de que sou a estenodatilógrafa sem emprego de quando você me viu pela última vez.

- No que me diz respeito, você é tudo o que diz ser. Estou pronto para instruções.

- A idéia é - disse VICTORIA - que eu sou a Srta. Pauncefoot Jones. Meu tio é um eminente arqueólogo que está fazendo escavações em alguns lugares mais ou menos inacessíveis por aqui e eu vou me reunir a ele brevemente.

E nada disso é verdade?

Claro que não. Mas faz uma história bem bonita.

Oh, sim, excelente. Mas suponha que você e o velho Pussyfoot Jones se encontrem cara a cara.

- Pauncefoot. Não acredito que isso seja provável. Tanto quanto eu percebo, uma vez que os arqueólogos começam a escavar, eles continuam cavando feito doidos e não param de cavar.

- Ou mais como terriers. Verdade há muito no que você diz. Será que ele tem realmente uma sobrinha?

- Como quer que eu saiba? - perguntou VICTORIA.

- Oh, então você não está personificando ninguém em particular. Isso torna a coisa mais fácil.

- Sim, no fim de contas um homem pode ter uma porção de sobrinhas. Ou, num apêto posso dizer que sou apenas uma prima, mas que sempre o chamei de tio.

- Você pensa em tudo - admitiu Edward com admiração. - Você é realmente uma pequena espantosa, VICTORIA. Nunca encontrei ninguém como você. Eu pensei que não a veria de novo por anos e quando a visse, você teria esquecido tudo a meu respeito. E agora, aqui está você.

O olhar de admiração e humildade que Edward lhe lançou causou intensa satisfação a VICTORIA. Se ela fosse um gato, estaria ronronando agora.

- Mas você vai querer um emprego, não é? - disse Edward. - Quero dizer, você não recebeu uma fortuna repentina ou qualquer coisa assim?

- Longe disso! Sim - disse VICTORIA lentamente. - Vou precisar de um emprego. Na realidade eu fui àquele seu lugar do Ramo de Oliveira e falei com o Dr. Rathbone e lhe pedi um emprego, mas ele não foi muito receptivo... quer dizer, quanto a um emprego com salário.

- O velhote é bem seguro com dinheiro - disse Edward.

Sua idéia é que todo mundo vem e trabalha pelo amor da coisa.

- Você acha que ele é um vigarista, Edward?

- N-não. Não sei exatamente o que pensar. Mas não vejo como pode deixar de ser legal... ele não ganha dinheiro nenhum com o espetáculo. Até onde eu posso ver, todo aquele entusiasmo terrífico tem que ser genuíno. E no entanto, sabe, eu não sinto realmente que ele seja um trouxa.

- Melhor entrarmos - disse VICTORIA. - Podemos falar mais tarde.

- Eu não tinha idéia de que você e Edward se conheciam - exclamou a Sra. Clayton.

- Oh, somos velhos amigos - riu-se VICTORIA - acontece apenas que perdemos de vista um ao outro. Não tinha idéia de que Edward estava neste país.

O Sr. Clayton, que era o homem quieto de aspecto pensativo que VICTORIA tinha visto subir a escada, perguntou:

- Que tal-se saiu esta manhã, Edward? Algum progresso?

- Parece muito trabalho montanha acima, senhor. As caixas dos livros estão ali, todas presentes e corretas, mas as formalidades para desembaraçá-las parecem intermináveis.

Clayton sorriu.

- As táticas protelatórias do Oriente para você são novas.

- O funcionário particular que é preciso ver sempre parece estar ausente naquele dia - queixou-se Edward. - Todo mundo é muito agradável e cooperante... apenas nada parece acontecer.

Todo mundo riu e a Sra. Clayton disse consoladoramente:

- Você só conseguirá passar no final. Bastante inteligente da parte do Dr. Rathbone mandar alguém pessoalmente. De outra forma provavelmente ficariam aqui durante meses.

- São muito desconfiados acerca de bombas. Também de literatura subversiva. Suspeitam de tudo.

- O Dr. Rathbone não está mandando para cá bombas disfarçadas em livros, espero eu - disse a Sra. Clayton rindo.

VICTORIA pensou ter visto um súbito tremor no olho de Edward, como se o comentário da Sra. Clayton tivesse aberto uma nova linha de pensamento.

Clayton disse com uma ligeira indicação de reprimenda:

- O Dr. Rathbone é um homem muito estudado e conhecido, minha cara. É sócio de várias sociedades importantes e respeitado em toda a Europa.

- Isso tornaria tanto mais fácil para ele contrabandear bombas para cá - indicou a Sra. Clayton com espírito irreprimível.

VICTORIA pôde ver que Gerald Clayton não estava gostando Muito desta sugestão leviana.

Franziu a testa para sua mulher.

Os negócios estando parados durante as horas do meio-dia, Edward e VICTORIA saíram depois do almoço para passear e ver a paisagem. VICTORIA ficou encantada com o rio, o *Shatt el

Arab, com a sua moldura de plantações de tamareiras. Adorou o aspecto veneziano dos botes árabes de proa alta amarrados no canal, em cima, na cidade. Em seguida perambularam para o Suq e olharam arcas de noiva do Kuwait, guarnecidas com latão em desenhos e outras mercadorias atraentes.

Quando voltavam em direção ao Consulado e Edward estava se preparando para assaltar o departamento da alfândega mais uma vez, VICTORIA perguntou, subitamente: - Edward, qual é o seu nome? Edward olhou-a. - De que é que você está falando VICTORIA? - Seu último nome. Você não sabe que eu não o conheço.

- Não conhece? Não, suponho que não. É Goring.

- Edward Goring. Não faz idéia de como me senti idiota indo para aquele lugar do Ramo de Oliveira, querendo perguntar por você, sem saber mais nada a não ser Edward.

- Havia uma moça escura ali? Cabelo extremamente comprido amontoado?

- Sim.

- Essa é Catarina. Ela é muito boa. Se você tivesse dito Edward, ela teria sabido imediatamente.

- Garanto que sim - disse VICTORIA com reserva

- Ela é uma pequena formidável. Você não acha?

- Oh, sim...

- Não realmente bonita... na realidade nada muito para se olhar, mas é tremendamente simpática.

- JÉ? - a voz de VICTORIA agora estava positivamente glacial, mas Edward aparentemente não notava nada.

- Realmente não sei o que teria feito sem ela. Ela me colocou a par de tudo e me ajudou quando eu poderia ter bancado o trouxa. Tenho certeza de que ela e você vão ser grandes amigas.

- Não acredito que tenhamos a oportunidade

- Oh, sim, terão. Vou arranjar-lhe um emprego no espetáculo.

- Como vai arranjar isso?

- Não sei, mas conseguirei de alguma forma. Direi ao velho Rathbone que maravilhosa datilógrafa etcetera você é.

- Ele logo descobrirá que não sou - disse VICTORIA.

- De qualquer forma eu a levarei para o Ramo de Oliveira, não vou deixá-la zanzando por aí por sua conta. A próxima notícia que eu teria é que você estava de partida para a Birmânia ou a África mais negra. Não, jovem VICTORIA, vou conservá-la bem sob as minhas vistas. Não vou correr qualquer

risco de você fugir de mim. Não confio em você nem uma polegada. Você gosta demais de ver o mundo.

Seu querido maluco - pensou VICTORIA - você não sabe que cavalos selvagens não poderiam arrastar-me para longe de Bagdá!

Em voz alta disse:

- Bem, seria bem divertido ter um emprego no Ramo de Oliveira.

- Eu não o despreveria como divertimento. JÉ tudo terrivelmente sério. Bem como sendo absolutamente lunático.

- E você ainda pensa que há qualquer coisa de errado com isso?

- Oh, essa era uma idéia maluca minha.

- Não - disse VICTORIA pensativamente. - Não acho que era apenas uma idéia maluca. Penso que é verdade.

Edward voltou-se para ela abruptamente:

- Que é que a faz dizer isso?

- Algo que eu escutei... de um amigo meu.

- Quem era?

- Apenas um amigo.

- Pequenas como você têm amigos demais - resmungou Edward - Você é uma diaba, VICTORIA. Eu a amo loucamente e você não se importa nem um tiquinho.

Em seguida, escondendo sua satisfação deliciada, perguntou:

- Edward, há alguém chamado Lefarge em conexão com o Ramo de Oliveira ou qualquer outra coisa?

- Lefarge? - Edward parecia intrigado. - Não creio. Quem é ele?

VICTORIA continuou seu interrogatório.

Ou alguém chamado Ana Scheele?

Desta vez a reação de Edward era bem diferente. Voltou-se para ela de repente, agarrou seu braço e perguntou:

- Que é que você sabe de Ana Scheele?

- Oh, Edward, larga! Não sei nada sobre ela. Somente queria saber se você sabia.

- Onde foi que você ouviu falar dela? A Sra. Clipp?

- Não... não a Sra. Clipp... pelo menos acho que não, mas na realidade ela falava tão depressa e tão interminavelmente sobre todo mundo e sobre tudo, que provavelmente, eu não lembraria se ela a tivesse mencionado.

- Mas, o que a fez pensar que essa Ana Scheele tinha algo que ver com o Ramo de Oliveira?

- Ela tem?

Edward disse lentamente:

- Não sei... é tudo tão vago.

Estavam em pé do lado de fora da porta do jardim do Consulado. Edward olhou seu relógio.

- Tenho que ir e fazer minha obrigação - disse.

Gostaria de saber um pouco de árabe. Mas temos que conversar, VICTORIA. Há uma porção de coisas que quero saber.

- Há uma porção de coisas que quero lhe contar - disse VICTORIA.

Qualquer terna heroína de uma época mais sentimental poderia ter tentado conservar seu homem fora de perigo. Não VICTORIA. Homens, na opinião de VICTORIA, nasceram para o perigo assim como as faíscas voam para cima. Edward não lhe agradecerá por deixá-lo fora das coisas. E, pensando um pouco, ela estava bem certa de que o Sr. Dakin não tencionava que ela o deixasse fora das coisas.

Ao por do sol naquela tarde, Edward e VICTORIA estavam passeando no jardim do Consulado. Em deferência para com a insistência da Sra. Clayton de que o tempo estava hibernal, VICTORIA usava um casaco de lã sobre seu costume de verão. O por do sol estava magnífico mas nenhum dos jovens o notou. Estavam discutindo coisas mais importantes.

- Começou bem simplesmente - disse VICTORIA - com um homem entrando no meu quarto no Hotel Tio e sendo esfaqueado.

Não era, talvez, a idéia da maioria das pessoas de um começo simples. Edward olhou-a e disse: Sendo o quê?

Esfaqueado - disse VICTORIA. - Pelo menos penso que foi esfaqueado, mas poderia ter sido um tiro, só que não penso assim, porque então eu teria escutado o barulho do tiro. De qualquer jeito - acrescentou - ele estava morto.

- Como podia vir ao seu quarto se estava morto?

- Oli, Edward não seja burro.

Alternadamente, mal e vagamente, VICTORIA contou a sua história. Por alguma razão misteriosa, VICTORIA nunca podia contar ocorrências verdadeiras de forma dramática. Sua narrativa era freada e incompleta e ela a contou com o jeito de alguém que oferece uma falsificação palpável.

Quando tinha chegado ao fim, Edward olhou-a em dúvida e disse:

- Você está se sentindo bem, VICTORIA, não é? Quero dizer, você não teve um princípio de insolação ou... um sonho... ou qualquer coisa?

- Certamente que não.

- Porque, quero dizer, parece uma coisa tão absolutamente impossível de ter acontecido.

- Bem, aconteceu - disse VICTORIA melindrada.

- E toda essa história melodramática sobre forças mundiais e instalações misteriosas secretas no coração do Tibet ou Baluquistão. Quero dizer. tudo isso simplesmente não podia ser verdade. Coisas assim não acontecem.

- Isso é o que a gente sempre diz antes de acontecerem.

- Mão no coração, Charing Cross... você está inventando tudo isso?

- Não - gritou VICTORIA exasperada.

- E você veio até aqui procurando alguém chamado Lefarge e alguém chamada Ana Scheele...

- De quem você mesmo ouviu falar - interpôs VICTORIA. Você tinha ouvido falar dela, não é verdade?

- Ouvi o nome, sim.

- Como? Onde? No Ramo de Oliveira.

Edward ficou em silêncio por alguns momentos, em seguida disse:

- Não sei se isso significa alguma coisa. Era apenas... esquisito...

- Vamos. Conte-me.

- Veja, VICTORIA. Sou tão diferente de você; não sou tão aguçado quanto você, VICTORIA. Eu apenas sinto, de uma maneira estranha, que as coisas de algum modo estão erradas... não sei porque penso assim. Você vê as coisas enquanto avança e deduz coisas delas. Eu não sou bastante esperto para isso.

Eu apenas sinto vagamente que as coisas estão... bem... erradas... mas não sei por que.

- Sinto assim também, às vezes - disse VICTORIA. Como Sir Rupert na varanda do Tio.

- Quem é Sir Rupert?

- Sir Rupert Crofton Lee. Ele estava no avião na viagem para cá. Muito empertigado e fazendo farol. Um Vip, você sabe. E quando o vi sentado na varanda do Tio ao sol, eu tive a estranha sensação que você acabou de dizer de alguma coisa estando errada, mas não sabendo o que era.

- Rathbone pediu-lhe para fazer uma conferência no Ramo de Oliveira, eu creio, mas ele não pôde. Voou de volta para o Cairo ou para Damasco ou algum lugar onten, pela manhã.

- Bem, continue sobre Ana Scheele.

- Oh, Ana Scheele. Não foi nada realmente. Foi apenas uma das pequenas.

- Catarina? - perguntou VICTORIA instantâneamente.

- Acho que foi Catarina, agora que penso nisso.

- Claro que foi Catarina. É por isso que voce não me quer dizer.

- Bobagem, isso é muito absurdo.

- Bem, o que era?

- Catarina disse a uma das outras moças:

- “Quando Ana Scheele vier, podemos ir avante. Então receberemos ordens dela só. Anaa Schele vier, podemos ir avante. Então receberemos as sordens dela... e dela só. ”

- Isso é terrivelmente importante, Edward.

- Lembra, nem mesmo tenho certeza de que esse era o nome - preveniu Edward.

- Você não achou estranho na hora?

- Não, naturalmente que não. Eu pensei que era apenas alguma mulher que viria para mandar nas coisas. Uma espécie de abelha-rainha. Você não está imaginando tudo isso, VICTORIA? Imediatamente ele se encolheu ligeiramente diante do olhar que sua jovem amiga lhe lançou.

- Muito bem, muito bem - disse apressadamente.

Mas você tem que admitir que toda essa história soa esquisito. como uma novela: um jovem entrando e proferindo uma palavra que não quer dizer nada... e em seguida morrendo; simplesmente não parece real.

- Você não viu o sangue - disse VICTORIA e tremeu ligeiramente.

- Deve ter-lhe dado um choque terrível - disse Edward com simpatia.

- Deu sim - disse VICTORIA. - E depois, por cima de tudo vem você e pergunta se estou inventando tudo isso.

- Sinto muito. Mas você é bastante boa para inventar coisas. O Bispo de Llangow e tudo isso!

- Oh, isso era apenas joie de vivre de menina - disse VICTORIA. - isto é sério, Edward, realmente sério.

- Este homem, Dakin... é esse seu nome? Deu-lhe a impressão de que sabia do que estava falando?

- Sim, ele foi muito convincente. Mas olhe aqui, Edward, como é que você sabe...
Um grito da varanda a interrompeu.

- Entrem vocês dois.. . bebidas esperando.

- Indo - gritou VICTORIA.

A Sra. Clayton, observando-os chegarem à escada, disse a seu marido:

- Há qualquer coisa no ar aí! Bonito par de crianças... provavelmente juntos não têm um tostão. Quer que lhe diga o que penso, Gerald?

- Certamente, minha querida, estou sempre interessado em ouvir suas idéias.

- Penso que aquela menina não veio para cá para se juntar ao seu tio na sua escavação, mas apenasmente por causa daquele moço.

- Dificilmente penso assim, Rosa. Ficaram bastante surpresos de verem um ao outro.

- *Poosli! - fez a Sra. Clayton. - Isso não é nada. Ele ficou espantado, eu diria.

Gerald Clayton sacudiu a cabeça para ela e sorriu.

- Ela não é o tipo arqueológico - disse a Sra. Clayton.

São geralmente moças sérias, de óculos... e muito freqüentemente de mãos úmidas. Minha querida, você não pode generalizar assim.

E intelectuais e tudo aquilo. Essa pequena é uma cabecinha de vento adorável com um monte de senso comum. Muito diferente. Ele é um bom rapaz. uma pena que esteja amarrado com todo esse negócio bóbo do Ramo de Oliveira...

mas suponho que os empregos estão difíceis. Deviam achar ocupação para esses rapazes.

- Não é tão fácil, minha querida; eles tentam. Mas você vê não têm treino, nenhuma experiência e geralmente não cultivam o hábito da concentração.

VICTORIA essa noite foi para a cama num redemoinho de sentimentos misturados.

O objeto de sua busca estava atingido. Edward tinha sido encontrado! Ela sofria da reação inevitável. Fizesse o que quisesse, um sentimento de anticlímax persistia.

Era parcialmente a descrença de Edward que fazia tudo que acontecia parecer teatral e irreal. Ela, VICTORIA Jones, uma pequena datilógrafa londrina, tinha chegado a Bagdá, tinha visto um homem assassinado quase diante dos seus olhos e se tornado um agente secreto ou qualquer coisa igualmente melodramática; tinha finalmente encontrado o homem que amava num jardim

tropical com palmeiras abanando por cima e com toda a probabilidade não longe do lugar em que o Jardim do Éden original era considerado estar situado.

Um fragmento de rima infantil flutuava pelo seu pensamento:

How many miles to Babylon?

Three score and ten:

Can I get there by *candlelight?

Yes, and back again.

(Quantas milhas para a Babilônia?

Três vintenas mais dez:

Posso chegar lá à luz da vela?

Sim, e de volta também).

Mas ela não estava de volta de novo - estava ainda na Babilônia.

Talvez que nunca voltasse - ela e Edward na Babilônia.

Alguma coisa ela tinha querido perguntar a Edward - ali no jardim. Jardim do Éden - ela e Edward - perguntar a Edward - mas a Sra. Clayton tinha chamado - e tinha saído de sua cabeça.

- Mas ela tinha que lembrar - porque era importante - não fazia sentido - Palmeiras - jardim - Edward - Virgem sarracena - Ana Scheele - Rupert Crofton Lee - Tudo errado de alguma forma - e se apenas pudesse se lembrar.

Uma mulher vindo ao seu encontro num corredor de hotel uma mulher num costume sob medida - era ela - mas quando a mulher chegou perto viu que o rosto era de Catarina. Edward e Catarina - absurdo! - "Venha comigo", dizia ela a Edward, "vamos encontrar M. Lafarge" - e subitamente aí estava ele usando luvas de pelica amarelas e um pequeno cavanhaque pontudo.

Edward tinha ido e agora ela estava sozinha. Tinha que voltar da Babilônia antes que as velas se apagassem.

E nós somos para o escuro.

Quem foi que disse isso? Violência - terror - maldade - sangue sobre uma túnica cáqui esfarrapada. Ela estava correndo - correndo - por um corredor de hotel. E eles estavam vindo atrás dela.

VICTORIA acordou com um arquejo.

- você gosta dos ovos? Mexidos?

- Adorável.

- Você parece bem desbotada. Não se está sentindo doente?

- Não. Eu não dormi bem esta noite. Não sei por que. É uma cama muito confortável.

- Ligue o rádio, por favor, Gerald. É hora das notícias.

Edward entrou no momento em que o prefixo soava.

- Na Câmara dos Comuns a noite passada o Primeiro-Ministro deu novos detalhes sobre os cortes nas importações em dólares.

Uma reportagem do Cairo anuncia que o corpo de Sir Rupert Crofton Lee foi pescado do Nilo. VICTORIA baixou repentinamente sua xícara de café e a Sra. Clayton proferiu uma exclamação. Sir Rupert saiu do hotel na tarde de ontem, depois de ter chegado de Bagdá de avião e não regressou a ele à noite. Estava desaparecido por vinte e quatro horas quando seu corpo foi recuperado. A morte se verificou por uma ferida a faca no coração e não por afogamento. Sir Rupert era um famoso viajante, conhecido por suas viagens pela China e Bqluqistan e era autor de vários livros.

- Assassinado! - exclamou a Sra. Clayton. - Penso que o Cairo é pior que qualquer outro lugar agora. Você sabia algo de tudo isso, Gerry?

- Eu sabia que estava desaparecido - disse o Sr. Clayton. - Parece que recebeu um bilhete, trazido pessoalmente, e deixou o hotel com grande pressa, a pé, sem dizer para onde estava indo.

- Você vê - disse VICTORIA a Edward, depois do café da manhã, quando estavam juntos a sós.

- É tudo verdade. Primeiro este homem Carmichael e agora Sir Rupert Crofton Lee. Agora sinto tê-lo chamado de faroleiro. Parece pouco bondoso. Todas as pessoas que sabem ou adivinham sobre esse negócio estranho estão sendo retiradas do caminho. Edward, você pensa que a próxima serei eu?

- Pelo amor de Deus, não fique assim tão agradada pela idéia, VICTORIA! Seu senso de drama é forte demais. Não sei por que alguém eliminaria você, porque na realidade você não sabe de nada... mas, por favor, tenha muito, muito cuidado.

- Nós ambos temos que ter cuidado. Eu o arrastei para isso.

- Ah! Isso está muito bom. Alivia a monotonia.

- Sim, mas cuide de si.

Ela sentiu um frémito súbito.

- É bem horrível. Ele estava tão vivo... Crofton quero dizer - e agora também está morto. É assustador, realmente assustador.

-ENCONTROU SEU JOVEM? - perguntou o Sr. Dakin.

VICTORIA fez que sim com a cabeça. Achou mais alguma coisa?

Extremamente pesarosa VICTORIA meneou a cabeça.

- Bem, anime-se - disse o Sr. Dakin. - Lembre-se de que neste jogo os resultados são poucos e muito espaçados. Você poderia ter apanhado algo ali, nunca se sabe, mas eu de maneira alguma estava contando com isso.

- Posso continuar tentando ainda - perguntou VICTORIA.

- Você quer?

- Sim, quero. Edward pensa que me pode arranjar um emprego no Ramo de Oliveira. Se eu conservar meus olhos e ouvidos abertos, poderei descobrir alguma coisa, não é? Eles sabem alguma coisa sobre Ana Scheele.

- Isso, agora, é muito interessante, VICTORIA. Como foi que você soube?

VICTORIA repetiu o que Edward lhe tinha contado - sobre o comentário de Catarina que quando "Ana Scheele vier" eles receberiam suas ordens dela.

- Muito interessante - disse o Sr. Dakin.

- Quem é Ana Scheele? - perguntou VICTORIA. - Quero dizer, tem que saber algo sobre ela - ou ela é apenas um nome?

- É mais que um nome. É secretária particular de um banqueiro americano, chefe de uma firma de banqueiros internacionais. Saiu de Nova York e foi para Londres há cerca de dez dias. Desde então desapareceu.

- Desapareceu? Não está morta?

- Se estiver, seu corpo não foi encontrado.

- Mas ela pode estar morta?

- Oh, sim, pode estar morta.

- Ela estava... vindo para Bagdá?

- Não tenho noção. Pareceria pelo comentário dessa jovem, Catarina, que estava. Ou devemos dizer... está... desde que por enquanto não há razão para acreditar que não esteja mais viva.

- Talvez eu possa descobrir mais no Ramo de Oliveira. - Talvez possa - mas quero preveni-la uma vez mais para ser muito cuidadosa, VICTORIA. A organização contra a qual você se meteu é bastante impiedosa. Não gostaria de ter seu cadáver encontrado flutuando Tigre abaixo.

VICTORIA estremeceu ligeiramente e murmurou:

Como Sir Rupert Crofton Lee. Sabe, aquela manhã em que estive no hotel, havia algo estranho a respeito dele .. algo que me surpreendeu. Eu gostaria de lembrar o que era...

- Estranho de que maneira...?

- Bem... diferente - em seguida, em resposta ao olhar inquiridor, ela meneou a cabeça vexada. - Eu vou lembrar, talvez. De qualquer forma não suponho que realmente importe.

- Qualquer coisa pode ser de importância.

- Se Edward me conseguir um emprego, ele acha que eu deveria alugar um quarto como as outras pequenas, numa espécie de pensão ou um lugar pago de hóspedes, não continuar aqui.

- Criaria menos desconfiança. Os hotéis de Bagdá são muito caros. Seu jovem parece que tem a cabeça no lugar certo.

- Gostaria de vê-lo?

Dakin meneou a cabeça enfaticamente.

- Não, diga a ele para ficar longe de mim. Você, infelizmente, pelas circunstâncias da noite da morte de Carmichael, está apta a ser suspeita. Mas Edward não está ligado àquele acontecimento ou comigo de qualquer forma... e isso é valioso.

- Eu estava querendo perguntar-lhe - disse VICTORIA.

Quem realmente esfaqueou Carmichael? Era alguém que o seguiu até aqui?

- Não - disse Dakin lentamente. - Não podia ter sido assim.

- Não podia?

- Ele veio numa gufa... um desses barcos nativos... e não foi seguido. Nós sabemos disso porque eu tinha alguém vigiando o rio.

- Então era alguém de... dentro do hotel?

- Sim, VICTORIA. E o que é mais, alguém numa determinada ala do hotel, pois eu mesmo estava vigiando as escadas e ninguém subiu por elas.

Ele observou seu rosto extremamente intrigado e disse calmamente:

- Isso na realidade não nos dá muitos nomes. Você e eu e a Sra. Cardew Trench, e Marcos e suas irmãs. Um casal de empregados idosos que tem estado aqui durante anos. Um homem chamado Harrison, de Kirkuk, contra quem não se sabe de nada. Uma enfermeira que trabalha no Hospital Judeu... Pode ser qualquer um deles... mas todos eles são improváveis por uma razão muito boa.

- Qual é?

- Carmichael estava em guarda. Ele sabia que o momento culminante de sua missão estava se aproximando. Era um homem com um instinto muito apurado para o perigo, Como foi que esse instinto o abandonou?.

- Aqueles policiais que vieram... - começou VICTORIA.

- Ah, esses vieram depois... subiram da rua. Tiveram um sinal, presumo. Mas eles não o esfaquearam. Isso deve ter sido feito por alguém que Carmichael conhecia bem, em quem ele confiava... ou de outra forma a quem considerava desimportante. Se apenas eu soubesse...

A realização traz consigo seu próprio anticlímax. Chegar a Bagdá, encontrar Edward, penetrar nos segredos do Ramo de Oliveira: tudo isso tinha parecido um programa extasiante. Agora, conseguido seu objetivo, VICTORIA, num raro momento de auto-Indagação, às vezes cismava o que estava fazendo! O arroubo da reunião com Edward tinha vindo e desaparecido. Ela amava Edward, Edward a amava. Estavam, na maioria dos dias, trabalhando sob o mesmo teto - mas pensando sobre isso desapaixonadamente, o que, afinal de contas, estavam fazendo?

Por algum meio ou outro, simples força de determinação, ou persuasão engenhosa, Edward tinha sido instrumental no fato de oferecerem a VICTORIA um emprego magramente pago no Ramo de Oliveira. A maior parte do tempo ela passava num quartinho escuro, com a luz elétrica acesa, batendo numa máquina escangalhada diversas notícias, cartas e manifestos do programa de leite e água das atividades do Ramo de Oliveira. Edward tinha tido um palpito de que havia algo errado com o Ramo de Oliveira. O Sr. Dakin parecia concordar com esse ponto de vista. Ela, VICTORIA, estava ali para tentar descobrir o que pudesse, mas até onde ela podia ver, não havia nada a descobrir! As atividades do Ramo de Oliveira estavam pingando do mel da paz internacional. Diversas reuniões foram organizadas com laranjada para beber e petiscos deprimentes para acompanhá-la e nelas VICTORIA devia agir como quase anfitriã; para misturar-se, apresentar, para promover uma boa vontade geral entre nacionais de diversos povos estranhos, que estavam inclinados a olharem com animosidade uns para os outros e devorarem avidamente os refrescos.

Até onde VICTORIA era capaz de ver não havia correntes subterrâneas, conspirações, nem rodas internas. Tudo estava à vista, claro como água e leite, e desesperadamente chato. Vários jovens de epiderme escura tentaram namorá-la, outros lhe emprestavam livros para ler, que ela folheava e achava enfadonhos. Nesta altura tinha abandonado o Hotel Tio e instalado seu quartel com outras jovens trabalhadoras de várias nacionalidades numa casa da margem ocidental do rio. Entre essas jovens achava-se Catarina e parecia a VICTORIA que Catarina a observava com olhares suspeitos, mas se isso era porque Catarina a suspeitava ser uma espã das atividades do Ramo de Oliveira, ou se era pelo assunto mais delicado das afeições de Edward, VICTORIA não era capaz de decidir. Antes imaginava o último. Era sabido que Edward tinha conseguido o emprego de VICTORIA e diversos pares de olhos invejosos olhavam para ela sem afeição indevida.

O fato era, pensava VICTORIA sotumamente, que Edward era atraente demais. Todas essas pequenas tinham caído por ele e as maneiras amáveis e cativantes para com um e com todos nada faziam para ajudar. VICTORIA e Edward não deviam mostrar nenhum sinal de intimidade especial. Se quisessem descobrir

alguma coisa digna de ser descoberta, não podiam estar sob suspeita de estarem trabalhando juntos. As maneiras de Edward para com ela eram as mesmas que para com qualquer uma das outras jovens, com uma nuance adicional de frieza.

Embora o Ramo de Oliveira mesmo parecesse tão inócuo. VICTORIA tinha a sensação distinta de que seu chefe e fundador se encontrava numa categoria diferente. Uma ou duas vezes ela se apercebeu do olhar escuro e pensativo do Dr. Rathbone caído sobre ela, e embora lhe correspondesse com a expressão mais inocente e de gatinha, ela sentiu a garra súbita de algo como medo.

Uma vez, quando tinha sido chamada à sua presença (para explicação de um erro de máquina), o caso foi além de um olhar.

Você está contente em trabalhar conosco, espero eu? perguntou ele.

- Oh, sim, senhor, realmente - disse VICTORIA e acrescentou: - Sinto cometer tantos erros.

- Não nos importamos com erros. Uma máquina sem alma não seria de uso para nós. Precisamos de juventude, generosidade de espírito, largueza de perspectiva.

VICTORIA conseguiu parecer ansiosa e generosa.

- Você tem que amar o trabalho.. amar o objetivo pelo qual está trabalhando... olhar para a frente, para o futuro glorioso. Está realmente sentindo tudo isso, minha criança?

- É tudo tão novo para mim - disse VICTORIA. - Na realidade não penso que já tenha absorvido tudo ainda.

- Juntem-se, juntem-se... os jovens em todo lugar devem juntar-se. Isso é o principal. Vocês gostam das suas noites de livre discussão e camaradagem?

- Oh, sim - disse VICTORIA, que as abominava.

- Concordância, não dissensão... irmandade, não ódio. Lentamente e seguramente está crescendo... você sente isso, não é?

VICTORIA pensou nas intermináveis ciuemeirzinhas, as antipatias violentas, as querelas intermináveis, os sentimentos feridos, desculpas exigidas; e dificilmente sabia o que se esperava que ela dissesse.

- Algumas vezes - disse ela cautelosamente - as pessoas são difíceis.

- Eu sei... eu sei... - o Dr. Rathbone suspirou. Sua testa nobre e abaulada se franziu em perplexidade. - *É verdade que Michael Rakounian bateu em Isaac Nahoum e arrebitou o lábio dele?

- Eles estavam apenas tendo uma ligeira discussão disse VICTORIA.

O Dr. Rathbone meditou soturnamente.

- Paciência e fé - murmurou ele. - Paciência e fé. VICTORIA murmurou um assentimento perfunctório e voltou-se para sair. Em seguida, lembrando que tinha deixado seu trabalho de máquina, voltou. A mirada que vislumbrou nos olhos do Dr. Rathbone a espantou um pouco. Era um olhar claramente suspeito e ela ficou cismando desassossegada exatamente quão de perto estava sendo observada e o que o Dr. Rathbone realmente pensava a seu respeito.

As instruções do Sr. Dakin eram muito precisas. Tinha que obedecer certas regras para se comunicar com ele, se tivesse algo a relatar. Ele lhe tinha dado um velho lenço cor-de-rosa desbotado. Se tivesse algo a relatar, ela devia andar, como freqüentemente fazia quando o sol se estava pondo, ao longo da margem do rio, perto do seu hotel. Havia uma vereda estreita à frente das casas ali por cerca de quinhentos metros. Num lugar um lance de escadas levava à beira d'água e barcos estavam constantemente amarrados ali. Havia um prego enferrujado no alto de um dos postes de madeira, onde ela devia prender um pedacinho do lenço cor-de-rosa se ela quisesse entrar em comunicação com Dakin. Até agora, refletia VICTORIA amargamente, não tinha havido necessidade para nada disso. Ela estava simplesmente fazendo um trabalho mal pago de maneira relaxada. Edward ela via em raros intervalos, já que ele sempre estava sendo mandado para lugares afastados pelo Dr. Rathbone. No momento tinha acabado de voltar da Pérsia. Durante a sua ausência, ela tinha tido uma entrevista curta e um tanto insatisfatória com Dakin. Suas instruções tinham sido ir ao Hotel Tio e perguntar se tinha esquecido um suéter. A resposta sendo negativa, Marcus apareceu e imediatamente a arrebatou para a beira do rio para um trago. Nesse momento, Dakin tinha aparecido da rua e, cumprimentado por Marcus, que o chamara para lhes fazer companhia, e, dentro de pouco enquanto Dakin sorvia limonada, Marcus tinha sido chamado e

os dois tinham ficado sentados em lados opostos da pequena mesinha redonda.

Bem apreensivamente VICTORIA confessou sua extrema falta de sucesso, mas Dakin foi indulgentemente acalmador.

- Minha querida criança, você nem mesmo sabe o que está procurando ou mesmo se existe algo para encontrar. De modo geral, qual é a sua opinião pensada sobre o Ramo de Oliveira?

- É um espetáculo completamente apagado - disse VICTORIA lentamente.

- Apagado sim. Mas não fictício?

- Não sei - disse VICTORIA lentamente. -,As pessoas estão tão entregues à idéia de cultura, se você sabe o que quero dizer.

- Você quer dizer que, quando há qualquer coisa de cultura envolvida, ninguém examina banalidades da maneira como o fariam se fosse uma proposição caritativa ou financeira? Isso é verdade. E você encontrará entusiastas genuínos ali, não tenho dúvida. Mas a organização está sendo usada?

- Acho que há um monte de atividade comunista se realizando - disse VICTORIA duvidosa. - Edward também pensa assim... êle está me fazendo ler Karl Marx e deixá-lo à vista, apenas para ver quais serão as reações.

Dakin inclinou a cabeça.

- Interessante. Alguma reação por enquanto?

- Não. Ainda não.

- E com respeito a Rathbone? Ele é genuíno?

- Eu penso realmente que ele é... - VICTORIA parecia em dúvida.

- Ele é quem me preocupa, sabe - disse Dakin.

Porque ele é importante. Suponha que maquinações comunistas estejam sendo realizadas... estudantes e jovens revolucionários têm muito pouca chance de entrarem em contato com o Presidente. Medidas policiais tomarão conta de bombas atiradas da rua. Mas Rathbone é diferente. Ele é um dos lá de cima, um homem distinguido com uma linda ficha de beneficência pública. Ele poderia entrar em íntimo contato com os visitantes distinguidos. Provavelmente irá. Eu gostaria de saber a respeito de Rathbone.

Sim, pensava VICTORIA para si mesma, tudo revolvendo em torno de Rathbone. Naquele primeiro encontro em Londres, semanas atrás, os comentários vagos de Edward sobre a "esquisitice" do espetáculo tinha tido a sua origem no seu empregador. E deve ter havido, decidiu VICTORIA subitamente, algum incidente, alguma palavra, que tinha despertado o desassossego de Edward. Pois assim, no pensar de VICTORIA, era como funcionavam as mentes. Sua dúvida vaga ou desconfiança nunca era somente um palpite - na realidade era sempre devido a uma causa. Se se pudesse fazer Edward agora pensar para trás, a recordar, entre os dois poderiam acertar com o fato ou incidente que tinha despertado as suas suspeitas. Da mesma forma, pensou VICTORIA, ela mesma tinha que pensar para trás o que tinha sido que a surpreendeu assim quando chegou ao terraço do Tio e encontrou Sir Rupert Crofton Lee sentado ao sol. Era verdade que tinha esperado estar ele na Embaixada e não no Hotel Tio, mas isso não era o suficiente para justificar o sentimento forte que tinha tido ali e que o fato de ele estar sentado ali era completamente impossível! Ela iria repassar e repassar os acontecimentos daquela manhã e Edward tinha que ser induzido a repassar a sua associação mais antiga com o Dr. Rathbone. Ela lhe diria isso quando o encontrasse só a próxima vez. Mas encontrar Edward sozinho não era fácil. Para começar, ele tinha estado fora, na Pérsia, e agora que estava de volta, comunicações particulares no Ramo de Oliveira estavam fora de questão, onde o slogan da última guerra (*Les oreilles ennemis nous écoutent*) poderia estar escrito em todas as paredes. Na casa armênia onde estava hospedada, intimidade era igualmente impossível. Realmente, pensou VICTORIA com seus botões,* por tudo que vejo de Edward, eu poderia também ter ficado na Inglaterra.

Que isso não era bem verdade, ficou provado logo depois.

Edward veio a ela com algumas folhas de manuscrito e disse:

- O Dr. Rathbone gostaria de que isso fosse datilografado imediatamente, por favor, VICTORIA. Tome cuidado especial com a segunda página, há alguns nomes árabes intrincados nela.

VICTORIA, com um suspiro, enfiou uma folha de papel em sua máquina e começou em seu estilo costumeiro apressado. A

caligrafia do Dr. Rathbone não era particularmente difícil de ser lida e VICTORIA estava justamente se congratulando por ter cometido menos erros que de costume. Ela colocou a folha de cima de lado e prosseguiu para a próxima - e imediatamente compreendeu o significado do aviso de Edward de ser cuidadosa com a segunda página. Uma nota diminuta, com a letra de Edward, estava pregada no alto dela.

Vá para um passeio ao longo da margem do Tigre, além do Beit Melek Ali, amanhã de manhã, pelas onze.

O dia seguinte era sexta-feira, o feriado semanal. A disposição de VICTORIA elevou-se mercurialmente. Ela estaria vestindo seu pullover verde-jade. Na realidade poderia ter seu cabelo lavado. As amenidades da casa onde vivia tornavam difícil lavá-lo ela mesma. - E realmente está precisando - murmurou ela em voz alta.

- Que foi que você disse? - Catarina, trabalhando com uma pilha de circulares e envelopes, levantou sua cabeça suspeitosamente da mesa seguinte.

VICTORIA rapidamente amassou a nota de Edward em sua mão, ao dizer levemente:

Meu cabelo está pedindo uma lavagem. A maioria dessas casas de cabeleireiros parecem tão assustadoramente sujas. Não sei aonde ir.

- Sim, são sujas e caras também. Mas eu conheço uma moça que lava cabelo muito bem e as toalhas são limpas. Eu a levarei lá.

- É muita gentileza sua, Catarina - disse VICTORIA.

- Vamos amanhã. É feriado.

- Não amanhã - disse VICTORIA.

Um olhar suspeito foi lançado em sua direção. VICTORIA sentiu aumentar seu desgosto e antipatia costumeiros por Catarina.

- Prefiro ir dar um passeio.. apanhar algum ar. Fica-se tão fechada aqui dentro.

- Onde é que você pode andar? Não há lugar para se andar em Bagdá.

- Eu acharei algum - insistiu VICTORIA.

- Seria melhor ir ao cinema. Ou então a uma conferência interessante.

- Não, eu quero sair. Na Inglaterra gostamos de dar passeios a pé.

- Só porque é inglesa você é tão orgulhosa e tão empertigada. O que quer dizer ser inglesa? Quase nada. Aqui nós cuspiamos nos ingleses.

- Se você começar a cuspir em mim, poderá ter uma surpresa - disse VICTORIA, espantando-se como de costume com a facilidade com que paixões aborrecidas pareciam surgir no Ramo de Oliveira.

- Que é que você faria?

- Experimente e veja.

- Por que é que você lê Karl Marx? Você não pode entendê-lo. É muito burra demais. Pensa que alguma vez a aceitariam como membro do Partido Comunista? Você não tem bastante educação política.

- Por que não deveria eu lê-lo? Foi feito para gente como eu... trabalhadores.

- Você não é trabalhadora. Você é burguesa. Não sabe nem escrever decentemente a máquina. Olhe os erros que você comete.

- Algumas das pessoas mais inteligentes não sabem soletrar- -disse VICTORIA com dignidade.

- E como posso eu trabalhar quando você continua falando comigo?

Matraqueou uma linha em velocidade suicida - e em seguida ficou um tanto penalizada de constatar que, como resultado de ter premido sem querer a alavanca das maiúsculas, ela tinha escrito uma linha de pontos de exclamação, números e parêntesis. Tirando a folha da máquina, dedicou-se diligentemente até sua tarefa estar terminada e levou o resultado ao Dr. Rathbone.

Passando os olhos por sobre a folha ele murmurou:

Então, quando ela estava deixando a sala, chamou-a de

- Shirab é no Irã, não Iraque... e de qualquer forma não se escreve Traque com um k... obrigado, VICTORIA.

volta.

Wasit.. Wuzie... er...

- VICTORIA, você é feliz aqui? - Oh, sim, Sr. Rathbone.

- os olhos escuros por sobre as sobrancelhas espessas eram perscrutadores. Ela sentiu um desassossego aproximando-se.

- Temo que não estejamos lhe pagando muito.

- Isso não tem importância - disse VICTORIA. Gosto do trabalho.

- Realmente?

- Oh, sim - disse VICTORIA. - Sente-se - acrescentou ela - que este tipo de coisa realmente vale a pena.

Seu olhar límpido encontrou os olhos perscrutadores e não tremeu.

E você consegue viver?

Oh, sim... encontrei um lugar barato bastante bom... na casa de uns armênios. Estou bastante bem.

- Há falta agora de estenodatilógrafas em Bagdá - disse o Dr. Rathbone. - Eu penso, sabe, que eu poderia conseguir-lhe um emprego melhor do que o que tem aqui.

- Mas eu não quero qualquer outro lugar.

- Poderá ser de bom aviso aceitar um.

- Bom aviso? - VICTORIA fraquejou um pouco.

- Foi o que disse. Apenas uma palavra de advertência... um conselho.

Havia algo ligeiramente ameaçador em sua voz.

VICTORIA arregalou os olhos mais ainda.

- Eu realmente não compreendo, Dr. Rathbone.

- às vezes é melhor não se meter com coisas que não se compreendem.

Ela se sentiu bem certa da ameaça desta vez. mas conseguiu continuar a olhar com uma inocência de gatinha.

- Por que você veio para trabalhar aqui, VICTORIA? Por causa de Edward?

VICTORIA corou aborrecida.

- Naturalmente não - disse ela indignadamente. Estava muito aborrecida.

O Dr. Rathbone acenou com a cabeça.

- Edward tem sua carreira para seguir. Passar-se-ão muitos anos antes que esteja em posição de ser útil, a você. Eu desistiria de pensar em Edward se eu fosse você. E, como eu disse, há bons empregos a serem conseguidos no presente,

com bons salários e perspectivas... e que a levarão para o de sua própria gente.

Ele ainda estava observando-a, pensou VICTORIA, bem de perto. Isso seria um teste? Ela disse com uma afetação de ansiedade.

Mas eu realmente gosto muito do Ramo de Oliveira,

, Dr. Rathbone.

Ele então encolheu os ombros e ela o deixou, mas pôde sentir seus olhos no centro da sua espinha quando saiu da sala.

Ficou um tanto perturbada pela entrevista. Acontecera algo para levantar suspeitas nele? Teria adivinhado que ela era uma espiã colocada no Ramo de Oliveira para descobrir os seus segredos? Sua voz e suas maneiras a tinham feito sentir-se desagradavelmente temerosa. Sua sugestão de que tinha ido para lá para ficar perto de Edward a tinha feito ficar zangada na hora e ela vigorosamente a tinha negado, mas agora ela percebeu que era infinitamente mais seguro

que o Dr. Rathbone fosse supor que ela tinha ido para o Ramo de Oliveira por causa de Edward, do que ter mesmo qualquer palpite, de que o Sr. Dakin tinha algo que ver com essa história. De qualquer forma, devido ao seu corar idiota, Raffione provavelmente estava pensando que tinha sido por Edward - de modo que tudo na realidade tinha saído da melhor forma.

Não obstante foi dormir essa noite com uma garra desagradável de medo em seu coração.

XVII

Foi muito simples para VICTORIA na manhã seguinte sair sozinha com poucas explicações. Ela havia perguntado sobre o Beit Melek Ali e tinha aprendido que era uma grande casa construída bem sobre o rio, um pouco para baixo, na margem oeste.

Até então VICTORIA tinha tido muito pouco tempo para explorar os seus arredores e ela ficou agradavelmente surpresa quando chegou ao fim da rua estreita e encontrou-se realmente na margem do rio. Dobrou para a direita e seguiu lentamente ao longo da margem da encosta alta. Em alguns pontos o avanço era precário - a encosta tinha sido desgastada e nem sempre tinha sido consertada ou reconstruída. Uma casa tinha degraus à sua frente, os quais, se descesse um a mais numa noite escura, a fariam parar dentro do rio. VICTORIA olhava para a água embaixo e tateou seu caminho em volta. Então, por um trecho, o caminho era largo e pavimentado. As casas do seu lado direito tinham um ar agradável de intimidade. Não ofereciam nenhuma pista quanto aos seus ocupantes. Ocasionalmente a porta central estava aberta e, olhando para dentro, VICTORIA ficava fascinada pelos contrastes. Numa destas ocasiões olhou para um pátio com uma fonte esguichando e assentos almofadados e cadeiras de convés em sua volta com palmeiras altas crescendo e um jardim por trás que parecia o pano de fundo de um palco. A casa seguinte, da mesma aparência externa, abriu-se sobre uma mixórdia de confusão e passagens escuras, com cinco ou seis crianças sujas brincando em trapos. Em seguida chegou a jardins de palmeiras e arvoredos espessos. à sua esquerda tinha passado por degraus desiguais levando para

baixo, para o rio e um barqueiro árabe, sentado num remo primitivo, gesticulava e chamava, perguntando

aparentemente se queria ser levada para o outro lado. Agora, mais ou menos, julgava VICTORIA, ela deveria estar exatamente em frente ao Hotel Tio, embora fosse difícil distinguir diferenças na arquitetura vista deste lado e os edifícios de hotel se pareciam mais ou menos. Agora ela chegava a uma estrada levando para baixo por entre as palmeiras e em seguida para duas casas altas com varanda. Atrás havia uma casa grande, construída diretamente para fora, sobre o rio, com um jardim e balaustrada. O passeio na margem passava por dentro do que deveria ser o *Beit Melek Ali, ou a Casa do Rei Ali.

Em mais alguns minutos VICTORIA tinha passado pela sua entrada e chegado a uma parte mais esquálida; o rio estava escondido dela por plantações de palmeiras cercadas com arame farpado enferrujado. Do lado direito estavam casas em ruínas dentro de muros toscos de adobe e pequenas cabanas com crianças brincando na sujeira e nuvens de moscas penduradas sobre montes de lixo. - Uma estrada levava embora do rio e um carro estava estacionado ali - um carro um tanto gasto e arcaico. Ao lado do carro Edward estava em pé.

- Ótimo - disse Edward. - Você chegou. Entre.

- Aonde vamos? - perguntou VICTORIA entrando no automóvel castigado, com prazer. O motorista que parecia ser uma trouxa de trapos animada, voltou-se e sorriu alegremente para ela.

- Vamos para a Babilônia - disse Edward. - Já era tempo que tivéssemos um dia de excursão.

O carro partiu com um arranco terrífico e pulava loucamente por cima das rudes pedras da pavimentação.

- A Babilônia? - gritou VICTORIA. - Que adorável que soa isso. Realmente para a Babilônia.

O carro virou para a esquerda e eles estavam rodando sobre uma estrada bem pavimentada, de largura impressionante.

- Sim, mas não espere demais. Babilônia... se você sabe o que quero dizer... não é mais bem o que era.

VICTORIA zumbia:

- How many mile to Babylon? Three score and ten: Can I get there by candlelight? Yes, and back again.

- Eu costumava cantar isso quando era uma criança pequena. Sempre me fascinou. E agora estamos realmente indo para lá!

- E vamos voltar à luz das velas. Ou devíamos. Na realidade, nunca se sabe nesta terra.

- O carro parece muito como se fosse quebrar.

- Provavelmente irá. É certo que está tudo errado com ele. Mas esses iraquís são terrivelmente bons em amarrarem-no com barbante e dizendo Inshallah e depois ele anda novamente.

- É sempre Inshallah, não é?

- Sim. Nada como empurrando a responsabilidade para cima do Todo-Poderoso.

- A estrada não é muito boa, é? - arquejou VICTORIA, pulando em seu assento. A estrada deceptivamente bem pavimentada e larga não tinha correspondido à sua promessa. A estrada era ainda larga, mas agora enrugada por sulcos.

Ela fica pior mais tarde - gritou Edward.

Eles pulavam e batiam alegremente. A poeira erguia-se em nuvens ao redor deles. Grandes caminhões cheios de árabes rompiam pelo meio da pista e estavam surdos a todas as intimações da buzina.

Passavam por jardins murados e grupos de mulheres e crianças e burricos e para VICTORIA era tudo novo e parte do encantamento de estar indo para a Babilônia com Edward a seu lado.

Chegaram à Babilônia, machucados e sacudidos num par de

horas. A pilha insignificante de lama arruinada e tijolo queimado era um tanto de desapontamento para VICTORIA que estava esperando por algo no gênero de colunas e arcos, parecendo com os retratos que ela tinha visto de *Baalbek.

Mas aos poucos seu desapontamento cedeu, quando estavam engatinhando por sobre montes e montinhos e tijolo queimado, levados pelo guia. Ela escutava apenas com meio ouvido

as suas explicações profusas, mas quando seguiam pelo Caminho Processional para a Porta de [shtar, com os fracos relevos

de animais inacreditáveis no alto das paredes, uma súbita sensação da grandiosidade do passado apossou-se dela e também um desejo de saber alguma coisa sobre essa cidade vasta e orgulhosa que agora ali estava morta e abandonada. Logo em seguida, cumprindo seu dever para com a antiguidade, eles se sentaram perto do Leão da Babilônia para comerem o lanche de piquenique que Edward tinha trazido. O guia afastou-se sorrindo indulgentemente e lhes dizia firmemente que mais tarde tinham que ver o museu.

- Temos? - perguntou VICTORIA sonhadora. - Coisas todas rotuladas e metidas em caixas, de alguma forma não parecem nem um pouco real. Fui uma vez ao Museu Britânico. Foi horrível e terrivelmente cansativo para os pés.

- O passado é sempre tedioso - disse Edward. - o futuro é muito mais importante.

- Isso não é tedioso - disse VICTORIA, agitando um sanduíche para o panorama de tijolos caídos. - Há uma sensação de grandeza aí. O que é a poesia:

When you were a King in Babylon And I was a Christian Slave? (Quando você era um Rei na Babilônia e eu uma escrava cristã?)

- Talvez nós fomos. Você e eu quero dizer.

- Eu não acho que havia reis na Babilônia ao tempo em que havia cristãos - disse Edward. - Creio que a Babilônia parou de funcionar algum tempo entre quinhentos ou seiscentos anos A.C. Um ou outro arqueólogo sempre aparece para fazer conferência sobre estas coisas; mas eu nunca chego a lembrar qualquer das datas... quero dizer não até as próprias gregas e romanas.

- Você gostaria de ter sido um Rei na Babilônia, Edward?

Edward respirou fundamente.

Sim teria gostado.

Então digamos que- você foi. Você agora está numa nova encarnação.

- Naqueles tempos eles sabiam ser Reis! - disse Edward. Isso é porque podiam dominar o mundo e dar-lhe forma.

- Eu não sei se teria gostado muito de ser escrava disse VICTORIA meditando - cristã ou de outro tipo.

- Milton estava bem certo - disse Edward. - Melhor reinar no Inferno do que servir no Céu. Sempre admirei o Satã de Milton.

- Eu nunca cheguei até Milton - disse VICTORIA como que pedindo desculpas. - Mas fui assistir a Comus nas Fontes de Sadier e foi adorável quando Margot Fonteyn dançou como uma espécie de anjo de açúcar.

- Se você fosse uma escrava, VICTORIA - disse Edward

eu a libertaria e a levaria para o meu harém... ali - acrescentou ele, gesticulando vagamente para o monte de entulho.

Um brilho veio para o olhar e VICTORIA.

- Falando de haréns... - começou ela.

- Como é que você está se dando com Catarina? - perguntou Edward apressado.

- Como é que você sabia que eu estava pensando em Catarina?

- Bem, você estava, não é? Honestamente, Vicky, eu quero que você fique amiga de Catarina.

- Não me chame de Vicky.

- Muito bem, Charing Cross. Quero que você- fique amiga de Catarina.

- Como são fátuos os homens! Sempre querendo que suas amigas gostem umas das outras.

Edward se sentou energicamente. Ele tinha estado reclinado com as mãos atrás da cabeça.

- Você entendeu tudo errado, Charing Cross. De qualquer forma as suas referências a haréns são simplesmente bobas.

- Não, não são. A maneira como todas essas pequenas olham intensamente para você e anelam por você me deixa louca.

- Esplêndido - disse Edward. - Gosto de você louca. Mas para voltar a Catarina, A razão pela qual eu quero que você seja amiga de Catarina é que estou bastante seguro de que ela é a melhor maneira de abordagem para todas as coisas que queremos descobrir. Ela sabe, alguma coisa.

- Você realmente pensa assim?

- Lembra.do que você a escutou falar sobre Ana Scheele.

- Eu tinha esquecido.

- Como é que você está indo com Karl Marx? Algum resultado?

- Ninguém avançou para mim para convidar-me a aderir. Na realidade Catarina me disse ontem que o Partido não me aceitaria porque não sou politicamente bastante instruída. E ter que ler todo aquele negócio paulificante... honestamente, Edward, eu não tenho cabeça para isso.

- Você não é politicamente consciente, não é? - Edward riu. - Pobre Charing Cross. Bem, bem, Catarina pode estar cheia de miolos e intensidade e consciência política, mas minha fantasia ainda é uma pequena datilógrafa cockney que não sabe soletrar qualquer palavra de três sílabas.

VICTORIA franziu a testa subitamente. As palavras de Edward tinham recordado à sua mente a curiosa entrevista que ela tinha tido com o Dr. Rathbone. Contou a Edward sobre ela. Ele parecia muito mais perturbado do que ela teria esperado que ficasse.

- Isso é sério, VICTORIA, realmente sério. Tente conter-me exatamente o que ele disse.

VICTORIA fez o melhor que podia para lembrar as palavras que Rathbone tinha empregado.

- Mas não vejo - disse ela - por que isso o perturba assim.

- Eh? - Edward parecia distraído. - Você não vê... mas minha querida menina, você não vê que isso mostra que sabem tudo sobre você? Estão Prevenindo-a. Eu não gosto disso, VICTORIA... não gosto disso nem um pouco.

Ele fez uma pausa e em seguida disse gravemente:

- Comunistas, você sabe, são muito impiedosos. É parte do credo deles não recuar diante de nada. Eu não quero você batida na cabeça e jogada no Tigre, querida.

Que estranho, pensou VICTORIA, estar sentada entre as ruínas da Babilônia debatendo as chances que havia num futuro próximo de levar uma pancada na cabeça e ser jogada no Tigre Semicerrando seus olhos, pensou sonolenta:

Vou acordar brevemente e achar que estou em Londres sonhando um sonho maravilhoso e melodramático sobre a perigosa Babilônia. Talvez - pensou ela - que eu esteja em Londres... o despertador vai tocar logo, logo e eu terei que

levantar e ir para o escritório do Sr. Greenholtz - e não haverá nenhum Edward.

E a este último pensamento ela abriu os olhos de novo apressadamente para assegurar-se de que Edward na realidade estava ali de verdade (e que foi que eu queria lhe perguntar em Basrah e nos interromperam e eu esqueci) e não era um sonho. O sol estava queimando para baixo e ofuscando de uma maneira completamente não londrina e as ruínas da Babilônia eram pálidas e brilhantes com um fundo de palmeiras escuras e sentado com suas costas um pouco em sua direção estava Edward. Como crescia seu cabelo extraordinariamente bem para baixo, com um ligeiro redemoinho para seu pescoço -e que pescoço bonito - bronzeado, um vermelho amarronzado do sol - sem máculas sobre ele - tantos homens tinham pescoços com quistos ou perebas onde o colarinho tinha esfregado - um pescoço como o de Sir Rupert por exemplo, com um furúnculo apenas começando...

Subitamente com uma exclamação abafada VICTORIA sentou-se como uma estaca e seus sonhos acordados eram coisa do passado. Estava selvagemmente excitada.

Edward voltou uma cabeça indagadora.

- Que é que há, Charing Cross?

- Acabei de lembrar - disse VICTORIA - sobre Sir Rupert Crofton Lee...

Como Edward ainda a favorecia com um olhar vazio, inquiridor, VICTORIA começou a elucidar seu significado que, para dizer a verdade, ela não fez muito claramente.

- Foi um furúnculo - disse ela - no pescoço dele.

- Um furúnculo no pescoço? - Edward estava intrigado.

- Sim, no avião. Ele estava sentado na minha frente, sabe, e o capuz que ele estava usando caiu e eu o vi... o furúnculo.

- Por que não deveria ele ter furúnculos? Dolorido, mas muitas pessoas os têm.

- Sim, naturalmente que os têm. Mas o caso é que naquela manhã na varanda ele não tinha.

- Não tinha o quê?

- Não tinha um furúnculo. Oh, Edward, trate de compreender isso. No avião ele tinha um furúnculo e no terraço do

Hotel Tio ele não tinha um furúnculo. Seu pescoço estava bem liso e sem sinal... como o seu agora.

- Bem, suponho que tivesse ido embora.

- Oh, não, Edward, não podia. Era apenas um dia mais tarde e ele estava apenas acabando de aparecer. Não poderia

ter ido embora não completamente sem deixar sinal. O homem no Tio não era Sir Rupert de todo.

Ela sacudiu a cabeça com veemência. Edward olhou-a.

- Você está maluca, VICTORIA. Tem que ter sido Sir Rupert. Você não viu qualquer outra diferença nele.

- Mas, você não vê Edward, eu nunca na realidade tinha olhado direito para ele... somente o seu... bem você poderá chamá-lo de efeito geral. O chapéu... e a capa... e a atitude de fanfarrão. Ele seria um homem fácil de personificar.

- Mas eles teriam sabido na Embaixada...

- Ele não se hospedou na Embaixada, não foi? Ele veio para o Tio. Foi um dos secretários menores ou auxiliares que o encontraram. O Embaixador está na Inglaterra. Além disso ele viajou e tem estado longe da Inglaterra por tanto tempo.

- Mas por quê...

- Por causa de Carmichael, naturalmente. Carmichael estava vindo para Bagdá para encontrá-lo... para contar-lhe o que tinha descoberto. Apenas nunca se tinham encontrado antes. Assim Carmichael não saberia que ele não era o homem certo... e não estaria em guarda. Naturalmente, foi Rupert Crofton Lee. Era uma das comissárias ou aeromoças, ou como isso tudo se ajusta.

- Não acredito uma palavra disso. É maluco. Não esqueça que Sir Rupert foi morto depois no Cairo.

- Foi onde tudo aconteceu. Eu sei agora. Oh, Edward, que horrível. Eu o vi acontecer.

- Você viu acontecer... VICTORIA, você está completamente maluca?

- Não estou maluca nem um pouco. Apenas ouça, Edward. Houve uma batida à minha porta, no Hotel em Heliópolis, pelo menos eu pensei que fosse na minha porta e olhei, mas não era... era uma porta mais adiante, na de Sir Rupert Crofton Lee. Era uma das comissárias ou aeromoças, ou como quer que as chamem. Ela perguntou se ele se importaria de ir

*- sim vai vê isso significa sim tem que significar ao escritório da BOAC... logo ao longo do corredor. Eu saí do meu quarto logo depois. Passei por uma porta que tinha um aviso com BOAC nela e a porta se abriu e ele saiu. Eu pensei então que ele tinha tido alguma notícia que o fazia andar de modo diferente. Você não vê, Edward? Era uma armadilha, o substituto estava esperando, completamente pronto e logo que ele entrou, eles apenas lhe deram uma pancada na cabeça e o outro saiu e desempenhou o papel. Acho que o conservaram em algum lugar no Cairo, talvez no hotel como inválido, conservaram-no dopado e em seguida o mataram justamente no momento certo quando o falso tinha voltado para o Cairo.

- É uma história magnífica - admitiu Edward. - Mas sabe, VICTORIA, muito francamente, você está inventando a coisa toda. Não há comprovação disso.

- Há o furúnculo...

- Oh, ao diabo o furúnculo!

- E há também uma ou duas coisas mais.

- O quê?

- Aquele aviso da BOAC na porta. Mais tarde não estava lá. Eu me lembro de ter ficado intrigada quando achei que o escritório da BOAC estava do outro lado do hall de entrada. Essa é uma coisa. Há ainda uma outra: a comissária de bordo, a que bateu na porta dele. Eu a vi depois... aqui em Bagdá... e o que é mais, no Ramo de Oliveira. No primeiro dia em que fui lá. Ela entrou e falou com Catarina. Pensei então que a tinha visto antes.

Depois de um momento de silêncio, VICTORIA falou:

- Então, você tem que admitir, Edward, que não é tudo imaginação minha.É:

Edward disse lentamente:

- Tudo volta ao Ramo de Oliveira... e a Catarina. VICTORIA, todas as picuinhas de lado, você tem que chegar mais perto de Catarina. Adule-a, engraxe-a, converse com ela idéias de comuna. De alguma forma ou de outra fique bastante íntima dela para saber quem são os amigos dela e onde ela vai e com quem ela está em contato fora do Ramo de Oliveira.

- Não será fácil - disse VICTORIA - mas vou tentar. E a respeito do Sr. Dakin? Devo contar-lhe sobre isso?

- Sim, é claro. Mas espere um ou dois dias. Poderemos ter mais em que nos basearmos - Edward suspirou. - Eu

vou levar Catarina para Le Select para escutar o Cabaré uma noite.

E desta vez VICTORIA não sentiu a pancada do ciúme. - Edward tinha falado com ferrenha determinação que eliminava

qualquer antecipação de prazer na comissão que tinha em- "" prendido.

Regozijada pelas suas descobertas VICTORIA não achou difícil cumprimentar Catarina no dia seguinte com uma efusão de gentilezas. Era tão gentil da parte de Catarina, disse, ter-lhe falado de um lugar para ter seu cabelo lavado. Precisava ser lavado com terrível urgência. (Isso era inegável; VICTORIA tinha voltado da Babilônia com seus cabelos escuros da cor de ferrugem vermelha da areia entranhada).

- Está com aspecto terrível, sim - disse Catarina, olhando-o com satisfação maliciosa. - Você então saiu naquela tempestade de poeira ontem à tarde?

- Aluguei um carro e fui ver a Babilônia - disse VICTORIA. - Foi muito interessante, mas no caminho de volta a tempestade de poeira começou e eu quase que sufoquei e fiquei cega.

- É interessante, Babilônia. - disse Catarina - mas você devia ir com alguém que entenda dela e lhe pode contar adequadamente a respeito. Quanto ao seu cabelo, vou levá-la para essa moça arinênia hoje à noite. Ela vai lhe aplicar um shampoo de creme. É melhor.

- Não sei como você consegue conservar seu cabelo com aspecto tão maravilhoso - disse VICTORIA, olhando com o que pareciam olhos de admiração as pesadas montagens de Catarina, que pareciam cachos de lingüiça engordurados.

Um sorriso apareceu no rosto de Catarina geralmente azedo e VICTORIA pensou como Edward tinha estado certo acerca de adulação.

Quando saíram do Ramo de Oliveira nesta noite, as duas moças estavam nas melhores relações. Catarina entrava e saía de passagens estreitas e áleas e finalmente bateu numa porta imtromissora que não dava sinal de quaisquer operações de cabeleireiro sendo realizadas do outro lado dela. Foram, porém, recebidas por uma moça simples, mas de aspecto competente, que falava um inglês lento cuidadoso, e que levou VICTORIA para uma bacia imaculadamente limpa, com torneiras brilhantes e diversas garrafas e loções arrumadas à sua volta. Catarina partiu e VICTORIA entregou seu cacho de cabelos às mãos peritas da Srta. *Ankoumian. Em breve seu cabelo estava uma pasta de espuma cremosa.

- E agora, por favor...

VICTORIA inclinou-se para a frente, para a bacia. Água rolou sobre seus cabelos e gargarejou para baixo pelo ralo.

Subitamente seu nariz foi assaltado por um cheiro doce, bastante doentio, que ela associava vagamente a hospitais. Um chumaço molhado, saturado, foi aplicado firmemente sobre seu nariz e sua boca. Ela lutou selvagememente, estrebuchando e torcendo-se, mas uma garra de ferro conservou o chumaço no lugar. Ela começou a sufocar, sua cabeça rodava zonzamente, um ruído de urro lhe veio aos ouvidos.

E depois disso, escuridão, funda e profunda.

Quando VICTORIA recobrou os sentidos, foi com uma sensação de imensa passagem do tempo. Memórias confusas se agitavam nela - socos num carro - tagarelar alto e briga em árabe - luzes que relampejavam em seus olhos - um horrível ataque de náusea - então vagamente se lembrava de estar deitada numa cama e de alguém levantar seu braço - a fisgada aguda e agonizante de uma agulha - depois mais sonhos confusos e escuridão e por trás disso um senso montante de urgência...

Agora, finalmente, de maneira ligeira, ela era ela mesma

- VICTORIA Jones... E algo tinha acontecido a VICTORIA Jones

- há muito tempo - meses talvez anos... no final de contas, talvez apenas dias.

Babilônia - sol brilhante poeira - cabelo - Catarina - Catarina, naturalmente, sorrindo, seus olhos ardilosos sob os cachos de lingüiça - Catarina a tinha levado para um shampoo de cabelo e depois - que tinha acontecido? O cheiro horrível - ela ainda podia senti-lo - nauseante - clorofórmio naturalmente. Eles a tinham cloroformizado e levado -para onde?

Cautelosamente VICTORIA tentou sentar-se. Parecia estar deitada numa cama uma cama muito dura - sua cabeça doía e se sentia zonzela ela ainda estava sonolenta, horrivelmente sonolenta... aquela fisgada, a fisgada de uma agulha hipodérmica, eles a estiveram dopando... ela ainda estava meio dopada.

Bem, de qualquer forma não a tinham morto (por que não?). De modo que isso estava bem. A melhor coisa, pensou

VICTORIA ainda meio dopada, é dormir. E prontamente assim o fez.

Quando acordou novamente, sentiu-se muito mais de cabeça clara. Era luz do dia agora e ela podia ver mais claramente onde estava.

Estava num quarto pequeno mas muito alto, destemperado

para um cinza azulado pálido. O chão era de terra batida. A única mobília no quarto parecia ser a cama na qual ela estava

deitada, com um tapete sujo jogado sobre ela e uma mesa mambembe com uma bacia esmaltada rachada sobre ela e uma jarra de zinco por baixo. Havia uma janela com uma espécie de gradeado de madeira à sua frente. VICTORIA saltou lépida da cama sentindo-se distintamente com dor de cabeça e esquisita e

aproximou-se da janela. Podia ver bem claramente por entre o gradeado e o que via era um jardim com palmeiras além dele. O jardim era bastante agradável pelos padrões orientais, embora pudesse ser esnobado por algum proprietário suburbano inglês. Tinha uma porção de cravos-de-defunto amarelos e alguns eucaliptos empoeirados e alguns tamarindos extremamente delgados.

Uma criança pequena com um rosto tatuado em azul e uma porção de cachinhos estava pisoteando em volta com uma bola e cantando num lamento nasal agudo bastante parecido com gaitas de foles distantes.

VICTORIA em seguida voltou sua atenção para a porta que era grande e maciça. Sem muita esperança foi até ela e experimentou-a. A porta estava fechada. VICTORIA voltou e sentou-se na beira da cama.

Onde estava ela? Não em Bagdá, isso era certo. E que

iria fazer em seguida. Depois de um ou dois minutos ocorreu-lhe que a última pergunta na realidade não se aplicava. O que era mais exato era o que alguém iria fazer a ela? Com uma sensação desagradável no estômago lembrou-se da recomendação do Sr. Dakin de contar tudo que sabia. Mas talvez que já tivessem arrancado tudo isso dela enquanto estava sob o efeito da droga.

No entanto - VICTORIA voltou a este ponto com alegria determinada - ela ainda estava viva. Se conseguisse ficar viva,

até que Edward a encontrasse - que faria Edward quando descobrisse que ela tinha desaparecido? Será que ele procuraria o

Sr. Dakin? Jogaria uma mão solitária? Colocaria o temor de Deus em Catarina e forçá-la-la a contar? - Será que de todo suspeitaria de Catarina? Quanto mais VICTORIA procurava conjurar um retrato reassegurador de Edward em ação, a imagem dele esmaecia e tornava-se uma espécie de abstração sem rosto. Quão inteligente era Edward? Isso era realmente do que se tratava. Edward era adorável. Edward tinha encanto. Mas será que Edward tinha miolos? Porque, claramente, em sua presente embrulhada, miolos seriam necessários.

O Sr. Dakin, agora sim, este teria os miolos necessários. Mas teria ele o ímpeto? Ou será que ele apenas riscaria o nome dela de um caderno de notas, riscando-o e escrevendo depois dêle um *RIP caprichado. Afinal de contas, para o Sr. Dakin, ela era apenas uma da multidão. Assumia seu risco e, se a sorte falhasse, azar. Não, ela não estava vendo o Sr. Dakin encenando uma salvação. Afinal de contas, ele a tinha prevenido.

E o Dr. Rathbone a tinha prevenido. (Prevenido ou ameaçado?). E sob sua recusa de sentir-se ameaçada, não tinha havido muita demora em realizar a ameaça...

Mas eu ainda estou viva, repetiu VICTORIA, determinada a olhar para o lado claro das coisas. Passos aproximaram-se do lado de fora e houve o ranger de uma chave numa fechadura enferrujada. A porta estremeceu em suas dobradiças e entrou um árabe. Carregava uma velha travessa de estanho sobre a qual estava a louça.

Parecia estar bem-humorado, sorria largamente, proferiu alguns comentários incompreensíveis em árabe, finalmente depositou a travessa, abriu a boca, apontando goela abaixo, e partiu, novamente fechando a porta atrás de si.

VICTORIA aproximou-se da travessa com interesse. Havia uma grande terrina com arroz, algo que parecia folhas de repolho enroladas e um grande pedaço de pão árabe. Também uma jarra de água e um copo.

VICTORIA começou por beber um grande copo d'água e em seguida atacou o arroz, o pão e o repolho cujas folhas estavam cheias de carne picadinha de gosto bastante peculiar. Quando terminou de comer, sentiu-se um bocado melhor.

Tentou o melhor que pôde pensar nas coisas claramente.. Tinha sido cloroformizada e raptada. Há quanto tempo? Quanto a isso não tinha a idéia mais nebulosa. Das memórias sonolentas e dormir e acordar ela julgava que tinha sido uns dias atrás. Tinha sido retirada de Bagdá - para onde? Aí novamente, não tinha meios para saber. Devido à sua ignorância do árabe, nem mesmo era possível fazer perguntas. Não podia descobrir um lugar, ou um nome ou uma data. Diversas horas de tédio agudo se seguiram.

Aquela noite seu carcereiro reapareceu com outra travessa de comida. Com ele desta vez veio um par de mulheres. Estavam de preto enferrujado com suas faces escondidas. Não entraram no quarto, mas ficaram na entrada da porta. Uma tinha um bebê nos braços. Pela tenuidade dos véus, ela sentia que os olhos delas a estavam avaliando. Para elas era excitante e altamente humorístico ter uma mulher européia presa ali.

VICTORIA falou a elas em inglês e em francês, mas conseguiu apenas risadinhas como resposta. Era estranho, pensava ela, ser incapaz de se comunicar com seu próprio sexo. Ela disse lentamente e com dificuldade uma das poucas frases que tinha apanhado.

- E hamdu filiah.

Seu enunciado foi recompensado por um jorro deliciado de árabe. Elas anuíam vigorosamente com as cabeças. VICTORIA moveu-se na direção delas, mas rapidamente o empregado - ou o que quer que ele fosse, deu um passo para trás e barrou seu caminho. Fez sinal para as duas mulheres recuarem e ele mesmo saiu, fechando a porta de novo. Antes de fazer isso, pronunciou uma palavra repetindo-a diversas vezes.

- bukra - bukra...

Era uma palavra que VICTORIA tinha ouvido antes. Queria dizer amanhã.

VICTORIA sentou-se na cama para pensar nas coisas. Amanhã? Amanhã viria alguém ou amanhã algo estava para acontecer. Amanhã a sua prisão iria terminar (ou não?) - ou se terminasse, ela também poderia terminar! Juntando todas as coisas, VICTORIA não se importava muito com o amanhã. Sentia instintivamente que seria melhor que, quando a manhã chegasse, ela estivesse em outro lugar.

Mas isso seria possível? Pela primeira vez deu toda a atenção a este problema. Primeiramente foi para a porta e examinou-a. Certamente nada a fazer ali. Essa não era o tipo de fechadura que se abria com um grampo de cabelo - se na realidade ela fosse capaz de abrir qualquer cadeado com um grampo de cabelo, o que ela duvidava bastante.

Permanecia então a janela. A janela, ela descobriu logo, era uma proposição muito mais esperançosa. O trabalho de gradeado de madeira que a guarnecia estava nos estágios finais de decrepitude. Tomando como certo que seria capaz de quebrar o suficiente do madeiramento podre para forçar a sua passagem por ele, dificilmente poderia assim fazer sem uma porção de barulho que não podia deixar de atrair a atenção. Ainda mais que o quarto no qual ela estava confinada ficava num andar superior, isso significava ou fabricar uma corda de algum tipo ou saltar, com toda a probabilidade de um tornozelo torcido ou outro ferimento. Nos livros, pensou VICTORIA, faz-se uma corda de tiras de roupas de cama. Ela olhou duvidosa para o espesso edredon de algodão e a colcha esfarrapada. Nenhum dos dois parecia de todo adequado para seu propósito. Não tinha nada com que cortar o edredon em tiras e embora provavelmente fosse capaz de rasgar a colcha, a sua condição de podridão eliminaria qualquer possibilidade de lhe confiar o seu peso.

- Maldição - disse VICTORIA em voz alta.

Estava mais e mais enamorada da idéia de fuga. Até onde ela podia julgar seus carcereiros eram gente de mentalidade muito simples, para os quais o simples fato de que ela estava fechada num quarto significava finalidade.. Não esperariam que ela escapasse pelo simples fato de que era uma prisioneira e não podia. Quem quer que tivesse usado a agulha hipodérmica nela e presumivelmente a trouxera até aqui, agora não se encontrava em cena - disto ela estava segura. Ele ou ela, ou eles eram esperados "bukra". Eles a tinham deixado em algum lugar remoto sob a guarda de gente simples que obedeceria instruções mas que não apreciaria sutilezas e que não estava, presurnivelmente, alertada quanto às faculdades inventivas de uma jovem européia com temor de extinção iminente.

- Vou sair daqui de alguma forma - disse VICTORIA para si mesma. Aproximou-se da mesa e serviu-se do novo suprimento de comida. Podia muito bem conservar sua força em forma. Havia novamente arroz, algumas laranjas e alguns pedaços de carne num molho claro de laranja.

VICTORIA comeu tudo e em seguida tomou um gole d'água. Quando colocou a jarra de novo na mesa, esta inclinou-se levemente e um pouco d'água foi para o chão. O chão naquele lugar imediatamente tornou-se um pequeno lago de lama líquida. Olhando para ele uma idéia mexeu-se no cérebro sempre fértil da Srta. VICTORIA Jones.

A questão era, a chave teria sido deixada na fechadura do lado de fora da porta?

O sol agora estava se pondo. Logo estaria escuro. VICTORIA foi para a porta, ajoelhou-se e olhou para dentro do imenso buraco da fechadura. Não podia ver luz. Agora, o que precisava era de alguma coisa com que empurrar - um lápis ou uma caneta. Que aborrecido que a sua bolsinha tinha sido tirada. Olhou em volta do quarto franzindo a testa. O único artigo de cutelaria na mesa era uma colher grande. Isso não servia para suas necessidades imediatas, embora pudesse vir a calhar mais tarde. VICTORIA sentou-se para parafusar e planejar. Logo proferiu uma exclamação, tirou seu sapato e conseguiu retirar a sola interna de couro. Enrolou

esta firmemente. Era razoavelmente rígido. Voltou para a porta, agachou-se e cutucou vigorosamente: pelo buraco da fechadura. Felizmente a imensa chave adaptava-se frouxamente à fechadura. Depois de três ou quatro minutos reagiu aos esforços e caiu da porta do lado de fora. Fez pouco barulho ao cair sobre o chão de terra.

Agora, pensou VICTORIA, tenho que apressar-me antes que a luz se vá completamente. Apanhou, jarra d'água e despejou um pouco cuidadosamente sobre o lugar ao fundo da moldura da porta, tão próxima quanto possível do lugar em que julgava que a chave tinha caído. Em seguida com a colher e o dedo raspou e fuxicou na lama resultante. Pouco a pouco, com novas aplicações de água da jarra, cavou uma longa trilha por baixo da porta. Deitando-se procurou olhar por ela, mas não era fácil ver qualquer coisa. Arregaçando a manga, achou que podia enfiar a mão e parte do braço por debaixo da porta. Tateou em volta com dedos exploratórios e finalmente a ponta do dedo tocou em algo metálico. Tinha localizado a chave, mas era incapaz de esticar o braço bastante para agarrá-la mais de perto. Seu movimento seguinte foi tomar do alfinete de segurança que estava segurando uma alça rasgada da combinação. Dobrando-o em gancho, enfiou nele um pedaço de pão árabe e deitou-se novamente para pescar. Justamente quando estava a pique de gritar de raiva o alfinete de segurança em gancho agarrou na chave e ela foi capaz de puxá-la ao alcance de seus dedos e em seguida puxá-la pela trilha de lama para o lado de dentro da porta.

VICTORIA sentou-se em seus calcanhares cheia de admiração pela sua própria engenhosidade. Agarrando a chave com a mão enlameada, levantou-se e colocou-a na fechadura. Esperou por um momento quando houve um grande coro de cachorros latindo na vizinhança próxima, e deu a volta. A porta cedeu ao seu empurrão e abriu-se um pouco. VICTORIA olhou cautelosamente pela abertura. A porta dava para um outro quarto pequeno com uma porta aberta do outro lado.. VICTORIA esperou.. por um momento e em seguida, na ponta dos pés, saiu e atravessou-o. O quarto exterior tinha grandes buracos escancarados no telhado e um ou dois no chão. A porta do outro lado dava para o alto de um lance de escada de degraus rudes de tijolos de barro fixados de um lado da casa e que levavam para o jardim.

Isso era tudo que VICTORIA queria ver. Na ponta dos pés voltou para sua prisão. Havia pouca probabilidade de alguém voltar a chegar perto dela novamente durante a noite. Esperaria até que ficasse escuro e a aldeia ou cidade mais ou menos em vias de ir dormir e então ela iria embora.

Outra coisa ainda havia notado. Um pedaço de tecido preto rasgado estava num monte perto da porta exterior. Era, pensava, uma velha aba e calharia bem para encobrir suas roupas ocidentais. Quanto tempo esperou VICTORIA não sabia dizer. A ela pareciam horas intermináveis. No entanto, finalmente, os vários ruídos da espécie humana local morriam. O rumor longínquo de um gramofone ou fonógrafo parou com suas canções árabes, as vozes roufenhas, e escarradas pararam e não havia mais as risadas altas guinchantes. de mulheres ao longe; nem o choro de crianças.

Finalmente ouviu apenas o ruído longínquo de uivos, que julgava serem chacais, e as explosões intermitentes de latidos que ela sabia que iriam continuar por toda a noite.

- Bem, aqui vai! - disse VICTORIA e se levantou.

Depois de um momento de espera, cerrou a porta de sua prisão pelo lado de fora e deixou a chave na fechadura. Em seguida tateou seu caminho através do quarto exterior, levantou o monte de fazenda escura e saiu no alto das escadas de barro. Havia uma lua, mas ainda estava baixa no céu. Fornecia bastante claridade para VICTORIA enxergar seu caminho. Desceu pela escada e fez uma pausa a uns quatro degraus do fundo. Aqui estava ao nível do muro de adobe que encerrava o jardim. Se continuasse pela escada teria que passar ao lado da casa. Podia escutar roncamentos dos quartos de baixo. Se seguisse pelo alto do muro seria melhor. O muro era bastante largo para se andar por ele.

Escolheu o último caminho e foi ligeira e algo precariamente até onde o muro virava num ângulo reto. Aqui, do lado de fora, estava o que parecia um jardim de palmeiras e num lugar o muro estava se esfarelado. VICTORIA encontrou seu caminho para ali, em parte pulava e em parte escorregava para baixo e alguns momentos mais tarde estava serpenteando seu caminho por entre as palmeiras em direção a uma brecha na parede oposta. Chegou a sair numa ruazinha estreita de natureza primitiva, estreita demais para a passagem de um carro, mas adequada para burros. Esgueirava-se entre muros de adobe. VICTORIA correu ao longo dela tão depressa quando pôde.

Agora cachorros começaram a latir furiosamente. Dois cachorros castanhos-claro vieram rosnando para ela, saídos de uma porta. VICTORIA pegou uma mancheia de detritos e tijolos e jogou-a contra eles. Ganiram e correram embora. VICTORIA corria adiante. Contornou uma esquina e chegou ao que era evidentemente a rua principal. Estreita e pesadamente sulcada de carros, ela atravessava uma aldeia de casas de adobe, uniformemente pálidas à luz do luar.

Palmeiras olhavam por sobre muros, cachorros rosnavam e latiam. VICTORIA inspirou profundamente e correu. Cachorros continuavam latindo, mas nenhum ser humano tomou qualquer interesse por esse possível salteador noturno. Logo saiu num espaço largo, com uma corrente enlameada com uma ponte decrépita e corcunda sobre ela. Além dela a estrada ou trilha levava ao que parecia o espaço infinito. VICTORIA continuou a correr até que ficou sem fôlego.

A aldeia ficara bem atrás dela agora. A lua estava alta no céu. À sua esquerda e à direita e à sua frente estava chão árido, pedregoso. Parecia plano, mas na realidade ligeiramente abaulado. Não havia, até onde VICTORIA pôde ver, nenhuma sinalização e não tinha idéia em que direção a trilha levava.

Ela não era bastante entendida em estrelas para saber ao menos em que direção da bússola estava indo. Havia algo sútilmente terrífico nesta grande extensão vazia, mas era impossível voltar para trás. Ela apenas podia avançar.

Pausando alguns momentos para recuperar a respiração e assegurando-se, olhando sobre o ombro, de que a sua fuga não tinha sido descoberta, ela continuou, caminhando constantes cinco quilômetros por hora em direção ao desconhecido.

O crepúsculo veio finalmente, para encontrar VICTORIA cansada, de pés feridos e quase às beiras da histeria. Notando a luz no céu ela descobriu que estava indo aproximadamente para o sudoeste, mas como não sabia onde estava, essa informação era de pouca utilidade para ela.

Um pouco para o lado da estrada em sua frente estava uma espécie de pequena colina compacta ou monte. VICTORIA saiu da trilha e seguiu caminho para o monte, cujos lados eram bastante íngremes, e trepou para o seu alto.

Aqui foi capaz de fazer uma inspeção da paisagem em toda a sua volta e seu sentimento de pânico insensato retornou. Pois em todo lugar não havia nada... A cena era linda na luz do início da manhã. O solo e o horizonte estavam brilhantes em esmaecidas cores pastel de abricó e creme e cor-de-rosa, nos quais se achavam desenhos de sombras. Era lindo mas assustador.

- Sei agora - pensou VICTORIA - o que quer dizer quando alguém diz que está sozinho no mundo...

Havia um pouco de grama leve e agreste em manchas escuras aqui e ali e alguns espinheiros secos. Mas de outra forma não havia nada cultivado nem sinais de vida. Havia apenas VICTORIA Jones.

Da aldeia da qual tinha fugido também não havia sinais.

A estrada pela qual tinha vindo se estendia para trás aparentemente para um infinito de deserto. Parecia incrível a VICTORIA que ela poderia ter andado tanto para perder a aldeia completamente de vista. Por um momento teve uma ânsia momentânea assolada de pânico para voltar. Obter novamente de uma forma ou de outra contato com a espécie humana...

Em seguida dominou-se. Ela tinha querido escapar e tinha escapado, mas suas preocupações não tinham simplesmente terminado apenas porque tinha colocado diversos quilômetros entre si e seus carcereiros. Um carro por mais velho e alquebrado, faria trabalho rápido nesses quilômetros. Logo que a sua fuga fosse descoberta alguém viria à sua procura. E como então ela iria conseguir cobertura ou esconder-se. Simplesmente não havia onde esconder-se. Ainda carregava a aba preta esfarrapada que tinha apanhado. Agora experimentalmente ela se embrulhou em suas dobras, puxando-a por sobre o rosto. Ela não tinha idéia com que se parecia, pois não tinha espelho consigo. Se tirasse seus sapatos europeus e as meias e prosseguisse de pés descalços, possivelmente poderia fugir à detecção. Uma mulher árabe, virtuosamente vendada, por esfarrapada e pobre que fosse, tinha, ela sabia, qualquer imunidade possível. Seria o cúmulo da falta de boas maneiras para qualquer homem dirigir-se a ela. Mas este disfarce poderia enganar olhos ocidentais que poderiam estar num carro à sua procura? De qualquer forma, era a única chance.

Estava muito cansada demais para continuar no presente. Estava terrivelmente sedenta também, mas era impossível fazer algo a esse respeito. A melhor coisa, decidiu ela, era deitar-se ao lado desse monte. Poderia escutar um carro se viesse e se ela se conservasse achatada contra a pequena garganta que a erosão tinha feito abaixo e do lado do monte, ela poderia adquirir alguma idéia de quem estava no carro.

Podia encontrar cobertura, esgueirando-se para o lado de trás do monte, de modo a ficar fora das vistas da estrada.

Por outrolado, o que ela precisava urgentemente era voltar para a civilização e o único meio, até onde ela podia ver, era parar um carro com europeus dentro e pedir uma carona.

Mas ela tinha que ter certeza de que os europeus eram os europeus certos. E como diabo era que ela podia assegurar-se disso?

Preocupando-se com este detalhe, VICTORIA bem inesperadamente caiu no sono, cansada de sua longa caminhada e pela exaustão total.

Quando acordou o sol estava diretamente a pino. Sentia-se quente e dura e zonga e sua sede agora era um tormento louco. VICTORIA soltou um grunhido, mas quando o grunhido saiu dos seus lábios, ela subitamente endureceu e escutou. Ouvia leve mas distintamente o som de um carro. Muito cautelosamente levantou a cabeça. O carro não estava vindo da direção da aldeia, mas indo em sua direção. Isso queria dizer que não vinha em perseguição. Ainda era um pontinho preto, lá longe na estrada. No entanto, ficando deitada e tão escondida quanto possível, VICTORIA observou-o chegar mais perto. Como ela desejou ter uns binóculos com ela.

Desapareceu por alguns momentos numa depressão do terreno, em seguida reapareceu montando uma elevação não muito distante. Havia um motorista árabe e ao lado dele estava um homem de roupas européias.

Agora - pensou VICTORIA. - Tenho que decidir. Seria esta a sua chance? Ela deveria correr para baixo, para a estrada e fazer sinal para o carro parar?

Justamente quando ela estava se preparando para assim fazer, uma dúvida súbita a freou. Suponha, apenas suponha, que este era o inimigo?

Afinal de contas, como poderia ela saber? A trilha era certamente muito deserta. Nenhum outro carro tinha passado. Nem caminhão. Nem mesmo uma tropa de burros. Este carro estava indo, talvez, para a aldeia que ela tinha deixado a noite passada...

O que devia ela fazer? Era uma decisão terrível para ser tomada num instante. Se fosse o inimigo, seria o fim. Mas se não fosse o inimigo, poderia ser a sua única esperança de sobrevivência. Pois se ela continuasse a perambular, provavelmente morreria de sede e inanição. Que deveria fazer?

Enquanto ela estava agachada, paralisada com a sua indecisão, a rota do carro que se aproximava mudou. Baixou a velocidade, em seguida, guinando, saiu da estrada e pelo solo pedregoso veio em direção ao monte no qual ela estava agachada.

Tinha sido vista! Estavam procurando por ela!

VICTORIA escorregou para baixo pela garganta, engatinhou em volta das costas do monte, para longe do carro que se aproximava. Escutou-o frear e o ruído da porta quando alguém saiu.

Então alguém disse algo em árabe. Depois disso nada aconteceu. Subitamente, sem qualquer aviso, um homem chegou ao seu campo de visão. Estava andando em volta do monte, a cerca de meia altura dele. Seus olhos estavam pregados no chão e de momento a momento ele parava e levantava qualquer coisa. Fosse o que fosse que estivesse procurando, não parecia ser uma pequena chamada- VICTORIA Jones. Além disso ele era inconfundivelmente um inglês.

Com uma exclamação de alívio VICTORIA pôs-se de pé e veio ao seu encontro. Ele levantou a cabeça e olhou surpreso.

- Oh, por favor - disse VICTORIA. - Estou tão contente que tenha vindo.

Ele ainda a olhava.

Ora, bolas - começou ele. - Você é inglesa? Mas... Com um acesso de riso, VICTORIA jogou longe a aba que a envolvia.

- Claro que sou inglesa - disse. - E por favor, você pode me levar de volta para Bagdá?

- Eu não estou indo para Bagdá. Acabei de vir de lá! Mas o que, em nome do demônio, você está fazendo aqui, sozinha, no meio do deserto?

- Fui raptada - disse VICTORIA sem fôlego. - Fui para lavar meus cabelos e me deram clorofórmio. E quando acordei estava numa casa árabe numa aldeia acolá.

Gesticulou em direção ao horizonte.

- Em Mandali?

- Não sei seu nome. Escapei a noite passada, caminhei por toda a noite e em seguida me escondi atrás deste morro, para o caso que fosse um inimigo.

Seu salvador estava olhando-a com uma expressão muito esquisita no rosto. Era um homem de cerca de trinta e cinco anos, de cabelos louros, com uma expressão um tanto pedante. Sua linguagem era acadêmica e precisa. Colocou um pince-nez e olhou-a através dele com uma expressão de dissabor. VICTORIA percebeu que esse homem não estava acreditando numa palavra do que ela estava dizendo.

Imediatamente foi levada à indignação furiosa.

- É perfeitamente verdadeira - disse ela - cada palavra que digo.

O estranho parecia mais descrente do que nunca.

- Muito notável - disse ele em tom frio.

O desespero se apossou de VICTORIA. Quão injusto era que, ao passo que ela sempre poderia fazer uma mentira soar plausível, nas récitas de verdade nua ela carecia de poder de fazer-se acreditada. Fatos reais ela contava mal e sem convicção.

- E se você não traz algo para beber, vou morrer de sede - disse ela. - Eu de qualquer forma morrerei de sede, se você me deixar aqui e for embora sem mim.

- Naturalmente eu não sonharia fazer isso - disse o estranho empertigado. - É bastante inadequado para uma inglesa estar perambulando sozinha no deserto. Nossa, seus lábios estão bem rachados... Abdul.

- Sahib?

O motorista apareceu em volta da beirada do monte.

Depois de receber instruções em árabe, saiu correndo em direção ao carro, para voltar logo depois com uma grande garrafa térmica e um copo de baquelite.

VICTORIA bebeu a água avidamente.

- Oh! - disse ela. - Assim está melhor.

- Meu nome é Richard Baker - disse o inglês.

VICTORIA reagiu.

- Sou VICTORIA Jones - disse. E, em seguida, num esforço para reconquistar o terreno perdido e para substituir a descrença que via por uma atenção respeitosa, acrescentou:

- Pauncefoot Jones. Estou me juntando ao meu tio, Dr. Pauncefoot Jones, em sua escavação.

- Que extraordinária coincidência - disse Baker, olhando-a surpreso. - Eu mesmo estou em meu caminho para a escavação. É apenas a cerca de vinte quilômetros daqui. Fui bem a pessoa acertada para tê-la salvo, não é?

Dizer que VICTORIA estava espantada é dizê-lo brandamente. Estava completamente abalada. Tanto assim que era completamente incapaz de dizer uma palavra de qualquer espécie. Mansamente e em silêncio ela seguiu Richard para o carro e entrou.

- Suponho que você é a antropóloga - disse Richard, quando a acomodou no assento de trás retirando diversos objetos. - Ouvi dizer que você estava para chegar, mas não a esperava tão cedo na temporada.

Ficou por um momento sortindo diversas lascas de potes que tirava dos bolsos e que, como VICTORIA agora percebeu, era o que tinha estado apanhando no chão da superfície do monte.

- Pequeno *ell bem parecido - comentou, gesticulando na direção do monte. - Mas nada especial nele até onde eu posso ver. Peças assírias mais recentes na maioria, um pouco de partianos, algumas bases de anéis bastante boas do período kassita - sorriu ao acrescentar. - Estou contente em verificar que, apesar das suas encencas, seus instintos arqueológicos a levaram a examinar um Teli.

VICTORIA abriu a boca e a fechou novamente. O motorista engrenou o carro e eles partiram.

O que, no fim de contas, podia ela dizer? Verdade, seria desmascarada tão logo chegassem à Casa da Expedição -, mas seria infinitamente melhor ser desmascarada ali e confessar penitência para suas invenções do que seria confessar tudo ao Sr. Richard Baker no meio de lugar algum. O pior que poderiam lhe fazer era mandá-la para Bagdá. E, de qualquer modo, pensou VICTORIA, incorrigível como sempre, talvez antes de chegar lá eu tenha pensado em alguma coisa. Sua imaginação ocupada começou a trabalhar incontinente. Um lapso de memória? Ela havia viajado para cá com uma moça que lhe tinha pedido - não, realmente, até onde ela podia ver, teria que fazer uma confissão sincera. Mas preferia infinitamente fazer uma confissão sincera ao Dr. Pauncefoot Jones, qualquer que fosse a espécie de homem que ele era, do que ao Sr. Richard Baker, com sua maneira pedante de levantar as sobrancelhas e a sua descrença óbvia da história verdadeira e exata que ela lhe tinha contado.

- Nós não vamos direto para Mandali - disse o Sr. Baker, voltando-se no assento dianteiro. - Saímos da estrada para o deserto daqui a mais ou menos um quilômetro. Um pouco difícil acertar com o lugar exato sem quaisquer sinais especiais.

Logo em seguida disse alguma coisa a Abdul e o carro guinou abruptamente da trilha e entrou deserto adentro. Sem quaisquer marcos visíveis para guiá-lo, até onde VICTORIA pôde ver, Richard Baker dirigiu Abdul com gestos - dobrou-se agora para a direita - agora para a esquerda. Logo Richard fez uma exclamação de satisfação.

- Estamos na trilha certa agora - disse ele..

VICTORIA não conseguia ver trilha nenhuma. Mas conseguiu avistar de quando em quando marcas sumidas de pneus.

Uma ocasião em que cruzaram uma pista um pouco mais claramente marcada, Richard proferiu uma exclamação e mandou Abdul parar.

- Aqui está uma vista interessante para você - disse a VICTORIA. - Já que é nova neste país não deverá tê-la visto antes.

Dois homens estavam avançando em direção ao carro ao longo da trilha transversal. Um deles carregava um banco curto de madeira às costas, o outro um objeto grande de madeira, do tamanho de um piano de apartamento.

Richard saudou-os; eles o cumprimentaram com todos os sinais de prazer. Richard tirou cigarros e um espírito integral

Em seguida Richard voltou-se para ela.

- Gosta de cinema? Então vai ver um espetáculo.

Ele falou aos dois homens e eles sorriram com prazer. Colocaram o banco e fizeram gestos para VICTORIA e Richard sentarem-se. Em seguida montaram a engenhoca redonda numa espécie de base. Tinha dois buracos para os olhos e ao olhar para ela VICTORIA gritou:

- É como as coisas em piérias. O que o mordomo viu.

- É isso - disse Richard. - É uma forma primitiva disso.

VICTORIA encostou seus olhos ao buraco envidraçado, um dos homens começou a girar lentamente uma alavanca ou manivela e o outro começou uma espécie de canto monótono.

- Que é que ele está dizendo? - perguntou VICTORIA.

Richard traduziu enquanto o canto cantarolado continuava.

- Chegue perto e prepare-se para grande maravilha e delícia. Prepare-se para ver as maravilhas da antiguidade.

Um retrato toscamente pintado de negros colhendo trigo flutuou para o olhar de VICTORIA.

- Fellahin na América - anunciou Richard, traduzindo.

de festa parecia estar se desenvolvendo.

Em seguida veio:

- A mulher do Grande Xá do Mundo Ocidental e a Imperatriz Eugênia com um sorriso tolo e afetado tateava um longo anel de cabelo. Um retrato do Palácio Real em Montenegro, outro da Grande Exibição.

Uma coleção estranha e variada de retratos seguiu-se uma à outra, todas completamente sem interrelação e às vezes anunciadas nos termos mais estranhos.

O Príncipe Consorte, Disraeli, Fiordes da Noruega e Patinadores na Suíça completaram este estranho vislumbre de dias velhos e distantes.

O exibidor terminou a sua exposição com as seguintes palavras:

"E assim levamos até vocês os milagres e maravilhas da antiguidade em outros países e lugares longínquos. Que o seu donativo seja generoso para corresponder às maravilhas que acabam de ver, pois todas essas coisas são verdadeiras."

Estava terminado. VICTORIA brilhava de contentamento.

- Isso realmente foi maravilhoso! - disse ela. - Eu não o teria acreditado.

Os proprietários do cinema ambulante estavam sorrindo orgulhosamente. VICTORIA levantou-se do banco e Richard, que estava sentado na outra ponta, foi jogado ao chão numa posição um tanto indignificada. VICTORIA pediu desculpas, mas não estava mal satisfeita. Richard recompensou os homens do cinema e com adeuses corteses e expressões de preocupação com o bem-estar um do outro, invocando as bênçãos de Deus uns para os outros, separaram-se. Richard e VICTORIA entraram novamente no carro e os homens continuaram caminhando deserto adentro.

- Para onde vão eles? - perguntou VICTORIA.

- Viajam por todo o país. Primeiro os encontrei na Transjordânia, vindo pela estrada do Mar Morto para Amã. Na realidade estão a caminho de Kerbela agora, indo, naturalmente, por rotas não freqüentadas para poderem dar espetáculos em aldeias remotas.

- Talvez alguém lhes dê uma carona.

Richard riu.

- Provavelmente não a aceitariam. Uma vez ofereci uma carona a um velho que estava andando de Basrah a Bagdá.

Perguntei-lhe quanto tempo esperava viajar e ele respondeu um par de meses. Eu lhe disse para subir e estaria lá naquela noite. C, mas ele me agradeceu e disse que não. Daqui a dois meses lhe serviria igualmente bem. O tempo não significa nada por aqui. Uma vez que a gente mete isso na cachola, sente uma curiosa satisfação.

- Sim. Posso imaginar.

- Os árabes acham a nossa impaciência ocidental de fazer as coisas rapidamente extraordinariamente difícil de entender e o nosso hábito de ir diretamente ao assunto numa conversação lhes parece extremamente de má educação. Sempre se deveria ficar sentado apresentando observações gerais por uma hora, ou, se preferir, não precisa falar nada.

- Extremamente esquisito se fizéssemos isso nos escritórios em Londres. Perder-se-ia um mundo de tempo.

- Sim, mas voltamos novamente à questão: Que é tempo? E que é desperdício?

VICTORIA meditou sobre esses pontos. O carro ainda parecia estar prosseguindo para lugar algum com a maior confiança.

- Onde é que fica esse lugar, - perguntou por fim.

- Tell Aswad? Bem fora, no meio do deserto. Você verá o Ziggurat logo, logo. Enquanto isso olhe para a sua esquerda, lá onde eu estou apontando.

- São nuvens? - perguntou VICTORIA. - Não podem ser montanhas.

- Sim, são. As montanhas do Kurdistão, cobertas de neve. Você só pode vê-las quando o tempo está claro.

Uma sensação sonhadora de contentamento apossou-se de VICTORIA. Se apenas ela pudesse continuar a viajar assim para sempre. Se apenas ela não fosse uma mentirosa tão miserável. Encolheu-se como uma criança ao pensamento do desenlace desagradável à sua frente. Que tal seria o Dr. Pauncefoot Jones? Alto, com uma longa barba cinza e um franzir de testa feroz. Não importava, por mais aborrecido que o Dr. Pauncefoot Jones pudesse ficar, ela havia contornado Catarina e o Ramo de Oliveira e o Dr. Rathbone.

- Aí está - disse Richard.

Ele apontou para a frente. VICTORIA vislumbrou uma espécie de borbulha no horizonte distante.

- Parece muitos quilômetros distante.

Oh, não, são apenas alguns quilômetros agora. Você vai ver.

E, na realidade, a borbulha se transformou, com rapidez espantosa, primeiro numa pústula e em seguida num monte e finalmente num Tell grande e impressionante. Ao lado dele estava um edifício longo e esparramado de tijolos de barro.

- A Casa da Expedição - disse Richard.

Encontraram-se com um floreado em meio ao latido dos cachorros. Empregados em mantas brancas corriam para fora para cumprimentá-los, todo sorrisos.

Depois de uma troca de cumprimentos, Richard disse:

- Aparentemente não estavam esperando por você tão cedo. Mas vão arrumar a sua cama. E vão lhe trazer água quente imediatamente. Gostaria de um banho e descanso? O Dr. Pauncefoot Jones está lá em cima no Tefl. Eu vou subir até ele. Ibrahim tomará conta de você.

Ele afastou-se e VICTORIA seguiu o Ibrahim sorridente para dentro da casa. Parecia escuro do lado de dentro, primeiro, quando se saía diretamente do sol. Passaram por uma sala de estar com algumas mesas grandes e algumas poltronas de braços castigadas e em seguida ela foi levada em volta de um pátio para dentro de um quarto pequeno com uma janela minúscula. Continha uma cama, um gaveteiro rústico, uma cadeira e uma mesa com uma jarra e uma bacia sobre ela. Ibrahim sorriu e trouxe-lhe uma jarra grande de água quente de aspecto bastante lamacento e uma toalha áspera. Em seguida, com um sorriso de desculpa, voltou com um pequeno espelho que cuidadosamente fixou num prego na parede.

VICTORIA estava agradecida por ter a oportunidade de uma lavagem. Tinha acabado de constatar quão completamente cansada e esgotada ela estava e quanto encardida de sujeira.

- Suponho que esteja parecendo simplesmente assustadora - disse para si mesma e aproximou-se do espelho.

Por alguns momentos ficou olhando para o seu reflexo sem compreender.

Isso não era ela - isso não era VICTORIA Jones.

E então compreendeu que, embora as feições fossem as feições miúdas e bonitas de VICTORIA Jones, seu cabelo estava louro platinado!

RICHARD ENCONTROU o Dr. Pauncefoot Jones nas escavações, agachado ao lado do seu feitor e batendo suavemente com uma pequena picareta numa seção de parede.

O Dr. Pauncefoot Jones cumprimentou seu colega com maneiras casuais.

- Então, Richard, meu rapaz, então você apareceu. Eu tinha uma idéia de que você viria na terça-feira, não sei por que.

- Hoje é terça-feira - disse Richard.

- É mesmo? - disse o Dr. Pauncefoot Jones sem interesse. - Venha para cá e me diga que é que você pensa disso. Paredes completamente boas aparecendo e nós apenas cavamos um metro. Parece-me que há alguns traços de pintura aqui. Venha e veja o que pensa. Parece-me muito promissor.

Richard pulou para dentro da trincheira e os dois arqueólogos divertiram-se de maneira altamente técnica por cerca de um quarto de hora.

- Aliás - disse Richard - eu trouxe uma garota.

- Oh, sim, que espécie de garota?

- Ela diz que é sua sobrinha.

- Minha sobrinha? - o Dr. Pauncefoot Jones arrancou sua mente com uma luta de sua contemplação das paredes de barro. - Eu penso que não tenho qualquer sobrinha - disse em dúvida, como se ele pudesse ter alguma e esquecido a seu respeito.

- Ela está vindo para trabalhar aqui com você, pelo que compreendi?

- Oh - o rosto do Dr. Pauncefoot Jones se aclarou

- Naturalmente. Deve ser Verônica.

- VICTORIA acho que foi o que ela disse.

- Sim, sim. VICTORIA. Emerson escreveu-me sobre ela de Cambridge. Uma moça bastante capaz, compreendo. Uma antropóloga. Não sei por que alguém quer ser antropólogo, você pode imaginar?

- Eu escutei que você tinha alguma moça antropóloga vindo para cá.

- Não há nada no campo dela por enquanto. Naturalmente, pOS estamos apenas começando. Realmente eu compreendi que ela não viria por outra quinzena ou mais, mas na realidade não li a carta dela muito atentamente e depois a perdi de vista, de modo que não me lembro realmente do que disse. Minha mulher chega na próxima semana... ou na semana seguinte... ora, que foi que fiz com a carta dela?... e eu pensei que Venetia estava vindo junto com ela... mas naturalmente posso ter entendido tudo errado. Bem, bem, eu diria que nós podemos torná-la útil. Há um monte de cerâmica aparecendo.

- Não há nada estranho sobre ela, não é?

- Estranho? - o Dr. Pauncefoot Jones olhou para ele. De que maneira?

Bem, ela não teve um colapso nervoso ou qualquer coisa assim? - Emerson disse, segundo lembro, que ela tinha estado trabalhando muito. Diploma ou grau ou qualquer coisa, mas não creio que tenha dito algo sobre um colapso. Por quê?

- Bem, eu a apanhei à beira da estrada, perambulando completamente sozinha. Foi na realidade, naquele pequeno Tell que você encontra a cerca de um quilômetro antes de sair da estrada. Lembro - disse o Dr. Pauncefoot Jones. - Sabe, uma vez encontrei um bocado de material Nuzu naquele Tell. Extraordinário, na realidade, de encontrá-lo tanto para o sul. Richard recusou-se a ser distraído por tópicos arqueológicos e continuou firmemente.

- Ela me contou a história mais extraordinária. Disse que tinha ido para ter seu cabelo lavado e eles a cloroformizaram e raptaram e levaram para *Mandali e a prenderam numa casa e ela escapou no meio da noite... a lengalenga mais disparatada que já se ouviu. O Dr. Pauncefoot Jones abanou a cabeça.

- Não parece de todo provável - disse ele. - O país está perfeitamente calmo e bem policiado. Nunca tinha estado tão seguro.

- Exatamente. Ela obviamente inventou essa coisa toda. Foi por isso que perguntei se ela tinha tido um colapso. Deve ser uma dessas moças históricas que dizem que os curas estão enamorados delas, ou que médicos as assaltam. Pode dar-nos uma porção de incômodo.

- Oh, espero que ela se acalmará - disse o Dr. Pauncefoot Jones otimisticamente. - Onde está ela agora?

- Deixei-a para tomar banho e se arrumar - ele hesitou. - Não tem bagagem de qualquer espécie com ela.

- Não tem? Isso na realidade é embaraçoso. Você não pensa que ela espera que lhe empreste pijamas. Só tenho dois pares e um deles está tristemente rasgado.

- Ela tem que se arrumar o melhor que puder até que o caminhão vá à cidade na próxima semana. Devo dizer que fico a pensar o que ela pode ter estado fazendo sozinha e fora no desconhecido.

- Moças são espantosas hoje em dia - disse o Dr. Pauncefoot Jones vagamente. - Aparecem em todo lugar. Grande aborrecimento quando se quer tocar as coisas para a frente. Este lugar é bastante afastado, pensaria você, para se ficar livre de visitantes, mas você ficará surpreso como carros e pessoas aparecem quando menos voce precisa delas. Nossa, os homens pararam de trabalhar. Deve ser hora do almoço. Melhor nós voltarmos para a casa.

VICTORIA reuniu seus sentidos dispersos e disse cautelosamente que a asma não tinha estado ruim demais.

- Embrulha demais sua garganta - disse o Dr. Pauncefoot Jones. - Grande erro, eu lhe disse isso. Todos esses camaradas acadêmicos que ficam pelas Universidades ficam absorvidos demais em sua saúde. Não devia pensar a respeito. Essa é a maneira de ficar em forma. Bem, espero que você vá se acomodar... minha mulher virá na semana que vem. Í. ou na semana seguinte... ela tem estado adoentada, sabe. Eu realmente tenho que encontrar a carta dela. Richard me disse que sua bagagem perdeu-se. Como é que voce vai se arranjar? Não posso mandar o caminhão para a cidade antes da próxima semana.

- Acho que posso me arranjar até lá - disse VICTORIA. Na realidade vou precisar.

O Dr. Pauncefoot Jones riu.

- Richard e eu não lhe podemos emprestar muita coisa. Escova de dentes está certo. Há dúzias delas em nosso depósito... e algodão, se isso lhe serve de alguma coisa e... deixe-me ver... talco... e algumas meias de reserva e lenços. Não tem muito mais, temo.

- Eu estarei bem - disse VICTORIA e sorriu alegremente.

- Não há sinais de cemitério para você - preveniu o Dr. Pauncefoot Jones. - Alguns muros bonitos estão aparecendo - e quantidades de sacos de cerâmica das trincheiras afastadas. Poderei

encontrar algumas juntas. Vamos conservá-la ocupada de uma maneira ou de outra. Esqueci se você faz fotografias.

- Conheço alguma coisa sobre isso - disse VICTORIA cautelosamente, aliviada pela menção de alguma coisa da qual realmente tinha alguma experiência útil.

- Bem, bem, sabe revelar negativos? Eu sou antiquado, ainda, uso chapas. A câmara escura é bastante primitiva. Vocês jovens, que estão acostumados com todas as inovações, freqüentemente acham essas condições primitivas um tanto perturbadoras.

- Não vou me importar - disse VICTORIA.

Dos armazéns da expedição ela selecionou uma escova de dentes, pasta de dentes, uma esponja e algum talco.

VICTORIA, esperando com alguma trepidação, achou o Dr. Pauncefoot Jones enormemente distante de sua imaginação. Era um homem rotundo, pequeno, com uma cabeça sernicalva e um olho cintilante. Para seu extremo espanto veio em sua direção de mãos estendidas.

- Bem, bem, Venetia... quero dizer, VICTORIA - disse ele. - Isso é uma verdadeira surpresa. Meti na minha cabeça, que você não iria chegar antes do mês que vem. Mas estou ? encantado por vê-la. Encantado. Como está Emerson? Não incomodado demais pela asma, espero.

Sua cabeça estava ainda em roda enquanto procurava compreender exatamente qual era a sua posição. Claramente ela estava sendo confundida com uma moça chamada Venetia qualquer coisa, que estava saindo para juntar-se à expedição e que era antropóloga. VICTORIA nem mesmo sabia o que era um antropólogo. Se houvesse algum dicionário por ali, ela teria que procurar saber. A outra moça provavelmente não iria chegar antes da próxima semana pelo menos. Muito bem, então, por uma semana - ou por um tempo a que o caminho fosse para Bagdá, VICTORIA seria Venetia Coisa, agüentando as pontas o melhor que podia. Não tinha medo do Dr. Pauncefoot Jones que parecia deliciosamente vago, mas Richard Baker a fazia nervosa. Ela desgostava da maneira especulativa pela qual olhava para ela e tinha uma idéia de que, a não ser que fosse cuidadosa, ele brevemente veria através de suas pretensões. Felizmente ela tinha sido, por um breve período, secretária-datilógrafa no Instituto Arqueológico de Londres e assim tinha uma tintura de frases e miudezas que agora viriam a calhar. Mas ela tinha que ser cuidadosa para não dar uma rata grande. Felizmente, pensou VICTORIA, os homens eram sempre tão superiores diante de mulheres, que qualquer rata que desse seria tratada menos como uma circunstância suspeita do que como uma prova de quanto eram ridiculamente desajeitadas todas as mulheres!

Este intervalo lhe daria um adiamento, de que, ela sentia, precisava urgentemente. Pois, do ponto de vista do Ramo de Oliveira, o seu completo desaparecimento seria bastante desconcertante. Ela havia escapado da sua prisão, mas o que acontecera a ela depois seria muito difícil de seguir. O carro de Richard não tinha passado por Mandali, de modo que ninguém podia adivinhar que ela estava agora em Tell Aswad. Não, do ponto de vista deles, VICTORIA deveria parecer desaparecida no éter. Poderiam concluir, muito possivelmente concluiriam, que ela estava morta. Que tinha ido para o deserto e morrido de exaustão.

Bem, deixá-los pensar assim. Infelizmente, era natural, Edward pensaria assim, também! Muito bem, Edward tinha que agüentar. De qualquer modo não teria que agüentar muito. Justamente quando se estivesse torturando com remorso por tê-la mandado cultivar a amizade de Catarina - ela estaria ali subitamente restaurada para ele - de volta dos mortos - apenas uma loura ao invés de morena.

Isso a trazia de volta, ao mistério de por que eles (fossem quem fossem) tinham tingido seu cabelo. Devia, pensava VICTORIA, ter havido alguma razão - mas pela sua vida não era capaz de compreender o que essa razão poderia ser. Como estavam as coisas, ela em breve estaria começando a ficar de aparência um tanto peculiar, quando seu cabelo começasse a crescer preto nas raízes. Uma loura platinada falsa, sem pó facial ou batom! Poderia qualquer pequena estar colocada mais desafortunadamente? Não importa, pensou VICTORIA. Estou viva, não estou? E não vejo de todo por que não me deveria divertir um bocado, pelo menos por uma semana. Era realmente muito divertido fazer parte de uma expedição arqueológica e ver que tal era. Se apenas ela pudesse agüentar as pontas sem se trair.

Ela não achava seu papel especialmente fácil. Referências a pessoas, a publicações, a estilos de arquitetura e categorias de cerâmica tinham que ser manejadas cuidadosamente. Felizmente um bom ouvinte é sempre apreciado. VICTORIA era excelente ouvinte para os dois homens e, cuidadosamente tateando seu caminho, ela começou a aprender a gíria com bastante facilidade.

As escondidas lia furiosamente quando estava na casa sozinha. Havia uma boa biblioteca de publicações arqueológicas. VICTORIA foi rápida em apanhar umas noções do assunto. Inesperadamente ela achava a vida bem encantadora. O chá servido a ela cedo de manhã, em seguida para a escavação. Ajudando Richard com o trabalho de câmera. Juntando e colando

cados de cerâmica. Observando homens trabalhando, apreciando a perícia e a delicadeza dos homens da picareta - apreciando as canções e os risos dos meninos pequenos que corriam para esvaziar seus cestos de terra sobre a pilha. Ela dominou os períodos, conhecia os diversos níveis nos quais a escavação estava se realizando e familiarizou-se com o trabalho da estação anterior. A única coisa de que tinha pavor era de que cadáveres pudessem aparecer. Nada do que lia lhe dava qualquer idéia do que seria esperado dela como antropóloga em funcionamento.

- Se encontrarmos ossos ou um túmulo - disse VICTORIA para si mesma - eu devo ficar com um terrível resfriado.. não, um severo ataque de bÍlis... e ir para a cama.

Mas não apareciam túmulos. Em lugar disso as paredes de um palácio foram lentamente escavadas. VICTORIA ficou fascinada e não teve oportunidade de demonstrar qualquer aptidão ou perícia especiais.

Richard Baker, às vezes ainda a olhava interrogativamente e ela sentia seu criticismo*impronunciado, mas os seus modos eram amistosos e agradáveis e ele estava genuinamente divertido pelo seu entusiasmo.

- É tudo novo para você chegando da Inglaterra - disse ele um dia. - Eu lembro de como fiquei excitado na minha primeira temporada.

- Há quanto tempo foi isso?

Ele sorriu.

- Há bastante tempo. Quinze... não, há dezesseis anos.

- Você deve conhecer esta terra muito bem.

- Oh, não tem sido só aqui. Síria e Pérsia também.

- Você fala árabe bastante bem, não é? Se você estivesse vestido como um deles, poderia passar por um árabe?

Ele meneou a cabeça.

- Oh, não... isso precisa de muito mais. Duvido que algum inglês alguma vez tenha conseguido passar por árabe... por algum tempo prolongado, quero dizer.

- Lawrence?

- Não acho que Lawrence qualquer dia passou por árabe. Não, o único homem que conheço e que é praticamente indistinguível. do produto nativo é um camarada que realmente nasceu nestas terras. Seu pai foi Cônsul em Kashgar e outros lugares selvagens. Ele falava toda sorte de dialetos esquisitos quando criança e, acredito, continuou praticando mais tarde.

- Que aconteceu a ele?

- Perdi-o de vista depois que saímos da escola. Estivemos juntos na escola. Faquir é como costumávamos chamá-lo, porque era capaz de ficar sentado completamente quieto e entrar numa estranha espécie de transe. Não sei o que está fazendo agora... embora pudesse dar um palpite perfeitamente bom.

- Você nunca mais o viu depois da escola?

- Bastante estranhamente, encontrei-o ainda outro dia foi em Basrah. Um negócio estranho de todo.

- Estranho?

- Sim. Não o reconheci. Estava vestido como um árabe, effiyah e roupa listrada e um velho dÓlmã do exército. Ele tinha um fio daquelas contas de âmbar que eles carregam às vezes e estava estalando-as pelos seus dedos da maneira ortodoxa... apenas, na realidade, estava usando código do exército. Morse. Estava estalando uma mensagem... para mim!

- O que dizia?

- Meu nome... ou melhor, apelido... e o dele, e, em seguida, um sinal para ficar atento, para esperar encrenca.

E houve encrenca?

Sim. Quando ele se levantou e saiu pela porta, um viajante comercial quieto e inconspÍcuo em seu tipo puxou de um revólver. Eu empurrei o braço dele para cima... e Carmichael, escapou.

- Carmichael?

Ele virou a cabeça rapidamente ao seu tom de voz.

- Esse era seu nome real. Por que - conhece-o?

VICTORIA pensou consigo mesma:

- Que estranho soaria se eu dissesse: "Ele morreu na minha cama.

- Sim - disse lentamente - eu o conheci.

- Conheceu? Por que... ele está...

VICTORIA anuiu com a cabeça:

- Sim - disse. - Está morto.

- Quando foi que ele morreu?

- Em Bagdá. No Hotel Tio - ela acrescentou rapidamente: - foi abafado. Ninguém sabe.

Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça. - Estou vendo. Era essa espécie de negócio. Mas você olhou para ela. - Como é que você sabe? - Fiquei envolvida nisso... por acidente. Ele lançou-lhe

um longo olhar pensativo. VICTORIA perguntou subitamente: - Seu apelido na escola não era Lucifer, era? Ele olhou surpreso. - Lucifer? Não. Chamavam-me coruja sempre tive que usar óculos brilhantes.*

... porque eu

- Não conhece ninguém chamado Lucifer em Basrah? Richard meneou a cabeça. - Lucifer, Filho da Manhã... o Anjo Caído.

Ele acrescentou:

- Ou um fósforo antiquado de cera. Seu mérito, se bem me recordo, era que não se apagava ao vento.

Ele a observou de perto enquanto falava, mas. VICTORIA estava franzindo a testa abstratamente.

- Eu gostaria de que você me contasse exatamente o que aconteceu em Basrah.

- Eu lhe contei.

- Não, quero dizer, onde estava você quando tudo isso aconteceu?

- Oh, estou vendo. Na realidade eu estava na sala de espera do Consulado. Estava esperando para falar com Clayton, o Cônsul.

- E quem mais estava lá? O viajante comercial e Carmichael? Mais alguém?

- Havia um par de outros penso eu, um francês ou sírio magro e um velho, um persa diria eu.

- E o viajante comercial tirou o revólver e você o parou e Carmichael saiu... como?

- Ele foi primeiro em direção ao escritório do Cônsul. Fica do outro lado de uma passagem COM um jardim...

Ela interrompeu.

- Eu sei. Fiquei hospedada lá um ou dois dias. Na realidade, foi depois que você havia partido.

- Ah, era mesmo? - mais uma vez ele a observou atentamente mas VICTORIA estava inconsciente disso. Ela estava vendo aquela longa passagem no Consulado, mas com a porta aberta do outro lado - aberta para árvores verdes e a luz do sol.

- Bem, como eu estava dizendo, Carmichael foi primeiro naquela direção. Em seguida virou-se e correu na direção oposta para a rua. Foi a última coisa que vi dele.

- E sobre o viajante comercial?.

Richard encolheu os ombros.

- Eu lembro que ele contou uma história confusa sobre ter sido atacado e roubado por um homem na noite anterior e imaginando que tinha reconhecido seu assaltante no árabe no Consulado. Não ouvi muito mais sobre isso porque eu voei para o Kuwait.

- Quem estava hospedado no Consulado então? - perguntou VICTORIA.

- Um camarada chamado Crosbie... um dos camaradas do petróleo. Ninguém mais. Oh, sim, creio que havia mais alguém, vindo de Bagdá, mas não o conheci. Não posso lembrar seu nome.

- Crosbie - pensou VICTORIA. Ela lembrava do Capitão Crosbie, sua figura baixa atarracada, sua conversação. stáccato. Uma pessoa muito ordinária. Uma alma decente, sem muita finesse. E Crosbie tinha estado de volta em Bagdá na noite em que Carmichael veio para o Tio. Poderia ser porque tinha visto Crosbie na outra ponta da passagem, sua silhueta contra a luz do sol que Carmichael tinha-se voltado tão subitamente e ido para a rua em lugar de tentar chegar ao escritório do Cônsul-Geral?

Ela havia estado a pensar nisso com alguma absorção. Espantou-se culposamente quando levantou o olhar para encontrar Richard Baker observando-a com atenção.

- Por que quer saber tudo isso? - perguntou.

- Estou apenas interessada.

- Mais alguma pergunta?

VICTORIA perguntou:

- Você conhece alguém chamado Lefarge?

- Não. Não posso dizer que conheça. Homem ou mulher?

- Não sei.

Estava cismando novamente sobre Crosbie. Crosbie? Lucifer? Será que Crosbie igualava Lucifér.

Nesta noite, quando VICTORIA tinha dito boa noite aos dois homens e ido para a cama, Richard disse ao Dr. Pauncefoot Jones:

- Será que eu poderia dar uma olhada naquela carta de Emerson. Eu gostaria de ver exatamente o que foi que ele disse sobre essa moça.

- Naturalmente, caro rapaz, naturalmente. Está por aí em algum lugar. Fiz algumas anotações nas costas dela, lembro. Ele falava muito bem de Verônica, se me lembro bem -disse que era terrificamente viva. A mim me parece uma moça encantadora... bem encantadora. Muito corajosa pela maneira como fez tão pouco barulho sobre a perda de sua bagagem. A maioria das pequenas teria insistido em ser levada para Bagdá logo no dia seguinte para comprar um novo sortimento. Isso é

o que eu chamo de uma pequena esportiva. Por falar nisso, como foi que ela perdeu a bagagem?
- Foi cloroformizada, raptada e tida como prisioneira numa casa nativa - disse Richard impassivelmente.

- Nossa, nossa, sim, assim você me contou. Lembro agora. Tudo extremamente improvável. Isso me lembra... que será que isso me lembra?... ali! sim, Elizabeth Carming, naturalmente. Você lembra que ela apareceu com uma história extremamente improvável depois de ter estado desaparecida por uma quinzena. Conflito de evidência muito interessante... sobre alguns ciganos, se este é o caso certo no qual estou pensando. E ela era uma moça tão sem graça, que não parecia provável que houvesse algum homem no caso. Agora, a pequena VICTORIA... Verônica... eu nunca consigo acertar o nome... ela é uma coisinha notavelmente linda. É bastante provável ter um homem no caso dela.

- Ela ficaria muito melhor se não pintasse o cabelo disse Richard secamente.

- Ela o pinta? Realmente. Como você é sabido nesses assuntos.

- Sobre a carta de Emerson, senhor...

- Naturalmente... naturalmente. Não tenho idéia de onde a botei. Mas procure onde quiser... eu de qualquer forma estou ansioso por encontrá-la por causa daquelas notas que tomei nas costas dela... e um esboço daquele emaranhado arame enrolado.

NA TARDE SEGUINTE o Dr. Pauncefoot Jones proferiu

uma exclamação de desgosto quando o som de umcarro chegou fracamente aos seus ouvidos. Logo localizou-o serpenteando pelo deserto em direção ao Tell.

Visitantes - disse venenosamente. - No pior momento possível, também. Quero supervisionar a plastificação daquela roseta pintada no canto Nordeste. Decerto são alguns idiotas vindo de Bagdá com um monte de fofocas sociais e esperando visitar todas as escavações.

- Isto é onde VICTORIA chega a ser útil - disse Richard. Você está ouvindo, VICTORIA? É como você realizar uma excursão guiada pessoalmente..

- Eu provavelmente direi todas as coisas erradas - disse VICTORIA. - Na realidade sou muito inexperiente, você sabe.

- Acho que você está se saindo muito bem - disse Richard contente. - Aqueles comentários que você fez esta manhã sobre tijolos plano-convexos poderiam ter saído diretamente do livro de Delougaz.

VICTORIA mudou levemente de cor e resolveu parafrasear a sua erudição mais cuidadosamente. Às vezes o olhar interrogativo pelas espessas lentes a fazia sentir-se desconfortável.

disse Richard.

Farei o melhor que puder - disse meigamente.

Empurramos todas as tarefas aborrecidas para você

VICTORIA sorriu.

Na realidade, as suas atividades durante os últimos cinco dias a surpreenderam bastante. Ela tinha revelado chapas com água filtrada por algodão e à luz de uma lanterna escura primitiva, contendo uma vela que sempre se apagava no momento mais crucial. A mesa da câmara escura era um caixote e para trabalhar tinha que agachar-se ou ajoelhar-se - a própria câmara escura sendo, como Richard tinha comentado, um modelo moderno do Pequeno Conforto medieval. Haveria mais amenidades nas temporadas vindouras, conforme o Dr. Pauncefoot Jones lhe assegurava - mas no momento, cada penny era necessário para pagar os trabalhadores e conseguir resultados.

Os cestos de cerâmica quebrada primeiramente tinham despertado a sua troça espantada (embora ela tivesse sido cuidadosa para não mostrá-la). Todos esses pedaços quebrados de coisas rudes - para que serviam eles.

Em seguida, quando encontrava junções, enfiava-as e punha-as em caixas de areia, começou a tomar interesse. Aprendeu a reconhecer formas e mesmo períodos. E então finalmente chegou a experimentar e reconstruir em sua própria mente exatamente como e para que finalidade esses vasos tinham sido usados há uns três mil anos. Na pequena área na qual algumas casas particulares de baixa qualidade tinham sido escavadas, ela imaginava as casas como originalmente tinham existido e as pessoas que nelas tinham vivido com suas necessidades, suas possessões e ocupações, suas esperanças e seus temores. Já que VICTORIA tinha uma vívida imaginação, um retrato surgia com bastante facilidade em sua mente. Um dia, quando um pequeno pote de barro foi achado, incrustado numa parede com uma meia dúzia de brincos de ouro nele, ela ficou enfeitiçada. Provavelmente o dote de uma filha, Richard Baker tinha dito, sorrindo.

Recipientes cheios de cereais, brincos de ouro guardados para um dote, agulhas de osso, moinhos de mão, almofarizes, pequenas figuras e amuletos. Toda a vida e esperanças e temores do dia-a-dia de uma comunidade de gente simples desimportante.

- É isso que eu acho tão excitante - disse VICTORIA a Richard. - Você vê, eu sempre costumava pensar que arqueologia era apenas Palácios e Túmulos Reais. Reis na Babilônia - acrescentou ela com um pequeno sorriso estranho. - Mas o que gosto tanto a respeito de tudo isso é que são a gente ordinária de todo dia... gente como eu. Meu Santo

Antônio que encontra as coisas para mim quando as perco... e um porquinho de porcelana de sorte que tenho.. e uma bacia de mistura muito bonita, azul dentro e branca por fora, na qual eu costumava fazer bolos. Quebrou-se e a nova que comprei não era nem um pouco parecida. Posso compreender como essa gente consertava suas cuias ou recipientes favoritos tão cuidadosamente com betume. A vida na realidade é toda a mesma, não é... naquele tempo ou hoje?

Ela estava pensando nessas coisas quando observava os visitantes subindo pelo lado do Tell. Richard foi para cumprimentá-los, VICTORIA seguindo atrás dele.

Havia dois franceses, interessados em arqueologia, que estavam fazendo uma excursão pela Síria e pelo Iraque. Depois dos cumprimentos, VICTORIA os levou pelas escavações, recitando à maneira de papagaio o que estava acontecendo, mas sendo incapaz de resistir, sendo VICTORIA, de acrescentar diversos embelezamentos próprios, apenas, como dizia para si mesma, para torná-lo mais excitante.

Ela notou que o segundo homem era de uma cor muito ruim e que ele se arrastava por aí sem muito interesse. Logo disse que se a mademoiselle o desculpasse ele voltaria para a casa. Ele não se tinha sentido bem desde cedo pela manhã

e o sol estava fazendo-o sentir-se pior.

Ele partiu na direção da Casa da Expedição e o outro, em tons adequadamente abaixados, explicou que, infelizmente, era o estômago dêle. A Barriga de Bagdá, era que chamavam a isso, não era? Ele na realidade não devia ter saído neste dia.

O circuito estava completo, o francês ficou conversando com VICTORIA, finalmente foi dado o toque de reunir e o Dr. Pauncefoot: Jones, com ar determinado de hospitalidade, sugeriu que os hóspedes tomassem chá antes de partirem.

A isso, porém, o francês hesitou. Eles não deveriam atrasar sua partida até que estivesse escuro, ou nunca encontrariam o caminho. Richard Baker disse que isso estava bem certo. O amigo doente foi reconduzido da casa e o carro afastou-se na velocidade máxima.

- Suponho que isso é apenas o começo - grunhiu o Dr. Pauncefoot, Jones. - Vamos ter visitante todo dia agora.

Tomou um grande pedaço de pão árabe e cobriu-o generosamente com geléia de abricó,*

Richard foi para o seu quarto depois do chá. Tinha cartas para responder e outras para escrever em preparação para a ida a Bagdá no dia seguinte.

Subitamente franziu a testa. Não sendo homem de especial organização para um aspecto exterior, no entanto tinha uma maneira de arrumar suas roupas e seus papéis que não variava nunca. Agora via imediatamente que todas as gavetas tinham sido mexidas. Não eram os criados, disso ele tinha certeza. Devia ter sido então o visitante doente, que tinha achado um pretexto para ir à casa, tinha friamente esquadrinhado seus pertences. Nada estava faltando, ele assegurou-se disso. Seu dinheiro não tinha sido tocado. O que, então, tinha ele procurado? Seu rosto tornou-se sério quando pensava nas implicações.

Ele foi à ala das antiguidades e olhou para a gaveta que continha os selos e as impressões dos selos. Deu um sorriso feroz - nada tinha sido tocado ou retirado. Foi para a sala de estar. O Dr. Pauncefoot estava no pátio com o capataz. Somente VICTORIA estava ali, enroscada com um livro.

Richard disse sem preâmbulo:

- Alguém esteve revistando o meu quarto.

- Mas por quê? E quem?

- Não foi: você?

- Eu! - VICTORIA estava indignada. - Claro que não. Por que deveria eu xeretar as suas coisas?

Lançou-lhe um olhar duro. Em seguida disse:

- Deve ter sido aquele maldito estranho. aquele que fingiu de doente e veio para a casa.

- Roubou alguma coisa?

- Não - disse Richard. - Nada foi tirado.

- Mas por que então alguém iria...

Richard atalhou para dizer:

- Pensei que você poderia saber.

- Eu?

- Bem, pelo que você mesmo conta, coisas bastante estranhas têm acontecido a você.

- Oh, isso... sim. - VICTORIA parecia assaz espantada. Disse lentamente. - Mas não sei por que iriam revistar o seu quarto. Você nada tem que ver com...

- Com quê?

VICTORIA não respondeu por um ou dois momentos. Parecia perdida em pensamento.

- Sinto muito - disse por fim. Que foi que você disse? Eu não estava escutando.

Richard não repetiu a sua pergunta. Em lugar disso perguntou.:

- Que e que você está lendo?

VICTORIA fez uma ligeira careta:

- Você não tem grande escolha de ficção leve aqui. Conto de Duas Cidades, Orgulho e Preconceito e O Moinho no Floss. Eu estava lendo o Conto de Duas Cidades.

- Nunca tinha lido antes?

- Nunca, sempre pensei que Dickens seria tedioso.

- Que idéia!

- Estou achando bastante emocionante.

- Onde é que você está? - olhou sobre seu ombro e leu:

- "E as tricoteiras contaram Um".

- Eu acho que ela é muito assustadora - disse VICTORIA.

- Madame Defarge? Sim, um tipo bom. Embora se você podia guardar um registro de nomes em tricotagem sempre me pareceu um tanto duvidoso. Mas, naturalmente, eu não sou tricoteira.

- Oh, eu acho que seria possível - disse VICTORIA, pensando no assunto. - Reto e enrolado... e pontos fantasia... e o ponto errado com intervalos. Sim, poderia ser feito... Camuflado, naturalmente, de modo que pareceria obra de aiguem bastante ruim em tricô e que cometia enganos...

Subitamente com a intensidade de um relâmpago, duas coisas se juntaram em sua mente e afetaram-na com a força duma explosão. Um nome... e uma memória visual. O homem com o lenço tricotado à mão, vermelho e esfarrapado agarrado em suas mãos - o lenço que tinha apressadamente apanhado mais tarde e jogado numa gaveta. E junto com isso um nome. Defarge - não Lefarge - Defarge, Madame Defarge.

Foi chamada a si quando Richard lhe perguntou cortêsmente:

- Está acontecendo alguma coisa?

- Não... não, isto é. Acabei de pensar em algo.

- Estou vendo - Richard levantou as sobrancelhas do seu modo mais pedante.

Amanhã, pensava Victoria, eles iriam todos a Bagdá. Amanhã a espera dela estaria terminada. Por mais de uma semana ela tinha tido segurança, paz, tempo para reorganizar-se. E ela tinha-se divertido neste tempo - tinha-se divertido enormemente. Talvez eu seja covarde, pensou VICTORIA, talvez seja isso. Ela tinha falado alegremente sobre aventura, mas não tinha gostado muito quando realmente veio. Tinha odiado aquela luta contra o clorofórmio e a lenta sufocação e tinha estado assustada, terrivelmente assustada naquele aposento superior, quando o árabe esfarrapado tinha dito "Bukra".

E agora tinha que voltar a tudo isso. Porque ela era empregada do Sr. Dakin e paga pelo Sr. Dakin e tinha que merecer seu pagamento e apresentar uma fachada corajosa! Talvez mesmo tivesse que voltar ao Ramo de Oliveira. Tremeu um pouco quando pensou no Dr. Rathbone e naquele seu olhar escuro e perscrutador. Ele a tinha prevenido...

Mas talvez não precisasse voltar. Talvez o Sr. Dakin dissesse que era melhor não voltar - agora que sabiam a respeito dela. Mas ela tinha que voltar à sua moradia e apanhar as coisas dela, porque, jogado desatentamente em sua mala, estava o lenço vermelho tricotado... Ela havia empacotado tudo em malas quando saiu para Basrah. Uma vez que tivesse colocado aquele lenço nas mãos do Sr. Dakin, talvez a sua tarefa estivesse cumprida. Ele talvez lhe dissesse, como nos filmes: Oh, bom trabalho, VICTORIA.

Levantou o olhar e encontrou Richard Baker observando-a.

- Aliás - disse ele. - Você será capaz de apanhar seu passaporte amanhã?

VICTORIA pensou sobre a posição. Era característico da parte dela que ainda não tinha definido seu plano de ação no que se referia à Expedição. Desde que a verdadeira Verônica (ou Venetia) estaria em breve chegando da Inglaterra, uma retirada em boa ordem era necessária. Mas se ela meramente desapareceria ou confessaria a sua decepção com desculpas adequadas, ou na realidade o que pretendia fazer, ainda não se tinha apresentado como um problema a ser resolvido. VICTORIA estava sempre disposta a adotar a atitude à moda de Micawber de que Alguma Coisa Apareceria.

- Bem disse ela contempORIZANDO. - Não tenho certeza.

- É preciso, sabe, para apolícia deste distrito - explicou Richard. - Eles tomam nota do seu número e seu nome e idade e sinais especiais etc., todos os etceteras. Como não temos o passaporte, devemos pelo menos mandar seu nome e descrição para eles. Por falar nisso, qual é seu último nome? Eu sempre a chamei VICTORIA.

VICTORIA recompôs-se valentemente.

- Ora vamos - disse ela. Você sabe meu último nome tão bem quanto eu.

- Isso não é bem verdade disse Richard. Seu sorriso curvou-se para cima com uma indicação de crueldade. -Eu sei seu último nome. Acho que e você que não sabe.

Por detrás das lentes os olhos a espreitavam.

- Claro que sei meu próprio nome - retrucou VICTORIA.

- Então vou desafiá-la a dizer-mo agora.

Sua voz repentinamente era dura e laconica.

- Não adianta mentir - disse ele. - O jogo está terminado. Você tem sido muito esperta a respeito de tudo. Você tem procurado ler sobre o seu assunto, tem demonstrado pedaços reveladores de sabedoria e... mas é o tipo de impostura que não se pode agüentar muito tempo. Tenho feito armadilhas para você e você caiu nelas. Tenho citado trechos de completas bobagens e você os aceitou - pausou. - Você não é Venetia Savile. Quem é você?

- Eu lhe contei a primeira vez que nos encontramos disse VICTORIA. - Sou VICTORIA Jones.

- A sobrinha do Dr. Pauncefoot Jones?

- Não sou sobrinha dele... mas meu nome é Jones.

- Você me contou um monte de outras coisas.

- Sim, contei. E eram todas verdade! Mas eu pude ver que não me acreditava. E isso me deixou furiosa, porque embora eu conte mentiras algumas vezes... na realidade bemfrequentemente... o que acabei de dizer a você não era mentira. E assim, apenas para tornar-me mais convincente, eu disse que meu nome era Pauncefoot Jones... disse isso antes por aqui e sempre tem sido muito bem aceito. Como eu poderia saber que você estava vindo realmente para este lugar.

- Deve ter sido um ligeiro choque para você disse Richard ferozmente. - Você agüentou muito bem, fresca como um pepino.

- Não por dentro - disse VICTORIA - eu estava absolutamente trêmula. Mas eu senti que, se eu esperasse para explicar quando chegasse aqui... bem, de qualquer forma eu estaria segura.

- Segura? - ele pensou sobre a palavra. - Olhe aqui, VICTORIA, aquela lengalenga incrível que você me *contou sobre ser cloroformizada era realmente verdade?

- Claro que era verdade! Voce não vê, se eu quisesse inventar uma história poderia inventar uma muito melhor e contá-la ainda melhor!

- Conhecendo-a um pouquinho melhor agora, posso ver o peso que isso tem! Mas você precisa concordar que, a primeira vista, a história era completamente improvável.

- Mas você está disposto a pensar agora que é possível. Por quê?

Richard disse lentamente:

- Porque, se você, como diz, estava envolvida na morte de Carmichael... bem, então pode ser verdade.

- Foi com isso que tudo começou - disse VICTORIA.

- É melhor que você me conte sobre isso.

VICTORIA fixou-o muito duramente. - Estou pensando - disse ela - se posso confiar em você.

- O sapato está no outro pé! Você se da conta de que tenho tido graves suspeitas de que você se plantou aqui com um nome falso para conseguir informações de mim? E talvez seja isso o que você está fazendo.

- Quer dizer que você sabe algo sobre Carmichael que eles gostariam de saber?

- Quem exatamente são eles ?

- Terei que contar-lhe tudo sobre isso - disse VICTORIA.

Não há outro meio... e se você é um deles, então você já sabe de tudo, de modo que não tem importância.

Contou-lhe da noite da morte de Carmichael, de sua entrevista com o Sr. Dakin, de sua viagem a -Basrah, seu emprego no Ramo de Oliveira, da hostilidade de Catarina, do Dr. Rathbone e seu aviso e do resultado final, incluindo desta vez o enigma do cabelo tingido. As únicas coisas que deixou de mencionar foram o lenço vermelho e Madame Defarge.

- Dr. Rathbone? - Richard agarrou o detalhe. - Você acha que ele está metido nisso? Por trás disso? Mas minha cara pequena, ele é um homem muito importante. É conhecido no mundo todo. Contribuições têm vindo de todas as partes do globo para seus projetos.

- Ele não teria que ser todas essas coisas? - perguntou VICTORIA.

- Eu sempre o considerei um asno pomposo - disse

Ríchard pensativamente.

- E isso também é muito boa camuflagem.

- Sim, sim... creio que é. Quem era Lefarge sobre quem você me perguntou?

- Apenas um outro nome - disse VICTORIA. - Há Ana Scheele também - disse ela.

- Ana Scheele? Não, nunca escutei falar dela.

- É importante - disse VICTORIA. - Mas não sei exatamente como nem por quê. Está tudo tão misturado.

- Diga-me apenas de novo - disse Richard. - Quem é o homem que a fez começar tudo isso?

- Edward... Oh, você quer dizer o Sr. Dakin. Está trabalhando com petróleo, penso eu.

- Ele é um camarada curvado, cansado, de aspecto extremamente vago?

- Sim, mas na realidade ele não é... Vago, quero dizer.

- Ele não bebe?

- As pessoas dizem isso, mas eu não acredito.

Richard recostou-se e olhou-a:

- Phillips Oppenheim, William Le Queux e diversos imitadores distintos desde então? Isso será real? Será que você é real? E você será a heroína perseguida ou a malvada aventureira?

VICTORIA disse de maneira prática:

- O grande caso é: o que vamos dizer ao Dr. Pauncefoot Jones sobre mim?

- Nada - disse Richard. - Na realidade não vai ser necessário.

ELES PARTIRAM cedo para Bagdá. O ânimo de VICTORIA estava curiosamente baixo. Quase que tinha um aperto na garganta quando olhou para trás para a Casa da Expedição. No entanto o desconforto agudo devido aos socos malucos que dava o caminhão, eficientemente distraíram a sua mente de tudo que não fosse a tortura do momento. Parecia estranho viajar ao longo de uma assim chamada estrada novamente, passando buracos e encontrando caminhos empoeirados. Levou cerca de três horas até que chegassem aos arredores de Bagdá. O caminhão despejou-os no Hotel Tio e em seguida seguiu com o cozinheiro e o motorista para fazerem todas as compras necessárias. Um grande maço de cartas estava à espera do Dr. Pauncefoot Jones e Richard. Marcus apareceu repentinamente, maciço e sorridente, e cumprimentou VICTORIA com a sua radiância amistosa costumeira.

- Ali - disse ele - faz muito tempo que não a via. Você não vem para o meu hotel. Não por uma semana, duas semanas. Por que é isso? Você almoça aqui hoje, você tem tudo de que precisa? Os pintinhos? O grande bife? Apenas não o peru recheado com condimentos muito especiais e arroz, porque para isso você tem que me avisar um dia antes.

Parecia claro que, até onde as coisas se relacionavam com o Hotel Tio, o rapto de VICTORIA não tinha sido notado. Possivelmente Edward, aos conselhos do Sr. Dakin, não tinha ido à polícia.

- O Sr. Dakin está em Bagdá, você sabe, Marcus? perguntou ela.

- O Sr. Dakin... ah sim, homem muito bom... claro, é um amigo seu. Ele esteve aqui ontem... não anteontem. E o Capitão Crosbie, conhece-o? Um amigo do Sr. Dakin. Ele chega hoje de *Karmanshah.

- Sabe onde fica o escritório do Sr. Dakin?

- Claro que sei. Todo mundo conhece a Companhia de Petróleo Iraquiana.

- Bem, quero ir lá agora. Num táxi. Mas eu quero estar segura de que o táxi saberá onde me levar.

- Eu mesmo digo a ele - disse Marcus obsequiosamente.

Acompanhou-a até a ponta do corredor e gritou da sua forma violenta costumeira. Um servente espantado chegou na carreira. Marcus ordenou-lhe que conseguisse um táxi. Em seguida VICTORIA foi acompanhada ao táxi e Marcus falou com o motorista. Em seguida deu um passo atrás e agitou a mão.

- E quero um quarto - disse VICTORIA. - Posso conseguir um?

- Sim, sim. Eu lhe dou um quarto maravilhoso e mando fazer o grande bife e hoje eu tenho... muito especial... caviar. E antes disso vamos tomar um pequeno trago.

- Adorável - disse VICTORIA. - Oh, Marcus, você pode emprestar-me algum dinheiro?

- Claro, meu bem. Aqui está. Tire quanto você quiser.

O taxi partiu com uma buzinação violenta e VICTORIA caiu para trás sobre o assento, agarrada num sortimento de moedas e notas.

Cinco minutos mais tarde VICTORIA entrava nos escritórios da Companhia de Petróleo Iraquiana e perguntou pelo Sr. Dakin.

O Sr. Dakin levantou o olhar da escrivaninha em que estava sentado, quando VICTORIA foi feita entrar. Levantou-se e apertou as mãos dela de uma maneira formal.

- Srta... er... Srta. Jones, não é? Traga café, Abdullah.

Quando a porta a prova de som se fechou por trás do empregado, ele disse calmamente:

- Você na verdade não deveria vir aqui, sabe.

- Desta vez eu tive - disse VICTORIA. - Há alguma coisa que tenho que lhe contar imediatamente... antes que mais alguma coisa me aconteça.

- Aconteça a você? Algo aconteceu a você?

- Não sabe? - perguntou VICTORIA. - Edward não lhe contou?

- Até onde eu sei, você ainda está trabalhando no Ramo de Oliveira. Ninguém me contou coisa alguma.

- Catarina - exclamou Victoria.

- Como, por favor?

- Aquela gata da Catarina! Aposto que encheu Edward com alguma história ou outra e o palerma acreditou nela.

- Bem, deixe ouvir a respeito - disse o Sr. Dakin.

Eu... se posso dizer isso - seus olhos foram discretamente para a cabeça loura de VICTORIA eu a prefiro como morena.

- Isso e apenas parte do todo disse VICTORIA.

Houve uma batida na porta e o mensageiro entrou com duas pequenas xícaras de café doce. Quando ele foi embora, Dakin disse:

- Agora fique descansada e me conte tudo. Não nos podem escutar aqui.

VICTORIA mergulhou na história de suas aventuras. Como sempre, quando estava falando com Dakin, ela conseguiu ser tanto coerente quanto concisa. Terminou a sua história com um relato do lenço vermelho que Carmichael tinha deixado cair e a associação dele com Madame Defarge.

Em seguida olhou ansiosamente para Dakin.

Ele lhe tinha parecido, quando entrara, estar ainda mais curvado e cansado. Agora viu um novo brilho entrar em seus olhos.

- Eu deveria ler Dickens com mais frequência - disse ele.

- Então você pensa que eu estou certa? Acha que foi Defarge que ele disse - e voce pensa que alguma mensagem estava tricotada no lenço?

- Penso - disse Dakin - que esta é a primeira oportunidade real que tivemos... e temos que agradecer a voce por isso. Mas a coisa importante é o lenço. Onde está?

- Com todo o resto das minhas coisas. Eu o enfiei numa gaveta naquela noite - e quando empacotei, lembro-me de ter feito uma trouxa de tudo sem selecionar ou separar coisa alguma.

- E você nunca chegou a mencionar a quem quer que seja mesmo... que aquele lenço pertencia a Carmichael?

- Não, porque tinha esquecido tudo a respeito dele. E o enfiei numa mala com algumas outras coisas quando fui para Basrah e nunca mais abri a mala desde então.

- Então deve estar em ordem. Mesmo se tiverem revistado as suas coisas, não terão dado importância alguma a um lenço de lã velho e sujo... a não ser que lhes tivessem chamado a atenção para isso, o que, até onde posso ver, é impossível. Tudo que temos que fazer agora é ter as suas coisas apanhadas e mandadas para você... aliás, você tem algum lugar para ficar?

- Tomei um quarto no Tio.

Dakin assentiu.

Melhor lugar para você.

Eu tenho que... você quer que eu... volte para o Ramo de Oliveira?

Dakin olhou para ela interessado.

- Com medo?

VICTORIA avançou o queixo.

- Não - disse ela com desafio - eu vou se você quiser.

- Não acho que seja necessário... ou mesmo inteligente. Seja como for que descobriram, alguém ali farejou as suas atividades. Sendo assim, você não seria capaz de descobrir mais nada, de modo que será melhor ficar ao largo.

Ele sorriu.

- De outra forma você pode ter a cabeça ruiua da próxima vez que a encontrar.

- Isso é o que quero saber mais de tudo - gritou VICTORIA. - Por que tingiram meu cabelo. Tenho pensado e pensado e não posso ver qualquer razão para isso. Você pode?

- Apenas a razão um tanto desagradável de que seu corpo morto seria menos fácil de identificar.

- Mas se eles queriam que eu fosse um cadáver, porque não me mataram logo?

- Essa é uma pergunta muito interessante, VICTORIA. É a pergunta que eu gostaria de ver respondida antes de todas.

- E não tem nenhuma idéia?

- Não tenho nenhuma pista - disse o Sr. Dakin com um sorriso apagado. - Falando de pistas - disse VICTORIA - lembra que eu disse que havia alguma coisa sobre Sir Rupert Crofton Lee, que não parecia certo, naquela manhã no Tio?

- Sim.

Não o conhecia pessoalmente, não é?,

Não, eu não o tinha encontrado antes, não.

Pensei que não. Porque, você vê, ele não era Sir Rupert Crofton Lee.

E mais uma vez ela mergulhou em narrativa animada, começando com o furúnculo nascente nas costas do pescoço de Sir Rupert.

- Então foi assim que foi feito - disse Dakin. - Não podia conceber como Carmichael podia estar suficientemente fora de guarda para ser morto naquela noite. Ele chegou seguramente a Crofton Lee... e Crofton Lee: o esfaqueou, mas ele conseguiu escapar e irrompeu no seu quarto antes de desmoronar. E ficou agarrado ao lenço... literalmente com a morte feroz.

- Pensa que é porque eu vinha contar-lhe isso que ine raptaram? Mas ninguém sabia, exceto Edward.

- Acho que eles sentiram que tinham que tirá-la de cena rapidamente. Você estava tropeçando com coisas demais que estavam acontecendo no Ramo de Oliveira.

- O Dr. Rathbone me preveniu - disse VICTORIA. - Era mais uma ameaça que um aviso. Acho que ele se dera conta de que eu não era o que fingia ser.

- Rathbone - disse Dakin secamente - não é trouxa.

- Estou contente por não ter que voltar lá - disse VICTORIA. - Fingi ser corajosa agora mesmo.. mas na realidade, estou com medo.

- Se eu não for ao

Ramo de Oliveira, como é que posso encontrar Edward.

- - Dakin sorriu.

- Se Mohammed não quer vir à montanha, a montanha tem que ir a Mohammed. Escreva-lhe uma nota agora. Apenas diga que está no Tio e peça-lhe para apanhar suas roupas e

- pertences e trazê-los para lá. Vou consultar o Dr. Rathbone esta manhã sobre uma de suas noitadas de Clube. Será fácil para mim passar uma nota ao seu secretário... assim não haverá perigo da sua inimiga Catarina fazê-la desaparecer. Quanto a você, volte para o Tio e fique lá... e, VICTORIA..

- Sim?

- Você está numa embrulhada... de alguma espécie. Faça o melhor que puder para si mesma. Tanto quanto possível você será vigiada, mas seus adversários são extremamente audaciosos e infelizmente você sabe um bocado. Uma vez que a sua bagagem esteja no Hotel Tio, suas obrigações para comigo terminaram. Compreenda isso.

- Volto diretamente para o Tio agora - disse VICTORIA.

Pelo menos vou comprar apenas algum pó facial, batom e creme evanescente no caminho. Afinal de contas...

- Afinal de contas - disse o Sr. Dakin - não se pode encontrar o jovem de alguém completamente desarmada.

- Não importava tanto com Richard Baker, mas eu gostaria de que ele soubesse que posso parecer bastante bem, quando tento - disse VICTORIA.

- Mas Edward...

XXII

- Com o cabelo louro cuidadosamente arrumado, seu nariz empoado e os lábios com pintura nova, VICTORIA estava

sentada no terraço do Tio, mais uma vez no papel de uma Julieta moderna esperando por Romeu.

E no devido tempo Romeu veio. Apareceu no gramado olhando para cá e para lá.

- Edward - disse VICTORIA.

Edward olhou para cima.

- Oh, aí está você. VICTORIA...

- Suba aqui.

- Já vou.

Um momento mais tarde veio para o balcão que estava deserto.

- É mais calmo aqui em cima - disse VICTORIA. - Vamos logo descer e deixar Marcus nos dar bebidas.

Edward estava olhando-a perplexamente.

- Diga, VICTORIA, você não fez alguma coisa com o seu cabelo?

VICTORIA soltou um suspiro exasperado.

- Se alguém mais mencionar cabelos para mim, eu realmente acho que vou dar-lhe uma pancada na cabeça.

- Acho que gostava mais dele como era - disse Edward.

- Diga isso a Catarina!

- Catarina? Que é que ela tem que ver com isso?

- Tudo - disse VICTORIA. - Você me disse para ficar camaradinha dela e foi o que fiz e acho que você não faz a mínima idéia no que isso me meteu!

- Onde foi que você esteve todo este tempo, VICTORIA? Estava ficando bastante preocupado.

- Oh, sim, estava, não é? Onde você pensa que estive?

- Bem, Catarina me deu a sua mensagem. Disse que você lhe contou que tinha que ir a Mossul subitamente. Era algo muito importante e boas novas eu ouviria de você no devido tempo.

- E você acreditou nisso? - perguntou VICTORIA numa voz quase que condoída.

- Pensei que você tinha topado com a pista de alguma coisa. Naturalmente você não poderia dizer muito a Catarina...

- Não lhe ocorreu que Catarina estava mentindo e que eu tinha levado uma pancada na cabeça.

- O quê? - Edward fixou-a.

- Dopada, cloroformizada... morta de fome...

Edward passou um olhar perscrutador em volta.

- Nossa! Eu nunca sonhei - olhe aqui, não gosto de estar falando aqui. Todas essas janelas. Não podemos ir ao seu quarto?

- Muito bem. Você trouxe a minha bagagem?

- Sim, despejei tudo com o porteiro.

- Porque quando alguém não mudou de vestido durante uma quinzena...

- VICTORIA, que tem estado a acontecer? Eu sei - tenho carro aqui. Vamos para Devonshire. Você nunca esteve lá, não é?

- Devonshire? - VICTORIA olhou surpresa.

- Oh, é apenas um nome para um lugar não longe de Bagdá. É bastante agradável nesta parte do ano. Vamos. Não tive você para mim há anos.

- Não desde a Babilônia. Mas que dirão o Dr. Rathbone e o Ramo de Oliveira?.

- Ao diabo o Dr. Rathbone. Estou cheio daquele velho asno de qualquer jeito.

Correram escadas abaixo e para fora, onde o carro de Edward estava estacionado. Edward dirigiu para o sul, atravessando Bagdá por uma avenida comprida. Em seguida saiu da avenida; saltitavam e esgueiravam-se por palmeiras e sobre pontes de irrigação. Finalmente, com estranha surpresa, chegaram a um bosque de arbustos rodeado e atravessado por canais de irrigação. As árvores do bosque, em sua maioria de amêndoas e abricó, estavam justamente começando a florescer. Era um lugar idílico. Atrás do bosque, a pequena distância, estava o Tigre.

Saíram do carro e andaram juntos pelas árvores em flor. - Isto aqui é lindo - disse VICTORIA suspirando profundamente. - É como estar de volta à Inglaterra na primavera.

O ar estava suave e quente. Logo sentaram-se sobre um tronco de árvore caída com flores cor-de-rosa penduradas sobre suas cabeças.

- Agora, querida - disse Edward. - Conte-me o que tem estado a acontecer com você. Eu me senti tão horrivelmente mal.

- Realmente? - ela sorriu sonhadora.

Em seguida lhe contou. Da cabeleireira. Do cheiro de clorofórmio e da sua luta. De acordar dopada e doente. Do que ela tinha escapado e de seu encontro afortunado com Richard Baker e como tinha alegado ser VICTORIA Pauncefoot Jones em seu caminho para a escavação e como quase que miraculosamente ela havia mantido o papel de uma estudante de arqueologia chegada da Inglaterra.

Neste ponto Edward berrou de rir.

- Você é maravilhosa, VICTORIA! As coisas em que você pensa... e inventa.

- Eu sei - disse VICTORIA. - Meus tios: o Dr. Pauncefoot Jones e antes dele... o Bispo.

E nisso ela subitamente lembrou o que era que tinha querido perguntar a Edward em Basrah, quando a Sra. Clayton os tinha interrompido chamando-os para as bebidas.

- Eu queria perguntar-lhe antes - disse ela. - Como você sabia a respeito do bispo?

Sentiu enrijecer a mão que segurava a sua, subitamente. Ele disse rapidamente, rapidamente demais:

- Ora, você me contou, não foi?

VICTORIA olhou para ele. Estranho, pensava depois, que um pequeno deslize infantil pudesse ter conseguido o que conseguiu.

Pois ele foi tomado completamente de surpresa. Não tinha história preparada - sua face estava subitamente indefesa e sem máscara.

E ao olhar para ele, tudo se movimentou, mudou de lugar e firmou-se num desenho, exatamente como um calidoscópio e ela viu a verdade. Talvez não fosse realmente súbito. Talvez no seu subconsciente esta pergunta: Como Edward sabia sobre o bispo? tinha estado amofinando e perturbando e tinha chegado lentamente à resposta única, inevitável... Edward não tinha sabido acerca do Bispo de Llangow por intermédio dela e as outras únicas pessoas pelas quais podia ter sabido teriam sido o Sr. ou a Sra. Hamilton Clipp. Mas eles não poderiam ter visto Edward desde a sua chegada a Bagdá, pois Edward tinha então estado em Basrah, de modo que tinha que ter sabido deles antes mesmo de ele ter deixado a Inglaterra. Ele devia ter sabido então o

tempo todo que VICTORIA estava vindo com eles - e toda a coincidência maravilhosa não era, no final de contas, uma coincidência. Era planejada e intencional...

E quando olhou a face desmascarada de Edward, ela subitamente sabia o que Carmichael tinha querido dizer com Lucifer. Sabia o que tinha visto naquele dia, quando olhava ao longo do passeio para o jardim do Consulado. Ele tinha visto aquela face jovem e bonita à qual ela estava olhando agora

pois era uma face bonita...

Oh, Lucifer, Filho da Manhã, como caíste?

Não o Dr. Rathbone - Edward! Edward, desempenhando um papel menos importante, - papel de um secretário, mas controlando e planejando e dirigindo, usando Rathbone como uma figura de proa - e Rathbone avisando-a para ir embora enquanto podia...

Quando olhou para este rosto lindamente mau, todo o seu amor de bezerra adolescente e estúpida desapareceu e ela sabia que o que sentira por Edward nunca tinha sido amor. Tinha sido o mesmo sentimento que tinha experimentado alguns anos antes por Humphrey Bogart e mais tarde pelo Duque de Edimburgo. Tinha sido atração ilusória. E Edward nunca a amara. Tinha exercido seu encanto e seu feitiço deliberadamente. Tinha-a apanhado naquele dia, usando seu encanto tão facilmente, tão naturalmente que ela havia caído por ele sem uma luta. Tinha sido uma trouxa.

Era extraordinário quanto podia relampejar pela sua mente em apenas alguns segundos. Não era preciso pensar os pensamentos até o fim. Vinham simplesmente. Conhecimento integral e instantâneo. Talvez porque realmente, no íntimo, você o tinha sabido o tempo todo...

E ao mesmo tempo algum instinto de autopreservação, rápido, como eram rápidos os processos mentais de VICTORIA, conservou seu rosto numa expressão de admiração. boba, impensante. Pois ela sabia, instintivamente, que estava em grande perigo. Havia apenas uma coisa que poderia salvá-la, apenas uma carta que poderia jogar. Ela apressou-se a jogá-la.

- Você sabia o tempo todo!.- disse ela. - Você sabia que eu estava vindo para cá. Você deve ter arrumado isso. Oh, Edward, você é maravilhoso!

Seu rosto, esse rosto plástico, impressionável, mostrava apenas uma emoção - uma adoração quase saturada. E ela viu a reação - o sorriso levemente escarnejador, o alívio. Ela podia quase sentir Edward dizer para si mesmo: "Pequena estúpida! Ela é capaz de engolir tudo! Posso fazer com ela o que quiser. "

- Mas como foi que você arranjou isso? - perguntou.

Você deve ser muito poderoso. Você deve ser bem diferente daquilo que você finge ser. Você... é como disse o outro dia... você é um Rei na Babilônia.

Ela viu o orgulho que iluminava aquele rosto. Viu o poder e a força e a beleza e crueldade que tinham estado disfarçados por detrás da fachada de um jovem modesto e amável.

E eu sou apenas uma escrava cristã - pensou VICTORIA. Disse rápida e ansiosamente, como toque artístico final (e quanto isso custou ao seu orgulho nunca ninguém saberá). - Mas você me ama, não é?

Seu escárnio dificilmente poderia ser escondido agora. Essa pequena boba - todas essas trouxas mulheres! Tão fácil fazê-las pensar que você as amava e era tudo que lhes importava! Não tinham concepção da grandeza de construção de um mundo novo, apenas ganiam por amor! Eram escravas e você as usava como escravas para favorecer a sua finalidade.

- Naturalmente que a amo - disse ele.

- Mas acerca de que é tudo isso? Conte-me Edward Faça-me compreender.

- É um mundo novo, VICTORIA. Um mundo novo que se erguerá dos detritos e das cinzas do velho.

- Conte-me.

Ele contou-lhe e, a despeito de si mesma, ela quase que foi arrastada, arrastada para um sonho. As velhas coisas ruins tinham que destruir umas as outras. Tinha que haver guerra total - destruição total. E em seguida - o novo céu e a nova terra. O pequeno bando escolhido de seres superiores, os cientistas, os peritos agrícolas, os administradores - os jovens como Edward - os jovens Siegfrieds do Novo Mundo. Todos jovens, todos acreditando em seu destino como Super-homens. Quando a destruição tivesse tomado seu curso, eles entrariam e assumiriam.

Era loucura - mas era loucura construtiva. Era a espécie de coisa que num mundo, esfacelado e em desintegração, poderia acontecer.

- Mas pense - disse VICTORIA - em toda essa gente que será morta primeiro.

- Você não compreende - disse Edward. - Isso não tem importância.

Não tem importância - esse era o credo de Edward. E subitamente, por nenhuma razão, uma lembrança daquela bacia de cerâmica rude de três mil anos de idade, remendada com betume, relampagueou através da mente de VICTORIA. Certamente, essas eram as coisas que contavam - as pequeninas coisas de cada dia, a família para se cozinhar para ela, as quatro paredes que circundavam a casa, uma ou duas possessões conservadas com carinho. Todas as milhares de

peças ordinárias na terra, tratando dos seus próprios negócios e tratando da terra e fazendo potes e criando famílias e chorando e rindo, e levantando-se de manhã e indo para a cama de noite. Essas eram as pessoas que importavam, não esses anjos de caras malvadas que queriam fazer um mundo novo e que não se importavam a quem ferissem para fazê-lo.

E cuidadosamente, tateando seu caminho, pois aqui em Devonshire ela sabia que a morte poderia estar muito perto, ela disse:

- Você é maravilhoso, Edward. Mas e eu? Que é que eu posso fazer?

- Você quer ajudar? Você acredita nisso?

Mas ela era prudente. Nenhuma conversão súbita. Isso teria sido demais.

- Eu acho que simplesmente acredito em você! - exclamou. - Qualquer coisa que você me mandar fazer, Edward, eu farei.

- Boa menina - disse ele.

- Por que foi que você arranjou as coisas para que eu viesse para cá, para começar? Deve ter havido alguma razão.

- Naturalmente que havia. Lembra que tirei uma fotografia sua naquele dia?

- Lembro - disse VICTORIA.

(Sua boba, como você ficou lisonjeada, como você sorriu bobamente! - pensou ela consigo mesma).

- Eu tinha ficado impressionado com seu perfil... por sua semelhança com alguém. Tirei aquela fotografia para assegurar-me.

- Com quem me pareço?

- Uma mulher que nos tem dado um bocado de aborrecimento... Ana Scheele.

- Ana Scheele - disse VICTORIA e olhou-o com surpresa enorme. O que quer que tivesse esperado, não tinha sido isso. Você quer dizer... ela se parece comigo?

- Bem notavelmente, vista de lado. As feições de perfil são quase exatamente as mesmas. E há uma coisa bem extraordinária: você tem uma marca bem pequena de uma cicatriz no seu lábio superior, do lado esquerdo.

- Sei. É quando caí de um cavalo de lata quando era criança. Tinha uma orelha pontuda e cortou bastante fundo. Não parece muito, não com o pó por cima.

- Ana Scheele tem uma marca exatamente no mesmo lugar. Esse foi um ponto extremamente valioso. Vocês são iguais em altura e constituição... ela é uns quatro ou cinco anos mais velha que você. A real diferença é o cabelo, você é morena e ela é loira. E seu tipo de penteado é bem diferente. Seus olhos são de um azul mais profundo, irias isso não importaria muito com vidros coloridos.

- E por isso você queria que eu viesse para Bagdá? Por que me parecia com ela.

- Sim, pensei que a semelhança poderia... vir a calhar.

- Assim você arrumou a coisa toda... Os Clippis.. quem são os Clippis?

- Eles não são importantes... eles apenas fazem o que se lhes manda.

Algo no tom de voz de Edward mandou um leve temor espinha abaixo em VICTORIA. Era como se ele tivesse dito com desapego desumano: "Estão sob obediência."

Havia um sabor religioso acerca desse projeto maluco. "Edward", pensava ela, "é seu próprio Deus. Isso é que é tão assustador. "

Em voz alta disse:

- Você me contou que Ana Scheele era o chefe, a abelha rainha no seu espetáculo.

- Eu tinha que lhe contar algo para tirá-la da pista. Você já tinha aprendido demais.

E se eu não me parecesse com Ana Scheele, isso teria sido o meu fim - pensou VICTORIA.

Disse, porém: - Quem é ela realmente?

- É secretária confidencial de Otto Morghanthal, o banqueiro americano e internacional. Mas isso não é só o que é. Ela tem o cérebro financeiro mais notável. Temos razão para acreditar que ela está na pista de uma porção de nossas operações financeiras. Três pessoas têm sido perigosas para nós - Rupert Crofton Lee, Carmichael... bem, esses foram ambos apagados. Permanece Ana Scheele. Ela deveria chegar a Bagdá dentro de dois dias. Nesse ínterim, ela desapareceu.

- Desapareceu? Onde?

- Em Londres. Desapareceu, aparentemente da face do mundo.

- E ninguém sabe onde ela está?

- Dakin poderá saber.

Mas Dakin não sabia. VICTORIA sabia isso, embora Edward não soubesse - então, onde estava Ana Scheele?

Ela perguntou:

- Você realmente não tem a menor idéia?

- Nós temos uma idéia - disse Edward lentamente.

- Bem?

- É vital que Ana Scheele esteja aqui em Bagdá para a Conferência. Essa, como você sabe, será daqui a cinco dias.

- Tão depressa assim? Eu não tinha a menor idéia.

- Temos vigiado cada entrada para este país. Ela certamente não virá aqui com seu próprio nome. E não está vindo em avião de serviço do governo. Temos os nossos meios para verificar isso. De modo que investigamos todas as reservas particulares. Há uma passagem reservada na BOAC em nome de Grete Harden. Procuramos levantar a pista de Grete Harden e não existe tal pessoa. É um nome fictício. O endereço dado é falso. A nossa idéia é de que Grete Harden é Ana Scheele.

Acrescentou:

- O avião dela fará escala em Damasco depois de amanhã:

- E depois?

Os olhos de Edward olharam subitamente para dentro dos dela.

- Isso depende de você, VICTORIA.

- De mim?

- Você tomará o lugar dela.

VICTORIA disse lentamente:

- Como Rupert Crofton Lee?

Era quase um sussurro. No curso daquela substituição Rupert Crofton Lee tinha morrido. E quando VICTORIA tomasse o lugar dela, presumivelmente Ana Scheele, ou Grete Harden, morreria... Mas mesmo que ela não concordasse, ainda assim Ana Scheele morreria.

E Edward estava esperando - e, se por algum momento Edward duvidasse da lealdade dela então, ela, VICTORIA, morreria - e morreria provavelmente sem a possibilidade de prevenir a qualquer pessoa.

Não, ela tinha que concordar e agarrar uma oportunidade de relatar tudo ao Sr. Dakin.

Mas, suspirou fundamente e disse:

- Eu... eu... oh, mas, Edward, eu não poderia fazê-lo. Eu seria descoberta. Eu não posso imitar uma voz americana.

- Ana Scheele praticamente não tem sotaque. Em qualquer caso você estará sofrendo de laringite. Um dos melhores médicos nesta parte do mundo dirá isso.

Eles têm gente em todo lugar - pensou VICTORIA.

- Que é que eu teria que fazer? - perguntou.

- Voar de Damasco para Bagdá como Grete Harden. Ir imediatamente para a cama. Ter licença para levantar-se do seu médico de reputação justamente a tempo de ir para a Conferência

- Lá você lhes apresentará os documentos que você terá levado.

VICTORIA perguntou:

- Os documentos reais?

- Claro que não. Nós substituiremos pela nossa versão. - o que é que os documentos mostrarão?

Edward sorriu.

- Detalhes convincentes da mais estúpida conspiração na América.

VICTORIA pensou:

Como planejaram tudo tão bem!

Em voz alta disse:

- Você realmente pensa que eu possa passar com isso, Edward?

Agora que estava desempenhando um papel, era bastante fácil para VICTORIA perguntá-lo com toda a aparência de sinceridade ansiosa.

- Tenho certeza de que sim. Notei que a sua interpretação de um papel lhe proporciona tanto prazer que é praticamente impossível não acreditar em você.

VICTORIA disse pensativamente:

- Ainda me sinto uma trouxa enorme quando penso nos Hamilton Clipps.

Ele riu de uma maneira superior.

VICTORIA, com seu rosto ainda uma máscara de adoração, pensou consigo mesma venenosamente: Mas você também foi um trouxa enorme tendo deixado escapar aquilo sobre o Bispo em Basrah. Se você não o tivesse feito, eu nunca teria visto através de você.

Ela falou subitamente:

- E sobre o Dr. Rathbone?

- Que é que você quer dizer com "e sobre ele"?

- Ele é apenas uma figura de proa?

Os lábios de Edward se curvaram em divertimento cruel. - Rathbone tem que conformar-se com a orientação. Sabe o que ele tem estado a fazer todos esses anos? Espertamente apropriando-se de cerca de três quartos das contribuições que vêm de todas as partes do mundo, para seus próprios usos. É a vigarice mais esperta desde o tempo de Horatio Bottomley.

Oli, sim, Rathbone está completamente em nossas mãos... nós o podemos expor a qualquer momento e ele sabe disso.

VICTORIA sentiu uma súbita gratidão pelo velho da testa alta abaulada e a alma mesquinha aquisitiva. Ele podia ser um vigarista - mas tinha conhecido a piedade - tinha tentado fazê-la escapar a tempo.

- Todas as coisas trabalham em direção à nossa nova ordem - disse Edward.

Ela pensou para si mesma: Edward, que parece tão são, na realidade está maluco! Talvez que se fique maluco quando se experimentar fazer o papel de Deus. Dizem sempre que a humildade é uma virtude cristã - agora sei por quê. Humildade é o que lhe conserva são e um ser humano...

Edward levantou-se.

- Hora de ir andando - disse êle. - Temos que fazê-la chegar a Damasco e nossos planos ali realizados depois de amanhã.

VICTORIA levantou-se com alacridade. Uma vez que estivesse longe de Devonshire, de volta a Bagdá com suas multidões, no Hotel Tio, com Marcus gritando, sorrindo e lhe oferecendo um trago, a ameaça próxima e persistente de Edward seria removida. Seu papel era continuar fazendo jogo duplo - continuar a enganar Edward por uma devoção doentia, canina e contrariar secretamente os seus planos.

Ela disse:

- Você pensa que o Sr. Dakin sabe onde está Ana Scheele? Talvez eu possa descobrir isso. Ele poderá deixar escapar alguma pista.

- Improvável... e de qualquer modo, você não verá o Sr. Dakin.

- Ele me disse para ir conversar com ele esta noite -disse VICTORIA embustosamente, com uma sensação ligeiramente gélida atacando sua espinha. - Ele achará estranho se eu não aparecer.

- Nesta altura não importa o que ele pense - contestou Edward. - Nossos planos estão feitos. - Acrescentou:

Você não será mais vista em Bagdá.

- Mas Edward, todas as minhas coisas estão no Tio! Reservei um quarto.

O lenço. O precioso lenço.

- Você não precisará das suas coisas por algum tempo. Tenho um enxoval à sua espera. Venha.

Entraram novamente no carro. VICTORIA pensava:

- Eu devia ter sabido que Edward não seria um trouxa tão grande para deixar-me entrar em contato com o Sr. Dakin depois de eu tê-lo descoberto. Ele acha que estou gamada por ele - sim, penso que tem certeza disso - mas mesmo assim não vai se arriscar.

Ela disse:

- Não haverá uma busca por mim se eu... não aparecer?

- Vamos tratar disso. Oficialmente você me dirá até logo na ponte e vai visitar alguns amigos na margem oeste.

- E na realidade?

- Espere e verá.

VICTORIA ficou sentada em silêncio quando passavam corcoveando sobre a trilha rústica e serpenteavam em redor de jardins de palmeiras e sobre as pequenas pontes de irrigação.

- Lefarge - murmurou Edward. - Gostaria que soubéssemos o que Carmichael queria dizer com isso.

VICTORIA sentiu um pulo de ansiedade do seu coração.

- Oli - disse ela. - Esqueci de lhe dizer. Não sei se quer dizer alguma coisa. Um M. Lefarge veio para as escavações um dia em Tell Aswad.

- O quê? - Edward quase afogou o motor em sua excitação. - Quando foi isso?

- Oh! Há cerca de uma semana. Disse que vinha de alguma escavação na Síria. De M. Parrot, poderia ser?

- Dois homens chamados André e Juvet passaram por lá enquanto você lá esteve?

- Oh, sim - disse VICTORIA. - Um deles estava de estômago encrencado. Foi para a casa e se deitou.

- Eram dois dos nossos - disse Edward.

- Por que foram para lá? Para procurar por mim?

- Não... eu não tinha idéia de que você estava lá. Mas Richard Baker estava em Basrah ao mesmo tempo que Carmichael. Tínhamos idéia de que Carmichael poderia ter passado alguma coisa para Baker.

- Ele disse que suas coisas tinham sido revistadas. Encontraram alguma coisa?

- Não... agora pense com cuidado, VICTORIA. Esse homem Lefarge veio antes dos dois homens ou depois?

VICTORIA refletiu de maneira convincente, enquanto resolvia que movimento atribuir ao místico M. Lefarge.

- Foi... sim, um dia antes dos outros dois chegarem disse ela.

- Que foi que ele fez?

- Bem - respondeu VICTORIA. - Ele foi para a escavação com o Dr. Pauncefoot Jones. E depois Richard Baker o levou para a casa para ver algumas coisas na sala das antiguidades lá.

- Ele foi para a casa com Richard Baker. Eles conversaram juntos?

- Acho que sim - disse VICTORIA. - Quero dizer, não iriam olhar para as coisas em silêncio absoluto, não é?

- Lefarge - murmurou Edward. - Quem é Lefarge? Por que não temos informação alguma sobre ele?

- VICTORIA ansiava por dizer: É irmão da Sra. Harris, mas dominou-se. Estava contente com sua invenção do M. Lefarge. Podia vê-lo agora bem claramente aos olhos de sua imaginação - um homem magro, jovem, de aspecto tuberculoso, com cabelos escuros e um pequeno bigode. Logo, quando Edward perguntou, ela o descreveu cuidadosa e minuciosamente.

Estavam agora rodando pelos subúrbios de Bagdá. Edward dobrou numa travessa de vilas modernas construídas em estilo pseudo-europeu, com varandas e jardins em sua volta. Em frente a uma casa estava parado um grande carro de turismo. Edward parou atrás dele e VICTORIA saiu e subiu os degraus para a porta da frente.

Uma mulher magra, escura, veio para encontrá-los; e Edward falou-lhe rapidamente em francês. O francês de VICTORIA não era bastante bom para compreender inteiramente o que foi dito, mas parecia que passaria a ser essa jovem senhora e que a mudança tinha que ser feita imediatamente.

A mulher voltou-se polidamente para ela e disse em francês:

- Venha comigo, por favor.

Levou VICTORIA a um dormitório onde, estendido sobre uma cama, estava o hábito de uma freira. A mulher fez-lhe sinal e VICTORIA se despiu e vestiu a peça interna de lã dura e as volumosas dobras medievais de fazenda escura. A francesa ajustou a cobertura da cabeça. VICTORIA teve um vislumbre seu num espelho. Seu rosto pálido e pequeno sob a gigantesca touca; com as dobras brancas sob o seu queixo, parecia estranhamente pura e extraterrena. A francesa jogou um rosário de contas de madeira sobre a sua cabeça. Em seguida, arrastando os sapatos rudimentares, grandes demais, VICTORIA foi levada para fora para encontrar Edward.

- Você parece bem - disse ele aprovadoramente.

Fique de olhos no chão, especialmente quando houver homens por perto.

A francesa juntou-se a eles um ou dois momentos mais tarde, vestida da mesma forma. As duas freiras saíram da casa e foram para o carro de turismo que agora tinha um homem alto, escuro, vestido à européia, no assento do motorista.

- Agora é com você, VICTORIA - disse Edward. - Faça exatamente como lhe dizem.

Havia uma ligeira ameaça tensa por detrás das palavras.

- Você não vem, Edward? - VICTORIA soava implorante.

Ele sorriu para ela.

- Você me verá dentro de três dias - disse. E em seguida com uma retomada de seus modos persuasivos, murmurou: - Não me falhe, querida. Somente você poderia fazer isso... eu a amo, VICTORIA. Não ouse ser visto beijando uma freira... mas eu gostaria.

VICTORIA baixou suas pálpebras da maneira aprovada para freiras, mas na realidade para esconder a fúria que aparecia por um momento.

Terrível Judas - pensou.

Em lugar disso ela falou com a retomada de suas maneiras habituais:

- Bem, eu pareço mesmo uma escrava cristã.

- Isso mesmo pequena! - disse Edward e acrescentou:

Não se incomode, seus papéis estão em perfeita ordem... não vai ter dificuldades na fronteira síria. Seu nome na religião, por falar nisso, é Irmã Marie des Anges. Irmã Thérèse, que a acompanha, tem todos os documentos e está encarregada de tudo, e pelo amor de Deus, obedeça às ordens... ou eu lhe previno, francamente, você está frita.

Deu um passo para trás, agitou a mão alegremente e o carro de turismo partiu.

VICTORIA recostou contra as almofadas e entregou-se à contemplação das futuras alternativas possíveis. Ao passar por Bagdá, ou quando chegassem ao controle da fronteira, ela podia fazer uma agitação, gritar por socorro, explicar que estava sendo levada embora contra a sua vontade - de fato adotar uma ou outra variante de protesto imediato.

O que é que isso conseguiria? Com toda a probabilidade isso significaria o fim de VICTORIA Jones. Ela tinha notado que a Irmã Thérèse fez escorregar para a manga uma pequena pistola automática de aspecto eficiente. Não lhe seria dada nenhuma oportunidade de falar.

Ou ela poderia esperar até chegar a Damasco? Fazer seus protestos ali? Possivelmente o mesmo destino lhe seria proporcionado, ou suas alegações poderiam ser superadas por provas do motorista e sua freira companheira. Poderiam ser capazes de apresentar papéis dizendo que ela era mentalmente perturbada.

A melhor alternativa era continuar com as coisas. A concordar com o plano. Vir para Bagdá como Ana Scheele e desempenhar o papel de Ana Scheele. Porque, afinal de contas, se ela assim fizesse, chegaria um momento, no clímax final, quando Edward não mais poderia controlar a sua língua ou as suas ações. Se ela pudesse convencer Edward de que faria qualquer coisa que ele lhe dissesse, então chegaria o momento em que ela estaria de pé diante da Conferência, com seus documentos forjados - e Edward não estaria ali.

E ninguém poderia pará-la então ou impedi-la de dizer: "Não sou Ana Scheele e esses papéis são forjados e falsos."

Ela ficou pensando se Edward não temia que ela fizesse exatamente isso. Mas refletiu que a vaidade era uma qualidade estranhamente cegante. A vaidade era o calcanhar de Aquiles. E também havia o fato a ser considerado de que Edward e sua gente tinham que mais ou menos ter uma Ana Scheele se seu plano fosse dar certo. Encontrar uma moça que se parecesse bastante com Ana Scheele - mesmo até o ponto de ter uma cicatriz no lugar certo era extremamente difícil. No Correio de Lyon, VICTORIA lembrou, Dubose e Lesurque tinham a coincidência extraordinária de ambos terem uma cicatriz sobre uma sobrancelha e também de terem uma distorção, um por nascimento e um por acidente, do dedo mindinho de uma mão. Essas coincidências deviam ser muito raras. Não, os Super-homens precisavam de VICTORIA Jones, datilógrafa - e até esse ponto VICTORIA Jones os tinha em seu poder - não ao contrário.

O carro atravessou a ponte em velocidade. VICTORIA olhou o Tigre com saudade nostálgica. Em seguida estavam correndo por uma estrada larga, empoeirada. VICTORIA deixou as contas do seu rosário passar pelos seus dedos. Seu estalar era confortável.

No fim de contas - pensou VICTORIA com súbito conforto,

sou cristã. E quando se é cristã, suponho que é cem vezes melhor ser uma mártir cristã do que um Rei na Babilônia - e, devo dizer, parece para mim haver uma grande possibilidade de que serei uma mártir. Oh! Bem, de qualquer maneira não serão leões. Eu teria odiado leões!

O GRANDE SKYMASTER desceu do ar e fez uma aterragem perfeita. Deslizou suavemente pela pista e logo chegou e parou no lugar designado. Os passageiros foram convidados a descer. Aqueles que seguiam para Basrah foram separados daqueles que iam apanhar um avião de conexão para Bagdá.

Havia quatro dos últimos. Um homem de negócios iraquiano, de aspecto próspero, um jovem médico inglês e duas mulheres. Todos eles passaram pelos vários controles e questionários.

Uma mulher escura com cabelos desalinhados imperfeitamente amarrados num lenço e um rosto cansado veio primeiro.

- Sra. Pauncefoot Jones? Inglesa. Sim. Para encontrar seu marido. Seu endereço em Bagdá, por favor? Qual o dinheiro que leva?...

Continuou. Em seguida a segunda mulher tomou o lugar da primeira.

- Grete Harden. Sim. Nacionalidade? Dinamarquesa. De Londres. Fim da visita? Massagista num hospital? Endereço em Bagdá? Qual o dinheiro que leva?

Grete Harden era uma mulher magra, de cabelos louros, usando óculos escuros. Usava roupas bonitas, mas ligeiramente rotas.

Seu francês era tropeçante - ocasionalmente tinha que ter a pergunta repetida.

Foi dito aos quatro passageiros que o avião de Bagdá sairia na parte da tarde. Seriam levados agora para o Hotel Abassid para um descanso e almoço.

Grete Harden estava sentada em sua cama quando uma batida veio à sua porta. Abriu-a e encontrou uma moça esbelta e jovem vestindo o uniforme da BOAC.

- Sinto muito, Srta. Harden. Poderia vir comigo para o escritório da BOAC? Uma pequena dificuldade surgiu com o seu bilhete. Por aqui, por favor.

Grete Harden seguiu sua guia pelo corredor. Numa porta estava uma grande placa com letras de ouro: "Escritório BOAC."

A aeromoça abriu a porta e fez a outra entrar. Em seguida, quando Grete Harden passou, fechou a porta pelo lado de fora e rapidamente desenganchou a placa.

Quando Grete Harden passou pela porta, dois homens que tinham estado atrás dela, passaram um pano sobre sua cabeça. Empurraram uma mordaca para sua boca. Um deles arregaçou sua manga e, tirando uma seringa hipodérmica, deu-lhe uma injeção.

Em alguns minutos seu corpo afrouxou e ficou mole.

O jovem médico disse contente:

- Isso tomará conta dela por cerca de seis horas, de qualquer maneira. Agora, vocês duas, continuem com isso.

Acenou para as duas outras ocupantes do quarto. Eram freiras que estavam sentadas, imóveis, à janela. Os homens saíram do quarto. A mais velha das duas freiras foi até Grete Harden e começou a tirar as roupas do seu corpo inerte. A freira mais moça, tremendo um pouco começou a tirar seu hábito. Prontamente Grete Harden, vestida com o hábito da freira, estava deitada repousando na cama. A freira mais moça estava vestida agora com as roupas de Grete Harden.

A freira mais velha voltou agora suas atenções para os cabelos louros da sua companheira. Olhando para uma fotografia que encostava a um espelho, penteou e arrumou o cabelo, trazendo-o da testa para trás e enrolando-o baixo no pescoço.

Deu um passo atrás e disse em francês:

- É espantoso como isso a muda. Coloque os óculos escuros. Seus olhos são um azul profundo demais. Sim - isso é admirável.

Houve uma ligeira batida na porta e os dois homens entraram novamente. Estavam sorrindo.

- Grete Harden é Ana Scheele mesmo - disse um. - Tinha os papéis na sua bagagem, cuidadosamente camuflados entre as folhas de uma publicação dinamarquesa sobre massagens em hospital. Então, Srta. Harden - ele inclinou-se com cerimônia zombeteira para VICTORIA. - Me dará a honra de almoçar comigo.

VICTORIA seguiu-o para fora do quarto e ao longo do hall. A outra passageira estava tentando mandar um telegrama na recepção.

- Não - dizia ela - P. A. U. N. C. E foot. Dr. Pauncefoot Jones. Chegando hoje Hotel Tio. Boa viagem...

VICTORIA olhou para ela com súbito interesse. Essa devia ser a mulher do Dr. Pauncefoot Jones, vindo para juntar-se a ele. Que era uma semana antes de ela ser esperada, a VICTORIA não parecia de todo extraordinário, desde que o Dr. Pauncefoot Jones diversas vezes tinha lamentado que tinha perdido a carta dela dando a data de sua chegada, mas que estava quase certo de que era no dia !

Se apenas ela pudesse mandar de uma maneira ou de outra uma mensagem por intermédio da Sra. Pauncefoot Jones para Richard Baker...

Quase como se tivesse lido seus pensamentos, o homem que a acompanhava a guiou pelos cotovelos para longe do balcão.

- Nenhuma conversa com companheiros de viagem, Srta. Harden - disse. - Não queremos que aquela boa mulher note que você é uma pessoa diferente daquela com quem ela veio da Inglaterra.

Levou-a do hotel para um restaurante para almoçar. Quando voltaram a Sra. Pauncefoot Jones estava descendo as escadas do hotel. Acenou para VICTORIA com suspeita.

- Esteve passeando? - chamou. - Eu estou justamente indo para ver os Bazaars.

- Se eu pudesse enfiar qualquer coisa em sua bagagem... - pensou VICTORIA.

Mas não era deixada sozinha por um só momento.

- avião para Bagdá saía às três horas.

- assento da Sra. Pauncefoot Jones estava bem na frente. O de VICTORIA estava na cauda, perto da porta, e do outro lado da passagem estava sentado o jovem que era seu carcereiro.

VICTORIA não tinha chance de chegar à outra mulher ou de introduzir uma mensagem em qualquer das suas coisas.

O vôo não foi longo. Pela segunda vez VICTORIA olhou do ar e viu a cidade esboçada por baixo dela, o Tigre dividindo-a como uma linha de ouro.

Assim foi que ela a tinha visto menos de um mês atrás. Quanta coisa tinha acontecido desde então.

Dentro de dois dias os homens que representavam as duas ideologias predominantes do mundo encontrar-se-ão aqui para discutirem o futuro...

E ela, VICTORIA Jones, teria um papel a desempenhar.

- Você sabe - disse Richard Baker - estou preocupado com aquela garota.

O Dr. Pauncefoot Jones perguntou distraído:

- Que garota?

- VICTORIA.

- VICTORIA? - O Dr. Pauncefoot Jones olhava em volta.

Onde está... ora, valha-me Deus, nós voltamos sem ela ontem.

- Eu estava curioso para saber se você tinha notado disse Richard.

- Muito descuidado da minha parte. Eu estava tão interessado naquele relatório das escavações em Tell Yameni. Estratificação completamente irregular. Ela não sabia onde encontrar o caminho?

- Não havia questão de ela voltar para cá - disse Richard. - Na verdade ela não é Venetia Savile.

- Não é Venetia Savile? Que estranho. Mas eu pensei que você tinha dito que seu primeiro nome era VICTORIA.

- E é. Mas ela não -é -antropóloga. E ela não conhece Emerson. Na realidade, a coisa toda foi um... bem... um mal-entendido.

- Céus. Isso parece muito estranho - o Dr. Pauncefoot Jones refletiu por alguns momentos. - Muito estranho. Eu realmente espero... será que a culpa é minha? Eu sei que sou um tanto distraído. A carta errada, talvez?

- Eu não consigo compreendê-lo - disse Richard Baker, franzindo a testa e sem prestar atenção às especulações do Dr. Pauncefoot Jones. - Ela foi embora num carro, com um jovem, parece, e não voltou mais. O que era mais, a bagagem dela estava ali e ela nem se tinha incomodado em abri-la. Isso me parece estranho, considerando o embrulho em que estava metida. Eu pensaria que ela por certo iria embonecar-se. E nós tínhamos combinado encontrar-nos para o almoço... Não, não posso compreender isso. Espero que nada tenha acontecido a ela.

- Oh, eu não pensaria isso por um momento - disse o Dr. Pauncefoot Jones, confortavelmente. - Vou começar por ir a lá. amanhã. Pelo plano geral parece a melhor chance de encontrar um arquivo. Aquele fragmento de tábua era bastante promissor.

- Eles a raptaram uma vez - disse Richard. - O que os impediria de terem-na raptado novamente?

- Muito improvável... muito improvável - disse o Dr. Pauncefoot Jones. - O país está realmente bastante calmo agora. Você mesmo o disse.

- Se apenas pudesse me lembrar do nome daquele homem em alguma companhia de petróleo. Era Deacorn? Deacon, Dakin? Qualquer coisa assim.

- Nunca ouvi falar dele - disse o Dr. Pauncefoot Jones.

Acho que vou mudar Mustafá e sua turma para o canto nordeste. Em seguida poderemos estender a trincheira J...

- O senhor se importaria muito, senhor, se eu fosse amanhã novamente para Bagdá?

O Dr. Pauncefoot Jones, subitamente dando toda a atenção ao seu colega, olhou-o:

- Amanhã? Mas estivemos lá ontem.

- Estou preocupado com aquela moça. Realmente estou.

- Ora, ora, Richard, eu não tinha idéia de que havia algo dessa espécie.

- Que espécie?

- Que você tinha formado um afeto. É o pior em ter mulheres numa escavação... especialmente as bonitas. Eu na realidade pensei que estávamos seguras com Sybil Muirfield no ano retrasado, realmente uma pequena desesperadamente desinteressante... e veja no que deu! Eu devia ter escutado Claude em - Londres... esses franceses sempre acertam no alvo. Ele comentou sobre as pernas dela na ocasião... estava extremamente

- entusiasmado sobre ela. VICTORIA, Venetia, naturalmente, o que quer que seja seu nome... extremamente atraente e uma coisinha tão linda. Você tem bom gosto, Richard, vou admitir isso. Engraçado, é a primeira pequena que conheço que interessou voce.

- Não há nada dessa espécie - disse Richard corando e parecendo ainda mais pedante que de costume. - Eu apenas... Eu... estava preocupado com ela. Tenho que ir a Bagdá.

- Bem, se você vai amanhã - disse o Dr. Pauncefoot Jones - você pode trazer aquelas picaretas extras. Aquele idiota do motorista as esqueceu.

Richard começou a viagem para Bagdá, cedo ao crepúsculo e foi direto para o Hotel Tio. Ali soube que VICTORIA não tinha voltado.

- E estava tudo arranjado: ela iria ter um jantar especial comigo - disse Marcus. - E reservei um quarto muito bom para ela. É estranho, não é?

- Você esteve na polícia?

- Ali, não, meu caro, isso não seria bonito. Ela poderia não gostar. E certamente eu não gostaria. Depois de uma pequena indagação, Richard descobriu o Sr. Dakin e visitou-o no seu escritório. Sua memória do homem não o tinha enganado. Olhou para a figura dobrada, a face indecisa e o ligeiro tremor das mãos. Esse homem não prestava! Pediu desculpas ao Sr. Dakin se estava fazendo-o perder tempo, mas será que ele tinha visto a Srta. VICTORIA Jones?

- Ela me procurou anteontem.

- Pode dar-me o endereço presente dela?

- Está no Hotel Tio, acredito.

- A bagagem dela está lá, mas ela não.

O Sr. Dakin levantou as sobrancelhas ligeiramente.

- Ela estava trabalhando conosco nas escavações em Tell Aswad - explicou Richard.

- Oh, estou vendo. Bem... temo que não sei de nada que possa ajudá-lo. Ela tem diversos amigos em Bagdá, acredito... mas não a conheço bastante para dizer quem são.

- Será que ela estaria no Ramo de Oliveira?

- Não acredito. Você poderia perguntar.

Richard disse:

- Olhe aqui, não vou sair de Bagdá até que a encontre.

Franziu a testa zangado para o Sr. Dakin e saiu do quarto.

O Sr. Dakin, quando a porta se fechou atrás de Richard, sorriu e sacudiu a cabeça.

- Oh, VICTORIA - murmurou em tom de repreensão.

Espumando e entrando no Hotel Tio, Richard foi encontrado por um Marcus sorridente.

- Ela voltou - gritou Marcus ansiosamente.

- Não, não, é a Sra. Pauncefoot Jones. Ela acaba de chegar de avião. O Dr. Pauncefoot Jones me disse que ela viria na próxima semana.

- Ele sempre se engana nas datas. Mas, e a respeito de VICTORIA Jones?

O rosto de Marcus se tornou grave novamente.

- Não. Não ouvi nada dela. E não gosto disso, Sr. Baker. Não é bonito. Ela é uma moça tão jovem. E tão bonita. E tão alegre e encantadora.

- Sim, sim - disse Richard, fazendo uma careta. - É melhor eu subir e ver a Sra. Pauncefoot Jones. Qual é o número dela?

- Está no .

Com um passo pesado Richard subiu a escada.

*çadaVocê! - exclamou VICTORIA com hostilidade indisfarçada.

- Levada ao seu quarto no Hotel Babylonian Palace, a primeira pessoa que viu foi Catarina.

Catarina sacudiu a cabeça com veneno igual.

- Sim - disse ela. - Sou. E agora, por favor, vá para a cama. O médico logo estará aqui.

Catarina estava vestida como enfermeira de hospital e levava os seus deveres a sério, estando obviamente bem determinada a não sair do lado de VICTORIA. Esta, deitada desconsolada na cama, murmurava:

- Se eu pudesse falar com Edward...

- Edward - Edward! - disse Catarina depreciativamente. - Edward nunca se importou com você, sua moça inglesa estúpida. É a mim que Edward ama.

VICTORIA olhou o rosto emburrado e fanático de Catarina sem entusiasmo.

Catarina continuou:

- Sempre odiei você desde aquela primeira manhã em que você entrou e queria falar com o Dr. Rathbone com tanta rudeza.

Procurando por um tom irritante, VICTORIA disse:

- De qualquer forma eu sou muito mais indispensável do que você. Qualquer um podia fazer o seu número de enfermeira de hospital. Mas a coisa toda depende de eu fazer o meu.

Catarina disse com fatuidade empertigada:

- Ninguém é indispensável. Nos ensinam isso.

- Bem, eu sou. Pelo amor de Deus, mande vir um jantar substancial. Se não vou comer alguma coisa, como quer que eu faça uma boa interpretação da secretária de um banqueiro americano quando o tempo chegar?

- Suponho que você poderá comer bem enquanto pode disse Catarina de má vontade.

VICTORIA não tomou conhecimento de sua sinistra implicação.

O Capitão Crosbie disse:

- Compreendi que você tem aí uma Srta. Harden, acabada de chegar.

O cavalheiro suave no escritório do Babylonian Palace inclinou sua cabeça:

- Sim senhor. Da Inglaterra.

- Ela é amiga da minha irmã. Quer levar meu cartão para ela?

Com um lápis escreveu algumas palavras no cartão e mandou-o num envelope.

Logo o rapaz que tinha levado o envelope voltou.

- A senhorita não está passando bem. Garganta muito ruim. Doutor vem logo. Está com uma enfermeira de hospital.

Crosbie voltou-se e saiu. Foi andando para o Tio, onde foi abordado por Marcus.

- Ah, meu caro, vamos tomar um trago. Esta noite meu hotel está bem cheio. É para a Conferência. Mas que pena, o Dr. Pauncefoot Jones voltou para a sua expedição anteontem e agora aqui está sua mulher que chega e espera que ele esteja aqui para recebê-la. E ela não está contente, não! E diz que lhe disse que estava vindo neste avião. Mas sabe como êle é, aquele. Cada data, cada hora... ele sempre lembra tudo errado. Mas ele é um homem muito bom - finalizou Marcus com a sua costumeira caridade. - E eu tive que acomodá-la de qualquer jeito - fiz sair um homem muito importante da ONU...

- Bagdá parece completamente maluca.

- Tôda a polícia êles mobilizaram... estão tomando grandes precauções... dizem... você ouviu?... Há uma conspiração para assassinar o Presidente. Prenderam sessenta e cinco estudantes! Têm muita suspeita de qualquer pessoa. Mas tudo isso é muito bom para o negócio... muito bom de verdade.

A campainha do telefone tocou e foi prontamente respondida. Embaixada americana.

- Aqui é do Hotel Babylonian Palace. A Srta. Ana Scheele está hospedada aqui.

- Ana Scheele? - logo um dos adidos estava falando. A Srta. Scheele podia vir ao telefone?

- A Srta. Scheele está doente, de cama com laringite. Aqui fala o Dr. Smallbrook. Estou tratando da Srta. Scheele. Ela tem uns papéis importantes consigo e gostaria que alguma pessoa de responsabilidade da Embaixada viesse e os apanhasse. Imediatamente? Obrigado. Estarei à sua espera.

VICTORIA voltou-se do espelho. Estava vestindo um tailleur feito sob medida. Cada cabelo louro estava em seu lugar. Ela se sentiu nervosa mas extasiada.

Ao voltar-se apanhou o brilho exultante nos olhos de Catarina e subitamente ficou em guarda. Por que Catarina estava exultante?

O que estava acontecendo?

- Por que você está tão alegre? - perguntou.

- Vai ver logo.

A malícia estava bem indisfarçada agora.

- Você pensa que é tão inteligente - disse Catarina raivosamente. - Você pensa que tudo depende de você. Pah, você é apenas uma boba.

Com um pulo VICTORIA estava sobre ela! Agarrou-a pelo ombro e enterrou os dedos.

- Diga-me o que você quer dizer, sua garota horrível.

- Ach, você me machuca.

- Conte-me...

Uma batida na porta. Uma batida repetida duas vezes e depois de uma pausa, uma isolada.

- Agora você vai ver! - exclamou Catarina.

A porta abriu-se e um homem entrou. Era um homem alto, vestindo o uniforme da Polícia Internacional. Fechou a porta atrás de si e tirou a chave. Em seguida avançou para Catarina.

- Rápido -. disse.

Tirou um pedaço de corda fina do bolso e, com a integral cooperação de Catarina, amarrou VICTORIA numa cadeira. Em seguida tirou um lenço e amarrou-o sobre a sua boca. Deu um passo atrás e acenou apreciativamente com a cabeça.

- Isso... está ótimo.

Em seguida voltou-se para VICTORIA. Ela viu o pesado cassetete: que ele estava agitando e num momento relampagueou pelo seu cérebro qual era o plano real. Nunca tinham mencionado que ela fizesse o papel de Ana Scheele na Conferência. Como poderiam eles arriscar uma coisa assim? VICTORIA era conhecida demais em Bagdá. Não, o plano foi, sempre tinha sido, que Ana Scheele seria atacada e morta no último momento... morta de uma maneira tal que as suas feições não ficassem reconhecíveis demais. Apenas os papéis que tinha trazido consigo - aqueles papéis cuidadosamente falsificados - permaneceriam.

VICTORIA voltou-se para a janela e gritou. E com um sorriso o homem avançou para ela...

Em seguida diversas coisas aconteceram - houve um barulho de vidro quebrado - uma mão pesada a fez cair ao

comprido - ela viu estrelas - e escuridão... depois da escuridão uma voz falou, uma voz inglesa reconfortadora:

- Está se sentindo bem, senhorita?

VICTORIA murmurou alguma coisa.

- Que foi que ela disse? - perguntou uma segunda voz.

O Primeiro homem coçou a cabeça.

- Disse que era melhor servir no céu do que reinar no inferno - disse duvidosamente.

- Isso é uma citação - disse o outro. - Mas está errada.

- Não, não está errada - disse VICTORIA e desmaiou.

O telefone tocou e Dakin apanhou o fone. Uma voz disse: - Operação VICTORIA concluída a contento.

- Bom - disse Dakin.

- Temos Catarina Serakis e o médico. O outro sujeito se jogou do balcão. Está ferido mortalmente.

A pequena não está ferida?

Desmaiou, mas está OK.

Ainda sem novidades sobre A.S.? Nenhuma novidade..

Dakin depôs o fone - Ana mesma, pensou êle, devia estar morta... Ela tinha insistido em jogar uma mão solitária, tinha reiterado que estaria em Bagdá sem falta no dia . Hoje era e não havia Ana Scheele. Talvez ela tinha tido razão em não confiar no arranjo oficial - ele não sabia. Certamente tinha havido vazamentos, traições. Mas aparentemente a sua inteligência inata não lhe tinha servido melhor...

E sem Ana Scheele as provas eram incompletas.

Um mensageiro entrou com um pedaço de papel sobre o qual estava escrito:

"Sr. Richard Baker e Sra. Pauncefoot Jones."

- Não posso ver ninguém agora - disse Dakin. - Diga-lhes que sinto muito. Estou ocupado.

O mensageiro retirou-se mas logo reapareceu. Entregou uma nota:

"Quero falar-lhe sobre Henry Carmichael. R.B."

- Mande-o entrar - disse Dakin.

Em seguida Richard Baker e a Sra. Pauncefoot Jones entraram. Richard Baker disse:

- Não quero tomar o seu tempo, mas eu estive na escola com um homem chamado Henry Carmichael. Perdemo-nos de vista por muitos anos, mas quando estive em Basrah há algumas semanas, eu o encontrei na sala de espera do Consulado. Estava vestido como um árabe e, sem dar qualquer sinal exterior de reconhecimento, conseguiu comunicar-se comigo. Isso lhe interessa?

- Interessa-me muito - disse Dakin.

- Eu formei a idéia de que Carmichael se julgava em perigo. Isso foi logo confirmado. Ele foi alvejado por um homem, mas consegui desviar para cima o projétil. Carmichael escapuliu, mas, antes de ir, escorregou algo para meu bolso, onde foi encontrado mais tarde... Não parecia ser importante: parece ser apenas um papel... uma referência para um tal de Ahmed Mohammed. Mas eu agi na suposição de que para Carmichael era importante. Já que ele não me tinha dado instruções, conservei o papel cuidadosamente, acreditando que um dia o reclamaria. No outro dia soube por VICTORIA Jones que ele estava morto. De outras coisas que ela me contou cheguei à conclusão de que o senhor é a pessoa indicada para receber isso.

Levantou-se e colocou um pedaço de papel sujo com escrita sobre ele na escrivaninha de Dakin.

- Isso significa algo para você?

Dakin deu um profundo suspiro.

- Sim - disse ele. - Significa mais do que voce provavelmente possa imaginar.

Levantou-se.

- Estou-lhe profundamente agradecido, Baker - disse.

Perdoa-me por abreviar esta entrevista, mas há um monte de coisas de que preciso tratar sem perder um minuto. - Apertou as mãos da Sra. Pauncefoot Jones, dizendo:

- Suponho que esteja se juntando ao seu marido na escavação. Espero que tenham uma boa temporada.

- É uma coisa boa que Pauncefoot Jones não veio comigo para Bagdá esta manhã - disse Richard. - O querido velho John Pauncefoot Jones não nota muito do que *se passa a sua volta, mas ele provavelmente notaria a diferença entre a sua mulher e a irmã de sua mulher.

Dakin olhou com ligeira surpresa para a Sra. Pauncefoot Jones. Ela disse numa voz baixa e agradável:

é

- A minha irmã Elsie ainda está na Inglaterra. Eu tingi meu cabelo e vim para cá com o passaporte dela.. O nome de solteira da minha irmã era Elsie Scheele. Meu nome, Sr. Dakin, Ana Scheele.

BAGDÁ ESTAVA transformada. A policia tarjava as ruas

polícia convocada de fora, a Polícia internacional. Finalmente a Conferência historica tinha começado.

Numa pequena ante-sala, certos acontecimentos que bem poderiam alterar o curso da história estavam tendo lugar. Como a maioria dos acontecimentos momentosos, os trâmites não eram nada dramáticos.

O Doutor Alan Breck, do Instituto Atômico Harwell, contribuiu com a sua quota de informações numa vozinha baixa mas precisa.

Certos espécimes tinham sido deixados com ele para análise pelo finado Sir Rupert Crofton Lee. Eles tinham sido colhidos no decorrer de uma das viagens de Sir Rupert pela China e *Turquestão, atravessando o Curdistão para o Iraque. A evidência do Dr. Breck em seguida tornou-se severamente técnica. Minérios metálicos... alto teor de urânio... Fonte do depósito não conhecida exatamente, já que Sir Rupert teve suas notas e diários destruídos durante a guerra por ação inimiga.

Em seguida o Sr. Dakin continuou a história. Numa voz gentilmente cansada contou a saga de Henry Carmichael, de sua crença em certos rumores e historias malucas de vastas instalações e laboratórios subterrâneos funcionando num vale remoto além das fronteiras da civilização. De sua procura e do êxito da sua procura. Do grande homem, viajante, Sir Rupert Crofton Lee, o homem que tinha acreditado em Carmichael. por causa do seu conhecimento daquelas regiões,

tinha consentido em vir para Bagdá, e de como ele tinha morrido. E como Carmichael, mesmo tinha encontrado sua própria morte nas mãos do personificador de Sir Rupert.

- Sir Rupert está morto e Henry Carmichael. está morto. Mas há uma terceira testemunha que está viva e que hoje se encontra aqui. Chamarei a Srta. Ana Scheele para dar-nos seu testemunho.

Ana Scheele, tão calma e composta como se ela estivesse no escritório do Sr. Morgenthal deu listas de nomes e números. Das profundezas daquele seu notável cérebro financeiro, esboçou a vasta rede financeira que tinha drenado dinheiro de circulação e colocado no financiamento de atividades que deveriam tender a dividir o mundo civilizado em duas facções opostas. Não era uma mera afirmação. Produziu fatos e números para apoiar a sua contenção. Àqueles que a escutaram ela levava uma convicção que ainda não estava integralmente adequada a história maluca de Carmichael.

Dakin falou de novo.

- Henry Carmichael. está morto - disse ele. - Mas trouxe com ele daquela viagem perigosa provas tangíveis e definidas. Não ousava ficar com essas provas... seus inimigos lhe estavam nos calcanhars, perto demais. Mas era um homem de muitos amigos. Pelas mãos de dois desses amigos, ele mandou as provas à salvaguarda de outro amigo - um homem a quem todo o Iraque reverencia e respeita. Ele cortesmente consentiu em vir para cá hoje. Refiro-me ao Xequê Hussein el Ziyara de Kerbela.

O Xequê Hussein era renomado, como Dakin tinha dito, por todo o mundo muçulmano, tanto quanto um homem santo quanto um poeta. Por muitos era considerado um santo. Levantou-se agora, uma figura imponente com sua barba castanho profundo tingida. Sua jaqueta cinza com alamares de ouro era coberta por um manto esvoaçante de delicadeza de teia de aranha. Em volta de sua cabeça usava uma coberta de pano verde, amarrada com muitos fios de agal de ouro pesados e que lhe dava uma aparência patriarcal. Falou numa voz profunda e sonora:

- Henry Carmichael era meu amigo - disse. - Eu o conheci como menino e ele atudou comigo os versos dos nossos grandes poetas. Dois homens vieram a Kerbela, homens que viajam pelo país com um espetáculo de cinema. São homens

simples, mas bons seguidores do Profeta. Trouxeram-me um pacote que disseram que lhes havia sido dado para entregarem em minhas mãos do meu amigo, o inglês Carmichael. Eu deveria guardar segredo e em segurança e entregá-lo apenas ao próprio Carmichael. ou a um mensageiro que deveria repetir certas palavras.

Dakin disse:

- Sayid, o poeta árabe Mutanabbi, chamado às vezes o Pretensor da Profecia, que viveu há exatamente mil anos atrás, escreveu uma ode ao Príncipe Sayfu I-Dawla em Alepo, na qual ocorrem estas palavras: Zid Hashshi bashshi tafaddal adni surra sifi. (*)

Com um sorriso o Xequê Hussein el. Ziyara estendeu um pacote a Dakin.

- Eu digo, como disse o Príncipe Sayfu I-Dawla: "Teras o teu desejo... "

- Senhores - disse Dakin. - Estes são microfilmes trazidos por Henry Carmichael como prova de sua história...

Mais uma testemunha falou - uma figura alquebrada e trágica: um velho com uma cabeça abaulada que em tempos tinha sido universalmente admirado e respeitado.

Falou com dignidade trágica: Cavalheiros - disse. - Em breve eu serei denunciado como um trapaceiro comum. Mas há algumas coisas que mesmo eu não posso sancionar. Existe um bando de homens, na maioria homens jovens, tão maldosos em seus corações e finalidades que a verdade dificilmente poderia ser acreditada.

Ele ergueu a cabeça e urrou:

- Anticristo! Eu digo que essa coisa deve ser parada! Temos que ter paz... paz para lamermos as nossas feridas e fazer um novo mundo... e para fazer isso nos temos que nos compreender uns aos outros, Eu comecei uma vigarice para fazer dinheiro... sim, mas por Deus, acabei por acreditar naquilo que eu prego - embora não defenda os métodos que usei. Pelo amor de Deus, cavalheiros, vamos começar de novo e experimentar puxar juntos...

a Acrescei, ride, alegrai-vos, fazei acontecer, regozijai, mostrai favor, dai!

Houve um momento de silêncio e em seguida uma vozinha oficial fina com a impersonalidade exangue da burocracia disse:

- Estes fatos serão apresentados em seguida diante dos Poderes Reunidos..

- O QUE ME INCOMODA - disse VICTORIA - é aquela pobre mulher dinamarquesa que foi morta por engano em Damasco.

- Oh! ela está muito bem - disse o Sr. Dakin alegremente. - Logo que seu avião tinha levantado vôo, nós prendemos a mulher francesa e levamos Grete Harden para o hospital. Ela voltou a si direitinho. Eles a teriam deixado dopada

por mais algum tempo até que estivessem certos de que o negócio de Bagdá saísse direito. Era uma das nossas, naturalmente.

- Era?

- Sim, quando Ana Scheele desapareceu, pensamos que ficaria bem se déssemos ao outro lado alguma coisa para pensar. De modo que reservamos uma passagem para Grete Harden e cuidadosamente não lhe demos um fundo. Caíram nessa: chegaram à conclusão de que Grete Harden tinha que ser Ana Scheele. Demos-lhe um lindo jogo de papéis falsificados para prová-lo.

Enquanto a verdadeira Ana Scheele ficou calmamente na casa de saúde até que fosse tempo de a Sra. Pauncefoot Jones se reunir ao seu marido lá fora.

- Sim. Simples, mas eficiente. Agindo na pressuposição de que em tempos de aperto as únicas pessoas nas quais realmente se pode confiar são a nossa própria família. É uma jovem extremamente esperta.

- Eu realmente pensei que estava liquidada - disse VICTORIA. - A sua gente realmente o tempo todo me acompanhou?

- O tempo todo. Seu Edward não era realmente tão esperto como ele mesmo se julgava, sabe. Na realidade nós tínhamos estado investigando as atividades do jovem Edward Goring por algum tempo. Quando você me contou a sua história, na noite em que Carmichael foi morto, eu estava francamente preocupado por você.

- A melhor coisa na qual eu podia pensar era mandá-la deliberadamente para dentro da contagem como uma espiã. Se o seu Edward soubesse que você estava em contato comigo, você estaria relativamente segura, pois ele saberia por seu intermédio o que estávamos planejando. Você seria preciosa demais para matar. E assim ele poderia passar para nós informações falsas por seu intermédio. Você era um elo de ligação. Mas em seguida você percebeu a personificação de Rupert Crofton Lee e Edward decidiu que você ficaria melhor conservada do lado de fora até que fosse precisa (se você fosse necessária) para a personificação de Ana Scheele. Sim, VICTORIA, você está com muita sorte de estar sentada onde está comendo todas essas nozes de pistacho.

- Sei que estou.

O Sr. Dakin disse:

- Quanto você sente... a respeito de Edward?

VICTORIA olhou-o fixamente.

- Nem um pouco. Eu apenas fui uma burrinha muito idiota. Eu deixei que Edward me apanhasse e fizesse seu número de encantamento. Eu simplesmente senti por ele uma gamação completa de menina de escola... imaginando-me Julieta e toda espécie de coisas bobas.

- Não precisa se culpar demais. Edward tinha um maravilhoso dom natural para atrair mulheres.

- Sim, e ele o usou.

- Certamente que o usou.

- Da próxima vez que eu me apaixonar - disse VICTORIA não será a aparência que me atrairá, nem encanto. Vou querer um homem verdadeiro... não um que me diga coisas bonitas. Não vou me importar se ele for careca ou se usar óculos, ou qualquer coisa assim. Quero que ele seja interessan-te... e conheça coisas interessantes.

- Cerca de trinta e cinco ou cinqüenta e cinco? - perguntou o Sr. Dakin.

VICTORIA olhou.

- Oh, trinta e cinco - disse.

- Estou aliviado. Pensei por um momento que estava se declarando a mim.

VICTORIA riu.

- E - eu sei que não devo fazer perguntas - mas havia realmente uma mensagem tricotada no lenço?

- Havia um nome. As Tricoteuses das quais Madanie Defarge era uma, tricotaram um registro de nomes. O lenço e o papel eram as duas metades da pista. Uma nos deu o nome do Xequê Hussein el Ziyra de Kerbela. A outra, quando tratada com vapor de iôdo nos deu as palavras para induzir o Xequê a separar-se da sua incumbência. Não podia ter havido um lugar mais seguro para esconder a coisa, sabe, do que a cidade sagrada de Kerbela.

- E isso foi levado pelo país por esses dois homens do cinema ambulante.

- - os mesmos que realmente nós encontramos?

- Sim. Simples figuras bem conhecidas. Nada político a respeito delas. Apenas amigos pessoais de Carmichael. Ele tinha um monte de amigos.

- Ele deve ter sido muito simpático. Sinto que esteja morto.

- Todos nós temos que morrer um dia - disse o Sr. Dakin. - E se houver outra vida depois desta, coisa que acredito integralmente, ele terá a satisfação de saber que a sua crença e sua coragem fizeram mais para salvar este velho inundo triste de outro ataque de sangrias e miséria do que quase qualquer um em quem se possa pensar.

- Estranho, não é - disse VICTORIA meditativamente - que Richard deva ter tido uma metade do segredo e eu a outra. Parece até que...

- Que foi o destino - terminou o Sr. Dakin com uma piscadela. - E que vai fazer agora, posso perguntar?

- Eu terei que encontrar um emprego - disse VICTORIA: tenho que começar a procurar.

- Não procure demais - disse o Sr. Dakin. - Estou pensando que um emprego está vindo ao seu encontro.

Afastou-se suavemente para dar lugar a Richard Baker.

- Olhe aqui, VICTORIA - disse Richard. - Venetia Savile, afinal de contas não pode vir. Aparentemente ficou com caxumba. Você foi bastante útil na escavação. Você gostaria de voltar? Apenas o seu sustento, pelo que temo. E provavelmente a sua passagem de volta para a Inglaterra... mas vamos falar nisso mais tarde. A Sra. Pauncefoot Jones virá na semana que vem. Bem, que é que você diz?

- Oli, você realmente me quer? - gritou VICTORIA.

Por alguma razão Richard Baker ficou todo cor-de-rosa em seu rosto. Tossiu e poliu seu pince-nez.

- Eu penso - disse ele - nós a poderemos achar.. er... bastante útil.

Eu adorarei - disse VICTORIA.

Neste caso - disse Richard - é melhor recolher sua bagagem e voltar para a escavação. Não quer ficar perambulando por Bagdá, ou quer?

- Nem um pouco - disse VICTORIA.

- - Então, aí está você, minha querida Verônica - disse o Dr. Pauncefoot Jones. Richard partiu com grande estardalhaço atrás de você. Bem, bem*.. espero que vocês ambos sejam muito felizes. - Que é que ele quer dizer? - perguntou Victoria, perplexa, enquanto o Dr. Pauncefoot Jones *zaranzava embora.

- Nada - disse Richard. - Você sabe como ele é. Está sendo, apenas um pouco... prematuro.